

O ESPETÁCULO

DO

GÊNERO

Igor Campos Viana

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

O ESPETÁCULO DO GÊNERO

Igor Campos Viana

BELO HORIZONTE

2019

Igor Campos Viana

O ESPETÁCULO DO GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: História, Poder e Liberdade.

Área de estudo: Tempo, Espaço e Constituição: Perspectivas Críticas e Desdobramentos Dogmáticos.

Orientador: Professor Titular de Direito Constitucional Dr. Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira.

Coorientador: Professor Dr. Marco Aurélio Máximo Prado.

BELO HORIZONTE

2019

V614e Viana, Igor Campos
O espetáculo do gênero / Igor Campos Viana. – 2019.

Orientador: Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira.
Coorientador: Marco Aurélio Máximo Prado.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Direito.

1. Direito – Teses 2. Relações de gênero – Teses 3. Corpo – Teses
4. Performatividades Políticas – Teses I. Título

CDU 342.721

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Meire Luciane Lorena Queiroz CRB 6/2233.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais e aprovada em 05 de fevereiro de 2019 pela Comissão Examinadora:

Professor Titular de Direito Constitucional Dr. Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira
(Orientador) – UFMG – Faculdade de Direito

Professor Dr. Marco Aurélio Máximo Prado (Coorientador) – UFMG – Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas

Professora Dra. Maria Fernanda Salcedo Repolês – UFMG – Faculdade de Direito

Professor Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – UFMG – Faculdade de
Educação

*À minha mãe sempre e aos meus sobrinhos,
João e Arthur, por um futuro de flores*

AGRADECIMENTOS

*A praça se faz arena
Do vento de um sonho contente
Trazendo a toda cena
A brasa do fogo da gente
Nas estradas dessa vida
Não temamos sem parar
Sempre estamos de partida
Sem saber onde chegar*

Canção dos Atores – Grupo Galpão

Este é um trabalho em que o “eu” não existe sem um “nós”. Onde o “lá” e o “aqui” se confundem. Uma dramaturgia dos encontros e desencontros pelas estradas dessa vida. Viajar por essas estradas é também saber agradecer. Agradeço à minha mãe, que partiu três dias após minha aprovação para iniciar essa pesquisa, pela existência de amor. Ao meu pai, que mesmo não sabendo ao certo o que eu fazia ao longo desses dois anos, sempre dizia para os outros que era algo importante. Ao meu irmão André e minha cunhada Júlia por estarem juntos comigo nas conquistas. Ao meu irmão Bruno e minha cunhada Fernanda por serem o contraponto necessário a essa pesquisa e por nos darem o João e o Arthur, alegrias da família.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que através do financiamento público dessa pesquisa me possibilitou o empenho do tempo e seriedade necessários para a realização do trabalho.

Agradeço ao professor Marcelo Cattoni, meu orientador, por acreditar nas minhas ideias menos convencionais. Ao professor Marco Aurélio, meu coorientador, por sempre exigir o melhor de mim. À professora Maria Fernanda e ao professor Paulo Nogueira pela leitura rigorosa do meu projeto e pelas excelentes contribuições na Banca de Qualificação do trabalho.

Agradeço aos colegas do *Grupo Políticas da Performatividade – Análise da teoria política de Judith Butler* por compartilharem a mesma paixão teórica e por contribuírem, decisivamente, para o resultado final dessa investigação. Em especial,

agradeço à Adriana Galuppo e ao Luiz Morando por abrirem as estradas dessa pesquisa muito antes de mim.

Agradeço ao Nuh - *Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Direitos Humanos e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais* por ter constituído um espaço de encontro com teóricos que possuem preocupações políticas semelhantes. Em especial, agradeço ao Igor Monteiro e ao Juliano Bonfim pela partilha de reflexões sobre gênero, sexualidade e educação.

Agradeço aos amigos do grupo de pesquisa *Tempo, Espaço e Constituição* por serem radicais e expandirem meus horizontes do pensamento. Vocês tornaram essa caminhada mais saborosa e fizeram tudo valer mais a pena. Sigamos juntos.

Agradeço à Jéssica Luiza por ser minha flor de jabuticaba mais bela e meu porto seguro. Ao Lucas Reis, Luísa Reis e Loni Melillo pela amizade e reflexões conjuntas sobre o mundo. Ao Felipe Cordeiro pelo amor e presença ao meu lado ao longo da escrita desse texto. Ao Almir Megali, André Azevedo, Carolina Soares, Daniel Cunha, Deivide Ribeiro, Felipe Tirado, Francisco Castilho, Gustavo Pessali, Isabela Corby, Isabella Bettoni, Jéssica Holl, Lorena Martoni, Maíra Fernandes, Raquel Possolo, Stanley Marques, Tayara Lemos, Thaís Lopes e Vanessa Vieira, pela partilha do sensível.

Por fim, agradeço ao teatro que faz da praça uma arena e me permitiu conhecer as pessoas mais incríveis. Um descanso na loucura. Obrigado!

O ESPETÁCULO DO GÊNERO

RESUMO: O *Espetáculo do Gênero* é uma dissertação que assume a metáfora do espetáculo teatral para criar uma narrativa sobre a disputa pelos quadros de inteligibilidade do gênero na virada do século XX para o século XXI. Dialogando com o aparato teórico de Judith Butler, o trabalho realiza uma reflexão sobre os efeitos do combate à “ideologia de gênero” para a constituição dos regimes de aparecimento público dos corpos. Na primeira cena, *Gênesis*, apresentamos a origem internacional da cruzada antigênero protagonizada pelo Vaticano na década de 1990. Na segunda cena, *Tupiniquins*, as personagens do caso brasileiro do combate à “ideologia de gênero” ganham voz e nos apresentam suas perspectivas sobre esse embate. Na terceira e última cena, *Dramaturgia*, o narrador, despido, apresenta sua versão da disputa, de forma a promover um encontro das duas cenas anteriores e somar-se ao conjunto de narrativas já apresentadas por pesquisadores tupiniquins. Assumindo que o gênero é constitutivo das lentes de inteligibilidade sociais do mundo moderno, atravessando e ordenando os seus processos de subjetivação, o argumento central da nossa dramaturgia repousa na afirmação de que a disputa pelo gênero é, antes de tudo, uma disputa por projetos políticos de poder. Projetos que podem ser balizados pelo caráter autoritário de uma eterna busca da unicidade orgânica perdida ou pelo caráter democrático de um permanente devir rearticulador das inteligibilidades sociais. Esse é o embate de um espetáculo em aberto.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; ideologia de gênero; quadros de inteligibilidade sociais; corpo; performatividade.

THE GENDER SPECTACLE

SUMMARY: The Gender Spectacle is a master's thesis that incorporates the metaphor of a theatrical spectacle to create a narrative on the dispute for the frameworks of gender intelligibility at the turn from the 20th to the 21st century. In a dialogue with the theoretical apparatus of Judith Butler, the work proposes a reflection on the effects of the battle on "gender-ideology" in the constitution of regimes of public apparition of bodies. In the first scene, *Genesis*, we portray the international origin of the anti-gender crusade led by the Vatican in the 1990s. In the second scene, *Tupiniquins*, the characters in the Brazilian scenario of combat to "gender-ideology" emerge and speak of their perspectives on such strife. In the third and last scene, *Dramaturgy*, the narrator, undressed, presents his version of the dispute, in a way to bring together the two previous scenes and add their contribution to the set of narratives presented to date by Brazilian researchers. We base on the assumption that gender is constitutive of the social intelligibility lenses in the modern world, weaving and ordering its processes of subjectivation. Therefore, the central argument of our dramaturgy lays on the statement that the dispute of gender is, first and foremost, a dispute for projects of political power. Projects that may be steered by the authoritarian character of an eternal quest of the lost organic unicity or by the democratic character of a permanent rearticulating becoming of social intelligibilities. Such is the conflict of an open spectacle.

KEYWORDS: gender; gender ideology; social intelligibility frameworks; body; performativity.

EL ESPECTÁCULO DEL GÉNERO

RESUMEN: El Espectáculo del Género es una disertación que asume la metáfora del espectáculo teatral para crear una narrativa acerca de la disputa por los cuadros de inteligibilidad del género en el fin del siglo XX y comienzo del XXI. Dialogando con las teorías de Judith Butler, el trabajo realiza una reflexión acerca de los efectos del afrontamiento a la “ideología de género” para la constitución de los regímenes de apareamiento público de los cuerpos. En la primera escena, *Génesis*, presentamos el origen internacional de la batalla antigénero protagonizada por el Vaticano en la década de 1990. En la segunda escena, *Tupiniquins*, los personajes del caso brasileño del combate a la “ideología de género” ganan voz e nos presentan sus perspectivas acerca de dicha batalla. En tercera y última escena, *Dramaturgia*, el narrador, desnudo, presenta su versión de la disputa, de manera a promover un encuentro entre las dos escenas anteriores y sumarse al conjunto de narrativas previamente presentadas por investigadores tupiniquins. Asumiendo que el género es constitutivo de las lentes de inteligibilidad social del mundo moderno, cruzando y ordenando sus procesos de subjetivación, el argumento central de nuestra dramaturgia está en la afirmación de que la disputa por el género es, antes de todo, una disputa por proyectos políticos de poder. Proyectos que pueden ser balizados por el carácter autoritario de una eterna búsqueda de la unicidad orgánica perdida o por el carácter democrático de un permanente devenir rearticulador de las inteligibilidades sociales. Ese es el afrontamiento de un espectáculo en abierto.

PALABRAS-CLAVE: género, ideología de género, cuadros de inteligibilidad sociales, cuerpo, performatividad.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais
ABL	Articulação Brasileira de Lésbicas
ALEM	Associação Lésbica de Minas
ANTRA	Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros
AIDS	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
BSH	Brasil Sem Homofobia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CELLOS	Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Belo Horizonte e Contagem
CESEC	Centro de Estudos de Segurança e Cidadania
CLAM	Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos
CNCD	Conselho Nacional de Combate à Discriminação
ESP	Escola Sem Partido
ESH	Escola Sem Homofobia
GUDS	Grupo Universitário em Defesa da Diversidade Sexual
IMS	Instituto de Medicina Social
ISIS	Islamic State of Iraq and Syria
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MBL	Movimento Brasil Livre
MEC	Ministério da Educação
NUH	Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Direitos Humanos e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MS	Ministério da Saúde

PNE	Plano Nacional de Educação
SEB	Secretaria de Educação Básica
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade
SEDH	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	15
INTRODUÇÃO	18
1. GÊNESIS – A CENA GLOBAL	47
1.1 O “GÊNERO” NO CICLO DE CONFERÊNCIAS DA ONU	47
1.2 O VATICANO CONTRA-ATACA	56
1.3 O JOGO TÁTICO “DESCOLONIAL” DO PAPA FRANCISCO.....	73
2. TUPINIQUINS - A CENA LOCAL.....	81
2.1 FÉ CEGA, FACA AMOLADA	81
2.2 A SANTA DO CAPITAL.....	106
2.3 A FRUTA DO ÉDEN	120
3. DRAMATURGIA – O ENCONTRO DAS CENAS	133
3.1 O PROJETO DE PODER EM JOGO.....	133
3.2 BACANAL DAS ALIANÇAS	145
3.3 O FANTASMA CONCRETO	153
CONCLUSÃO.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
APÊNDICE	174
ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	174
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	177
ENTREVISTAS.....	179

PRÓLOGO

CENA I

Era o fim da tarde de uma quinta-feira do ano de 2015. O *Território Livre - José Carlos Novaes da Mata Machado*, espaço de convivência dos alunos da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), começava a ser preenchido por olhares ansiosos e carregados de coragem. Estava marcado para começar, dentro de poucos minutos, um grande “beijaço” contra a cultura institucionalizada de repressão às diversas formas de manifestação afetiva e de existência dentro da Universidade. O ato tinha o tema *O afeto é a melhor arma contra a LGBTfobia* e mobilizou dezenas de alunos. A ideia era expor as diversas formas de sexualidade vivenciadas na comunidade universitária através do gesto performativo do beijo. Era a reação dos alunos à fala de um professor que haveria dito em sala de aula que: “graças a Deus existe um pouco de heterossexualidade no Direito” e criticado uma situação artístico-televisiva que expunha um beijo lésbico. O fato ganhou contornos maiores quando a instituição falhou em resguardar os direitos das alunas e dos alunos atingidos pela fala do professor, deixando claro o descaso institucional com as questões relativas à sexualidade e a uma vida digna no ambiente acadêmico. O controle dos corpos se materializava de forma muito nítida para mim naquele momento. Havia uma regulação política da possibilidade de aparição pública dos afetos. No “beijaço” tentávamos rearticular essa regulação. Nos beijamos em clima de festa naquele dia.

CENA II

Rua Clélia, 93, Pompeia, São Paulo. Novembro de 2017. Era ainda manhã e eu chegava às portas do Sesc – Pompeia para o primeiro dia do seminário *Os fins da democracia*. O evento marcava a segunda vinda da filósofa Judith Butler ao Brasil. Dessa vez acompanhada por um grande movimento contrário à sua presença. Uma petição com mais de trezentas mil assinaturas pedia o cancelamento do evento. O cenário era de guerra. A Polícia Militar fazia um cordão de isolamento que separava os manifestantes contrários à vinda da filósofa ao Brasil dos favoráveis à sua presença. Os manifestantes contrários gritavam palavras de ordem como “fora Butler”, “queimem a bruxa”, “homem é homem, mulher é mulher, e aqui no Brasil você não faz o que quer” e empunhavam cartazes com os dizeres “não à ideologia de gênero”, “não à doutrinação”, “pedofilia não”, “escola sem partido já” e “menos ONU e mais família”. Além dos cartazes, muitos levavam grandes crucifixos ao peito, outros levantavam a bíblia e havia três grandes bonecos com o rosto de George Soros, Fernando Henrique Cardoso e Judith Butler, todos foram incinerados. Já os manifestantes favoráveis, organizaram, inicialmente, uma roda de conversa que chamaram de *Ocupe a democracia*. Vários convidados dos movimentos sociais tomavam o microfone e expunham sua visão sobre o país e a situação política. O clima mais tranquilo desse lado da manifestação não durou muito tempo, as provocações vieram e os gritos em resposta também. Palavras como “bem-vinda Butler”, “mais amor e menos ódio” e “eu amo quem eu quiser” eram entoadas por esses manifestantes. Além de levantarem bandeiras com a cor do arco-íris, os seus cartazes diziam “respeite a existência ou espere resistência” e “vergonhosa é a ignorância, obscena é a violência, imoral é a intolerância”. No meio desse tumulto de pessoas e do cheiro dos bonecos queimados, entrei no Sesc com a sensação de que algo muito grave acontecia com a nossa democracia.

CENA III

O dia é 13 de março de 2018. Chego à Câmara Municipal de Belo Horizonte para acompanhar a última audiência da Comissão Especial para a análise da Proposta de Emenda da Lei Orgânica (PELO) nº 3/2017 que propõe proibir a discussão no ensino infantil e fundamental das questões de “gênero, orientação ou diversidade sexual”. Logo na entrada, encontro com um colega de pesquisa que trabalha nos mandatos do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) na Câmara, e sou alertado de que o local da audiência havia sido alterado para um salão maior em razão do número de presentes. Caminhamos juntos para esse lugar. Ao adentrarmos no salão, me deparo com rostos conhecidos no debate sobre a “ideologia de gênero” na cidade. As cadeiras da frente eram ocupadas por pessoas ligadas ao *Escola Sem Partido* e ao movimento de pais por uma educação livre de doutrinação. Mais ao fundo, tínhamos os membros do movimento das *Mães pela Diversidade* e alguns professores favoráveis à discussão de gênero e sexualidade nas escolas. O salão estava tomado por cartazes contrários à “ideologia de gênero”. Após alguns minutos de tensão, a audiência é cancelada pela ausência do quórum mínimo de instauração. A tática de obstrução dos trabalhos, realizada pelo agrupamento de esquerda na Comissão, havia sido bem sucedida. Esse era o último dia de trabalhos, no dia seguinte a Comissão já seria dissolvida. Há comemoração no fundo do salão e uma apreensão do lado das pessoas favoráveis à PELO. Um tumulto inicia-se, uma senhora, que se identificou enquanto médica, gritava para as mulheres do *Mães pela Diversidade* dizendo que elas criavam seus filhos para que fossem pedófilos. Outras pessoas intermediaram o conflito e ele foi rapidamente contido. Mas, a nossa alegria naquele dia não duraria muito tempo. Uma reunião extraordinária é convocada, *ad referendum*, pelo presidente da Comissão para aquele mesmo dia no Plenário da Câmara. Neste caso, em razão do caráter extraordinário, não seria necessário respeitar o quórum mínimo de instauração da reunião. A estratégia dos partidos de esquerda caía por terra. O clima é tenso. O Plenário se enche, vários membros dos diversos gabinetes descem para acompanhar a sessão. O presidente abre a reunião, após poucas falas que diziam sobre o dia histórico que seria aquele, a Proposta é colocada em votação e aprovada sob aplausos da maioria dos presentes. A PELO agora segue para sua votação em Reunião Plenária.

INTRODUÇÃO

Eles contam fábulas sobre objetividade e o método científico para os estudantes nos primeiros anos de iniciação, mas nenhum praticante das altas artes científicas jamais seria apanhado pondo em prática as versões dos manuais.

Donna Haraway

OLHAR PERFORMATIVO

O olhar é um gesto ativo. Ele realiza traduções, recortes e agrupamentos de uma “realidade” por ele percebida. Todo registro é também uma seleção. Não “há nenhuma fotografia não mediada, ou câmera escura passiva, nas explicações científicas de corpos e máquinas: há apenas possibilidades visuais altamente específicas”¹. Ocorre que essas mediações não estão, desde logo, presentes para nós mesmos. Por isso, compreender como os sistemas visuais funcionam tecnicamente, socialmente e psiquicamente seria uma forma de corporificar a objetividade feminista. A percepção da realidade envolve uma articulação de sistemas de atribuição de significado ao mundo. Significados parciais e situados. Apresentar ao nosso interlocutor uma reflexão sobre essa localização constitui um modo de responsabilidade para com o saber produzido.

Essa responsabilidade é uma convocatória à objetividade científica possível. Assumir o caráter localizado do saber não significa apostar em um relativismo absoluto, mas pensar o processo de produção do conhecimento em constante tensão com as contingências históricas do poder e as explicações de mundo construídas. Trata-se de uma reflexão central sobre o olhar. Um olhar que é previamente constituído por inteligibilidades de mundo, mas que também constrói essas próprias inelegibilidades. O empreendimento crítico, objetivo e racional depende de um olhar

¹ HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Caderno Pagu (5), p. 07-41, 1995, p. 22.

² MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar*

que tente localizar-se. Sim, falo em tentativa, pois nenhuma localização se dá de antemão. Ora, o próprio processo de localizar-se é aberto e dinâmico. Ele ocorre a partir de quadros de inteligibilidade de mundo já construídos e que também devem ser colocados em questão. Assim, a perspectiva da localização não pode ser uma perspectiva de fechamento em identidades pré-concebidas, mas sim uma problematização do próprio processo de constituição dessas identidades.

Ao pensar o processo de localização, ao longo da pesquisa, deparei-me com um encontro fortuito. Eu buscava responder à questão do método de investigação. Uma questão que nunca me abandonou. Os clássicos manuais de pesquisa perseguiram uma objetividade asséptica de subjetividades que não respondia adequadamente às minhas necessidades de produção de um saber localizado. Foi nessa busca que encontrei as palestras sobre “pesquisa, escrita e afetos” organizadas pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG e ministradas por Jean-Luc Moriceau.

Esse encontro me possibilitou perceber a investigação de uma forma radicalmente corporificada. Foi uma convocatória à abertura à experiência estética da pesquisa. Em diálogo com Jacques Rancière, tratava-se de uma abertura à experiência do sensível que é tecido pelas maneiras de perceber e ser afetado². Moriceau nos falava de uma importante virada afetiva no campo das ciências. Essa virada permitia-nos entender que método “não se trata de produzir representações mais ricas, mas de encontrar formas para efetuar um mergulho no concreto, no vivido, no parcial, no local, no específico, no experimentado, no relacional”³. Esse método baseia-se na experiência estética e na reflexividade sobre a afetação experimentada. Tudo isso nos conduz a pensar práticas metodológicas de escritura específicas.

Uma escrita produzida a partir desse paradigma afetivo não poderá oferecer somente uma representação da experiência estética, mas deve convidar o leitor à afetação através de uma escrita performativa. Essa é uma escrita que visa fazer presente os afetos. Assim, “considerando a experiência estética como performance, a escrita pode tentar se fazer performance a sua vez: não para constatar ou codificar,

² MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido*. In: Experiência estética e performance. Org. Benjamin Picado, Carlos Magno Camargos Mendonça e Jorge Cardoso Filho. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 109.

³ MORICEAU, Jean-Luc; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. *Afetos e experiência estética: uma abordagem possível*. In: Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas. Org. Carlos Magno Camargos Mendonça, Eduardo Duarte, Jorge Cardoso Filho. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016, p. 81.

mas dar-se a sentir, tentar tocar não só a experiência, mas também o leitor”⁴. Nessa tentativa, construo o texto da presente investigação, utilizando, em vários momentos, da primeira pessoa, alternando entre singular e plural. Essa alternância decorre de um tensionamento entre um “eu” e um “nós” presente ao longo de toda a pesquisa. Os momentos nos quais descrevo experiências e afetações muito próprias, utilizo da primeira pessoa do singular. Já os momentos nos quais relato compreensões que são compartilhadas por um coletivo de pesquisa do qual faço parte ou refiro-me também ao leitor, utilizo a primeira pessoa do plural.⁵ Esse tensionamento faz com que a voz “singular-plural” ecoe por toda a produção dessa escrita.

O olhar performativo para a escrita, apresentado por Moriceau, também me permitiu trazer elementos da minha trajetória no teatro para a elaboração do texto da dissertação como forma de buscar outras afetações. O próprio título desse trabalho deriva desse jogo com o teatro. Tomo o espetáculo como a metáfora de uma longa e múltipla disputa pelos sentidos do gênero. Assim como o espetáculo teatral, essa disputa possui cenas e diversas personagens que constroem coletivamente uma dramaturgia dessa trama.

Além disso, a ideia do espetáculo e de sua ficcionalidade me permitiram transitar entre um “lá” e um “aqui” que se confundem e são, em alguma medida, reversíveis.⁶ Através do espetáculo busquei trazer a compreensão do espaço em uma simultaneidade e justaposição do próximo e do distante que me possibilitou explicitar o encontro das cenas global e local do gênero.⁷ Um espaço relacional, dinâmico e aberto às múltiplas possibilidades de sua própria produção.

Para dar corpo a esse espaço, recorri a uma ampla pesquisa documental nas bases de dados do Vaticano, notas de conferências, primeiras produções teóricas com menções ao termo “ideologia de gênero”, bibliografias que buscavam reconstruir uma gênese dessa disputa, registros taquigráficos de pronunciamentos em casas legislativas e um trabalho de campo realizado em Belo Horizonte. O campo foi pensado, justamente, a partir do paradigma afetivo de uma abertura à experiência

⁴ Ibid., p. 93.

⁵ Refiro-me aos seguintes projetos coletivos da UFMG: Linha História Poder e Liberdade da Pós-Graduação em Direito; Grupo de Estudos em Políticas da Performatividade – Análise da Teoria Política de Judith Butler; Grupo de Estudos em Teorias Críticas e Constitucionalismo; e NUH - Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT.

⁶ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 106.

⁷ PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, Andreas. *Quem tem medo do espaço? Direito, Geografia e Justiça Espacial*. Rev. Fac. Direito UFMG, Belo Horizonte, n. 70, jan./jun. 2017, p. 646.

estética apresentado por Moriceau. Esse foi um permanente e difícil processo de aprendizado e escuta do outro. Os atores reais do campo tornaram-se as personagens do nosso espetáculo. O encontro com esses atores se deu a partir da presença no campo e da busca por sujeitos que pudessem contribuir com novos e importantes elementos para a dramaturgia do gênero que estava percebendo e escrevendo. O desejo maior era que suas vozes também fizessem parte desse espetáculo. A forma que encontrei foi a realização de entrevistas semiestruturadas.⁸ Essas entrevistas me revelaram as compreensões mais diversas e inesperadas sobre o gênero. A disputa por seus sentidos é contingente, mas está arraigada em partilhas de mundo muito intensas e constitutivas desses sujeitos. São os próprios corpos postos em jogo.

LENTE TEÓRICA

Feitas essas ressalvas afetivo-metodológicas iniciais, podemos retomar às cenas do nosso prólogo. São cena-metáforas de uma pesquisa. Uma pesquisa que anunciava-se anos antes da própria aprovação no mestrado. Falar sobre gênero não foi apenas um tema escolhido, mas uma necessidade. Seja pelo contexto repressor das sexualidades no meu próprio espaço de vivência acadêmica, seja pelo “pânico moral”⁹ produzido pelo discurso da “ideologia de gênero” no Brasil ou pela iminência da aprovação de projetos de lei que proibam o debate sobre gênero e sexualidade no ensino infantil e fundamental em Belo Horizonte. Não havia escapatória. Ou tenta-la, parecia-me irresponsável. Essas eram experiências estéticas que me apontavam uma nítida disputa ideológica pelo regime do aparecimento do gênero. Há projetos de mundo, de sociedade e de educação em disputa. O gênero é algo que perpassa todos os corpos situados em uma sociedade organizada sob as bases do seu binarismo. Ele está presente em tudo. Do aviso médico que nomeia o corpo no ultrassom realizado, às nossas formas singulares de nos percebermos e estarmos no mundo. Ele mobiliza

⁸ As *Entrevistas* encontram-se disponíveis no Apêndice da Dissertação.

⁹ RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Santa Catarina: Repositório UFSC, 2012, p. 32. Cf.: Os pânico morais raramente aliviam um problema real já que eles focam em quimeras e significantes. Eles tomam a preexistente estrutura discursiva em que se inventam vítimas para justificar o tratamento dos “vícios” como crimes. A criminalização de comportamentos inócuos como a homossexualidade, prostituição, obscenidade, ou consumo recreativo de drogas é racionalizado ao representá-los como ameaças a saúde e segurança, mulheres e crianças, segurança nacional, a família, ou a civilização em si mesma.

de forma radical os modos de inteligibilidade e a disposição para lutarmos por uma dada maneira de compreendê-lo que satisfaça nossa existência.

O regime de aparecimento do gênero torna-se uma questão central para as discussões democráticas quando passamos a entender que somente alterando a relação entre o reconhecível e o irreconhecível é que podemos entender e buscar a igualdade¹⁰. Para Judith Butler não se trata apenas de estender o reconhecimento para o maior número de pessoas, mas de pensar sob quais bases a lógica do reconhecimento está assentada. Existem quadros de reconhecimento que produzem a inteligibilidade dos corpos. Alguns corpos estão fora da própria operacionalidade desses quadros. Isso nos leva a pensar em condições para ser reconhecido que antecedem o próprio reconhecimento. Nas palavras da autora: “uma vida tem que ser inteligível como *uma vida*, tem de se conformar a certas concepções do que é a vida, a fim de se tornar reconhecível”¹¹. Existem esquemas de inteligibilidade, referentes à apreensão sensitiva de uma vida, que condicionam e produzem as normas que estabelecem as condições de ser reconhecido. As vidas não apreendidas seriam aquelas que não são propriamente vidas, e por isso mesmo, são descartáveis. Podem ser sacrificadas, porque já foram enquadradas como perdidas.¹² Seriam vidas não passíveis de luto, uma vez que seu próprio aparecimento apresenta um risco à vida dos considerados “vivos”, não despertando a comoção social.¹³

Esse regime de aparecimento está vinculado, portanto, às normas que produzem a inteligibilidade do visível. Produções dinâmicas e idealizadas. Os quadros de inteligibilidade, originários dessas normas, são inevitavelmente redutores da complexidade de uma realidade em movimento. Ao tentar abarcar essa realidade, os enquadramentos devem mover-se e reproduzir-se pelo tempo e espaço numa espécie

¹⁰ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 11. Cf.: “Portanto, uma razão pela qual a inclusividade não é o único objetivo da democracia, especialmente da democracia radical, é que a política democrática tem que estar preocupada com quem conta como ‘o povo’, de que modo a demarcação é estabelecida de forma a evidenciar quem é ‘o povo’ e a relegar a segundo plano, à margem ou ao esquecimento os que não contam como ‘o povo’. (...) Mesmo quando uma forma de reconhecimento é estendida a *todo* o povo, permanece a premissa ativa de que existe uma vasta região daqueles que permanecem irreconhecíveis, e esse poder diferencial é reproduzido toda vez que a forma de reconhecimento é estendida.

¹¹ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 21.

¹² *Ibid.*, p. 53.

¹³ BUTLER, Judith. *Precarious Life*. New York: Verso, 2004, pp. XIV-XV. Cf.: “some lives are Grievable, and others are not; the differential allocation of grievability that decides what kind of subject must not, operates to produce and maintain certain exclusionary conception of who is normatively human: what counts as a livable life and a grievable death?”

de rompimento perpétuo com contextos anteriores. Dimensão inevitável do seu caráter iterável.¹⁴ Esses rompimentos abrem possibilidades de rearticulação dos enquadramentos através de processos de exposição da sua não naturalidade. Uma realidade, que era antes aceita sem discussão, passa a ser questionada. Esse é o empreendimento crítico, um enquadramento do enquadramento, “uma reflexão sobre o que é chamado, provisoriamente, de ‘realidade’”¹⁵. Não é um gesto que prescindia da normatividade, tendo em vista que ela garante a própria inteligibilidade social no mundo. Trata-se, na verdade, de um gesto de negociação com o campo normativo de regulação do aparecimento. Um gesto que expõe o caráter idealizado dos quadros normativos de modo a articular novas operacionalidades mais democráticas e igualitárias de apreensão da vida.

Essas noções dialogam com o trabalho de Michel Foucault sobre as estratégias específicas do biopoder e sua gestão da vida e da morte.¹⁶ Estratégias que não mais dependem de um soberano “que decida e ponha em prática explicitamente a questão sobre quem vai viver e quem vai morrer”¹⁷. A morte também é gestada por políticas de negligência, reiteradas, das condições de vida. Ideia também presente e desenvolvida no conceito de “necropolítica” de Achille Mbembe.¹⁸ E de “necrobiopoder” de Berenice Bento.¹⁹ A disputa ideológica pelo regime de

¹⁴ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 25-26. Cf.: O enquadramento que busca conter, transmitir e determinar o que é visto (e algumas vezes, durante um período consegue fazer exatamente isso) depende das condições de reprodutibilidade para ter êxito. Essa própria reprodutibilidade, porém, demanda uma constante ruptura com o contexto, uma constante delimitação de novos contextos, o que significa que o ‘enquadramento’ não é capaz de conter completamente o que transmite, e se rompe toda vez que tenta dar uma organização definitiva a seu conteúdo. Em outras palavras, o enquadramento não mantém nada integralmente em um lugar, mas ele mesmo se torna uma espécie de rompimento perpétuo, sujeito a uma lógica temporal de acordo com a qual desloca de um lugar para o outro.

¹⁵ *Ibid.*, p. 114.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000; FOUCAULT, Michael. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

¹⁷ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 17-18.

¹⁸ MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 71. Cf.: “propus que as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte, Além disso, propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar ‘mundos de morte’, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de ‘mortos-vivos’”.

¹⁹ BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p 7. Cf.: “Para concluir a primeira parte, diria que o necrobiopoder unifica um campo de estudos que tem apontado atos contínuos do Estado contra populações que devem desaparecer e, ao mesmo tempo, políticas de cuidado da vida.

aparecimento do gênero é uma disputa pelas vidas que importam e pelas vidas que não importam. Uma disputa pela política da vida e da morte. Sob o pano de fundo da discussão sobre gênero e sexualidade, está posta a possibilidade ou não de determinados corpos e afetos poderem aparecer na cena pública. Esse direito ao aparecimento é um direito à própria existência, um direito à vida. Segundo Butler, “não é possível separar o gênero que somos e a sexualidade na qual tomamos parte do direito que cada um de nós tem de afirmar essas realidades em público, livremente, protegido da violência”²⁰.

Entretanto, existe uma polícia da esfera do aparecimento que, pertencente ou não a uma força policial de fato, regula as formas de aparecimento dos corpos no espaço público. Sua forma de se vestir, se locomover, falar, seus gestos. Tudo torna-se objeto da regulação desses policiais do aparecimento que podem, inclusive, criminalizar ou patologizar as formas de aparecimento do gênero que não satisfaçam os seus próprios modos de existência. Essa polícia cria operações de controle dos corpos, reiterando práticas de vigília social a todo momento. Ela é responsável pela persistência dos enquadramentos que precarizam, de forma desigual, algumas vidas em relação a outras. Ela tenta garantir, ainda que em uma contradição performativa, a naturalização dos quadros hegemônicos de inteligibilidade social. Ela constrói uma suposta naturalidade da percepção do mundo através de uma atuação social constante e reiterada que nada tem de natural. Essa polícia é também a materialização das formas de controle da vida e da morte.

Vivemos hoje uma situação biopolítica de elevação das condições de precarização dos corpos. A racionalidade neoliberal exige uma responsabilidade moral de autossuficiência individual, ao mesmo tempo em que atua para destruir as condições econômicas que tornem essa autossuficiência possível. Assim, a operacionalidade neoliberal aumenta o potencial de dispensabilidade dos corpos não autossuficientes e a ansiedade por um suposto fracasso moral.²¹ Ocorre que essa

Dessa forma, proponho nomear de necrobiopoder um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver”.

²⁰ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 64.

²¹ *Ibid.*, p. 21. Cf.: “O processo envolve uma escalada de ansiedade em relação ao próprio futuro e em relação àqueles que podem depender da pessoa; impõe à pessoa que sofre dessa ansiedade um enquadramento de responsabilidade como a exigência de se tornar um empreendedor de si mesmo em condições que tornam uma vocação dúbia impossível”.

operação é induzida por instituições governamentais e econômicas que promovem condições precárias ao instituírem o trabalho temporário, destruírem os serviços sociais e reduzirem direitos. Tudo isso em razão de um “equilíbrio financeiro”, mesmo que ao custo da constante precarização da vida.

Diante desse contexto, Butler, visando rearticular a própria compreensão de responsabilidade apropriada pelo neoliberalismo e pelas novas formas de individualismo político e econômico, nos fala da precariedade em termos de uma ontologia social.²² A precariedade, nesse sentido, é um aspecto do que está vivo e, portanto, sujeito à morte. Uma condição universal de todo vivente. Enquanto precários, dependemos uns dos outros para nos mantermos vivos. Podemos depender da ação de cuidado ou da inação de dano. Dependemos também de um meio ambiente e de uma rede biológica de vida que ultrapassa a vida humana.²³ Por isso, a compreensão da precariedade como ontologia social deve gerar uma ética de responsabilidade para com o outro sem o qual o “eu” não é.²⁴ Somos interdependentes, inclusive daqueles que não escolhemos para habitarem ao nosso lado. A intenção da autora é rearticular o campo do aparecimento através de alianças contingentes por vidas mais possíveis. Alianças que rearticulem inteligibilidades de mundo e permitam o enfretamento de uma precariedade induzida de forma desigual pelas políticas estatais e econômicas. Questão que está intimamente relacionada com os modos de aparecimento do gênero, pois “sabemos que aqueles que não vivem seu

²² BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 15-16. Cf.: “O ‘ser’ do corpo ao qual essa ontologia se refere é um ser que está sempre entregue a outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolveram historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros. Não é possível definir primeiro a ontologia do corpo e depois as significações sociais que o corpo assume. Antes, ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social”.

²³ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 51. Cf.: “Em outras palavras, estar vivo já é estar conectado com o que é vivo, não apenas além de mim mesmo, mas além da minha humanidade, e nenhum ser e nenhum humano pode viver sem essas conexão com uma rede biológica de vida que ultrapassa o domínio do animal humano. A destruição de valiosos ambientes construídos e da infraestrutura que nos sustenta é a destruição do que idealmente deveria organizar e sustentar a vida de modos que sejam suportáveis”.

²⁴ BUTLER, Judith. *Prearious Life*. New York: Verso, 2004, pp. 22-23. Cf.: “If my fate is not originally or finally separable from yours, then the ‘we’ is traversed by a relationality that we cannot easily argue against; or, rather, we can argue against it, but we would be denying something fundamental about the social conditions of our formation.”

gênero de modos inteligíveis estão expostos a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência”²⁵.

O regime de aparecimento do gênero é uma construção teórica que permeará toda a produção da minha investigação. Como uma lente com a qual vivencio as experiências estéticas dessa pesquisa. Ela nos permite entender que não existe um momento do gênero que seja anterior à sua própria performance. Por isso, o gênero não precede seu direito ao aparecimento, pois ele é, justamente, o exercício desse direito. Falar em regime de aparecimento, é falar na sua própria possibilidade de existência.²⁶ A reivindicação ao aparecimento possui uma dimensão performativa que torna presente o direito e a igualdade reivindicados. O paradoxo é óbvio: corpos invisíveis aparecem para reivindicar seu aparecimento. São formas de ação que reivindicam as condições para agir. Parece que é precisamente nesse paradoxo que reside o ato político capaz de rearticular as inteligibilidades em direção a mundos mais coabitáveis e a vidas mais vivíveis. Disputar o regime de aparecimento do gênero também pode ser uma forma de enfrentamento à precariedade induzida. São os vários sentidos de gênero que aparecem para se fazerem existir. Disputa que vem se acirrando no contexto global e local da difusão de um “pânico moral” através do sintagma da “ideologia de gênero”. Sintagma que é o objeto central das reflexões da presente investigação.

O CASO BRASILEIRO

Para reconstruirmos o caso brasileiro do combate à “ideologia de gênero”, penso ser importante retornarmos ao ano de 2004. Naquele momento, as lutas dos movimentos sociais, dentro do governo federal, resultaram em uma parceria inicial entre a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), através do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD), e o Ministério da Saúde (MS). Foi criado o *Brasil Sem Homofobia (BSH) – Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*.²⁷ A SEDH foi criada na reforma ministerial realizada no início do

²⁵ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 41.

²⁶ *Ibid.*, p. 64.

²⁷ BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia*. Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília:

primeiro mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, justamente para pensar e articular políticas públicas para a população LGBT. Já a participação do MS se deu em razão da possibilidade de financiamento do BSH através do Plano Nacional de DST/AIDS e de sua experiência de diálogo entre o movimento LGBT e o Estado.

Marcelo Daniliauskas ressalta que o XI Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizado em 2003, em Manaus, foi fundamental para o início do diálogo entre governo e sociedade civil na criação do BSH.²⁸ A proposta de criação dessa política pública em forma de Programa parte da sociedade civil e é aceita pelo governo.²⁹

Foi um processo de reconhecimento e aprendizado mútuo entre o governo e os movimentos sociais. Os movimentos buscavam entender as estruturas ministeriais para operacionalizarem suas políticas e o governo deparava-se com uma agenda complexa e ainda não explorada na maioria dos ministérios. Essa parceria foi ampliada ao longo dos anos.

Em razão do caráter transversal do BSH, buscava-se abranger o maior número de ministérios possíveis.³⁰ A SEDH foi a responsável por essa articulação interministerial com as organizações sociais. E o CNCD foi o responsável pelo monitoramento e avaliação do Programa.

O BSH estabelecia um conjunto de ações que visavam o avanço no estabelecimento dos direitos sexuais e de gênero no Brasil. Destaco o item V dessas ações que dispunha sobre medidas relativas ao direito à educação, visando a promoção da paz e a não discriminação. Esse item dizia explicitamente sobre o objetivo de elaboração de “diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na

Ministério da Saúde, 2004.

²⁸ DANILIAUSKAS, Marcelo. *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011, p 77.

²⁹ *Ibid.*, p. 78.

³⁰ *Ibid.*, p. 90. Cf.: “O documento cita a participação de três redes nacionais do Movimento LGBT na sua elaboração: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) e Articulação Brasileira de Lésbicas (ABL), bem como de uma série de entidades que atuam em âmbito local. Por parte do governo federal, participaram o Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Ministério Público, Ministério Público do Trabalho, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria de Políticas para as Mulheres, Secretaria de Políticas para a Igualdade Racial. Finalmente, também contribuem pesquisadores/as vinculados/as às seguintes universidades: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos/Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CLAM/IMS/UERJ) e Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (CESeC/UCAM)”.

implementação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e à não-discriminação por orientação sexual”³¹. O Ministério da Educação (MEC) estava, portanto, convocado a realizar seu papel para a concretização desse Programa.

Dentro do MEC, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade (SECAD) foi a principal responsável por implementar o BSH. Segundo Daniliauskas, após um tensionamento entre o MEC e o movimento LGBT, que exigia do Ministério a implementação das políticas do BSH, Rogério Junqueira, técnico da SECAD, foi o encarregado de contribuir para essa implementação.³² A primeira política adotada foi o lançamento de editais de financiamento para formação de professores nas temáticas da diversidade sexual e de gênero. Começava a estruturar-se o que seria o *Projeto Escola Sem Homofobia*. A estratégia era promover alianças entre os atores dos movimentos sociais e as instituições educacionais para a elaboração de políticas pedagógicas capazes de combaterem a discriminação e favorecerem a inclusão da população LGBT.

Leonardo Tolentino apresenta a experiência de uma dessas parcerias no âmbito da primeira edição do *Projeto Escola Sem Homofobia*. Tudo iniciou-se em um grupo de trabalho que contou com a participação do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Direitos Humanos e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Universidade Federal de Minas Gerais (Nuh/UFMG); dos representantes do poder público – Centro de Referência em Direitos Humanos e Cidadania de LGBT de Belo Horizonte e secretarias municipais de educação das cidades envolvidas; do Grupo Universitário em Defesa da Diversidade Sexual

³¹ BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia*. Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004, p. 22.

³² DANILIAUSKAS, Marcelo. Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011, pp. 118-119. Cf.: “Após esse episódio, a SECAD encarregou Rogério Junqueira, que era um técnico ligado a essa Secretaria, de contribuir para implementação do BSH. De acordo com entrevista concedida pelo mesmo, a partir das orientações do Programa, dentre suas primeiras sugestões figuravam: 1) lançar editais de financiamento para que organizações LGBT, universidades, escolas - de um modo geral, instituições que possuíam conhecimento e capacidade de promover o enfrentamento da homofobia - realizassem os cursos de formação de professores/as; 2) a necessidade de articulação junto às outras Secretarias do MEC, pois determinadas diretrizes não tinham como ser executadas somente pela SECAD, como por exemplo, as questões ligadas ao livro didático, que dependem da Secretaria de Educação Básica (SEB) ou temas que envolvam o nível superior e estão sob a responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) dentre outros; e, 3) o incentivo às reuniões interministeriais para identificar setores que possuíam acúmulo sobre o tema e ações que estavam sendo executadas, bem como para apoiar mutuamente a implementação do BSH. Esta última sugestão tomava em conta que se tratava de uma agenda recente para a grande maioria dos/as gestores/as – havia uma diretriz de governo, mas não se sabia como concretizá-la.”

(GUDDSI!); do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Belo Horizonte e Contagem (CELLOS); da Associação Lésbica de Minas (ALEM); e do Instituto Horizontes da Paz.³³ Esse grupo, sob a coordenação do Nuh/UFMG, produziu diretrizes para “ações de combate ao preconceito e à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero”³⁴. Nesta primeira edição do Projeto em parceria com o Nuh/UFMG, foram formados 240 educadores das redes municipais de ensino de Belo Horizonte e Contagem. Diversos materiais formativos sobre gênero e sexualidade foram produzidos em parcerias como essa e distribuídos, pelo menos, desde 2008.

Assim, o *Projeto Escola Sem Homofobia*, financiado pelo MEC, através de recursos aprovados por Emenda Parlamentar da Comissão de Legislação Participativa, visava contribuir “para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e das identidades de gênero no âmbito escolar brasileiro”³⁵. Buscando alcançar esse objetivo, o projeto foi dividido em três frentes. A primeira frente era responsável pela elaboração de um material didático de dimensão nacional para a formação em gênero e sexualidade. A segunda frente ficou encarregada, especificamente, da capacitação dos professores, mas também produziu diversos materiais didáticos. E a terceira frente, foi responsável por uma pesquisa qualitativa sobre a percepção da homofobia em escolas de onze capitais brasileiras.³⁶

A produção do material didático de responsabilidade da primeira frente do Projeto estava sob a condução da ECOS – Comunicação em Sexualidade. Ele somente ficou pronto em 2011. Ano denominado de “marco zero”, por Maria Rita de Assis César e André de Macedo Duarte, na genealogia do pânico moral da “ideologia de

³³ TOLENTINO, Leonardo. *Norma de gênero e instituição escolar: um estudo psicossocial sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, 2012, p 19.

³⁴ *Ibid.*, 20.

³⁵ Caderno Escola Sem Homofobia, p. 9. Divulgação disponibilizada em <https://goo.gl/uzAJJS>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

³⁶ DANILIAUSKAS, Marcelo. *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011, p. 147. Cf.: “Este projeto [Escola Sem Homofobia] foi iniciado em 2008 e sua execução é coordenada pela Pathfinder do Brasil e conta com o apoio da GALE – Aliança Global pela Educação LGBT. Organiza-se a partir de três vertentes: a elaboração de material didático (sob a responsabilidade da ECOS – Comunicação em Sexualidade), a capacitação de professores/as para seu uso e uma pesquisa qualitativa, realizada sob a responsabilidade da Reprolatina, sobre a percepção da homofobia nas escolas de 11 capitais brasileiras, a saber: Belo Horizonte (MG), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Goiânia (GO), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Velho (RO), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP).”

gênero” no Brasil.³⁷ Um ano no qual as disputas pelo regime de aparecimento do gênero teriam tornado mais nítidas e acirradas. Discordamos dessa compreensão de um “marco zero”. Os processos de reação aos avanços das políticas e estudos do gênero são mais complexos e acompanham uma agenda internacional que é bem anterior a 2011.³⁸ Além do mais, a ideia de marco zero é redutora da realidade e pouco contribui para a compreensão dos fenômenos e de suas articulações ao longo tempo. Mas, não podemos deixar de reconhecer que a produção desse material didático contra a homofobia da ECOS serviu de pretexto para a construção de um “pânico moral” e para a mobilização do medo como afeto central na política brasileira. A possível distribuição desse material ganhou a pauta dos debates na mídia e no Congresso Nacional.

Cabe ressaltar que também em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF), em julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132, reconheceu as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo e a devida equiparação de direitos.³⁹ Apesar da reprodução de um modelo matrimonial heterossexual em diversos votos, a decisão foi tomada como um importante avanço das lutas dos movimentos sociais.⁴⁰ O julgamento ocorreu em 05 de maio, poucos dias antes de estourar o pânico social sobre o denominado “kit gay” no final daquele mesmo mês. O crescimento de uma narrativa conservadora e reativa começava a fazer frente aos recentes avanços dos direitos sexuais e de gênero no Brasil.

Segundo Richard Miskolci, logo após a decisão do STF, “o deputado Jair Bolsonaro encabeçou movimento contra o material que seria distribuído nas escolas para enfrentar a discriminação e a violência contra homossexuais, bissexuais, travestis

³⁷ CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. *Governamento e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios*. Curitiba: Educar em Revista, n. 66, p. 141-155, out./dez., 2017.

³⁸ CORRÊA, Sônia. *A “política do gênero”: um comentário genealógico*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

³⁹ CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. Breves notas à decisão do Supremo Tribunal Federal na ADPF n. 132. In: *Diferentes, mas iguais: estudos sobre a decisão do STF sobre a união homoafetiva (ADPF 132 e ADI 4277)*. Carolina Valença Ferraz, Glauber Salomão Leite, José Emílio Medauar Ommati, Paulo Roberto Iotti (Org.). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017, pp. 259-267.

⁴⁰ QUINALHA, Renan. *Do armário para o altar: entre o reconhecimento e a normalização no julgamento da ADPF 132 pelo STF*. In: *Diferentes, mas iguais: estudos sobre a decisão do STF sobre a união homoafetiva (ADPF 132 e ADI 4277)*. Carolina Valença Ferraz, Glauber Salomão Leite, José Emílio Medauar Ommati, Paulo Roberto Iotti (Org.). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017, p. 438. Cf.: “A família, assim, aparece como elemento nuclear e fundante da sociedade (...), mas não qualquer família, como visto, somente aquelas que apresentam publicamente e continuamente os atributos idênticos aos do modelo de matrimônio heterossexual”.

e transexuais”⁴¹. O Senador Magno Malta, pastor evangélico ligado à Igreja Assembleia de Deus e à banda gospel Tempero do Mundo, chegou a dizer na tribuna do Senado que o “grande problema do kit é que era uma grande apologia ao homossexualismo. Na verdade, não era campanha contra a homofobia, era apologia mesmo. E essas coisas nós não vamos aceitar”⁴². Nesse mesmo discurso, o senador ainda diz: “onde estão esses homofóbicos no Brasil? Esses milhares? Porque, de repente, a sociedade brasileira se tornou homofóbica. Todo mundo que não concorda com qualquer atitude homossexual virou homofóbico”⁴³. Estava lançada as bases para a construção de uma cruzada contra o reconhecimento dos direitos sexuais e de gênero no Brasil através da instauração do “pânico moral”. O resultado é uma política de governo dos corpos através da sexualidade e do gênero como forma de controle do poder político.⁴⁴ Um controle exercido pela regulação do aparecimento público e da manifestação do desejo.

Assim como outras estratégias de “pânico moral” narradas por Gayle Rubin, a nomeação do material de combate à homofobia de “kit gay” criou um fantasma, um factóide de um problema social que focava em “quimeras e significantes”⁴⁵. Sob a ideia de que esse material teria o objetivo de estimular a homossexualidade entre crianças e adolescentes, uma articulação de diversos grupos do Congresso Nacional pressionou a presidente Dilma Rousseff para que vetasse sua distribuição.

Na realidade, o chamado “kit gay” era um conjunto de materiais educativos produzidos sob a coordenação da ECOS – Comunicação em Sexualidade e composto pelos seguintes itens: a) Caderno Escola Sem Homofobia: peça que propõe a discussão teórica sobre homofobia no espaço escolar e sugere dinâmicas educativas; b) Boletins Escola Sem Homofobia: seis boletins destinados aos estudantes e que discutem temas relacionados à diversidade sexual; c) Audiovisuais: três DVDs como pequenas produções que debatem a construção da sexualidade e do gênero, intituladas

⁴¹ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 5.

⁴² SENADO FEDERAL. Pronunciamento de Magno Malta em 31/05/2011. Disponível em <https://goo.gl/BfcPtg>. Acesso em 16/08/2018.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. *Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios*. Curitiba: Educar em Revista, n. 66, p. 141-155, out./dez., 2017, p. 144. Cf.: “O gênero, a sexualidade e a diversidade sexual foram transformados em armas de uma guerra político-moral no contexto da chamada “ideologia de gênero”, bem como dos esforços narrativos visando uma “re-naturalização” do corpo, do sexo e do desejo”.

⁴⁵ RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Santa Catarina: Repositório UFSC, 2012, p. 32.

Boneca na Mochila, Medo de quê? e Torpedo; e d) Cartaz e cartas de apresentação do Programa.⁴⁶ Nitidamente não eram peças que visavam estimular a homossexualidade [sic], mas contribuir para o processo de educação e rearticulação das inteligibilidades de mundo, de modo a coibir a violência contra determinados corpos e afetos.

Não obstante, em 25 de maio de 2011, Gilberto Carvalho, então ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, informa sobre a decisão da presidente de suspender a produção do material. O governo recuava frente ao avanço conservador que manipulava uma construção da política do medo em nível nacional. Esse foi um dos passos que cobrou duras consequências da presidente anos mais tarde. As portas estavam abertas para “alianças profanas”⁴⁷ entre diversos setores políticos que aproveitavam de narrativas do medo relativas à sexualidade e aos costumes para ganharem maior apoio popular.

A educação foi esse curioso espaço de encontro dessas alianças. Ali já estava presente o Escola Sem Partido (ESP), até então um movimento pouco conhecido. Criado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib, o movimento, como bem lembra Luis Felipe Miguel, centrava sua luta no combate à “doutrinação marxista” presente na educação brasileira.⁴⁸ Segundo o mito de origem do movimento, Miguel Nagib teria ficado indignado, quando um dia, sua filha chegou em casa dizendo que o professor de História havia comparado o revolucionário argentino Ernesto Che Guevara ao santo católico Francisco de Assis.⁴⁹ Esse teria sido o disparo inicial para a criação do ESP. O objetivo era o combate ao comunismo, “seu foco era a pretensa ‘doutrinação marxista’ nas escolas, um tema que reaparece ciclicamente desde o final da ditadura

⁴⁶ Cabe ressaltar que a produção desse material de combate à homofobia realizada pela ECOS – Comunicação em Sexualidade também não é imune a críticas. A questão é que após os ataques de setores conservadores intitulado o material de “kit gay”, o movimento LGBT brasileiro se viu obrigado a se unir e defender o material. Mas, antes desses ataques, já havia uma oposição dentro do próprio *Projeto Escola Sem Homofobia*, no tocante à qualidade, do ponto de vista pedagógico, do material produzido. A ideia inicial era que esse material derivaria dos resultados da pesquisa qualitativa realizada por uma das frentes do Programa. Entretanto, a ECOS produziu o material antes mesmo do término da pesquisa. De modo que muitos pesquisadores e técnicos do Projeto possuem críticas ao resultado final do material proposto. Essa é uma história pouco lembrada, mas que julgamos importante ser contada para compreendermos as complexidades e as nuances desse espetáculo.

⁴⁷ GARBAGNOLI, Sarah. *Against the Heresy of Immanence: Vatican's 'Gender' as a New Rhetorical Device Against the Denaturalization of the Sexual Order*. Religion & Gender, Vol. 6, n. 2, pp. 187-204, 2016.

⁴⁸ MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, vol. 07, n. 15, p. 590-621, 2016, p. 599. Cf.: “Fica patente que a oposição dos religiosos conservadores à educação progressista nas questões de gênero é inteiramente independente do Movimento Escola Sem Partido. De fato, o MESP nasceu com outra agenda”.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 599.

militar”.⁵⁰ Ainda, segundo Luis Felipe Miguel, o movimento ESP se alia ao Instituto Millenium, um *think tank* ultraliberal da direita brasileira, criado em 2006 e financiado por empresas nacionais e transnacionais para a produção de materiais midiáticos difusores dos seus ideais de um Estado mínimo.⁵¹

O espaço contingente da improvável aliança entre religiosos conservadores e ultraliberais desenhava-se no Brasil. No entanto, é preciso ter muito cuidado com o enquadramento “religiosos conservadores”. Categoria comum e rapidamente traduzida em evangélicos e, por sua vez, em fundamentalismo. Tradução falsa. Trata-se, apenas, de um quadro redutor de uma complexa realidade. Os quadros de inteligibilidade são categorias relacionais, construídas no próprio embate político, de modo que não podem ser admitidas como meramente descritivas do “real”.

Como bem ressalta Ronaldo de Almeida, quando falamos de uma “onda conservadora” no Brasil, falamos de um “onda quebrada”, uma onda fraccionada e atravessada por diversas singularidades.⁵² Dessa onda fazem parte religiosos diversos e não religiosos. Assim, precisamos ter em mente duas ressalvas. Primeiro, os evangélicos não constituem um grupo monolítico. Segundo, a ascensão do conservadorismo é um processo social muito mais amplo do que o crescimento de algumas matizes evangélicas pentecostais no país. Assim, os evangélicos não são a causa, nem a resultante dessa onda.

A cunhagem do termo “bancada evangélica” também foi responsável por esse reducionismo. Daniel Antônio da Cunha destaca que essa operação de redução é resultante de uma correspondência totalizadora entre conservadorismo e evangélicos.⁵³ Essa percepção totalizadora só tornou-se possível a partir de uma pressuposição, enganosa, de que vivíamos em um Estado onde a religião não influenciava a política. Isso decorre, como ressalta Ronaldo de Almeida, dos privilégios cristalizados da Igreja Católica e do catolicismo em dotarem suas práticas

⁵⁰ Ibid., p. 600.

⁵¹ Ibid., p. 593.

⁵² ALMEIDA, Ronaldo. *A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo*. Cadernos Pagu (50), 2017, p. 4. Cf.: “no enquadramento do debate público há uma sobreposição – por vezes, excessiva e imprecisa – na identificação de conservadores, fascistas e fundamentalistas”.

⁵³ CUNHA, Daniel Antônio. *A política na religião ou a religião na política? Considerações sobre representação religiosa na Legislatura 2.017-2.020 da Câmara Municipal de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG, 2018, p 17. Cf.: “Nesse debate, chamou atenção a postura dos críticos da chamada “Bancada Evangélica”. A crítica necessária aos excessos da liberdade política recaía na generalização de distintas vivências religiosas, na uniformização dos eleitores e dos fieis, dos representantes e dos supostos representados, conduzindo à visões estereotipadas, em uma dicotomia entre ‘nós’ x ‘eles’, ‘razão’ x ‘ignorância’, ‘modernidade’ x ‘atraso’”.

de uma: “relativa invisibilidade no espaço público por sua profundidade histórica, cultural e jurídica no país. Invisibilidade no sentido de desfrutar, mais do que qualquer outra religião, de legitimidade e oficialidade que a naturalizam na paisagem social brasileira”⁵⁴. Ou seja, as práticas católicas já estariam tão naturalizadas no cenário público brasileiro que passaram a não mais serem percebidas como práticas religiosas, mas sim seculares.⁵⁵

As ressalvas realizadas também não nos impedem de reconhecer um fenômeno mais recente de ocupação das cadeiras do legislativo por evangélicos, em sua maioria pentecostais ligados à Assembleia de Deus ou à Universal do Reino de Deus, que dão eco à denominada “onda conservadora”.⁵⁶ Ocorre que mesmo dentro desse espectro, os parlamentares evangélicos possuem motivações de atuação distintas, mas que muitas vezes se sobrepõem. Alguns possuem uma perspectiva econômica de uma teologia da prosperidade pentecostal acentuada, outros baseiam sua atuação em uma regulação moral da sexualidade e do gênero ou em uma questão securitária que aponta para ações mais repressivas e punitivas do Estado. Isso tudo nos leva a pensar as nuances de uma onda fragmentada em várias outras ondas, como uma espécie de “enquadramento do enquadramento” que pretendemos desenvolver ao longo dessa investigação. Como destaca Pedro Paulo Gomes Pereira, existem divergências internas às religiões, que contam, inclusive, com membros defensores dos direitos sexuais e reprodutivos, não podendo ser reduzidas a um discurso simplista de conservadoras, direita ou reacionárias.⁵⁷ Essas nuances nos convidam a um olhar mais atento para as “continuidades descontínuas” da realidade.⁵⁸

⁵⁴ ALMEIDA, Ronaldo. *A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo*. Cadernos Pagu (50), 2017, p. 6-7.

⁵⁵ Agradeço à professora Maria Fernanda Salcedo Repolês que na banca de qualificação dessa pesquisa me chamou a atenção para essa observação.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 9.

⁵⁷ PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Judith Butler e a Pomba Gira. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p.7. Cf.: “fui tomando conhecimento da realidade das ‘igrejas inclusivas’ e da história da Cidade Refúgio por meio de uma pastora que me buscou para saber como acolher diversas pessoas transexuais e travestis que buscavam a Igreja. Ela me disse na ocasião: ‘Eles e elas nos procuram. Querem conhecer a Palavra. Desejam saber se suas opções levariam para o inferno ou se havia salvação. Querem saber o que a bíblia diz’. Abordei nessa ocasião o tema da bancada evangélica. Essa pastora passou a desferir críticas contundentes à bancada evangélica e à atuação ‘de falsos moralistas’. Falou ainda da ação de pastores que trabalham em suas comunidades para formar fiéis (ou membros de congregação) sem pensamento crítico.”

⁵⁸ Agradeço ao Professor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira que na banca de qualificação dessa pesquisa me convidou a esse olhar para as posições suplementares na quais se acentua o indizível. O lugar da simultânea descontinuidade e continuidade da realidade.

No contexto dessas contingências políticas, a discussão sobre o Plano Nacional de Educação (PNE) torna-se um palco central para a difusão do sintagma fantasmagórico da “ideologia de gênero”. O PNE teve seu trâmite iniciado em 2010 no Congresso Nacional e foi sancionado pela presidente Dilma Rousseff em 2014. Ele estabelece diretrizes, metas e estratégias para a política educacional do país no intervalo de dez anos a partir da sua promulgação. A sua construção foi resultado de uma ampla mobilização dos movimentos sociais através da Campanha Nacional pelo Direito à Educação e do Fórum Nacional de Educação.

A versão do anteprojeto encaminhado para Senado previa expressamente no artigo 2º, III, como diretriz do plano a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, de gênero e de orientação sexual”. A menção aos termos de “raça”, “gênero” e “sexualidade” não agradaram setores conservadores da sociedade que passaram a ocupar o debate sobre o Plano. Foi a partir desse momento que o sintagma ou o espectro da “ideologia de gênero” tornou-se a grande bandeira de agrupamentos muito distintos.⁵⁹ Membros do movimento Escola Sem Partido, supostamente alinhados ao pensamento liberal, encontram com religiosos e não religiosos de matizes conservadoras em relação à sexualidade e ao gênero, e formaram uma aliança no combate do que internacionalmente nomeava-se de *gender theory*.⁶⁰ Este é um ponto de guinada do ESP. É o momento no qual o

⁵⁹ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 11. Cf.: A despeito do formato de cruzada, a campanha não pode ser atribuída simplesmente a fundamentalistas religiosos, tampouco se caracteriza pela homogeneidade de seus membros; antes pela caça a um fantasma em que vários grupos de interesse circunstancialmente unidos projetam inimigos. A heterogeneidade dos agentes que vão da Igreja Católica a lideranças evangélicas neopentecostais e defensores laicos do liberalismo econômico, assim como de seus objetivos que vão da disputa pelo controle de políticas públicas, de comissões parlamentares ou de nichos eleitorais, não impediu que sua ação articulada tenha sido bem-sucedida. As razões para isso podem se encontrar no momento em que a aliança estabelece no país.

⁶⁰ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 28. Cf.: “teoria do gender, ideologia de gender, ideologia da ausência de sexo, teoria subjetiva do gênero sexual, teoria do gênero queer, teoria do gênero radical, teoria feminista do gênero, teoria feminista radical, teoria feminista violenta, ideologia ultra feminista do gender, ideologia do lobby gay, ditadura do gender, genderismo, ou, simplesmente, gender. Tais sintagmas foram progressivamente se descolando dos contextos vaticanos e passaram a animar ações midiaticamente muito eficazes, para enfim se legitimar como categorias políticas, passando a figurar em documentos de Estado e estar presentes em pronunciamentos de dirigentes políticos, inclusive com ares de aparente laicidade”.

combate à “‘ideologia de gênero’ se sobrepõe à ‘doutrinação marxista’”⁶¹. A defesa de uma educação “neutra” cede espaço a uma defesa incisiva da primazia da família sobre a escola. Essa guinada joga com o medo político da ocasião e torna o movimento muito mais conhecido.

A aliança foi bem sucedida no objetivo de retirar a menção expressa à palavra “gênero” do PNE que foi aprovado no Senado Federal com a alteração do artigo 2º, III, substituindo o trecho: “com ênfase na promoção da igualdade racial, de gênero e de orientação sexual” por uma redação mais genérica que diz: “com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Entendemos que essa alteração não retira do Plano seus objetivos de combate às discriminações raciais, de gênero e de sexualidade que também permeiam o inciso X do artigo 2º ao dispor sobre a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental”. Afinal, o texto de uma lei não tem sentido por si só, mas depende das disputas hermenêuticas no interior da cena pública por sua atribuição de sentido.⁶² Isso tornou-se nítido nos anos seguintes à aprovação do PNE.

O debate sobre a “ideologia de gênero” alastrou-se por todo país nas discussões dos planos estaduais e municipais de educação. Formava-se um “campo discursivo” de ação nos termos que Sonia Alvarez utilizou para pensar as mudanças do feminismo no Brasil e na América Latina.⁶³ Um campo no qual os atores podem ter percepções diferentes da realidade, mas delimitam sua prática de forma partilhada. Felipe de Araujo Penna ressalta que o campo reacionário de defesa do Escola Sem Partido possui um caráter antipolítico e antidemocrático.⁶⁴ Antipolítico, porque nega a necessidade do debate público e fundamenta seus argumentos em discursos de autoridade. Antidemocrático, porque classificam aqueles que são contrários às suas propostas de inimigos que devem ser eliminados.

⁶¹ MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, vol. 07, n. 15, p. 590-621, 2016, p. 601.

⁶² CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. *Contribuições para uma teoria crítica da constituição*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2017, p. 118. Cf.: “O direito é, assim, reconstruído como uma prática social, interpretativa, argumentativa, com caráter normativo e institucional, sobre o pano de fundo de visões paradigmáticas que competem entre si para sua compreensão”.

⁶³ ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu* (43), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-Unicamp, pp.13-56, 2014, p. 18.

⁶⁴ PENNA, Felipe de Araujo. *O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático*. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 567-581, dez. 2018.

A esse campo, soma-se em 2015 o Movimento Brasil Livre (MBL), defensor do liberalismo econômico, constituiu um movimento de grande mobilização para o golpe de 2016 e para a articulação do conservadorismo brasileiro. Uma aliança é então forjada na cruzada brasileira antigênero: ESP, religiosos de matizes conservadoras em relação aos costumes e o MBL.

Nas palavras de Richard Miskolci, essa aliança profana “tem características circunstanciais, prováveis divergências internas e até objetivos que vão muito além de combater o que chamam de ‘ideologia de gênero’”⁶⁵. Mesmo com essas diferenças, eles conseguiram colocar em ação uma cruzada de combate ao gênero em nível nacional. Conquistando resultados práticos na aprovação dos planos de educação estaduais e municipais que não fizeram qualquer menção expressa ao gênero. Na visão de Luiz Felipe Miguel, sua “ação conjunta contra um inimigo comum levou a um programa *sui generis*, segundo o qual o Estado deve se abster de interferir nas relações econômicas e de prover serviços, mas regular fortemente a vida privada”. Seria um misto de liberalismo econômico com conservadorismo cultural. Muitos são empreendedores morais que buscam uma coesão social através da regulação do desejo e do aparecimento dos corpos.⁶⁶ Na visão deles “homossexuais, mulheres, negros, entre outros/as, devem ser nomeados, definidos e seus direitos restringidos pelas autoridades religiosas, psicológicas e políticas”⁶⁷. Mantendo, portanto, um regime de regulação da visibilidade do gênero que relega diversos corpos a não existência, materializando uma verdadeira política da morte.

Entretanto, como alerta Miskolci, cabe uma diferenciação sociológica entre os criadores de um fantasma e aqueles que reagem ao pânico moral criado pelo fantasma.⁶⁸ Estes, como verdadeiros cruzados prontos para combater o inimigo, agem dominados pelo medo. Um medo alicerçado na ameaça da “destruição da família” [sic] através de uma alteração da percepção naturalizada da sexualidade e do gênero. Que, em última análise, seria uma alteração dos próprios desígnios divinos. Já os

⁶⁵ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 6.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 12. Cf.: “A cruzada moral do presente foi gestada por quase duas décadas até emergir entre 2011 e 2013 e ser disparada em 2014 por um trabalho contínuo de grupos de interesse que, desde então, têm atuado como empreendedores morais em suas comunidades decepcionadas com os políticos, atingidas pelos efeitos da crise econômica, do desemprego e, portanto, fragilizadas e com medo, afeitas a explicações fantasmáticas para problemas reais”.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 10.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 3.

criadores do fantasma, possuem interesses mundanos muito diversos “que vão da disputa pelo controle de políticas públicas, de comissões parlamentares ou de nichos eleitorais”⁶⁹ e, acrescentaria, da influência religiosa na forma de compreensão do mundo. Como ressalta Rogério Junqueira, o sintagma criado por esses empreendedores morais é “forjado para operar como uma arma política, enquanto dispositivo retórico, metadiscursivo, paródico e reacionário”⁷⁰. Por um lado, ele atua “para conter ou anular o potencial crítico e emancipador do feminismo e dos Estudos de Gênero e deslegitimar atores e reivindicações neles fundamentados”⁷¹. Por outro, ele enseja o acúmulo e a recuperação “de capital social e político por parte de setores tradicionalistas e ultraconservadores – especialmente o campo eclesiástico, interessado em manter e ampliar sua influência, inclusive em temas e espaços não estritamente religiosos”⁷².

Esse jogo complexo de atores não funciona apenas do lado daqueles que lutam contra a “ideologia de gênero”, mas também daqueles que participam de um campo progressista que visa rearticular os modos de inteligibilidade do mundo em direção a sociedades radicalmente democráticas e igualitárias. Deste lado, temos narrativas “progressistas, liberais, humanistas, libertárias, pós-humanistas, feministas, queer, informadas pelos saberes das ciências sociais e humanas, além de um conjunto de conhecimentos produzidos no âmbito dos movimentos sociais, das mídias sociais e das práticas sociais”⁷³ que formam um conjunto heterogêneo de perspectivas, muitas vezes, divergentes. Para Maria Rita de Assis César e André de Macedo Duarte, este lado da trincheira – que é contingente – possui muito menos coesão do que o outro lado. Em seus termos seria “urgente superar as batalhas fratricidas que têm cindido e enfraquecido o campo progressista”⁷⁴. A saída que eles nos apresentam seria uma política de coalisão traçada por Judith Butler. Essa política não buscaria um consenso absoluto ou uma unidade metafísica, mas se organizaria no curso de lutas comuns, capazes de associar agentes distintos sem apagar suas singularidades. São alianças

⁶⁹ Ibid., p. 11.

⁷⁰ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 46.

⁷¹ Ibid., p. 46.

⁷² Ibid., p. 46.

⁷³ CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. *Governamento e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios*. Curitiba: Educar em Revista, n. 66, p. 141-155, out./dez., 2017, p. 152.

⁷⁴ Ibid., p. 152.

convergentes e temporárias, mas que permitem um luta comum contra as constantes formas de precarização da vida.

Na visão de Berenice Bento, os avanços desse campo progressista no Brasil obrigou os “teólogos de gênero a saírem do armário e vir ao mundo público disputar posições sobre masculinidades e feminilidades e ao fazer este gesto político, nos dão razão: gênero não é um assunto bíblico ou biológico, diz respeito a projetos políticos”⁷⁵. Há uma compreensão neste texto de Bento que permeia toda a construção desta dissertação. Trata-se de um “olhar” para as disputas pelo regime de aparecimento do gênero que seja capaz de perceber que tanto o campo progressista, quanto o conservador, apresentam perspectivas ideológicas, no sentido de projetos políticos, para compreenderem o gênero. Não se trata, portanto, de uma disputa por quem tem a “verdade” sobre o gênero e quem tem a perspectiva “falsa”. Não existe nenhuma verdade anterior a ser revelada, mas sim projetos de inteligibilidade do mundo e do gênero que se encontram em disputa. Uma disputa que pode ser balizada pelas ideias de uma democracia radical e da construção de uma sociedade igualitária.

Entendo que existem quadros de apreensão da realidade que excluem determinados corpos e modos de vida de forma deliberada, outros tentam instaurar-se, precisamente, denunciando essa exclusão. É sobre isso que se trata este texto. Uma reflexão sobre a disputa pelos modos de compreensão do gênero pelo espaço-tempo.

Esta dissertação é um convite para uma viagem por esse espaço-tempo do espetáculo do gênero. O espetáculo, composto de cenas, cenários, atores e dramaturgias, é nossa metáfora-texto. Uma viagem descontínua de um espaço-tempo que é relacional, dinâmico e aberto. Vamos do Brasil, tratado nesta introdução, ao contexto internacional para, então, voltarmos à Belo Horizonte e ao encontro desses espaços, sabendo que, ao mesmo tempo, um já está presente no outro desde sempre.

Falamos de espaços outros, de uma simultaneidade e justaposição do próximo e do distante.⁷⁶ Estamos corporalmente “sempre lá , e ao mesmo tempo aqui, e essa desposseção marca a sociabilidade à qual pertencemos. Mesmo como seres localizados estamos sempre em outro lugar, constituídos em uma sociabilidade que

⁷⁵ BENTO, Berenice. *Afeto, Butler e os neoTFPistas*. São Paulo: Revista Cult, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/cxnR5J>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

⁷⁶ FOUCAULT, Michel. *De espaços outros*. São Paulo: Estudos Avançados 27 (79), 2013, pp. 113-122.

vai além de nós”⁷⁷. O espaço é um produto de relações corporificadas, uma esfera de múltiplas possibilidades, do acaso e do indecível.⁷⁸ Nesse espaço e nesse espaço-tempo propomos viajar ao longo das próximas páginas para formarmos um quadro de inteligibilidade desse espetáculo da disputa pelo regime de aparecimento do gênero.

O MÉTODO NO CAMPO

Como já compartilhado na escrita dessa *Introdução*, as questões metodológicas sempre me incomodaram ao longo da pesquisa. Essa suposta necessidade de explicitar e calcular cada passo era sufocante para o meu processo criativo da dissertação. O encontro com Jean-Luc Moriceau foi um alento nesse processo. Encarar a metodologia pela perspectiva dos afetos e da performatividade criou a possibilidade de trazer os elementos da minha trajetória no teatro para dentro dessa escrita.

Outro importante encontro foi com os escritos de Paul Feyerabend. Mais especificamente com seu livro *Contra o método*⁷⁹. Com Feyerabend aprendi que falamos do método apenas depois de termos percorrido todas as trilhas da pesquisa e fazemos isso como um ato de generosidade para com aqueles que caminham conosco. Não como uma receita que tenha, necessariamente, que ser repetida. Me abro, assim, à partilha dessas experiências do campo desse espetáculo.

O campo da minha pesquisa surgiu antes mesmo da formalização da investigação. Inclusive, foi essa presença no campo que despertou meu interesse pela pesquisa. Desde 2015, acompanhava os debates públicos sobre os planos de educação. Gênero e sexualidade tornaram-se os temas centrais das discussões. As audiências públicas nas casas legislativas eram grandes espetáculos de horror. O corpo estava sob a mira das propostas de lei que visavam o controle do seu aparecimento. Era uma luta pelas possibilidades de existência.

⁷⁷ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 106.

⁷⁸ PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, Andreas. *Quem tem medo do espaço? Direito, Geografia e Justiça Espacial*. Rev. Fac. Direito UFMG, Belo Horizonte, n. 70, jan./jun. 2017, p. 646.

⁷⁹ FEYERABEND, Peter. *Contra o método*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Cf.: “Está claro, então que a ideia de um método fixo ou de uma teoria fixa da racionalidade baseia-se em uma concepção demasiado ingênua do homem e de suas circunstâncias sociais. Para os que examinam o rico material fornecido pela história e não têm a intenção de empobrecê-lo a fim de agradar seu baixos instintos, a seu anseio por segurança intelectual na forma de clareza, precisão, “objetividade” e “verdade”, ficará claro que há apenas um princípio que pode ser defendido em todas as circunstâncias e em todos os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio de que tudo vale.”

Na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e na Câmara Municipal de Belo Horizonte, tive a oportunidade de encontrar a disputa pela inteligibilidade do gênero com todas suas cores e intensidades. As personagens, desse campo concreto, eram muito vivas e complexas. Elas gritavam, seguravam cartazes e sofriam. Tudo isso me levou a pensar o *Espetáculo do Gênero*, desde o início, a partir do campo de pesquisa. Não havia como ser diferente naquele momento. Tendo sido aprovado para a realização dessa investigação, surgiram as dúvidas de como formalizar a abordagem dessas personagens para que suas vozes também fizessem parte da voz da dissertação.

A primeira questão com o qual me deparei na formalização desse método de aproximação do campo foi a necessidade de aprovação da minha metodologia e do possível roteiro de entrevista pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Confesso que foi uma verdadeira saga ser avaliado por professores de campos de pesquisa completamente distintos. Após idas e vindas dentro da burocracia do Comitê, tive minha metodologia e roteiro de entrevista aprovados.

O roteiro foi pensado com algumas perguntas base, mas sempre aberto para os estímulos que surgissem ao longo do próprio encontro com o entrevistado.⁸⁰ Chamam isso de entrevista-semiestruturada. A construção desse roteiro se deu a partir das minhas expectativas com a pesquisa e do campo que já havia me inserido.

Reconheço que muita coisa transformou-se ao longo da investigação. Inicialmente, a educação me parecia o ponto central da disputa pelo gênero. Com a pesquisa, percebi que a educação era mais um campo oportuno de um projeto maior de Estado e de sociedade. Assim, entendo que as perguntas do roteiro me deram um norte para as entrevistas, mas sempre tentava me abrir para as contingências de cada encontro, de modo a surgir novas perguntas não imaginadas anteriormente. A abertura a escuta do outro foi fundamental.

O caderno de campo também foi um companheiro inseparável ao longo de toda pesquisa. Nele, anotava as curiosidades sobre os espaços das entrevistas, amenidades do dia e nuances da forma com que me tratavam em cada conversa. Tudo isso ganha corpo no capítulo dedicado à cena local da disputa.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos a partir da presença no campo e buscando os atores que poderiam contribuir com novos e importantes elementos para a dramaturgia do gênero que estava percebendo e escrevendo. Alguns desses atores eu

⁸⁰ O *Roteiro da Entrevista* encontra-se disponível no Apêndice da Dissertação.

conheci nas ruas de Belo Horizonte, frequentando espaços possíveis à população LGBTQ da cidade, como os membros da Frente Autônoma LGBT e do Mães pela Diversidade. Eles me conduziram para os espaços institucionais do poder onde o gênero era pautado de forma incisiva, mais especificamente à Câmara de Vereadores.

Passei a frequentar aquele espaço diariamente. Acompanhava as reuniões plenárias que ocorriam em todos os primeiros dez dias úteis do mês. Conversava com funcionários da Câmara. Habitava aquele espaço. A partir de tudo isso fui notando as personagens que poderiam contribuir com minha pesquisa, dada a sua intensa participação no debate sobre a “ideologia de gênero” ou a alguma característica específica que gostaria de averiguar, como exponho no capítulo *Tupiniquins*.

Na Câmara, as reuniões temáticas sobre o gênero e as votações de qualquer projeto relacionado ao gênero foram grandes oportunidades para o encontro com outras lideranças sociais empenhadas no debate. Nesses espaços eu encontrava os integrantes, já conhecidos, da Frente Autônoma LGBT e do Mães pela Diversidade, mas também integrantes da Frente por uma Educação Democrática, muitas professoras, religiosos, membros do ESP e do MBL.

Desses encontros e a partir das falas públicas desses sujeitos, pude mapear as personagens que mais me interessavam para a construção da dramaturgia. Um interesse medido pela intensidade de participação dessas personagens no debate e pela diversidade de origem delas. O objetivo era ampliar o olhar para tentar registrar a cena com toda suas vicissitudes e contradições.

Nem todas as aproximações das personagens foram fáceis. Tive apenas uma recusa expressa na concessão das entrevistas. Experiência que conto, detalhadamente, no capítulo 2. Mas em outros casos, precisamente com uma vereadora e um vereador, apesar da minha insistência e diárias idas aos seus gabinetes, eles sempre criavam outros compromissos impossibilitadores da entrevista.

Em todos esses casos de recusa ou impossibilidade de concessão da entrevista, as pessoas que eu pretendia entrevistar eram ligadas ao campo do combate à “ideologia de gênero”. Suspeito que tenha havido uma identificação minha, enquanto pesquisador da UFMG, como integrante do campo oposto ao deles no debate. Há uma compreensão generalizada, no campo de disputa deles, de que as universidades públicas brasileiras foram todas tomadas pelo marxismo e conseqüentemente pela “ideologia de gênero”. Esse foi o maior empecilho que enfrentei, tendo em vista que essa identificação institucional era obrigatória para o

Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Toda entrevista era iniciada com a explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que fornecia informações gerais sobre minha investigação e minha filiação institucional.⁸¹

Inicialmente pensava em trabalhar com os nomes reais dos entrevistados, por isso perguntei expressamente no TCLE sobre a possibilidade do não-anonimato. Entretanto, no decorrer da pesquisa e da própria escrita da dissertação, percebi que essa não seria a melhor alternativa. Queria brincar mais com a contradição da ideia de uma localização transitável, do que a Butler chama de estar “lá” e “aqui” ao mesmo tempo.⁸² Assim, as personagens fazem parte da cena belohorizontina, mas narram uma situação comum a várias outras cidades brasileiras. Por isso, optei pelos nomes fictícios, inspirados em narrativas bíblicas, dado a centralidade do cristianismo para o estabelecimento da cruzada antigênero no mundo. Dessa maneira, as doze entrevistas foram ganhando corpo ao longo da dramaturgia e compõem nosso espetáculo.

A escolha dos lugares das entrevistas visava atender os interesses dos entrevistados e deixá-los o mais confortável possível. Sempre, ao agendar uma entrevista, perguntava qual era o lugar de preferência deles para a sua realização. A duração da entrevista variava com o envolvimento e a disponibilidade dos entrevistados, podendo durar entre cerca de 20 minutos a 1 hora e 30 minutos. Audiências públicas, gabinetes, corredores da Câmara Municipal de Belo Horizonte, praças, cafés da cidade e a sala 1504 do Prédio da Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFMG foram os espaços que habitei durante o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018 no campo dessa pesquisa.

Guiado por essa abertura à experiência estética do meu campo de pesquisa, percorri os caminhos da disputa pelo gênero em Belo Horizonte. Caminhos que atravessam as cenas desse espetáculo e sua dramaturgia de uma forma intensa. O campo me chamava, a todo momento, para pensar a centralidade do corpo. Era como se ele gritasse que era no nível do corpo que os afetos são mobilizados e as inteligibilidades de mundo são articuladas. Portanto, com o olhar voltado ao corpo como o lugar da política, fui tecendo este espetáculo.

⁸¹ O *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* encontra-se disponível no Apêndice da Dissertação.

⁸² BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 106.

APRESENTAÇÃO DO TEXTO

No primeiro capítulo, *Gênesis*, tecemos um cenário global dessa disputa. Em um primeiro momento fomos ao ciclo de Conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) promovido no início da década de 1990. Destacamos a Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (1992), a Conferência sobre População e Desenvolvimento no Cairo (1994) e a Conferência sobre Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz em Pequim (1995). Esses encontros forneceram uma plataforma internacional para a difusão dos estudos analíticos do gênero. Estudos que ganharam ainda mais repercussão ao longo da III Conferência Preparatória para Pequim que foi sediada em Nova York e contou com a ofensiva articulada pela Santa Sé e pelos países aliados que eram contrários ao “feminismo de gênero”.

No segundo momento, afirmamos o Vaticano como um ator protagonista na construção de uma campanha antigênero no nível internacional. Demonstramos essa tese através da análise da sua participação nessas Conferências e dos diversos documentos eclesiais que apontam o “gênero” como um dos maiores males da nossa época. Também ressaltamos a “aliança profana” do Vaticano com representantes dos países islâmicos e de setores conservadores da sociedade. Destacamos a atuação de Christina Hoff Sommers, Dale O’Leary e Jutta Burggraf pelo lado desses setores conservadores intimamente ligados ao Vaticano. Pelo lado da Igreja Católica, propriamente dita, destacamos a atuação do monsenhor Oscar Alzamora Revoredo como o autor do primeiro documento eclesial com menção à “ideologia de gênero”. Além de analisarmos a Teologia do Corpo de Karol Wojtyla e a atuação incisiva de Joseph Ratzinger em uma cruzada antigênero.

Em um terceiro momento, analisamos a disputa interna à Cúria Romana pelo tom da campanha antigênero. Robert Sarah defende o discurso das duas bestas apocalípticas que seriam a “ideologia de gênero” e o *Islamic State of Iraq and Syria* (ISIS). Já Jorge Mario Bergoglio aponta para uma “descolonização ideológica” do sul global de modo a continuarem numa cruzada em defesa da família. Assim, tecemos o cenário de uma disputa na qual a experiência belohorizontina da cruzada antigênero também se assenta e se relaciona, abrindo as portas para a próxima cena do nosso espetáculo.

No segundo capítulo, *Tupiniquins*, apresentamos a trama entre fé, dinheiro e desejo na cena brasileira da “ideologia de gênero”. A trama é inspirada no trabalho de

campo realizado na cidade de Belo Horizonte entre os anos de 2017 e 2018. As personagens dessa cena são construídas com base nos atores reais da pesquisa de campo. Seus nomes não são verdadeiros, mas suas falas foram integralmente preservadas e constituem o aspecto central desse capítulo.

Em um primeiro momento, me dedico a pensar a fé como um elemento articulador dos impulsos de luta contra o gênero e formador de um exército gratuito de cruzados para esse combate. Fé e Escola Sem Partido se imbricam de formas inesperadas em uma “pregação para o fim da doutrinação”.

No segundo momento, passo a pensar o dinheiro como o elemento de interesse dos empreendedores morais, sejam fundamentalistas ou liberais, que se fartam em seu negócios através de banquetes sustentados pela culpa que pousa sobre os ombros de seus fiéis. Dinheiro e fé se encontram na interdição do prazer como forma de manutenção de uma suposta ordem sublime do mundo e de irrigação monetária dos novos moralistas do século XXI.

Por fim, dedico, propriamente, à análise do desejo. Essa força que impulsiona a vida ao mesmo tempo em que é o fruto proibido que mantém o controle dos corpos sob a ameaça da culpa. Refletirmos sobre a relação “desejo-culpa” é central para compreendermos essa cruzada. A culpa impede o desejo de realizar-se através da circulação do medo. A culpa é essa força da impotência, da inação. Se o desejo impulsiona a vida, a culpa é a ausência de vida como potência. Esse capítulo é um manifesto anti-culpa. Um manifesto ato-potência. Assim, abrimos caminho para o terceiro ato e último capítulo desse espetáculo do gênero, nos propondo a realizar um encontro entre a cena global e a cena local.

No terceiro e último capítulo, apresento minha contribuição para as narrativas tupiniquins sobre a disputa de inteligibilidade do gênero. Nele, proponho uma explicitação do encontro da cena global do capítulo 1 com a cena local do capítulo 2. Essa explicitação se dá por meio da minha tese de que o “gênero” condensa uma agenda conservadora de um projeto de Estado e de sociedade que seria a persistência daquilo que Menelick de Carvalho Netto chama de “princípio monárquico”. Um princípio de uma soberania una que, ao longo da história, visa ditar as formas de organização social e estatal na busca de uma suposta unicidade orgânica perdida.

Em contraposição a essa agenda conservadora, o campo dos estudos e políticas de gênero apresenta um projeto de Estado e de sociedade que evoca o

princípio da pluralidade como uma abertura ao por vir de uma democracia sem espera – aqui e agora – e que assuma a questão da legitimidade como ausência de um fundamento único soberano. Trata-se da disputa entre um projeto marcado pelo autoritarismo e outro pela democracia. Esse autoritarismo reúne as cruzadas antigênero na Europa, na América do Norte e na América Latina. No caso brasileiro, temos a especificidade de uma tríplice aliança formada no bacanal entre religiosos conservadores, membros do ESP e membros do MBL.

Para finalizar, destaco que os avanços recentes no campo do gênero bagunçaram sua inteligibilidade social e apresentam um risco concreto para visões de mundo “divino-naturais”, um risco que deve ser levado a sério se quisermos apreender o poder da mobilização dos afetos nessa cruzada.

Que o espetáculo comece!

1. GÊNESIS – A CENA GLOBAL

Gender, we are told, is not to be mistaken for sexuality, which seems right in a certain way, but imagine then my shock when the Vatican announced that gender ought to be stricken from the United Nations Non-Governmental Organizations (NGO) platform on the status of women because it is nothing other than a code for homosexuality!

Judith Butler

Neste primeiro ato do nosso *Espectáculo do Gênero*, apresento uma narrativa da gênese internacional do combate à “ideologia de gênero”. Vozes outras materializam-se neste capítulo através dos documentos oficiais do Vaticano, depoimentos de pessoas presentes em conferências estratégicas, textos de teóricos contrários ao *gender feminism* e bibliografias que reconstróem uma história internacional da articulação dessa cruzada antigênero. Tecendo, assim, o cenário do que denomino da cena global.

1.1 O “GÊNERO” NO CICLO DE CONFERÊNCIAS DA ONU

Um ciclo de conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) na década de 1990 será fundamental para impulsionar o debate sobre os direitos sexuais e o gênero no âmbito internacional. Françoise Girard reconstrói esse processo de forma detalhada.⁸³ Para o autor, o fortalecimento desse debate nas conferências é um legado da articulação de organizações feministas. Em 1984 ocorreu o Encontro Internacional de Mulheres e Saúde em Amsterdã, ocasião na qual ativistas do norte e do sul global teriam concordado com a urgente necessidade da reivindicação do controle dos direitos reprodutivos pelas mulheres. Em 1989, a palavra “sexualidade”

⁸³ GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007.

aparece pela primeira vez em um documento internacional através da Convenção sobre os Direitos das Crianças. Mas é somente na década seguinte que se começa a desenhar uma política institucional de garantia dos direitos sexuais e reprodutivos.

As genealogias da “ideologia de gênero”, como destacado por Sônia Correa, costumam iniciar suas análises nas Conferências da ONU sobre: Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (1992), População e Desenvolvimento no Cairo (1994) e Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz em Pequim (1995).⁸⁴ Pretendo, neste capítulo, contextualizar essas Conferências e outros encontros intermediários ou preparatórios que formam o “quebra-cabeça” do aparecimento do gênero como uma categoria capaz de ser mobilizada para a criação do “pânico moral”⁸⁵ no contexto internacional.

A Conferência do Rio de Janeiro, também conhecida como Eco-92, frequentemente apontada como “marco zero” na genealogia da “ideologia de gênero”, foi um momento importante para afirmar o acesso das mulheres aos cuidados da saúde reprodutiva e o direito ao livre planejamento familiar frente às articulações contrárias da Santa Sé e de países aliados. Entretanto, Sônia Correa destaca que a semântica do gênero ainda não fazia parte do léxico discursivo das feministas presentes naquele encontro.⁸⁶ De modo que não podemos sustentar a tese de uma articulação contrária ao gênero já na Eco-92. O que havia, nitidamente, naquele momento era uma atuação da Santa Sé de forma contrária aos direitos reprodutivos das mulheres. Direitos que questionavam a naturalização da ordenação divina do mundo ao subordinar o que a Igreja Católica entendia pela vontade de Deus à vontade do Homem no tocante à reprodução.

Em 1993, na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos em Viena, as ativistas feministas dos direitos humanos obtiveram uma grande conquista ao aprovarem um Plano de Ações que reconhecia tanto os direitos das mulheres como parte integrante dos direitos humanos universais quanto a necessidade de eliminação da violência contra a mulher no ambiente público e privado. Essa conquista refletirá

⁸⁴ CORRÊA, Sônia. *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos*. In: Colóquio Gênero Ameaça(n)do. Rio de Janeiro: Análises e Resistências, 30 e 31 out. 2017; CORRÊA, Sônia. *A “política do gênero”: um comentário genealógico*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, pp. 6-7.

⁸⁴ Ibid., p. 12. Cf.: “A cruzada moral do presente foi gestada por quase duas décadas até emergir entre

⁸⁵ RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Santa Catarina: Repositório UFSC, 2012, p. 32.

⁸⁶ CORRÊA, Sônia. *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos*. In: Colóquio Gênero Ameaça(n)do. Rio de Janeiro: Análises e Resistências, 30 e 31 out. 2017.

diretamente nos debates da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento em 1994 no Cairo. Será nessa conferência que o termo “gênero” ganhará visibilidade internacional pela primeira vez, mas, como destaca Sônia Correa, “ainda não pelos estudos pós-estruturalistas e visões construcionistas”⁸⁷.

Naquele momento o “gênero” aparecia pelas correntes feministas legalistas e de desenvolvimento. Correntes centradas nos aspectos jurídico-estatais e que defendiam a igualdade econômica no trabalho. Tanto é assim que, naquele momento, ele não será o palco central dos debates. A Santa Sé concentrará sua artilharia “contra a tese de Viena de que os direitos das mulheres são direitos humanos”⁸⁸. Mesmo na perspectiva das feministas ativistas presentes em Cairo, a centralidade ainda era dos direitos reprodutivos. Não havia uma discussão profunda sobre “sexualidade” e ainda havia muita confusão sobre os conceitos. Muitas ativistas heterossexuais do campo da saúde acreditavam que os direitos sexuais eram pertinentes exclusivamente aos direitos das lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros:

The main impetus for activists going into Cairo was to reverse the population control agenda and its excessive focus on curbing the fertility of poor women in the global South (...). Gloria Careaga, who was in Cairo and on Mexico’s delegation in Beijing, concurs. ‘There were no deep discussions about sexual rights before Cairo and only a few people were working on this,’ she said. ‘There was also a lot of confusion about concepts. Most heterosexual women’s health activists thought sexual rights was about lesbian, gay, bisexual and transgender rights, while lesbians thought it was about women’s rights, about sexuality. Lesbians felt that the responsibility of defending sexual rights was left to them’.^{89 90}

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007, pp. 322-323.

⁹⁰ Optei por manter uma diagramação que favorecesse as outras vozes do meu texto. Por isso, não reduzi as letras das citações recuadas e nem o seu espaçamento. Esse é um ato político e performativo da escrita desse espetáculo e não um desconhecimento das normas da ABNT.

Como Françoise Girard e Sônia Correa relatam, os “direitos sexuais” constavam dos documentos iniciais do Cairo como estratégia para servirem de moeda de troca por “direitos reprodutivos”. As ativistas sabiam de antemão que a expressão “direitos sexuais” não passaria:

In Cairo the negotiations proved arduous. Systematic opposition by the Holy See and a few of its Latin American allies to ‘sexual and reproductive health’ and ‘sexual and reproductive rights’ succeeded in keeping the phrase ‘sexual rights’ out, confining the text of paragraph 7.3 to ‘reproductive rights.’ Correa recalls an explicit trade-off as it became clear that ‘sexual rights’ would not be agreed: ‘We had a group of activists who were very passionate about sexual rights and other actors, mostly governments, who were using sexual rights as a trade-off for reproductive rights. This was very clear; the sexual rights language was kept in the text to be traded off for reproductive rights’.⁹¹

Entretanto, em decorrência da crescente preocupação com o HIV/AIDS em países da América Latina e da África que enfrentavam epidemias da contaminação pelo vírus, tornou-se muito difícil para a Santa Sé combater as menções aos direitos relativos à saúde sexual. Assim, o campo feminista consolidou importantes conquistas no Programa de Ação resultante daquela Conferência, mesmo que a partir de uma perspectiva heterossexual e centrada nos aspectos da sexualidade relacionados à doença e à violência.⁹²

A resistência do Vaticano, por meio da Santa Sé, às menções aos direitos sexuais nas negociações do Cairo fez com que os ativistas de direitos humanos se articulassem melhor para Conferência Mundial da Mulher em 1995:

Coming out of ICPD and moving towards the Fourth World Conference on Women in Beijing, many feminist activists were, in the words of Inder, ‘going with the unfinished

⁹¹ Ibid., p. 328.

⁹² Ibid., p. 329.

business of sexual rights on the agenda. There was no doubt about that!’ While there seemed to be little time and space for progressive women’s groups to strategize about sexuality for Beijing, an agenda and a plan had been crafted, as confirmed by Careaga: ‘When we arrived in Beijing, we were much more organized for sexual rights and sexual orientation than we were in Cairo’.⁹³

Na preparação para essa conferência, a Comissão Internacional de Direitos Humanos Gays e Lésbicos organizou uma petição com mais de seis mil assinaturas pedindo que a “sexualidade” fosse incluída na agenda de Pequim. As peças do tabuleiros se mexiam e a articulação entre grupos feministas e LGBTs tornava-se mais intensa do que a presenciada no Cairo.⁹⁴ A contraofensiva da Santa Sé e de seus aliados conservadores – notoriamente Honduras, Sudão e Malta – não demorou. Na terceira semana da III Conferência Preparatória para Pequim, sediada em Nova York, iniciada em março de 1995, a Santa Sé surpreendeu a todos. Após os termos “orientação sexual” e “direitos sexuais” já terem sido adicionados ao documento da Conferência, a Santa Sé e seus aliados começaram a contestar o termo “gênero” que já tinha sido acordado em vários documentos anteriores sem nenhum questionamento.⁹⁵ Esse é o ponto que entendemos de importante inflexão na história da “cruzada antigênero” inaugurada pelo Vaticano.

A Santa Sé passou a requerer definições expressas ou até mesmo a retirada do termo gênero dos documentos internacionais. Rosalind Petchesky, ativista feminista presente nessa Conferência, chegou a tecer as seguintes considerações sobre essa articulação conservadora: “they came at us with something we didn’t expect (...) many of us thought: what are they TALKING about? We had to ask ourselves: what do WE think about it? We had to explain gender to ourselves and to others”⁹⁶. Ou

⁹³ Ibid., p. 329.

⁹⁴ Ibid., p. 332. Cf.: “feminist, human rights and lesbian activists worked in alliance and the tensions experienced in Cairo, while not completely absent, were less pronounced”.

⁹⁵ BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004. Cf.: “In late April 1995, in preparation for the NGO meetings in Beijing—called the prepcom—several member states, under the guidance of the Catholic Church, sought to expunge the word ‘gender’ from the Platform for Action and to replace it with the word ‘sex’”, p. 182.

⁹⁶ GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007, p. 334.

seja, na visão de Petchesky, a reação conservadora forçou o campo progressista a realmente pensar o que ele entendia e queria dizer com a palavra “gênero” e abriu ainda mais espaço para a difusão das ideias pós-estruturalistas sobre o tema.

Grupos conservadores, norte-americanos, adentraram à discussão com argumentos que ligavam, criticamente, o gênero à homossexualidade e ao apoderamento estatal sobre a maternidade. Destaca-se a preocupação desses grupos com um suposto “feminismo de gênero” que seria responsável por trair os interesses das próprias mulheres. Como lembra Rogério Junqueira, a professora de Filosofia da Clark University, Christina Hoff Sommers, havia publicado em 1994 o livro *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*, fornecendo suporte pseudocientífico para a ideia de um feminismo contrário às mulheres.⁹⁷ Na perspectiva de Sommers, o *gender feminism* seria “uma ideologia de feministas que, em vez de buscar a conquista da igualdade de direitos entre homens e mulheres, passou a antagonizar desigualdades históricas baseadas no gênero, falando em patriarcado, hegemonia masculina, sistema sexo-gênero etc.”⁹⁸. Explicitando sua motivação para escrever o livro, Sommers diz:

I have been moved to write this book because I am a feminist who does not like what feminism has become. The new gender feminism is badly in need of scrutiny. Only forthright appraisals can diminish its inordinate and divisive influence. If others join in a frank and honest critique, before long a more representative and less doctrinaire feminism will again pick up the reins. But that is not likely to happen without a fight.⁹⁹

Esses grupos conservadores também acusavam as feministas de promoverem “cinco gêneros”. Um dos panfletos distribuídos pela Coalizão de Mulheres pela Família dizia em tom alarmista: “Unfortunately there is a ‘gender feminism,’ often homosexual, which strongly promotes the idea that gender is something fluid,

⁹⁷ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 3.

⁹⁸ Ibid., p. 3.

⁹⁹ SOMMERS, Christina. *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*. New York: Simon & Schuster, 1994.

changing, not related naturally to being a man or being a women. According to such feminist/homosexual ideology, there are at least five genders!”¹⁰⁰. Essa acusação baseava-se no artigo *The five sexes: Why male and female are not enough* da bióloga Ane Fausto-Sterling que propunha a substituição do sistema de dois sexos para o de cinco sexos: feminino, masculino, “verdadeiros” hermafroditas, masculino “pseudo-hermafrodita” e feminino “pseudo-hermafrodita”.¹⁰¹

Apesar da maioria dos governos e das feministas usarem o termo “gênero” de acordo com uso de costume, ou seja, como um substituto para “mulher”, a Santa Sé percebeu o potencial desarticulador do termo quando empregado para desvincular os papéis sociais e as expressões identitárias do “sexo biológico”. Essa era ameaça que rondava a ordem divina afirmada pelo Vaticano.

Para Françoise Girard, enquanto a Santa Sé enfatizava a conexão entre gênero e homossexualidade, eles também – em uma contradição performativa - conectavam o gênero com a transexualidade, movendo para além da questão da orientação sexual.¹⁰²

Na visão de Judith Butler, o gênero tornou-se um espaço de contestação de vários interesses, desde a questão das mulheres – especialmente das mulheres pobres e de cor – às questões mais recentes da identidade, relativas às políticas e às teorias da transgeneridade e transexualidade. Segundo a autora:

In the international debate, the Vatican denounces the use of the term “gender” because it either (1) is a code for homosexuality, or (2) offers a way for homosexuality to be understood as one gender among others, threatening to take its place among masculine, feminine, bisexual, and transsexual, or, more likely, threatening to take the place of male and female altogether. The Vatican’s fear—and they cite Anne Fausto-Sterling on this matter—that homosexuality implies the proliferation of genders.¹⁰³

¹⁰⁰ Coalition for Women and the Family. Nota sobre o termo “gender.” Nova York, 1995.

¹⁰¹ FAUSTO-STERLING, Ane. *The five sexes: Why male and female are not enough*. The Sciences, Março-Abril, pp. 20-24, 1993.

¹⁰² GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007, pp. 335.

¹⁰³ BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004, p. 183.

Esse movimento preventivo da Santa Sé em relação às reivindicações baseadas na identidade e expressão de gênero foi algo bem calculado. As articulações fluidas ou múltiplas de gênero colocavam em questão toda a compreensão binária do mundo que sustenta a interpretação de uma criação e ordenação divina defendida pelo Vaticano. Noções que visam abarcar a totalidade das experiências humanas através da naturalização de pares binários “homem/mulher”, “masculinidade/feminilidade” e papéis sociais preordenados são radicalmente abaladas – inclusive no nível corpóreo dos regimes de aparecimento – com as políticas e teorias da transgeneridade e transexualidade.¹⁰⁴ Esses pares se auto pressupõem universais e sempre existentes na história da humanidade.¹⁰⁵ Essa é a ordem mundial que a Santa Sé reivindica ao questionar o uso do gênero, ou seja, reivindica-se a manutenção da binaridade do sexo como articulador central das identidades. Nesse mesmo sentido, para Judith Butler “if the Vatican seeks to replace the language of gender with the language of sex, it is because the Vatican wishes to rebiologize sexual difference, that is, to reestablish a biologically narrow notion of reproduction as women’s social fate”¹⁰⁶. Inaugura-se uma nítida disputa ideológica em nível global pelo sentido e forma de aparecimento do gênero, ou seja, pelos seus modos de existência.¹⁰⁷

Ainda nessa Conferência Preparatória para Pequim, a atuação da Santa Sé e de seus aliados foi responsável pela aprovação de uma nota de esclarecimento dizendo que o termo “gênero” deveria ser interpretado conforme seu uso ordinário e comumente aceito. Na prática, o grande feito dessa aliança foi criar um pânico moral em relação à existência de uma agenda feminista e lésbica em curso no plano internacional.

Já na Conferência Mundial da Mulher em 1995, a Santa Sé adotou uma postura mais discreta do que sua atuação de liderança no Cairo e nas Conferências Preparatórias para Pequim. Junto com os seus aliados – não só os países

¹⁰⁴ GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007, pp. 335.

¹⁰⁵ Uma crítica interessante a essa pressuposição do gênero como universal e sempre existente tem sido realizada pelos estudos descoloniais que afirmam o gênero como uma construção europeia. Cf.: LUGONES, Maria. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3), 320, set-dez 2014, p. 935-952.

¹⁰⁶ BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004, p. 185.

¹⁰⁷ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 41.

conservadores católicos, mas agora também os islâmicos – ela atuava no *backstage*, avançando com argumentos centrados na preservação da família tradicional e no direito dos pais.¹⁰⁸ Os grupos conservadores norte-americanos, que tiveram uma presença ativa na III Conferência Preparatória, também continuaram sua campanha incisiva, associando a pedofilia à homossexualidade e fazendo amplo uso da lista de “perversões”, criadas pela psiquiatria no século XIX, para a formulação de suas acusações a seus adversários. Mesmo com toda essa articulação contrária, a coalizão de feministas e representantes progressistas do Estados conseguiram aprovar, poucos dias antes do fim da Conferência de Pequim, o importante parágrafo 96 que diz:

The human rights of women include their right to have control over and decide freely and responsibly on matters related to their sexuality, including sexual and reproductive health, free of coercion, discrimination and violence. Equal relationships between women and men in matters of sexual relations and reproduction, including full respect for the integrity of the person, require mutual respect, consent, and shared responsibility for sexual behaviour and its consequences.¹⁰⁹

A inclusão da menção à “orientação sexual” não foi possível naquela Conferência, mas a possibilidade de sua discussão e o suporte de mais de trinta países favoráveis à sua inclusão demonstravam que a articulação das feministas e ativistas pelos direitos humanos avançava em nível mundial. Isso preocupava setores importantes do Vaticano que decidem organizar uma campanha internacional contra esses avanços. Uma campanha centrada no sintagma do “gênero” como um conceito chave de articulação de uma cruzada contra a deterioração dos valores da família tradicional e da ordem “divina-natural” de constituição do mundo e da Igreja.

¹⁰⁸ GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007, pp. 337. Cf.: “I regret that we did not photograph the mullahs and the Vatican priests, in the UN corridors and the hotels, sitting and preparing their joint texts together,” says Gerd Johnsson-Latham, who was on the Swedish delegation and negotiated the language on the family.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 339

1.2 O VATICANO CONTRA-ATACA

Um ano após a Conferência Mundial da Mulher em Pequim, o Vaticano convocou dezenas de “especialistas” sobre gênero e sexualidade para construir uma contraofensiva que reafirmasse a “doutrina católica e a naturalização da ordem sexual”¹¹⁰. Dale O’Leary, jornalista e escritora norte-americana, ligada à *Opus Dei*¹¹¹, foi uma importante representante do lobby católico através da Family Research Council e da National Association for Research & Therapy of Homosexuality. Segundo Junqueira, essa é uma Associação que promove “terapias reparadoras da homossexualidade”¹¹². Dialogando com a produção de Sommers contra o “feminismo de gênero”, O’Leary publica, em 1997, o livro *The Gender-Agenda: redefining equality*.¹¹³, retratado por Junqueira da seguinte forma:

Em *Agenda de Gênero* (1997), a escritora retoma a crítica às *gender feminists*: elas teriam inspiração marxista e fomentariam uma ‘ideologia’ que desrespeita as diferenças biológicas, convoca à ‘guerra dos gêneros’, afirma a construção social dos papéis sexuais com o objetivo de ‘abolir a natureza humana’ e impedir a principal missão da mulher na esfera educativo-zeladora. A ‘agenda de gênero’, segundo ela, teria como meta construir um mundo com menos pessoas, mais prazer sexual, sem diferenças entre homens e mulheres e sem mães em tempo integral. Para colocá-la em prática, seria preciso garantir acesso gratuito à contracepção e ao aborto, estimular a homossexualidade, oferecer uma educação sexual a crianças e jovens que incentive a experimentação sexual,

¹¹⁰ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “*Ideologia de gênero*”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 3.

¹¹¹ A Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei, conhecida simplesmente por Opus Dei, fundada em 1928 por Josemaría Escrivá de Balaguer, é uma instituição hierárquica da Igreja Católica, uma prelazia pessoal composta pelo prelado, clérigos e leigos. Diferentemente das dioceses que têm jurisdição territorial, as prelazias pessoais se encarregam de pessoas em função de objetivos pastorais, independentemente do território em que estejam. A instituição destaca-se pelo seu conservadorismo doutrinário, por um apostolado agressivo, por um caráter secreto, além da persistência de práticas de mortificação corporal. Ela é acusada de financiar políticas e grupos conservadores a nível internacional.

¹¹² *Ibid.*, p. 3

¹¹³ O’LEARY, Dale. *The Gender-Agenda: redefining equality*. Lafayette: Vital Issues, 1997.

abolir os direitos dos pais em educar seus filhos, instituir a paridade entre homens e mulheres no mundo do trabalho, inserir todas as mulheres no mercado de trabalho e desacreditar as religiões que se oponham a este projeto. É de O’Leary o argumento, constantemente retomado pelos movimentos antigênero, de que esta agenda seria liderada por feministas radicais e promovida por agentes do controle populacional e da liberação sexual, ativistas gays, multiculturalistas e promotores do politicamente correto, extremistas ambientalistas, neomarxistas, pós-modernos desconstrutivistas. Tais ativistas do gênero visam dominar os organismos internacionais, as universidades e o Estado. A ONU, por exemplo, já estaria sob o domínio deles.¹¹⁴

Esse livro de O’Leary é estratégico na articulação de uma cruzada antigênero em escala internacional, de modo a atender os interesses do próprio Vaticano em aliança com os grupos conservadores da sociedade. Também em 1997, o monsenhor Michel Schooyans, jesuíta belga que havia sido professor de Teologia e Filosofia Política na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na época ocupava uma cadeira na Universidade Católica de Louvain, publica o livro *L’Évangile face au désordre mondial*.¹¹⁵ Livro prefaciado pelo cardeal Joseph Ratzinger, então prefeito da *Congregação para a Doutrina da Fé*¹¹⁶. Schooyans dedica grande espaço do seu livro para a denúncia do que chama de “ideologia de gênero” e teria sido, segundo Junqueira, o primeiro a acusar os organismos internacionais de promoverem os interesses das “minorias” subversivas que seriam defensoras de uma “cultura antifamília”, do “colonialismo sexual” e de uma “ideologia da morte”.

As produções de O’Leary e de Schooyans são de extrema importância na propagação da ideia de que haveria uma aliança internacional mobilizada pelas

¹¹⁴ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 32.

¹¹⁵ SCHOOPYANS, Michel. *El Evangelio frente al desorden mundial*. Colonia del Valle: Diana, 2000.

¹¹⁶ A Congregação para a Doutrina da Fé é um dos órgãos da Santa Sé. Ele ocupa o lugar da Sacra Congregação que foi responsável pela inquisição na Idade Moderna. Hoje o seu objetivo é difundir a doutrina católica e defender os seus ensinamentos e tradição por todo o mundo.

feministas radicais, as feministas de gênero, para destruírem a ordem “natural-divina” do mundo através de uma desarticulação da família. O discurso forjado é o de “uma imposição do imperialismo cultural dos Estados Unidos da América, da ONU, da União Europeia e das agências e corporações transnacionais dominadas por ‘lobbies gays’, feministas – que juntamente com defensores do multiculturalismo e do politicamente correto, extremistas ambientalistas, neomarxistas e outros pós-modernos”¹¹⁷ difundiriam uma ideologia da morte, a “ideologia de gênero”.

O termo “ideologia de gênero” aparece pela primeira vez em um documento eclesiástico em abril de 1998 na nota da Conferência Episcopal do Peru intitulada *La ideologia de género: sus peligros y alcances* assinada pelo monsenhor Oscar Alzamora Revoredo, Bispo Auxiliar de Lima. Logo na introdução à nota, Revoredo diz que sua elaboração foi baseada no informativo *La desconstrucción de la mujer* de Dale O’Leary, distribuído na III Conferência Preparatória para Pequim em 1995. O início da nota ilustra bem o modo de articulação dessa cruzada antigênero já no final da década de 1990:

Se ha estado oyendo durante estos últimos años la expresión ‘género’ y muchos se imaginan que es solo otra manera de referirse a la división de la humanidad en dos sexos, pero detrás del uso de esta palabra se esconde toda una ideología que busca precisamente hacer salir el pensamiento de los seres humanos de esta estructura bipolar.

Los proponentes de esta ideología quieren afirmar que las diferencias entre el varón y la mujer, fuera de las obvias diferencias anatómicas, no corresponden a una naturaleza fija que haga a unos seres humanos varones y a otros mujeres.

Piensen más bien que la diferencias de manera de pensar, obrar y valorarse a sí mismos son el producto de la cultura de un país y de una época determinados, que les asigna a cada grupo de personas una serie de características que se explican por las conveniencias de las estructuras sociales de dicha

¹¹⁷ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 30.

sociedad. Quieren rebelarse contra esto y dejar a la libertad de cada cual el tipo de 'género' al que quieren pertenecer, todos igualmente válidos. Esto hace que hombres y mujeres heterosexuales, los homosexuales y las lesbianas, y los bisexuales sean simplemente modos de comportamiento sexual producto de la elección de cada persona, libertad que todos los demás deben respetar.

No se necesita mucha reflexión para darse cuenta de lo revolucionaria que es esta posición, y de las consecuencias que tiene la negación de que haya una naturaleza dada a cada uno de los seres humanos por su capital genético. Se diluye la diferencia entre los sexos como algo convencionalmente atribuido por la sociedad, y cada uno puede "inventarse" a sí mismo. Toda la moral queda librada a la decisión del individuo y desaparece la diferencia entre lo permitido y lo prohibido en esta materia. Las consecuencias religiosas son también obvias.¹¹⁸

Desde logo, nesta apresentação, podemos perceber a ideia de uma livre invenção de si mesmo que marcará toda a cruzada antigênero a partir de então. Acusam as feministas e as teóricas de sustentarem que o gênero é uma escolha autônoma e individual. Entretanto, essa acusação não possui lastro nos diversos estudos de gênero que, pelo contrário, atestam os elementos histórico, social e cultural como termos fundamentais na constituição generificada dos corpos. De maneira tal, que, para esses estudos, o gênero pode ser várias coisas, menos uma construção livre e autônoma. Ele é algo constituído nas próprias relações normativas atravessadas por diversas perspectivas tensionais do poder. O curioso é que a primeira "feminista de gênero" citada por Revoredo em sua nota é Judith Butler e seu livro *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, uma autora e uma obra que se colocam, nitidamente, contra as noções de uma construção subjetiva enquanto um empreendimento de si próprio.

¹¹⁸ ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideología de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998, pp. 1-2.

Para Butler “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados”¹¹⁹. Entretanto, essas expressões não decorrem de empreendimentos individuais livres de quaisquer mecanismos de coerção, afinal quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo “pode começar consigo, mas descobrirá que esse ‘si mesmo’ já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social”¹²⁰. Ainda assim, Revoredo insiste que as palavras de Butler “podrían parecer tomadas de un cuento de ciencia ficción que vaticina una seria pérdida de sentido común en el ser humano”¹²¹.

Segundo Revoredo, a compreensão do gênero como papéis sociais construídos historicamente emergiu no contexto da IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em setembro de 1995 em Pequim. Essa definição do gênero teria gerado confusão e incômodo entre os delegados da Santa Sé e dos países aliados, de modo que “solicitaron una mayor explicitación del término ya que se presentía que éste podría encubrir una agenda inaceptable que incluyera la tolerancia de orientaciones e identidades homosexuales”¹²². Ainda na nota, o Bispo de Lima afirma que as “feministas de gênero” são aquelas que defenderiam e difundiriam noções extremamente perigosas para a ordem “natural-divina” do mundo, listadas da seguinte forma:

- Hegemonía o hegemónico: Ideas o conceptos aceptados universalmente como naturales, pero que en realidad son construcciones sociales.
- Desconstrucción: La tarea de denunciar las ideas y el lenguaje hegemónico (es decir aceptados universalmente como naturales), con el fin de persuadir a la gente para creer

¹¹⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 56.

¹²⁰ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 18.

¹²¹ ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideología de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998, p. 3.

¹²² *Ibid.*, p. 4.

que sus percepciones de la realidad son construcciones sociales.

- Patriarcado, Patriarcal: Institucionalización del control masculino sobre la mujer, los hijos y la sociedad, que perpetúa la posición subordinada de la mujer.

- Perversidad polimorfa, sexualmente polimorfo: Los hombres y las mujeres no sienten atracción por personas del sexo opuesto por naturaleza, sino más bien por un condicionamiento de la sociedad. Así, el deseo sexual puede dirigirse a cualquiera.

- Heterosexualidad obligatoria: Se fuerza a las personas a pensar que el mundo está dividido en dos sexos que se atraen sexualmente uno al otro.

- Preferencia u orientación sexual: Existen diversas formas de sexualidad - incluyendo homosexuales, lesbianas, bisexuales, transexuales y travestis - como equivalentes a la heterosexualidad.

- Homofobia: Temor a relaciones con personas del mismo sexo; personas perjudicadas en contra de los homosexuales. (El término se basa en la noción de que el prejuicio contra los homosexuales tiene sus raíces en el ensalzamiento de las tendencias homosexuales). Estas definiciones fueron tomadas del material obligatorio del curso "Re-imagen del Género" dictado en un prestigioso College norteamericano.¹²³

A questão das “feministas de gênero” avança ainda mais ao longo da nota. Em um diálogo com Christina Hoff Sommers e seu livro *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*, Revoredo diz ser necessário distinguir as feministas do final da década de 1960 que lutavam por igualdade das “feministas radicais” do gênero que desejam destruir a família. Chamando O’Leary para esse debate, o autor nos diz que o “feminismo de gênero” se baseia em uma interpretação “neomarxista” da história. Frederick Engels teria lançado as bases para a união entre o marxismo e o

¹²³ Ibid., pp. 5-6.

feminismo em seu livro *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado*. Dessa forma, “ideologia de gênero” e marxismo estariam conectados na origem.

Segundo Revoredo, as “feministas de gênero” sustentam que os marxistas teriam fracassado por “concentrarse en soluciones económicas sin atacar directamente a la familia, que era la verdadera causa de las clases”¹²⁴. A família seria, portanto, o grande alvo dessas novas feministas que “dicen además que toda diferencia entre el hombre y la mujer es construcción social y por consiguiente tiene que ser cambiada”¹²⁵. Ora, trata-se de mais um equívoco de leitura dos estudos de gênero presente na nota. Uma vez que entendemos que algo é construído socialmente, não significa que propagamos que ele deva ser, necessariamente, transformado. Antes disso, devemos pensar as complexas relações normativas que o constituem e como elas contribuem ou não para uma afirmação democrática da vivência em comunidade. Essa nota ilustra bem a ideia de criação de um “pânico moral” através de ideias falseadas e sintagmas fantasmagóricos que “atuam como poderosos dispositivos retóricos reacionários que se prestam eficazmente a promover polêmicas, ridicularizações, intimidações e ameaças”¹²⁶ contra os atores que pareçam impedir os interesses morais e religiosos tradicionais.

Em oposição à perspectiva de uma “ideologia de gênero” das feministas, Revoredo apresenta sua compreensão da vocação:

Vocación envuelve algo auténtico, no artificial, un llamado a ser lo que somos. Respondemos a nuestra vocación a realizar nuestra naturaleza o a desarrollar nuestros talentos y capacidades innatos. En ese sentido, por ejemplo, O’Leary destaca la vocación femenina a la maternidad, pues la maternidad no es un rol. Cuando una madre concibe a un hijo, emprende una relación de por vida con otro ser humano. Esta relación define a la mujer, le plantea ciertas responsabilidades

¹²⁴ Ibid., p. 8.

¹²⁵ Ibid., p. 9.

¹²⁶ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 28.

y afecta casi todos los aspectos de su vida. No está representando el papel de madre; es una madre.¹²⁷

Neste trecho podemos perceber algo do que Éric Fassin em *Gender and the Problem of Universals: Catholic Mobilizations and Sexual Democracy in France* denomina da disputa entre nominalistas e realistas na “querela dos universais”.¹²⁸ Querela que em nosso tempo se traduz não entre natureza e cultura, mas sim entre uma visão construcionistas e uma visão essencialista do gênero.¹²⁹ A visão construcionistas estaria ligada ao nominalismo, uma compreensão de que as categorias são apenas nomes de coisas agrupadas pelos humanos e a ordem que as pessoas veem é mais uma criação do que, propriamente, uma percepção. Já a visão essencialista estaria relacionada ao realismo, corrente que considera as categorias como impressões digitais de uma realidade última existente, a ordem das coisas estaria presente sem a presença humana. Revoredo reivindica para si e para o mundo uma visão essencialista baseada na natureza divina do gênero. Essa é uma percepção que estaria diretamente relacionada com as “diferenças sexuais” como justificadoras do gênero e do seu policiamento.

¹²⁷ ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideología de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998, p. 12.

¹²⁸ FASSIN, Éric. *Gender and the Problem of Universals: Catholic Mobilizations and Sexual Democracy*. Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016, p. 179. Cf.: “Do categories exist because humans recognize real distinctions in the world around them, or are categories arbitrary conventions, simply names for things that have categorical force because humans agree to use them in certain ways? The two traditional sides in this controversy, which is called “the problem of the universals,” are “realists” and “nominalists.”’ Boswell went on to explain: ‘Realists consider categories to be the footprints of reality (“universals”). They exist because humans perceive a real order in the universe and name it. The order is present without human observation’. By contrast, nominalism is founded on ‘the belief that categories are only the names (Latin: *nomina*) of things agreed upon by humans, and that the “order” people see is their creation rather than their perception.’ For example, ‘taxonomists disagree strongly about whether they are discovering (realists) or inventing (nominalists) distinctions”’.

¹²⁹ Ibid., p. . Cf.: “For the most part, the field that initially developed in the wake of De Beauvoir’s *Second Sex* and her reading of Claude Lévi-Strauss today has little to say about nature and culture, not only because sex is subsumed under the question of gender, but also because the definition of gender is twofold – as historian Joan W. Scott taught us in her classic 1986 article on this ‘useful category’. ‘The core of the definition rests on an integral connection between two propositions: gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relations of power’ (Scott 1986: 42). While the first proposition fits the current controversy about sex and gender, the second one opens entirely new perspectives: most of the current research in gender studies has to do with ‘signifying relations of power’ – that is, beyond gender and sex. Indeed, the attacks against the ‘theory-of-gender’ can be interpreted precisely in those terms, as they simultaneously signify religion, race, class, and nation, thus inviting readings in the language of intersectionality (Fassin 2015)”’.

A nota termina com a denúncia de que a perspectiva feminista de gênero visaria desconstruir não só a família, mas também a educação. Esse seria o espaço chave para a afirmação da ideia do gênero como papéis sociais historicamente construídos. Interessante perceber que esse *locus* central – a educação – para a discussão da “ideologia de gênero” também no Brasil, já estava indicado em um documento eclesial de 1998. Para Revoredo, nessa dimensão educacional do gênero, defendida pelas feministas, “las niñas deben ser orientadas hacia áreas no tradicionales y no se las debe exponer a la imagen de la mujer como esposa o madre, ni se les debe involucrar en actividades femeninas tradicionales”¹³⁰. Reconhecendo a educação como um espaço importante de transformação dos papéis sociais, Revoredo diz que as feministas defendem a incorporação das discussões sobre gênero aos programas escolares para que meninos e meninas escolham sua profissão de forma informada e não com base nos preconceitos de gênero. A tudo isso, que pode nos parecer democraticamente legítimo, a nota *La ideologia de género: sus peligros y alcances* se opõe e tenta ridicularizar.

Em julho de 2000, o sintagma “ideologia de gênero” aparece pela primeira vez em um documento da Cúria Romana intitulado *Família, Matrimônio e “uniões de fato”* do Conselho Pontifício para a Família.¹³¹ O documento versa sobre “o número crescente que as uniões de fato estão alcançando no conjunto da sociedade, com a consequente desafeição pela estabilidade do matrimônio que isto comporta”¹³². Ele faz uma ode ao matrimônio como sacramento católico e tenta compreender as razões do crescimento das uniões de fato. Uma das razões encontradas seria justamente a difusão da “ideologia de gênero”. Interessante percebermos como o Conselho agrupa vários medos do Vaticano em um único sintagma – “gender” – ao longo de todo o ponto dedicado ao tema:

Dentro de um processo que se poderia denominar de gradual
desestruturação cultural e humana da instituição matrimonial,

¹³⁰ ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideologia de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998, p. 15.

¹³¹ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 35.

¹³² PONTIFÍCIO, Conselho para a Família. *Família, Matrimônio e “uniões de fato”*. Cidade do Vaticano, 2000.

não deve ser subestimada a difusão de certa ideologia de “gênero” (“gender”). Ser homem ou mulher não estaria determinado fundamentalmente pelo sexo, mas pela cultura. Com isto se atacam as próprias bases da família e das relações interpessoais. É preciso fazer algumas considerações a este respeito, devido à importância desta ideologia na cultura contemporânea e de sua influência no fenômeno das uniões de fato.

Na dinâmica integrativa da personalidade humana um fator muito importante é o da identidade. A pessoa adquire progressivamente durante a infância e a adolescência consciência de ser “si mesmo”, de sua identidade. Esta consciência se integra em um processo de reconhecimento do próprio ser e, conseqüentemente, da dimensão sexual do próprio ser. É portanto consciência de identidade e diferença. Os expertos costumam distinguir entre identidade sexual (isto é, consciência de identidade psico-biológica do próprio sexo e de diferença em relação ao outro sexo) e identidade genérica (ou seja, consciência da identidade psico-social e cultural do papel que as pessoas de um determinado sexo desempenham na sociedade). Em um correto e harmônico processo de integração, a identidade sexual e a genérica se complementam, dado que as pessoas vivem em sociedade de acordo com os aspectos culturais correspondentes ao seu próprio sexo. A categoria de identidade genérica sexual (“gender”) é portanto de ordem psico-social e cultural. Ela corresponde e está em harmonia com a identidade sexual de ordem psico-biológica, quando a integração da personalidade se realiza como reconhecimento da plenitude da verdade interior da pessoa, unidade de alma e corpo.

A partir da década 1960 a 1970, certas teorias (que hoje os expertos costumam qualificar como “construcionistas”), sustentam não somente que a identidade genérica sexual (“gender”), seja o produto de uma interação entre a

comunidade e o indivíduo mas que também esta identidade genérica seria independente da identidade sexual pessoal, ou seja, que os gêneros masculino e feminino da sociedade seriam um produto exclusivo de fatores sociais sem relação com verdade alguma da dimensão sexual da pessoa. Deste modo, qualquer atitude sexual resultaria como justificável, inclusive a homossexualidade, e a sociedade é que deveria mudar para incluir junto ao masculino e ao feminino, outros gêneros, no modo de configurar a vida social.

A ideologia de “gender” encontrou na antropologia individualista do neo-liberalismo radical um ambiente favorável. A reivindicação de um estatuto semelhante, tanto para o matrimônio como para as uniões de fato (inclusive as homossexuais), costuma hoje em dia justificar-se com base em categorias e termos procedentes da ideologia de “gender”. Assim existe uma certa tendência a designar como “família” todo tipo de uniões consensuais, ignorando deste modo a natural inclinação da liberdade humana à doação recíproca e suas características essenciais, que constituem a base desse bem comum da humanidade que é a instituição matrimonial.¹³³

O documento nos fala em determinação fundamental do gênero pelo sexo, de ataque às bases da família e das relações interpessoais, de processo harmônico e correto de integração entre identidade sexual e identidade de gênero, de reconhecimento da plenitude da realidade interior, de unidade entre corpo e alma e de associação entre o “gender” e o neoliberalismo radical, para, então, concluir que a “ideologia de gênero” fere a base do bem comum da sociedade que seria o matrimônio. Mais uma vez notamos o caráter essencialista dessa visão a respeito do gênero, marcando uma nítida disputa por seu regime de aparecimento e compreensão no mundo.¹³⁴ O Vaticano percebeu o perigo concreto dos estudos de gênero que ao

¹³³ Ibid.

¹³⁴ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 53.

afirmarem possibilidades de existência múltiplas, colocavam por terra a ordem divina de constituição do mundo que sustenta a crença católica.

Em 2003, também sob a égide do Conselho Pontifício para a Família, foi publicado o documento que Rogério Junqueira descreve como “o mais amplo, incisivo e polêmico”¹³⁵ texto elaborado sobre o tema, com o título de *Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*. Trata-se de um dicionário enciclopédico que, em sua segunda edição, conta com 103 verbetes ou artigos apologéticos que dizem respeito à gênero, sexualidade e bioética. O *Lexicon* é resultado do trabalho de uma equipe de mais de setenta autores, composta por conselheiros do Vaticano e professores de suas instituições de ensino. Trabalho coordenado pelo cardeal colombiano Alfonso López Trujillo, “um ferrenho opositor à Teologia da Libertação, contrário ao uso de preservativos, ao casamento homossexual, às pesquisas em células-tronco”¹³⁶. No tocante à “ideologia de gênero” destaca-se no dicionário dois textos: *La ideología de género: sus peligros y alcances* de Oscar Alzamora Revoredo e o *¿Qué quiere decir género? En torno a un nuevo modo de hablar* de Jutta Burggraf. Os dois textos foram considerados fundamentais para aqueles que desejavam conhecer o debate e se engajar na luta internacional contra a “ideologia de gênero”.

Integrante da Opus Deis e Professora de Teologia Dogmática e Teologia Ecumênica na Universidade Navarra, Jutta Burggraf contribuiu, com sua produção acadêmica, para a consolidação de uma cruzada antigênero. Sônia Corrêa destaca que a Universidade Navarra foi um polo central na difusão de ideais conservadores que determinaram as políticas internacionais do Vaticano.¹³⁷ Burggraf é um grande nome desse projeto conservador. Em diálogo com o Papa João Paulo II, a autora diz no *¿Qué quiere decir género? En torno a un nuevo modo de hablar* que:

El término *gender* puede aceptarse como una expresión humana y por tanto libre que se basa en una identidad sexual biológica, masculina o femenina. Es adecuado para describir

¹³⁵ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 37.

¹³⁶ Ibid.

¹³⁷ CORRÊA, Sônia. *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos*. In: Colóquio Gênero Ameaça(n)do. Rio de Janeiro: Análises e Resistências, 30 e 31 out. 2017.

los aspectos culturales que rodean a la construcción de las funciones del varón y de la mujer en el contexto social. Sin embargo, no todas las funciones significan algo construido a voluntad; algunas tienen una mayor raigambre biológica. Por tanto, 'puede también apreciarse que la presencia de una cierta diversidad de roles en modo alguno es mala para las mujeres, con tal de que esta diversidad no sea resultado de una imposición arbitraria, sino, más bien expresión de lo que es específicamente masculino e femenino.¹³⁸

A produção de Burggraf dialoga intimamente com os pressupostos teóricos antifeministas de Christina Hoff Sommers e Dale O'Leary e com a Teologia do Corpo de Karol Wojtyla. A Teologia do Corpo é um conjunto de 129 catequeses que Wojtyla, Papa João Paulo II, realizou entre os anos de 1979 e 1984 sobre os ensinamentos da Igreja em relação à sexualidade. Essas catequeses reproduzem a ideia de que só o corpo é capaz de tornar visível uma realidade anterior última que é o divino. O corpo seria a revelação visível do mistério de Deus e sinal de sua presença. O Homem seria imagem e semelhança de Deus, mas sozinho não realizaria a totalidade de sua existência que se dá em comunhão. O matrimônio entre o homem e a mulher seria a mais perfeita revelação do plano divino. Culminando na celebração de uma sexualidade voltada à procriação. A Carta de João Paulo II às Famílias, *Gratissimam Sane*, de 2 de fevereiro de 1994, nos apresenta uma nítida formulação e defesa da teologia do corpo. Segundo o Papa, já estaria inscrito no início do livro do Gênesis uma realidade anterior da paternidade, da maternidade e da família:

O livro do Genesis usa expressões já empregues no contexto da criação dos outros seres vivos: «Multiplicai-vos», mas é bem claro o seu sentido analógico. Não é esta a analogia da geração e da paternidade e maternidade, que se há de ler à luz de todo o contexto? Nenhum dos seres vivos, à excepção do homem, foi criado «à imagem e semelhança de Deus». A paternidade e a maternidade humana, mesmo sendo

¹³⁸ BUGGRAFF, Jutta. *¿Qué quiere decir género? En torno a un nuevo modo de hablar*. San José: Ediciones, PROMESSA, 2004.

biologicamente semelhantes às de outros seres da natureza, têm em si mesmas de modo essencial e exclusivo uma «semelhança» com Deus, sobre a qual se funda a família, concebida como comunidade de vida humana, como comunidade de pessoas unidas no amor (*Communio personarum*).

(...)

O ser humano é criado, desde «o princípio», como homem e mulher: a vida da colectividade humana — tanto das pequenas comunidades como da sociedade inteira — está marcada por esta dualidade primordial. Dela derivam a «masculinidade» e a «feminilidade» dos simples indivíduos, tal como daí recebe cada comunidade a própria riqueza característica, no recíproco complemento das pessoas.¹³⁹

A Carta sustenta a tese da complementariedade dos corpos analisada por Mary Anne Case em *The Role of the Popes in the Invention of Complementarity and the Anathematization of Gender*.¹⁴⁰ Ainda que reconhecendo igual dignidade aos homens e às mulheres, como destacado por Rogério Junqueira, a Carta afirma uma diferença intransponível entre esses corpos por revelar um desígnio divino anterior.¹⁴¹ Assim, ao associar a Teologia do Corpo ao discurso contrário à “ideologia de gênero” nos textos do *Lexicon*, a Igreja consegue articular uma fundamentação teológica contrária às compreensões construcionistas do gênero. Esse é o tom de outros textos desse livro como o do monsenhor francês Tony Anatrella que em *Homossexualidade e Homofobia* afirma a ordem natural da união heterossexual como uma “realidade

¹³⁹ JOÃO PAULO II. Carta de João Paulo II às Famílias: *Gratissimam Sane*. Santa Sé, 1994, pp. 6-7.

¹⁴⁰ CASE, Mary Anne. *The Role of the Popes in the Invention of Complementarity and the Anathematization of Gender*. *Religion & Gender*, vol. 6, n.2, 2016, p. 155. Cf.: This article examines the origins and uses by the Vatican of the theological anthropology of complementarity, arguing that the doctrine of complementarity, under which the sexes are essentially different though not unequal, is an invention of the twentieth century untraceable in earlier centuries, but developed by, among others, the Popes from Pius XII through Benedict XVI, in part as a response to feminist claims, including those recently anathematized by the Vatican under the term ‘gender.’ After exploring some difficulties with the application of the doctrine of complementarity as Catholic orthodoxy, the article concludes by compiling preliminary evidence as to the extent Pope Francis will continue his predecessors’ approach to complementarity.

¹⁴¹ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 38.

objetiva”.¹⁴² Para este monsenhor, a união civil entre pessoas do mesmo sexo seria uma nítida ameaça à ordem simbólica do mundo, razão pela qual deveríamos deixar de tachar de homofóbicos todos aqueles que questionam a legitimidade da homossexualidade. Judith Butler denuncia essas posições assumidas pelo Vaticano e seu representantes:

Levanto essa questão [do parentesco], é claro, num momento em que a família é idealizada de forma nostálgica em diferentes formas culturais, momento em que o Vaticano protesta contra a homossexualidade, acusando-a não só de ser um ataque à família, mas também à noção do humano, onde tornar-se humano significa, para alguns, participar da família em seu sentido normativo.¹⁴³

A educação também ganha espaço importante no Lexicon, afirmando a primazia da família nos desígnios dos ensinamentos escolares de suas crianças. Interessante notar que esse também é o fundamento basilar do Movimento Escola Sem Partido fundado em 2004 no Brasil. Segundo Rogério Junqueira:

Em relação à educação sexual, o Lexicon se posiciona pelo primado da família e sublinha os limites da educação sexual no âmbito escolar. O feminismo é nele sempre apontado como problemático. “Feministas do gênero”, “feministas radicais” ou “feministas lésbicas” são frequentemente objetivadas como mulheres que “pisoteiam a especificidade do gênio feminino”, que criam um “terreno favorável à violência”, disseminam a guerra dos sexos e aspiram para a sua “destruição”.¹⁴⁴

Na esteira desse movimento conservador-teológico dentro do Vaticano destacam-se os trabalhos do então cardeal Joseph Ratzinger e seus constantes pronunciamentos sobre o gênero e a sexualidade. Na *Carta aos Bispos da Igreja*

¹⁴² Ibid., pp. 39-40.

¹⁴³ BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

¹⁴⁴ Ibid., p. 40.

Católica sobre a Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo de 2004, o cardeal defende a ordem divina da diferença sexual entre homens e mulheres e alerta aos fiéis dos perigos das ideologias que questionam a dimensão natural da família, ideologias responsáveis por equiparar a homossexualidade à heterossexualidade. Continuando nessa cruzada, já na condição de Papa Bento XVI, no seu *Discurso à Cúria Romana por Ocasão dos Votos de Feliz Natal* de 2008, Ratzinger diz que a Igreja teria o dever de agir publicamente contra a difusão do “gender”. Segundo o seu discurso:

Trata-se aqui do facto da fé no Criador e da escuta da linguagem da criação, cujo desprezo seria uma autodestruição do homem e portanto uma destruição da própria obra de Deus. O que com frequência é expresso e entendido com a palavra "gender", resolve-se em definitiva na auto-emancipação do homem da criação e do Criador. O homem pretende fazer-se sozinho e dispor sempre e exclusivamente sozinho o que lhe diz respeito. Mas desta forma vive contra a verdade, vive contra o Espírito criador. As florestas tropicais merecem, sim, a nossa protecção, mas não a merece menos o homem como criatura, na qual está inscrita uma mensagem que não significa contradição da nossa liberdade, mas a sua condição. Grandes teólogos da Escolástica qualificaram o matrimónio, ou seja, o vínculo para toda a vida entre homem e mulher, como sacramento da criação, que o próprio Criador instituiu e que Cristo sem modificar a mensagem da criação depois acolheu na história da salvação como sacramento da nova aliança. Pertence ao anúncio que a Igreja deve levar o testemunho a favor do Espírito criador presente na natureza no seu conjunto e de modo especial na natureza do homem, criado à imagem de Deus.¹⁴⁵

¹⁴⁵ BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por Ocasão dos Votos de Feliz Natal*. Santa Sé, 2008, p. 5.

Essa denúncia de Ratzinger aos supostos perigos do “gender” – como ele próprio diz referindo-se a essa teoria do gênero que, como destaca Rogério Junqueira¹⁴⁶, de tão estranha não caberia nem tradução terminológica – é ainda mais acentuada no *Discurso à Cúria Romana na Apresentação de Votos Natalícios* em 2012, meses antes de sua renúncia. Naquele momento, o Papa falava não apenas na destruição da família, mas na destruição do próprio Homem como criatura divina. Esse seria o grande perigo do “gender”. Nas suas próprias palavras ao longo do discurso, através dessa ideologia da destruição, o “homem contesta o facto de possuir uma natureza pré-constituída pela sua corporeidade, que caracteriza o ser humano. Nega a sua própria natureza, decidindo que esta não lhe é dada como um facto pré-constituído, mas é ele próprio quem a cria”¹⁴⁷. Citando Simone de Beauvoir, Ratzinger demonstra um forte desconhecimento das teorias que critica ao afirmar a existência de uma total autonomia na criação do ser que de maneira alguma pode ser encontrada na leitura atenta dos estudos de gênero. Pelo contrário, como já observado, o que percebemos é uma complexa e constante tensão na constituição do sujeito que nunca é completamente autônoma, mesmo porque é sempre relacional. Como ressalta Junqueira, há nesse discurso uma insistente “incompreensão sobre a complexidade, a sutileza e a profundidade implicadas nos processos de reiteração e internalização das normas de gênero e de resistência à heteronormatividade”¹⁴⁸. Apesar de ter sido revestido com o manto da intelectualidade no campo teológico, Ratzinger não realiza um enfrentamento sério dos pressupostos teóricos que critica, antes disso, cria um espantinho teórico e nele desfere seus golpes. Afinal, o importante na criação do “pânico moral” é a articulação do medo, mesmo que através de sintagmas fantasmagóricos.

Com tudo isso, não quero defender a tese da existência de um campo monolítico católico contra a “ideologia de gênero”. De fato, sustento a importância da participação do Vaticano na formulação das políticas antigênero, entretanto, isso não

¹⁴⁶ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 28.

¹⁴⁷ BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por Ocasião dos Votos de Feliz Natal*. Santa Sé, 2012, p. 3.

¹⁴⁸ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 43.

significa a inexistência da articulação de uma resistência. A Teologia da Libertação na América Latina é um grande exemplo desses movimentos de luta contra o conservadorismo.¹⁴⁹ Essa perspectiva contra o gênero não pode ser tomada como uma unanimidade. Existem corpos vulneráveis lutando por outros mundos possíveis dentro da própria Igreja. Corpos que se colocam em defesa de uma vida mais vivível. Mesmo se tratando da Cúria Romana, não podemos esquecer que ela também é um espaço de lutas por influência que é disputado a todo momento.

Esse projeto conservador do Vaticano está intimamente relacionado com a recente ascensão de partidos nacionalistas de extrema direita na Europa. Éric Fassin explicita essa ligação no caso francês da disputa por políticas democráticas de Estado e de sociedade.¹⁵⁰ Mas não só na França, observamos um crescimento do conservadorismo religioso e político nas últimas eleições do próprio Parlamento Europeu.¹⁵¹ Uma teologia conservadora e um projeto social autoritário andam de braços dados. Mas, sigamos nosso espetáculo. No próximo ponto trataremos especificamente de Jorge Mario Bergoglio, analisando seu pontificado e as políticas atuais do Vaticano no campo do gênero.

1.3 O JOGO TÁTICO “DESCOLONIAL” DO PAPA FRANCISCO

Sarah Bracke e David Paternotte em *Unpacking the Sin of Gender* fazem uma interessante recuperação da política mais recente do Vaticano no tocante ao combate à “ideologia de gênero” e às disputas internas pelo tom dessas políticas.¹⁵² Desde que o Cardeal Bergoglio assumiu o seu pontificado em 2013, muito tem se dito sobre seu caráter “pop” e sobre seu grande poder semiótico através da mídia.¹⁵³ Essa imagem que tem sido construída em torno do Papa Francisco pode gerar uma falsa impressão de que ele teria arrefecido o combate à “ideologia de gênero”. Entretanto,

¹⁴⁹ LÖWY, Michel. *O catolicismo latino-americano radicalizado*. Estudos Avançados, vol.3, n.5. São Paulo Jan./Apr. 1989; LEVY, Charmain. *Influência e contribuição: a Igreja Católica Progressista Brasileira e o Fórum Social Mundial*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29(2): 177-197, 2009.

¹⁵⁰ FASSIN, Éric. *Gender and the Problem of Universals: Catholic Mobilizations and Sexual Democracy*. Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016,

¹⁵¹ CUNHA, Carolina. *Extrema direita - Eleições no Parlamento Europeu refletem avanço do conservadorismo*. Disponível em: <https://goo.gl/Se7f81>. Acessado em 17 de novembro de 2018.

¹⁵² BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David. *Unpacking the Sin of Gender*. . Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016, pp. 143-154.

¹⁵³ Diversas matérias jornalísticas divulgam essa imagem: *Francisco, um papa “pop” de “grande poder semiótico”*. Instituto Humanitas Unisinos, 2017; *A revolução dedicada do Papa Francisco – o pontífice é capa da Rolling Stone EUA*. Rolling Stone notícias, 2014.

ele, na verdade, continua a política do seu antecessor. Em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amori Laetiti* de abril de 2016, Bergoglio diz abertamente que o:

Desafio surge de várias formas numa ideologia genericamente chamada *gender*, que «nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projectos educativos e directrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afectiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo ». Preocupa o facto de algumas ideologias deste tipo, que pretendem dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, procurarem impor-se como pensamento único que determina até mesmo a educação das crianças. É preciso não esquecer que «sexo biológico (sex) e função sociocultural do sexo (gender) podem-se distinguir, mas não separar». Por outro lado, «a revolução biotecnológica no campo da procriação humana introduziu a possibilidade de manipular o acto generativo, tornando-o independente da relação sexual entre homem e mulher. Assim, a vida humana bem como a paternidade e a maternidade tornaram-se realidades componíveis e decomponíveis, sujeitas de modo prevalecente aos desejos dos indivíduos ou dos casais ». Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade. Não caímos no pecado de pretender substituir-nos ao Criador. Somos criaturas, não somos onnipotentes. A criação precede-nos e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo somos chamados a

guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, aceitá-la e respeitá-la como ela foi criada.¹⁵⁴

Interessante notar a insistência em uma compreensão equivocada dos estudos de gênero como na afirmação de que a “identidade humana é determinada por uma opção individualista”. Os estudos não apontam nesse sentido. Como já dito, esses estudos ressaltam a complexidade das relações de poder que constituem o indivíduo. O indivíduo é sempre algo relacional. Uma relação temporalmente paradoxal de agência e sujeição. Outro ponto importante da Exortação de Bergoglio é o ganho de relevância da educação como *locus* central da suposta disseminação da “ideologia de gênero” revelado na fala de que essa ideologia conduziria “a projectos educativos e directrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afectiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher”. Restando claro a preocupação da política antigênero do Vaticano com as políticas públicas estatais de reconhecimento e incentivo da discussão sobre gênero e sexualidade na educação. Falas como essa de Bergoglio articulam uma resistência em nível mundial contra o debate sério sobre o gênero que passa a ser, *a priori*, taxado com signo do pecado. Uma suposta tentativa do Homem de se substituir ao Criador [sic].

Novamente, a escola aparece como o *locus* diretamente associado à política antigênero no discurso do Papa Francisco aos bispos da Polônia antes do Dia Mundial da Juventude em julho de 2016. Falando sobre uma “colonização ideológica” e sobre seu diálogo com o Papa Bento XVI, Bergoglio ataca a escola como o espaço onde as crianças seriam ensinadas que poderiam escolher o seu sexo:

In Europe, America, Latin America, Africa, and in some countries of Asia, there are genuine forms of ideological colonization taking place. And one of these – I will call it clearly by its name – is [the ideology of] gender?. Today children – children! – are taught in school that everyone can choose his or her sex. Why are they teaching this? Because the books are provided by the persons and institutions that give

¹⁵⁴ FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Santa Sé, 2016.

you money. These forms of ideological colonization are also supported by influential countries. And this [is] terrible!

In a conversation with Pope Benedict (...) he said to me: ‘Holiness, this is the age of sin against God the Creator’. God created man and woman; God created the world in a certain way... and we are doing the exact opposite. God gave us things in a “raw” state, so that we could shape a culture; and then with this culture, we are shaping things that bring us back to the “raw” state! Pope Benedict’s observation should make us think. “This is the age of sin against God the Creator”.¹⁵⁵

A “colonização ideológica” é uma marca central do novo tom do discurso contrário à ideologia de gênero encampado pelo Papa Francisco. Oriundo da América Latina, Bergoglio ressalta a influência e a presença, ainda hoje, da colonização no sul global. O seu discurso denuncia o financiamento de campanhas contrárias aos princípios católicos no campo do gênero e da sexualidade por organizações internacionais, além dos ricos países e empresas do norte global [sic]. Dessa forma, em uma contradição performativa, ele utiliza do discurso da descolonização para garantir a manutenção de padrões coloniais do gênero e da sexualidade nos países do sul. Isso reforça ainda mais a necessidade da compreensão do espaço não como uma ordem geográfica pré-ordenada e bem situada, o espaço é múltiplo e dinâmico.¹⁵⁶ Norte e sul são espaços muito mais complexos e menos rígidos do que supõe o pensamento de Bergoglio. Pensar a colonização como um dado predeterminado de uma respectiva localização geográfica é escamotear toda uma rede relacional que constitui as práticas coloniais em diferentes pontos do globo.

Já o Cardeal Robert Sarah, prefeito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos do Vaticano, oriundo da África e um dos maiores críticos do pontificado do Papa Francisco, ataca o gênero através de uma suposta “desintegração subjetivista” da família, que estaria diretamente relacionada a aceitação da homossexualidade. Em seu discurso no Sínodo Ordinário sobre a Família

¹⁵⁵ FRANCISCO. *Meeting with the Polish Bishops*. Address of his Holiness Pope Francis. Kraków, 27 July 2016.

¹⁵⁶ PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, Andreas. *Quem tem medo do espaço? Direito, Geografia e Justiça Espacial*. Rev. Fac. Direito UFMG, Belo Horizonte, n. 70, pp. 635 - 661, jan./jun. 2017.

em 2015, o Cardeal fala na existência de duas “bestas apocalípticas” representadas pela “ideologia de gênero” e pelo Islamic State of Iraq and Syria (ISIS):

A theological discernment enables us to see in our time two unexpected threats (almost like two “apocalyptic beasts”) located on opposite poles: on the one hand, the idolatry of Western freedom; on the other, Islamic fundamentalism: atheistic secularism versus religious fanaticism. To use a slogan, we find ourselves between “gender ideology and ISIS”. Islamic massacres and libertarian demands regularly contend for the front page of the newspapers. (Let us remember what happened last June 26!). From these two radicalizations arise the two major threats to the family: its subjectivist disintegration in the secularized West through quick and easy divorce, abortion, homosexual unions, euthanasia etc. (cf. Gender theory, the ‘Femen’, the LGBT lobby, IPPF [International Planned Parenthood Federation], ...). On the other hand, the pseudo-family of ideologized Islam which legitimizes polygamy, female subservience, sexual slavery, child marriage etc. (cf. Al Qaeda, Isis, Boko Haram, ...).

Several clues enable us to intuit the same demonic origin of these two movements. Unlike the Spirit of Truth that promotes communion in the distinction (perichoresis), these encourage confusion (homo-gamy) or subordination (poly-gamy). Furthermore, they demand a universal and totalitarian rule, are violently intolerant, destroyers of families, society and the Church, and are openly Christianophobic.¹⁵⁷

Sarah sugere que a “ideologia de gênero” estaria situada ao lado do apocalíptico e do demoníaco. Para Bracke e Paternotte, ao associar a “ideologia de gênero” com o ISIS em seu discurso “Sarah conjures one of the most powerful

¹⁵⁷ SARAH, Robert. Sínodo Ordinário sobre a Família, 2015.

signifiers of terror and terrorism currently available, in case his audience would fail to fully grasp the destructive power of ‘gender’, that is to say, its potential to destroy society, civilization, and humanity itself”¹⁵⁸. A justaposição da homossexualidade (ideologia de gênero) com a poligamia (ISIS) invocaria a imagem mítica da língua partida da serpente como dois grandes males contemporâneos da humanidade. Essa demonização do “outro” em seu duplo caráter teria o papel de permitir à Igreja se posicionar como divina e simultaneamente de acordo com a “lei natural” em contraposição aos dois diabólicos extremos.¹⁵⁹ Entre a homossexualidade e a poligamia, restaria a heterossexualidade monogâmica como o caminho do meio abençoado por Deus.

Na perspectiva de Bracke e Paternotte, o discurso da “ideologia de gênero” permite uma coerência entre dois pontos centrais da luta história do Vaticano: a rejeição aos direitos reprodutivos das mulheres e ao reconhecimento do direito à livre orientação sexual.¹⁶⁰ Por isso o ataque à “ideologia de gênero” seria tão fundamental para a política internacional da Santa Sé. O gênero enquanto uma categoria analítica permite a conexão entre diferentes tópicos como sexo, sexualidade, reprodução e formação da família, de forma a expor os elementos forcluídos de uma inteligibilidade social desses termos. Isso é o que gera forte temor ao Vaticano. Entretanto, também é essa potência conectiva do gênero que permite ao Vaticano reunir diferentes atores como as feministas, os ativistas LGBTQ’s e os pesquisadores de gênero sob um mesmo signo de inimigos da Igreja. Essa utilização tática do gênero leva Bracke e Paternotte à concluir que “‘gender ideology’ in other words, is caught in an inescapable bind: its rejection of gender remains premised upon, and ironically reaffirms, the conceptual linkages that gender as a category has established”¹⁶¹. Ou seja, ao negar o gênero através da “ideologia de gênero”, a Igreja estaria afirmando as mesmas premissas do gênero enquanto categoria analítica capaz de fazer confluir diferentes aspectos sociais ao reunir seus diferente inimigos.

Tanto Bergoglio quanto Sarah apresentam, em diferentes perspectivas, a centralidade do combate à “ideologia de gênero” para a perpetuação da Igreja e da ordem divina. Entretanto, não queremos cair numa espécie de raciocínio dedutivo de

¹⁵⁸ BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David. *Unpacking the Sin of Gender*. . Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016, p. 148.

¹⁵⁹ Ibid., p. 149.

¹⁶⁰ Ibid., p. 148.

¹⁶¹ Ibid., p. 148.

que as articulações antigênero e as resistências assumam um mesmo aspecto em qualquer lugar do globo. Analisar as vicissitudes de cada experiência localizada é fundamental para compreendermos uma complexa rede que guarda suas “singularidades espaciais”. Também não podemos cair no reducionismo de admitirmos apenas a Igreja Católica como articuladora da cruzada antigênero, apesar de reconhecermos seu protagonismo. Como nos lembra Bracke e Paternotte:

Anti-gender sentiments and resistance do not take a universal or global form and the specificity of the opposition to gender matters a great deal. In other words, the different streams that partake in a larger cultural and political critique to gender deserve their own situated analyses. Moreover, as we have already mentioned, the Catholic Church effectively plays a crucial role in the political mobilizations against gender, and more specifically in the invention of the concept of ‘gender ideology’ and its intellectual and theological moorings. In sum, while the resistance to gender in general and the development of ‘gender ideology’ in particular cannot be ascribed to the Catholic Church alone, the Church presents itself as a crucial protagonist.¹⁶²

Reconhecendo a importância da localização das lutas pelo espaço, iremos dedicar o próximo capítulo a pensar as singularidades, as conexões e as descontinuidades da luta antigênero e da resistência em Belo Horizonte. É um convite, em plena época do espaço, para uma viagem pelo espetáculo do gênero. Como nos diz Michael Foucault em *De espaços outros*:

A época atual seria talvez sobretudo a época do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo é experimentado, creio, menos como uma grande vida que se

¹⁶² Ibid., p. 146.

desenvolveria através do tempo, do que como uma rede que liga pontos e entrecruza seu emaranhado. Talvez seja possível afirmar que alguns dos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desenrolam entre os devotos descendentes do tempo e os aferrados habitantes do espaço. O estruturalismo, ou ao menos aquilo que é agrupado sob esse nome ligeiramente genérico, é o esforço para estabelecer, entre elementos que podem ter sido distribuídos através do tempo, um conjunto de relações que os faz aparecer como justapostos, opostos, implicados um pelo outro; em resumo, que os faz aparecer como uma espécie de configuração. E, na verdade, não se trata, desse modo, de negar o tempo, mas uma determinada maneira de tratar aquilo que é chamado de tempo e também de história.¹⁶³

Uma viagem não-linear pelo espaço-tempo que nos permita entrever a simultaneidade do espaço na existência contemporânea de uma multiplicidade de trajetórias sempre abertas ao acaso e ao indecível.¹⁶⁴ Uma localização aonde o “lá” e o “aqui” se confundem e são, em alguma medida, reversíveis. Sempre encontrando um limite de reversibilidade na impossibilidade do corpo de ser destituído de sua localidade. O que nos leva a concordar com Butler, quando ela afirma que “em certo sentido, o evento é enfaticamente local, uma vez que são justamente os corpos das pessoas lá presentes que estão em risco”¹⁶⁵. Mas um local que é sempre múltiplo. De modo que a localização em Belo Horizonte do próximo capítulo também é uma localização múltipla. Roma e Belo Horizonte, Belo Horizonte e Roma podem estar muito mais próximas do que a distância geográfica que as separam. Um espaço se abre agora nos encontros e desencontros do gênero, nas disputas ideológicas pelo seu regime de aparecimento em Belo Horizonte. O espetáculo do gênero continua. É hora de seguirmos para o segundo ato.

¹⁶³ FOUCAULT, Michel. *De espaços outros*. São Paulo: Estudos Avançados 27 (79), 2013, p. 113.

¹⁶⁴ PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, Andreas. *Quem tem medo do espaço? Direito, Geografia e Justiça Espacial*. Rev. Fac. Direito UFMG, Belo Horizonte, n. 70, jan./jun. 2017, p. 646.

¹⁶⁵ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 117.

2. TUPINIQUINS - A CENA LOCAL

Tupi or not tupi, that is the question.

Oswald de Andrade

A cena desse capítulo é inspirada no trabalho de campo realizado na cidade de Belo Horizonte entre os anos de 2017 e 2018. As personagens da nossa cena são baseadas em atores reais da pesquisa de campo. Seus nomes não são verdadeiros, mas suas falas foram integralmente preservadas. As entrevistas, com a identificação fictícia dos entrevistados, seguem transcritas ao final do trabalho. Se no primeiro capítulo dei voz a outras vozes através de documentos, neste, os trechos centrais são as vozes das nossas personagens através das entrevistas. Fé, dinheiro e desejo se entrecruzam de formas nenhum pouco previsíveis neste capítulo.¹⁶⁶ É hora de partir para mais uma viagem pelo *Espectáculo do Gênero*, agora em terras tupiniquins. Como no Manifesto Antropófago, nos propomos a pensar as singularidades do caso brasileiro dessa cruzada antigênero. Que as cortinas se abram para esse novo ato e que as nossas personagens se façam presentes.

2.1 FÉ CEGA, FACA AMOLADA

Nossa cidade-cenário é construída e disputada pelas personagens dessa cena. As ruas, as praças e a câmara municipal são locais de destaque deste capítulo. Ao longo de dois anos, percorri os caminhos do nosso cenário tentando apreender um pouco da disputa sobre a inteligibilidade do “gênero” em nossas terras. Percurso repleto de encontros e desencontros com personagens muito vivas e complexas. Elas desenhavam para mim as compreensões mais diversas e inesperadas sobre o gênero. Suas disputas me levaram, primeiramente, à Câmara de Vereadores, um lugar onde as personagens dessa disputa, contingencialmente, se encontravam. Assim como em outras cidades brasileiras, o “gênero” tornou-se pauta pública de primeira grandeza em Belo Horizonte, especialmente, a partir de 2015 com a discussão do Plano

¹⁶⁶ A forma de pensar este capítulo foi inspirada, particularmente, em dois trabalhos: PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Ambulare*. Belo Horizonte, PPGCOM UFMG, 2018; FRANZONI, Julia Ávila. *O direito & o direito: histórias da Izidora contadas por uma fabulação jurídico-espacial*. Belo Horizonte, Tese (doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

Municipal de Educação. Uma discussão permeada pelas questões da fé. Uma crença na ordem “divina-natural” do mundo que era altamente mobilizadora da ação.

Na câmara municipal, conheci o vereador-pastor ou pastor-vereador, mais propriamente uma espécie de “pastoreador”, chamado Paulo. Me diziam pelos corredores da câmara, sim, esses corredores falam muito. Tive que aprender a escutá-los ao longo da pesquisa. Enfim, escutei por esses corredores que Paulo era o grande articulador da cruzada contra a “ideologia de gênero”. Uma informação que não era difícil de deduzir observando sua atuação incisiva no plenário da Câmara. Paulo defendia com o vigor o Projeto de Lei do Escola Sem Partido.

Decidi naquele momento que se tinha que começar as entrevistas por alguém, seria por aquele sujeito. Um frio na barriga. Minha primeira entrevista. Mas tinha que seguir. Juntei a coragem que me restava e bati na porta do seu gabinete. Fui recebido por um simpático assessor e expliquei sobre minha pesquisa e sobre o interesse em realizar a entrevista. Ele encaminhou a minha solicitação para outro assessor e me ofereceu um copo d’água. Aceitei. Poucos minutos depois estava com pastoreador Paulo da Igreja Batista realizando a entrevista.

Paulo me recebeu de forma cortês e pediu que seu assessor de imprensa acompanhasse a entrevista. Logo de início, seu assessor me entregou algumas folhas impressas do site do ESP que explicavam suas ideias. Tendo em vista sua atuação pela aprovação do Projeto de Lei do ESP, começo indagando sobre o que o pastoreador entendia por direito à educação, ao que ele me respondeu:

Eu acredito que a educação é direito dos pais, acima até da escola. O Estado é parceiro dos pais ensinando. Você aprende educação é em casa. Lembra aquela expressão ‘menino mal-educado’? Isso é responsabilidade de quem? Antigamente havia uma frase nos para-choques de caminhão que diziam ‘eduque seu filhos, porque se não no futuro a polícia é que vai fazer’. Quem impõe limites às pessoas? A educação se aprende em casa, na escola se aprende conhecimento, se aprende desenvolver o ensino. É claro que ele vai aprender filosofia. Ele vai convivendo com outras pessoas, vai aprender o que é certo e errado, vai aprender a dividir as coisas. Eu vejo, por exemplo, na educação infantil, a criança de um ano diz ‘é meu, é meu’ e o

professor chega e vai ensinar a dividir, ou seja, o professor é parceiro da família. Agora quem vai dar educação é a família. Quando não há escola, por exemplo, numa roça, a criança recebe educação? Recebe. Quem vai dar educação são os pais, principalmente a educação moral que cria limites.¹⁶⁷

A ideia da função de controle e imposição de limites foi recorrente nas falas do pastoreador sobre a educação. Na sua visão esse seria um grande problema das sociedades contemporâneas, pois “quando não há essa educação todos sofrem, é o que a gente está vendo hoje, muitas crianças não tem limites”¹⁶⁸. Sua argumentação desenvolve para sustentar uma diferenciação entre conhecimentos científicos e especulativos. Afirmando que o dever da escola seria exclusivamente ministrar conhecimentos científicos que, na sua visão, seriam dotados de certeza. Nesse momento indaguei se esses conhecimentos tomados como científicos também não poderiam ser ideológicos e Paulo foi incisivo ao dizer:

Eu acredito que sim. Eu vou dar um exemplo para você. Eu tenho hoje comprovações científicas de que o mundo foi criado. Existe o criacionismo, mas não se ensina nas escolas. Olha para você ver que curioso. Existem provas científicas do criacionismo. Existem provas científicas do mundo antigo do Velho Testamento. Mas aí não se pode falar. Por que? Ah não, porque isso aí relembra a Bíblia. Olha que curioso. Agora nós só temos uma teoria que é o Darwinismo. Eu acredito que o Homem desenvolveu, que os animais passaram por desenvolvimento, mas não ofende a minha fé ou a minha crença de que o homem, cientificamente, veio como criação de Deus. Não tenho problema nenhum. O próprio mundo, a física, a matemática diz que existe uma força que segura ele, que força é essa? Para alguns é gravitacional. Mas se o cosmos está em movimento porque o buraco negro não nos engole? Não é curioso? O que eu penso é o seguinte: quando

¹⁶⁷ PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

¹⁶⁸ Ibid.

estamos no campo biológico a gente não pode brincar com ele. Você vai utilizar uma ideia de que o cigarro não faz mal, o álcool não faz mal, a droga não faz mal se há comprovação científica do contrário? Nós temos comprovações científicas de que o relacionamento homossexual faz mal a saúde. Agora a escolha é de cada um. Cada um faz o que quer. Eu não tenho problema nenhum com uma pessoa ser homossexual. O país é livre. A pessoa pode ter o comportamento que ela quiser. A pessoa pode ter duas esposas, três homens. O homem pode ter relação sexual com um animal pela nossa Constituição? Pode, desde que não cause maus tratos. O comportamento de cada pessoa cabe a cada um.¹⁶⁹

Nesse trecho podemos apreender como essa distinção entre científico e ideológico ou especulativo é empregada de forma pouco rigorosa para justificar visões de mundo anteriores que já constituem os sujeitos dos discursos. Para Paulo, como veremos, ideológico é ao mesmo tempo reconhecer igual dignidade às diferentes expressões de gênero e não reconhecer o caráter científico do criacionismo. O “científico” é aqui um elemento em disputa por padrões de veracidade exteriores ao próprio campo da ciência, mas próprios de um campo da retórica performativa. Uma retórica presente nas disputas políticas pelos regimes de inteligibilidade do mundo.¹⁷⁰

Essa resposta do pastoreador também nos diz muito sobre sua visão acerca da expressão dos desejos. Isso fica nítido quando, em seu discurso, Paulo coloca a homossexualidade próxima ao uso de drogas e à zoofilia. É como se ele colocasse em um mesmo pacote tudo aquilo que não é inteligível para uma determinada compreensão de mundo marcada pelos desígnios de uma certa apreensão da fé cristã. O pastor Davi, outro personagem dessa cena, também de denominação batista, tem uma visão muito distinta da de Paulo. Davi, fundador do movimento *Jesus Cura a Homofobia*¹⁷¹, ressaltou em sua entrevista, a centralidade do prazer para as questões

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ BUTLER, Judith. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.114.

¹⁷¹ O Movimento Jesus Cura a Homofobia surgiu de um grupo de cristãos em 2015 que decidiram se reunir na parada do orgulho LGBT em São Paulo levando uma faixa com os dizeres “Jesus Cura a Homofobia”. A proposta era uma nítida resposta aos defensores da “cura gay”. A manifestação de 2015

da fé, algo que nos ajuda a entender como o domínio da sexualidade pode ser instrumentalizado a serviço controle dos corpos:

Um professor uma vez me falou na sala de aula e isso é uma das coisas que me marcaram no curso: ‘um punhadinho de hormônio destrói um bando de teoria’. O poder disso é muito forte, por exemplo, a liberação sexual seria o fim de uma teologia conservadora. E não é de hoje. Você pega, por exemplo, o *Nome da Rosa*, em que a grande questão é a do riso, mas não é o riso, é o prazer. Prazer é uma afronta pra uma religião do sofrimento, uma religião do sacrifício.¹⁷²

Retornando a nossa conversa com o pastoreador Paulo, indago a respeito da sua visão sobre a relação entre Estado e religião, ao que ele responde:

O Estado pode entrar dentro dos princípios e moralidade da família? Ele não é laico? Se é laico ele não pode promover nem discriminar nenhuma religião. Eu escuto de muita gente que o Estado é laico, logo ateu. Não, não, não. O Estado não é ateu. Pelo contrário, ele não escolhe uma determinada religião. Como começa a Constituição? Sob a proteção de Deus. Como começa nossa Câmara Municipal? Sob a proteção de Deus. O nosso país nasceu cristão. A terra quando foi descoberta era a terra de Vera Cruz. A terra da cruz verdadeira. E foi sob esses princípios, inicialmente católicos, que se fundou o Estado brasileiro e que com o tempo os evangélicos e outras religiões lutaram para que o Estado fosse laico. O Estado não determina qual é a religião oficial, não existe religião oficial, o estado é isento, ele não promove, nem atrapalha as religiões. Agora o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que a criança deve desenvolver o espiritual. Portanto, o Estado

teve tanta repercussão que o teólogo José Barbosa Junior fundou o Movimento Jesus Cura a Homofobia que hoje conta com mais de quarenta voluntários por diferentes estados brasileiros.

¹⁷² DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

deve prover, inclusive dentro da escola, a oportunidade da criança desenvolver seu lado espiritual.¹⁷³

O pastoreador sustenta que deveria existir um para-turno no qual seria ofertado aos alunos disciplinas optativas relativas aos temas não científicos como os aspectos espirituais ou até mesmo [sic] sobre a “ideologia de gênero”. Os alunos poderiam escolher e os pais teriam que autorizar. Seriam ensinamentos que não fariam parte do currículo obrigatório, pois especulativos. Nesse momento, Paulo por iniciativa própria, coloca na discussão a questão do marxismo como ideologia. Ressaltando sua preocupação com a doutrinação das crianças que não teriam maturidade para discernir entre a opinião do professor e uma ordem:

Questão de ideologias marxistas são ensinamentos. Não tem como você comprovar se o marxismo é biologicamente comprovado ou não. Quando você chega na questão biológica, não é uma questão exata? Filosofia seria: vai estudar o marxismo, isso são ideias. No campo das ideias filosóficas pode-se discutir de tudo, mas quando você sai do campo filosófico e entra no corpo humano, quando você entra na psiquê da criança. Uma criança sabe discernir o que é uma opinião do que é uma ordem do professor? Uma criança sabe discernir realmente se que aquilo é apenas uma ideia do professor ou é uma verdade absoluta? Não é isso um receio?¹⁷⁴

Seu argumento sobre a doutrinação marxista em curso no Brasil continua ao longo da entrevista. Ele é a todo momento entremeado com a “ideologia de gênero”. Na sua visão, esta seria decorrente daquela, ou seja, a “ideologia de gênero” seria uma estratégia de manipulação marxista para dominar os movimentos feministas e LGBTs, como podemos observar:

Hoje isso é até interessante. Vou te fazer uma pergunta

¹⁷³ PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

¹⁷⁴ Ibid..

curiosa. Quantos que você conhece que pertencem e defendem a ideologia de gênero ou o movimento LGBT que são de direita? Não é uma coisa estranha? Será que esse movimento não está sendo utilizado por uma outra ideologia, marxista, como forma de manipulação, como forma de massa de manobra? A história mostra que o próprio Lenin dizia que existem idiotas úteis, que antes era o proletariado e agora usa-se o feminismo, o movimento LGBT, usa-se qualquer outro tipo de massa que se pudesse utilizar para que no fundo pudesse se alcançar a tomada do poder. Às vezes eu fico perguntando para as pessoas que são gays e lésbicas, quantos aqui são de direita? Raríssimos. Por que tem que conciliar uma coisa com a outra? Como se a direita fosse contra LGBTs, fosse preconceituosa. Será que é a esquerda que defende direitos humanos? A direita não? A direita quer matar todo mundo? Entendeu que coisa curiosa? Eu acho que é doutrinação. Veio desde muito tempo. Por décadas. Dentro das escolas e das universidades. Vem nos últimos 30 a 40 anos sem dúvida. Você está numa Universidade. Entra numa faculdade de Humanas e olhe os títulos e autores dos livros que o pessoal estuda. Quais são os liberais e quais são os conservadores? Faça você a pesquisa e irá descobrir que existe uma doutrinação político-partidária marxista no meio das faculdades. Isso é comum e ninguém vai dizer que é mentira. Você está dentro de um centro acadêmico, você sente isso. Eu fiz duas graduações, um curso de Direito na Milton Campos e um curso de Administração na Milton Paiva. Eu ainda fiz na Fundação Joao Pinheiro o curso de Gestão Social. Eu sei que é assim. O Brasil vem de um pêndulo. Quando eu era novo, eu era contra o que estava acontecendo na época dos militares. Eu nasci em 65, em 85 tinha 20anos, participei das diretas já, lutei pela democracia. Só que o negócio é o seguinte, o pêndulo foi para o outro extremo. Agora está começando a ter um pouco mais de equilíbrio. Porque agora há pessoas de

centro. A gente ouvia falar disso? A gente ouvia falar de esquerda. De que era preciso fazer a luta, vamos fazer a luta, a luta de classes, a luta do pobre contra o rico, a burguesia contra o carente, nós contra eles, o coxinha contra os mortadelas, os petralhas contra os tucanos. O país não foi dividido por isso? Nas últimas campanhas eleitorais massificaram o povo, nós contra eles. Criaram falácias para dividir o povo. Por exemplo dizer que cristão é homofóbico. Quem é que trouxe na nossa nação o direito da pessoa humana, o direito à vida? Os direitos humanos? Se não foi a cultura judaico-cristã? Hoje nós estamos vendo um louco [Kim Jong-un] querendo jogar bomba no mundo. Qual a ideologia dele? Marxista. Quantas pessoas morreram em todos os governos marxistas no mundo? Nós temos um vizinho demonstrando como se dá esse processo comunista. Partem de uma utopia ‘nós queremos direitos iguais para todos’ e no fundo queriam o poder para poucos. Angola, Venezuela, Cuba, Rússia, China são todos controlados por poucos. Eu falo para o pessoal que se diz de esquerda, apresenta um emenda, melhora o projeto. Eles são incapazes de fazer isso. Eles não querem aprovar projetos bons e interessantes para a cidade.¹⁷⁵

Sigo a entrevista perguntando o que o pastoreador entende especificamente por “ideologia de gênero”:

Ideologia de gênero hoje diz que menino não nasce menino e menina não nasce menina, que isso é uma construção social. Essa é a maior definição que existe. Só que nós só temos dois tipos de genes. Existem outros? Nós temos masculino e feminino. Cientificamente comprovado, existe outro? Não existe. Então como a gente vai ensinar crianças e adolescentes

¹⁷⁵ Ibid.

sobre um matéria que não existe comprovação científica? Ah, a gente vai fazer uma sala, quem quiser aprender, aprende. Quem não quiser, não aprende. Sem problemas. É liberdade. Não tem liberdade de aprender? Não tem liberdade de ensinar? Não é uma diretriz da nossa Constituição? O que o Escola Sem Partido quer? Que se respeite a lei. A lei é simples: o que o ECA fala, o que a Constituição Federal fala e a Convenção Americana de Direitos Humanos que o Brasil é signatário? A Convenção é clara, é direito dos pais dos alunos que receba educação religiosa e moral dos seus filhos conforme suas próprias convicções. Se é lei é difícil pedir que a lei seja cumprida? Você não precisa desconstruir a moral ou a compreensão de sexualidade de crianças e adolescentes para ensinar essa criança a ser tolerante. Olha que coisa simples. Você não precisa pegar ideias, pensamentos, filosofias, que não são comprovadas cientificamente para poder ensinar a criança a ser tolerante com o próximo.¹⁷⁶

Neste trecho podemos notar que o pastoreador utiliza de um discurso com várias facetas para explicar o seu entendimento acerca da “ideologia de gênero”. Não se trata de um discurso meramente raso ou simplista. Inicialmente ele emprega o argumento “biologizante”, revestido de um clamor científico, para recusar a discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas. Depois, reivindica o que entende pelo cumprimento da lei e o respeito ao direito dos pais à educarem seus filhos do ponto de vista moral e religioso. Mais facetas desse discurso aparecem na sua explicação sobre quando e como essa “ideologia de gênero” teria surgido:

Surgiu com o feminismo. Eles têm Simone de Beauvoir e uma outra, a Judith Butler. Que são filósofas do feminismo. O feminismo tem três gerações. Ele nasceu numa luta por direitos de gênero. Homem e mulher. Maravilha! Mulher tem direito a votar, mulher tem direito a estudar, a mostrar sua

¹⁷⁶ Ibid.

competência, tem a meritocracia. Corretamente. Quando eu entrei na faculdade de direito, era dividido em 50%, hoje temos mais mulheres. Temos mulheres no STF. Mulheres sabem mais do que é família do que um homem. No Bolsa Escola e no Bolsa Família se o cartão é entregue para o homem ele acaba dentro do boteco ou da boca de fumo, quando é dado para a mulher, ela compra comida e remédio. Eu acho excelente que tenhamos juizes, médicos, advogados, engenheiros, que sejam mulheres. A mulher tem muito para contribuir com a sociedade em questão de cuidado, respeito e carinho. Repara, hoje quem faz estupro? Quem faz a violência em geral é o homem e quem sofre é a mulher. Hoje em Minas Gerais entre os doze maiores crimes, dez caíram, dois cresceram, estupro de vulnerável e tentativa de estupro de vulnerável, por que isso vem crescendo? Eu tenho uma resposta. O aumento de pornografia nas escolas e na sociedade, o aumento do consumo de droga e álcool. Vai num baile funk. Com meninas de 12, 13, 14 anos, o que acontece, normalmente, depois que eles se drogam? Chega em comunidades em Venda Nova ou Barreiro ou chega em uma parada gay, em uma praça à noite depois da parada gay, olha a quantidade de camisinhas no chão. Será que a sociedade não pode questionar isso não? É preconceito falar sobre isso?¹⁷⁷

Notamos nesta fala uma compreensão, ao menos descritiva, do que seria o movimento feminista, falando de duas das suas grandes autoras e de sua classificação em ondas. Nesse momento, Paulo revela sua aparente concordância com os direitos iguais entre homens e mulheres, mas seu radical incômodo com o que seria a terceira onda do feminismo, ou o “feminismo de gênero”. A este feminismo ele associa a pornografia infantil, o consumo de drogas e os crimes como o estupro de vulneráveis, além do que ele entende por promiscuidade nas regiões periféricas de Belo Horizonte, nas paradas de orgulho LGBT e nos bailes funk. O argumento ainda continua:

¹⁷⁷ Ibid.

Agora nós estamos vivendo a terceira geração. Da Judith Butler e da Simone de Beauvoir. O que elas falam? A Simone de Beauvoir, primeiro, ela abusava de crianças, ela e o marido. Ela foi proibida de lecionar por causa de abuso. Ela assinou em 1977 um lei para poder soltar pedófilos. Ela queria aprovar a pedofilia na França. Ela fez parte do grupo de propagação do nazismo na França. Leia qualquer livro e você vai ver. E mais, ela diz que a mulher não nasce mulher, ela torna-se mulher. Então se ela não tornar mulher? Como é que fica? Aí vieram as ideologias por trás disso. No meu ponto de vista o que ela quis dizer foi o seguinte: a mulher não nasce mulher, ela se transforma em mulher, ela vem à puberdade, um dia ela tem relação com um homem, aí ela vira mulher, ela vira mãe, aí ela vira mulher, eu entendo assim. Mas viraram o negócio, pegaram uma ideologia e opa! A mulher não nasce mulher, torna-se mulher. Da mesma forma que o homem não nasce homem, é uma construção da sociedade. Essa mesma mulher disse que a criança de 11 anos é um ser sexual, esse é o feminismo que fundou a ideologia de gênero. As crianças têm o direito de desenvolver sua sexualidade. Eu obedeco a lei, sou democrático. Respeito o direito de todas as pessoas. As escolhas são de cada um. Agora por que não se pode respeitar o direito de outros que pensam diferente? Por que que tem que ser imposto em escolas públicas, que se dizem laicas, ideologias que não são comprovadas cientificamente e que são contrárias à crença e à moralidade de outras pessoas? A gente não pode respeitar a moralidade dos outros? [Nesse momento o vereador pega o livro “a ideologia de gênero na educação” da Marisa Lobo e me apresenta]¹⁷⁸ Essa mulher [Marisa] foi perseguida, porque criaram a pecha sobre ela de que ela faz a cura gay. Não. Ela simplesmente atende pessoas que têm

¹⁷⁸ LOBO. Marisa. *Ideologia de gênero na educação: como essa doutrinação está sendo introduzida nas escolas e o que pode ser feito para proteger as crianças e os pais*. Curitiba: independente, 2016.

disforia de gênero e a pessoa vai descobrir por si só o que quer da sua vida. A maioria das pessoas que passam por essa disforia, durante o processo acabam entendendo que o sexo delas é o biológico. Você já ouviu falar - e não ser apedrejado - se falar que é ex-gay? Não é uma coisa estranha? A pessoa pode ser ex-hétero, mas não pode ser ex-homossexual? Olha, saiu a pouco tempo um artista da televisão, o Ronaldo Ésper, o cara foi massacrado, porque deixou de ser gay. Pede-se respeito, mas não se respeita.¹⁷⁹

Nesse trecho fica nítida a tentativa de associação entre o que ele chama de terceira onda do feminismo com a pedofilia e com a erotização das crianças [sic]. Marisa Lobo, citada pelo pastoreador, é uma personagem importante na cena tupiniquim. Referência para Paulo e outros defensores do combate à “ideologia de gênero”, Marisa se auto intitula “psicóloga cristã” e tornou-se conhecida nacionalmente por sua incisiva defesa das “terapias de reorientação sexual”. Paulo também defende essas terapias e sustenta seus ataques à “ideologia de gênero” com os mesmos argumentos presentes nos discursos oficiais do ESP. Intrigado com essa relação e proximidade, pergunto quando e como ele teve contado com o ESP:

Eu comecei a assistir na televisão os debates e as audiências públicas do projeto ESP na Câmara Federal desde o ano passado. Por curiosidade. Num primeiro momento eu pensei que fosse um programa contrário aos religiosos. Gente quem tá falando de religião em lei? Eu não conheço nenhum projeto que fala de religião. Aí quando eu comecei a conhecer, vi que não era um projeto contra religião. Não é contra política partidária. Não é contra partido político. Não é contra a opção da pessoa ter a sua escolha ou identidade sexual. Não. Ele só quer que dentro de sala de aula os alunos possam ter lá [um cartaz] e o professor ver quais são os direitos dos alunos. A constituição prevê que estado e municípios zelem pela lei.

¹⁷⁹ PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

Como nós vamos permitir, legalmente dizendo, que uma ideologia que agride uma religião ou um padrão moral possa ser ensinada em uma escola que é laica?¹⁸⁰

O pastoreador ainda disse que nunca encontrou nenhum representante do ESP em Belo Horizonte. Ele afirmou que faz parte de um grupo do ESP-BH no WhatsApp, onde recebe vídeos, imagens e informações. No mais, o seu engajamento com o projeto do ESP seria por iniciativa própria e nunca teria sido procurado por qualquer representante do movimento. Isso contrariava minha expectativa inicial de uma forte articulação e coordenação da campanha antigênero em nível nacional. Tentando entender mais as formas de articulação desse movimento em Belo Horizonte fui procurar um pai que participava das manifestações pela aprovação do Projeto de Lei do Escola Sem Partido em Belo Horizonte.

Logo após uma das audiências públicas da Câmara para a discussão de projetos de lei correlatos ao tema do gênero, me dirigi a um dos pais que estava presente e havia se manifestado na audiência enquanto integrante do movimento ESP. O seu nome é João. Esse pai me recebeu cordialmente e aceitou participar da entrevista. Ele se declarou evangélico, pertencente à Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. Quando perguntei sobre sua forma de articulação em coletivo na campanha antigênero, ele me disse que o coletivo do qual participa formou-se na Conferência Nacional da Educação em 2014. Nesta Conferência, o coletivo do João perdeu várias das disputas por estarem em menor número:

Achei um desrespeito com os pais. Você tem na rede mais de cento e cinquenta mil pais, ou quase duzentos mil pais e você não vê essa representatividade na reunião. Então você vai lá, você tem uns cento e oitentas funcionários e setenta pais.¹⁸¹

Essas derrotas em 2014 fizeram com que o coletivo se organizasse de forma mais efetiva. Desde então se comunicam por WhatsApp e, raramente, fazem reuniões presenciais. No grupo do WhatsApp eles trocam vídeos e informações sobre casos de doutrinação que ocorrem nas escolas pelo Brasil [sic]. Quando indagado sobre o que

¹⁸⁰ Ibid.

¹⁸¹ JOÃO. Entrevista 3. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

entendia por ideologia de gênero, João respondeu:

Eu creio o seguinte, por exemplo, quando você abre a questão da Ideologia de Gênero, que a pessoa, igual o pessoal coloca, está no corpo errado. Por exemplo, eu vou dar margem para várias coisas. Eu no caso, por exemplo, sou negro, já pensou se eu achasse que eu estou no corpo errado e que eu devia ser branco? Agora você imagina a violência que eu estaria me fazendo psicologicamente e fisicamente se eu resolvesse mudar isso. Aí, a questão da anorexia seria também aceitável, porque a pessoa não aceita o peso que tem.¹⁸²

Intrigado com os motivos que levaram João a se dedicar de forma tão intensa para esse coletivo de pais a favor do ESP, perguntei se eles debatiam sobre o tema da “ideologia de gênero” na sua igreja, ao que ele me disse:

Não, não debatemos não. Porque isso é uma questão de que nós temos a Bíblia como regra de fé. Então a Bíblia ela nos orienta a respeito de tudo e nós já temos a orientação com relação a isso e como proceder. Então independente de igreja é a Bíblia que nos orienta disso aí. Independente de religião.¹⁸³

Toda a conversa com o João era uma convocatória à trama entre fé e ESP. Uma trama que para ele não fazia sentido algum. Mas, que era a todo momento revelada nas contradições internas às suas respostas. A luta por uma educação supostamente livre de doutrinação e a fé cristã se entrelaçavam na atuação de João pelo coletivo de pais. Como alertava o Davi, ao falar da cruzada antigênero em sua entrevista:

Essa luta toda dessas pessoas, elas estão ali como cruzados. Utilizando bem a figura das guerras das Cruzadas, é aquilo ali. Ele está ali para defender a fé, defender a sua família,

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ Ibid.

defender a sua filha de alguma coisa muito cruel que veio destruir todo mundo. Esse é o discurso vendido, esse discurso eles ouvem em nome de Deus. Então destruir esse discurso é muito complicado.¹⁸⁴

Tentei também entrevistar uma mãe que estava presente na audiência pública e fazia parte do coletivo de pais favoráveis ao Escola Sem Partido. Era a Abigail, sempre presente nas reuniões segurando seu cartaz contra a “ideologia de gênero”. Ela se recusou a conceder a entrevista. No meu caderno de campo registrei o seguinte:

Dona Abigail se negou a conceder entrevista. Alegou que por eu ser da UFMG teria uma visão doutrinada. Primeiro seria necessário que eu rompesse com a visão introjetada pelos meus professores. Todos da UFMG seriam doutrinados. Ela diz compor um grupo de mães conservadoras. Elas se organizam por WhatsApp. Alega que estudou em escola pública e passou em medicina na UFMG, o que hoje seria impossível em razão da doutrinação nessas escolas. Fala do Foro de São Paulo, de um projeto comunista e socialista que doutrinaría todos nós, um projeto internacional.¹⁸⁵

Após a recusa da Abigail, aproveitei a brecha antes da reunião plenária daquele dia e fui ao gabinete do vereador Isaque. Os dez primeiros dias úteis da Câmara de Vereadores são marcados por reuniões plenárias ordinárias na parte da tarde. Essas reuniões são necessariamente instauradas, mas se mantêm a depender do quórum dos vereadores presentes.

Isaque era considerado, pelos corredores da Câmara, um dos poucos representantes dos setores mais a esquerda da sociedade. Em seu gabinete fui muito bem recebido ao me apresentar como pesquisador da UFMG. Também me senti mais a vontade. Isaque me ofereceu café. Aceitei. E começamos logo a conversar. Descobri naquele momento que a fé, ironicamente, poderia se manifestar de várias formas e de

¹⁸⁴ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

¹⁸⁵ VIANA, Igor Campos. Caderno de campo da pesquisa *Espetáculo do Gênero*. Belo Horizonte, 2018.

todos os lados da disputa. O vereador admitiu que conhecia muito pouco do debate sobre gênero, mas que o apoiava:

Na verdade, pra ser franco, não consigo entender direito o que é ideologia de gênero. Gênero para mim é homem e mulher. Gênero. Agora orientação sexual é parte do gênero? Gênero trans? Gênero bi? Eu não entendo. Então eles pegaram nesse termo “ideologia de gênero” e estão dando uma amplitude nesse termo gênero pra poder justificar uma ação coercitiva com essa proposta de Escola Sem Partido. Mas o que que é gênero na verdade? Daqui a pouco, eu estava brincando lá embaixo, você não pode falar nem mais gênero alimentício. Então, eu não consigo fazer essa distinção. O que que é “ideologia de gênero”? É homem e mulher, agora a orientação sexual, trans, bi, lésbica, homossexualidade, isso faz parte de gênero? Se fizer, ótimo. Mas, eu não consigo, francamente. É que cada dia surge um, tem o queer, tem o intersexual. Então, não consigo.¹⁸⁶

Essa fala de Isaque denunciava algo que Matheus, representante da Frente Autônoma LGBT¹⁸⁷, destacava em sua entrevista realizada na Faculdade de Direito da UFMG. Ele falava da falta de inteligibilidade dos estudos e práticas de gênero que supostamente não seriam socializados de forma mais acessível [sic] com o restante da população que não está na Academia. A complexidade da abordagem dos estudos de gênero tornaria nossa disputa muito mais difícil. Na visão de Matheus:

Quando a gente faz esse movimento de não socializar o saber [dos estudos de gênero], permitimos que um grupo que entende o que a gente está falando crie uma outra narrativa em cima dele. Com uma outra linguagem que apela para a parte irracional das pessoas, a parte muito orientada pela fé, pela fé

¹⁸⁶ ISAQUE. Entrevista 4. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

¹⁸⁷ A Frente Autônoma LGBT de Belo Horizonte é uma organização informal criada em 2016 e que conecta ativistas e movimentos LGBTs da cidade.

incondicional e por valores morais que conformam o que é a sociedade brasileira. Valores que são muito mais inteligíveis do que essa teoria [de gênero]. E por isso a ‘ideologia de gênero’, essa aberração discursiva de que o gênero é uma ideologia que veio para mentir, matar e destruir. Uma ideologia do próprio Satanás que veio para destruir as famílias, que veio para tornar seu filho - seu bebezinho! - em “viado” promíscuo, num Pabllo Vittar. É muito mais inteligível do que a gente discutindo sobre as questões das violências que cercam a experiência do gênero ou como o gêneros se atrelam à sexualidade e por aí vai.¹⁸⁸

Voltando ao vereador Isaque. Entendo que seu posicionamento a favor dos debates de gênero se formava muito mais por uma percepção do campo de disputa do que pela própria questão do gênero. Isso apontava em direção à compreensão de que naquele momento a disputa já estava muito além da própria “ideologia de gênero”. Existia uma disputa em jogo por um projeto de Estado e de sociedade. A leitura que Isaque fazia era justamente essa. No campo contrário à “ideologia de gênero” estavam pessoas ligadas ao conservadorismo moral e ao liberalismo econômico. Portanto, ele só poderia estar do outro lado dessa disputa. Quando perguntei se o vereador percebia uma influência religiosa no debate, ele afirmou:

Sem dúvida nenhuma. Isso é uma questão de princípios de parte dos evangélicos reacionários, conservadores ou fundamentalistas que acham que o correto é homem, mulher, pai, mãe e filhos. Isso é que entendem como família. Além disso, é uma transgressão, é uma perversão, como eles falam. A homossexualidade, o lesbianismo, enfim. Isso tudo é uma perversão. Uma distorção da ciência, do conhecimento científico. Se Deus criou o mundo, ele criou o homem e a mulher. É esse o fundamentalismo evangélico e não só, os carismáticos católicos também. Nós tínhamos um vereador,

¹⁸⁸ MATHEUS. Entrevista 5. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

inclusive da esquerda, era carismático e era contrário à “ideologia de gênero”.¹⁸⁹

Essa fala do Isaque me fez perguntar por onde andava as personagens católicas na Câmara. No cenário internacional, a Igreja Católica apresentava-se como protagonista, mas o mesmo não era observado na cena tupiniquim. Pelo menos, não de forma aparente. Como já dito neste trabalho, a inteligibilidade católica constituiu o Estado brasileiro desde a sua formação, de modo que não precisariam atuar tão expressamente, pois sua visão de mundo já estaria presente de forma naturalizada nas próprias instituições. Ainda assim, cabe destacar que atuação da Igreja Católica na cena tupiniquim é muito distinta da sua atuação na cena internacional, especialmente, se pensarmos no caso europeu, onde ela é a instituição conservadora por excelência.

Em setembro de 2017 havia sido anunciada a criação da Frente Parlamentar Cristã na Câmara de Vereadores de Belo Horizonte. Essa frente reunia 27 parlamentares, cerca de 65% de toda câmara. O seu objetivo maior era lutar em defesa dos direitos e dos interesses da família cristã. Procurei o vereador Levi, assumidamente católico, para entender um pouco mais sobre essa articulação cristã.

Seu gabinete era repleto de imagens de santos, algo impossível de passar despercebido. Destacava-se uma grande imagem de Nossa Senhora Aparecida com um exuberante manto azul numa prateleira central da sua sala. Religião e política foram os temas centrais da nossa conversa. Quando o perguntei se o Escola Sem Partido tinha alguma relação com a Câmara, ele me respondeu algo muito interessante:

Tem, tem sim. Os próprios membros da bancada evangélica. Eu hoje faço parte da bancada cristã, porque sou católico né? Mas a própria bancada evangélica vem mesmo, pregar isso pra gente, pregar o Escola Sem Partido. E como eu disse, é um assunto polêmico. Na minha maneira de pensar, eu gostaria que as crianças fossem realmente puras e escolhessem isso dentro da sua evolução normal de cidadão, de ser humano, de adolescente, de jovem e se tornar adulto para que faça essa

¹⁸⁹ ISAQUE. Entrevista 4. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

escolha [identidade de gênero e orientação sexual] aí.¹⁹⁰

A fala de Levi remete, mais uma vez, para essa trama entre a fé e o Escola Sem Partido. O vereador identifica como representantes do ESP seus colegas vereadores da bancada evangélica que vão ao seu gabinete “pregar” as propostas daquele movimento. Não que aqueles vereadores sejam, de fato, representantes do ESP, mas na prática se configuram como tais. Resta observar como os termos “pregação” e a “doutrinação” são empregados em um mesmo cenário, mas com sentidos bem diversos. Prega-se o fim de uma “doutrinação” nas escolas, por menos lógico que o uso da palavra “pregação” possa sugerir nesse contexto. Pois, pregar, sim, como o martelo que bate no prego, seria um ato de doutrinação. Esse jogo entre “pregar” e parar de “doutrinar” ilustra bem a disputa em questão. Uma disputa alimentada por interesses políticos, mas nutrida de forma profunda pela fé das pessoas. Uma fé muito associada à necessidade do combate a um inimigo, seja ele a doutrinação marxista ou a ideologia de gênero.

O pastor Davi destacou, em sua entrevista, a importância da existência de um projeto político de poder de matriz neopentecostal no Brasil a partir dos anos 80. Esse projeto configurava sua base de atuação através de figuras antagônicas e do combate ao inimigo, contribuindo de forma decisiva para a consolidação da cruzada contra o gênero que vivemos hoje:

Principalmente a partir do anos oitenta veio um projeto político de governo dos neopentecostais e esse projeto necessitava de figuras antagônicas. Então, com a maior exposição e com o maior protagonismo da comunidade LGBT, eles viram nesse nicho a luta ideal para ser travada em nome de Deus. Porque se você estudar os argumentos que eles usam contra a comunidade LGBT, verá que eles nem fazem sentido. ‘Vão destruir a família’. A família continua, eles só vão ter o direito de também ser família. Não destrói em nada a família deles. ‘Querem transformar nossas crianças em gays’. Pelo o contrário, a comunidade LGBT sempre defendeu a total

¹⁹⁰ LEVI. Entrevista 6. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

liberdade de se ser o que é. Nenhum argumento deles é verdadeiro. Só que é um argumento que pega. Que é o argumento do inimigo. Isso tudo faz muito sentido nessa narrativa. O movimento Jesus Cura a Homofobia e outros sugerem que façamos esse contraponto por dentro.¹⁹¹

Para Davi, a “fé” é um elemento fundamental na compreensão da cruzada antigênero em curso no Brasil. Trata-se, em sua visão, da formação de um exército de fiéis que trabalham gratuitamente para combater um inimigo em nome de Deus. É um processo que utiliza-se da religião para o agenciamento de subjetividades em favor dos interesses de poder daqueles que aproveitam desse agenciamento. Não se trata de um interesse verdadeiro pela educação, mas, mais propriamente, do trabalho para o cumprimento da vontade de Deus:

A religião é algo muito interno, muito forte e o discurso religioso é um discurso covarde. Porque ele parte de premissas que são indiscutíveis, mas deveriam ser discutíveis. Uma coisa que sempre falo quando faço uma palestra, eu vi isso de um professor em um curso de teologia e nunca mais esqueci. Um líder religioso, de modo geral, ele tem um público que todo político sonha em ter, um público disposto a acreditar nele. Por exemplo, estou começando uma comunidade aqui em Santa Efigênia, tem um casal de amigos meus, lá de Venda Nova, que já falaram que vêm. Eles saem de Venda Nova pra minha comunidade no Santa Efigênia. Eles vêm dispostos a acreditar no que eu vou falar. Só tem uma coisa na religião, além disso, as pessoas não só vêm dispostas a acreditar no que você vai falar, como dispostas a acreditar que quem está falando é Deus. E não tem força maior do que isso. E um pastor que já está cooptado por esse sistema político e quer levar os seus fiéis - esse é o discurso - a defender a fé contra o ataque do diabo através da “ideologia de gênero”, por

¹⁹¹ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

exemplo, vai conseguir. A pessoa sai dali convicta de que aquilo que ela está fazendo não é por uma questão educacional, o que ela está fazendo é a vontade de Deus. Então isso é um negócio que a gente não consegue mensurar.¹⁹²

A família entra nessa disputa, na visão de Davi, como um dispositivo manipulado pelo discurso religioso para o controle da educação. A família seria como uma ramificação do poder dessas religiões, que se constituem como projetos políticos de ocupação do Estado, de modo a fazer presente o discurso e o interesse religioso mesmo nos locais mais longínquos. Há uma disputa pelo Estado em jogo. Quando perguntei ao Davi sobre a função da família no processo da educação, ele disse:

Usa-se a família como meio de interferência, acho que há um projeto muito maior por trás disso. Muitas famílias não percebem isso. Usam dessa instituição família na censura da educação. As pessoas repetem o que ouvem como se tivessem defendendo a família e não estão. A família deveria participar, mas essa participação deveria ser motivada pela educação e não por uma censura à educação ou por algum outro projeto como acontece. É engraçado que eu já tive essa experiência, funciona muito como manada, como a reunião de pais. Se você conversa com um por um, eles não sabem porque estão ali. Já fiz essa experiência em algumas manifestações do Escola Sem Partido e questões de gênero. Quando as pessoas estão juntas, estão gritando. Cheguei a uma pessoa e falei. O que você está fazendo? Qual é a sua luta? ‘Ah, sou contra a ideologia de gênero’. E o que é isso? ‘Não sei, eu sou contra’. Ela não sabe explicar. Mas há quem olha e fala: ‘as famílias estão preocupadas’. Elas nem sabem o que estão fazendo ali.¹⁹³

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ Ibid.

Instigado pelo artigo *A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo* de Ronaldo de Almeida que retrata a forte influência da Assembleia de Deus e da Igreja Universal dentro da Câmara de Deputados Federal, indago ao Davi sobre como ele observa a participação do evangelismo pentecostal na política através dessas duas denominações.¹⁹⁴ Quais seriam suas diferenças e suas singularidades:

A Universal é um caso a parte. Se fosse comparar a teologia da Igreja Universal, ela seria mais ou menos como uma facção romana. Roma dominava, e a facção continua fazendo o que ela faz desde que o dinheiro venha para cá. Eles não têm preocupação, porque eles não têm um censo de comunidade. Se você vai a uma Universal, o que você tem ali não é uma comunidade, você tem um ajuntamento de pessoas de pessoas individuais, cada uma buscando a sua benção. Não há senso de comunidade, as pessoas não se conhecem na Universal, não têm grupos de estudo. A Universal é um amontoado de gente que está correndo atrás da benção. É uma corrida, tipo a corrida do galo, que vem trinta mil pessoas, mas cada uma está querendo correr por si. Aí você diz. Olha a massa. Que massa é essa? As pessoas não se conhecem. Então, a Universal é uma coisa a parte. A Universal, por exemplo, tem um pessoal que defende o aborto. Ela não tem esses critérios muito estabelecidos. Eu conheço, por exemplo, lá no Rio de Janeiro, muitos travestis que frequentavam a Universal sem problema algum, nunca foram rechaçados. Já na Assembleia, essas igrejas mais tradicionais, não. Ainda mais depois que elas entraram nesses movimentos de projetos de poder. E é interessante, porque nesses projetos as narrativas são diferentes, por exemplo, os fluentes da Universal e os fluentes da Assembleia de Deus. Os fluentes da Universal dificilmente têm um discurso moralista, eles até vão juntar uma força e outra ali por causa da bancada. Mas, o discurso moralista

¹⁹⁴ ALMEIDA, Ronaldo. *A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo*. Cadernos Pagu (50), 2017.

usado é da Assembleia de Deus.¹⁹⁵

Entendendo o caráter fragmentário e múltiplo das matrizes religiosas cristãs que não podem ser reduzidas a uma onda conservadora homogênea, pergunto ao Davi como ele observa os movimentos progressistas dentro dessas matrizes. Ora, há uma disputa inclusive interna à elas, existem pessoas disputando suas religiões e que conformam um campo de luta contra o conservadorismo moral:

Então, a gente tem alguns movimentos católicos que têm tanto feministas, quanto pessoas de esquerda. Católicas pelo direito de decidir. Agora você tem um movimento de São Paulo, que começou ano passado, de evangélicos pela igualdade de gênero. É o equivalente ao das católicas pelo direito de decidir. Você tem a frente de evangélicos pelo o Estado de Direito que tem o gesto de lutar contra o golpe. Batendo no golpe, acaba batendo nesse sistema todo. Então, tem várias frentes se levantando, vários movimentos que estão se conectando nesse processo. Ainda são poucos, e o que é pior, não têm dinheiro. E aí que está a grande diferença, porque esses projetos de cá não têm investimento político. O que poderia ser repensando. Não como projeto de enriquecimento, mas como projeto da política investir nisso. Porque se a gente está aqui também, vamos dar visibilidade. Por exemplo, quem é que tem a mídia hoje? Só os movimentos fundamentalistas. Então, você pega um sábado de manhã e fica “zapiando” na televisão, são todos evangélicos fundamentalistas. Aí, falam: os evangélicos são todos fundamentalistas. E você diz que não, que tem uma boa parcela evangélica que não é. O pessoal: ué, mas cadê esse povo? Dá dinheiro pra gente, que a gente aparece. Paga o horário na televisão, só pra gente fazer o contraponto. A gente hoje tem algumas mídias alternativas, que dão voz, a Mídia Ninja. Hoje você já tem o Ariovaldo, o

¹⁹⁵ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

Henrique Vieira, eu estou para começar uma coluna na Mídia Ninja. Tem tempo que já está organizando tudo isso. A gente fala assim. Teve, por exemplo, um vídeo da minha fala na parada LGBT de São Paulo ano passado, teve quase dois milhões de visualizações, é muita coisa. Mas a gente ainda está falando de um país de duzentos milhões. Então a gente fica ‘nossa dois milhões’, isso é 1% e os outros 99%? Estão ouvindo Malafaia, estão ouvindo Feliciano, porque esses caras estão nas grandes mídias. Eu sou pra conseguir dois milhões de visualizações no vídeo na internet, esse cara me fala dez minutos na TV e já alcançou trinta milhões.¹⁹⁶

Pergunto também sobre as “alianças profanas” de católicos e evangélicos conservadores com os movimentos ditos liberais como o Movimento Brasil Livre (MBL). Uma trama complexa, a princípio contraditória, mas que na prática ocorre e consegue garantir seus objetivos. Nesse momento, Davi lembra espontaneamente de um caso do Bolsonaro, meses antes de sua eleição, algo que no momento daquela entrevista parecia muito improvável:

Aí é aquela velha história, nada nos une mais do que um inimigo em comum. É curioso você vê, ontem a gente estava fazendo uma “live” sobre Bolsonaro e eu citei isso. O Bolsonaro é católico. Mas Bolsonaro vai pra Israel com o Pastor Everaldo, na época da campanha do Everaldo, e se submete ao batismo evangélico lá, sem ser evangélico. Ou seja, se olhar de forma crítica, ali ele ofende as duas religiões. Ele pratica um batismo sem sentido no evangélico, porque ele não é evangélico e nega o batismo católico. No entanto, nem a Igreja Católica, nem as Evangélicas veem aquilo como um ato de ofensa. Porque têm nele um aliado. É interessante como essas questões que sempre dividiram a igreja, nesse momento elas somem. Então um evangélico que sempre mandou o

¹⁹⁶ Ibid.

católico para o inferno por ter as imagens, é capaz de estar com a imagem lá, como eu vi várias vezes, ao lado de católicos com a imagem, mas sem que aquilo o ofendesse. Eles vão sempre buscar apoio nisso. Também ocorre com esses movimentos liberais. Na verdade são muito mais espertos nisso, porque eles sozinhos não teriam forças. Eles ganham força com a religião. Porque é a chance da luta “divina” deles. Então o Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, ganha espaço nisso, aí você vai ver com quem o MBL está junto? Eduardo Cunha, Pastor Everaldo, vai se juntar a essa galera. O fundamentalismo e o liberalismo juntos é o que é estranho. Nesse momento, eles não se estranham. Se o liberalismo fosse liberalismo, seria antes fundamentalista. Isso pra eles não faz a menor diferença. Talvez isso fosse um alerta pra gente de esquerda, porque nessa hora eles se juntam e a gente está brigando, se matando, e eles estão nem aí. Liberais e fundamentalista, gente que quer intervenção militar e liberal. E é uma maluquice, ontem estava falando isso sobre o Bolsonaro e gente no mesmo argumento falando ‘eu voto no Bolsonaro, porque ele é militar e porque ele é liberal’. Então gente, decide. É bem complicado isso.¹⁹⁷

Essa cena nos fala, através das nossas personagens, sobre a fé como um elemento estruturante da cruzada antigênero. Mas somente a fé não é capaz de explicar essa trama do espetáculo do gênero. O dinheiro é um outro elemento fundamental. Como diz Richard Miskolci, existem os cruzados, guiados pela fé e dominados pelo medo, mas também existem os empreendedores morais que sabem o que estão fazendo e lucram financeira e politicamente com essa cruzada.¹⁹⁸ Sigamos nosso espetáculo, a trama é complexa e tem que continuar.

¹⁹⁷ Ibid.

¹⁹⁸ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 11.

2.2 A SANTA DO CAPITAL

Os corredores da Câmara também me levaram à vereadora Joana. Conhecida como uma das vereadoras mais combativas daquele espaço, Joana se posicionava incisivamente contra os projetos do ESP e qualquer outro que dispusesse sobre alguma censura ao debate de gênero. Sua agenda, repleta de compromissos, dificultou a realização da entrevista de imediato, mas, após alguma insistência, consegui agendar um horário com a vereadora. O seu gabinete já chamava a atenção pelas cores vivas dos cartazes espalhados por todos os lugares e pela quase ausência de divisórias no espaço. Joana me recebeu com alegria, já ressaltando a importância do tema da entrevista, que considerava um ponto central na atuação do seu mandato. A questão econômica assumiu um lugar de relevo em nossa conversa desde o princípio. Quando indaguei sobre os atores da campanha antigênero, Joana foi enfática ao afirmar:

São antes de tudo grupos econômicos, porque aqui na Câmara a gente vê a defesa alucinada contra ideologia de gênero. Vem de pastores que têm comportamento de facção fundamentalista e eles têm negócios operados por suas igrejas, têm casa de acolhimento na política social, têm comunidade terapêutica, têm escolas, eles têm toda uma rede de mercado que movimenta muito dinheiro e interessa pra eles controlar esse nicho criando tendência, criando uma clientela. Como que eles vão manter um negócio de uma comunidade terapêutica? Fazendo uma linha moralista na questão das drogas. Como que eles vão controlar uma clientela nas escolas e nesses espaços assistenciais? Domesticando as pessoas e as instituições que mantem esses espaços, as pessoas que usam estes espaços. Como eles vão justificar que haja investimento nesse tipo de serviço pelo Poder Público, porque boa parte destas instituições são mantidas em parceria com recursos públicos. Então, eles precisam de um repertório que dê justificção pra esses negócios. Eu acho que vem daí primeiramente, e eles são moralistas, dizem que estão em defesa da família. Só que o tipo de família que eles concebem

como válido, não é qualquer família. Eles dizem que são em defesa das crianças, contra a pedofilia, mas são absolutamente discricionários e omissos em debates sobre a violência machista, não fazem uma reflexão mais ampla de como isso afetas as mulheres, as crianças, os homens e todo mundo. Eles ficam reportando de um jeito que não é sério, eles não querem enfrentar mesmo estes problemas. Porque eles não estão interessados nesses problemas, eu acho. Eles têm outras coisas que pesam muito mais. Então, eu acho que são grupo religiosos fundamentalistas, mas eles são antes de tudo agentes de mercado.¹⁹⁹

Instigado por essa conexão entre fundamentalismo e mercado, perguntei a Joana como ela observava, mais especificamente, a questão da “ideologia de gênero” e sua ligação com o espaço escolar. Essa ligação era um motivo de reflexão para mim. Por que o campo da educação e não outro? Por que não começaram pelo campo da saúde e seu “processo transsexualizador” garantido pelo sistema público? Não. O campo central da disputa dessa trama era a educação. Joana disse o seguinte acerca dessas inquietações:

Gênero não é uma ideologia. Na realidade, gênero é um sistema de relações. É uma produção crítica de conhecimento, portanto não ideológica. Gênero é como nós convivemos socialmente a partir das nossas representações, que são desiguais e hierárquicas sobre as diferenças sexuais. É como nós apreendemos as diferenças sexuais dos valores que nós damos e isso condiciona o nosso acesso aos recursos e ao poder simbólico material. Gênero é identificado assim como um sistema de relações, porque há uma produção de conhecimento crítica que desvendou e deu visibilidade pra isso. Quando a gente faz o debate de gênero com um perspectiva feminista, decolonial, antirracista, anticapitalista a

¹⁹⁹ JOANA. Entrevista 7. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

gente enfrenta estruturas de opressão e isso incomoda os poderes estabelecidos e é daí que vem a reação para desqualificar o debate sobre gênero querendo taxá-lo como ideológico. Para mim, ideologia é sempre dominação, é um manipulação de informação, de fatos pra favorecer privilégios, favorecer que alguns grupos prevaleçam sobre outros. Então, capitalismo é uma ideologia, patriarcado é uma ideologia, racismo é uma ideologia e são sistemas econômicos e culturais também. Aí quando atribuí a discussão de gênero a peste de ideológica, na realidade estão querendo minar a potência transformadora dessa reflexão e das ações movidas numa pegada não patriarcal e eu acho que eles fazem isso, esses grupos conservadores e fundamentalista, porque eles reconhecem a ameaça para os seus interesses que essa reflexão crítica pode trazer e não é atoa que eles vão justo à politica educacional. Eles vão direto na educação, porque eles querem controlar conteúdo e também como as pessoas se relacionam no ambiente escolar e isso conectado com vida religiosa, familiar, comunitária. Então, cerceando o debate na escola, isso tem um efeito que retroalimenta as opressões em todos os outros espaços. Agora, o desastre para eles é que o debate de gênero é incontrolável, eles podem incentivar denúncias, criar um clima de terror, manipular as coisas e querer fazer uma censura na escola, mas a molecada discute isso para além da escola, porque a educação realmente não se reduz somente a escola, os meninos conversam entre si, no Instagram, no WhatsApp. Têm uma vida infinita, pra além desse ambiente regulado da escola. A escola convencional, muitas vezes é autoritária, então, eles desesperadamente tentam colonizar onde dá. Agora, ficam fazendo esse debate da liberdade de expressão, da pedofilia nas obra de arte, que é um extensão dessa estratégia de implementar a tal da ideologia de

gênero.²⁰⁰

A cultura do medo foi outro ponto recorrente em nossa conversa. Pergunto à vereadora como ela compreende essa arquitetura da utilização do medo para os fins econômicos, ou seja, para atender o interesse financeiro do empreendedores morais:

Esses grupos liberais agenciam isso internacionalmente. Eu nem diria grupos liberais, porque eu não os considero liberais. Eles são ultraliberais ou fascista, eles são autoritários. Acho que tem uma associação financeira global desses interesses. Como se mantem o mercado global de drogas? Com uma política proibicionista. Com tanta gente lucrando fortunas em cima da proibição, às custas do sofrimento, da matança dos trabalhadores de ponta desse mercado que a gente vê no Brasil e na América Latina. Eles mantêm com uma política cultural criando um inimigo público: as drogas. E moralizando, criando um apelo que intimide as pessoas. Que faça com que elas tenham pânico das drogas. Ideologia de gênero é a mesma arquitetura de dominação. Então o MBL, essas milícias programadas, fazem isso muito bem. Eles distorcem informações, eles proliferam correntes pra ativar esse medo das pessoas, eles fazem apelos por armas, está tudo associado. Ideologia de gênero está associada a este modelo proibicionista de drogas, que está associado ao debate armamentista. Esse apelo que os fascista têm feito cada vez mais, por mais truculência, mais repressão. Eu vejo como facetas de um mesmo processo autoritário, conservador que a gente vive no mundo todo e que nosso país está avançando com uma força surpreendente. A gente não sabe o tanto que isso tem de adesão na população, no imaginário popular, mas é real que estes grupos estão se apresentando muito mais, estão mais visíveis, estão mais agressivos. E esse avanço

²⁰⁰ Ibid.

galopante é muito preocupante e isso vai chegando nas pessoas. Às vezes, eles não tivessem tanta adesão em outro momento, mas acho que cada vez mais eles estão chegando. Não é que as pessoas não têm pensamento crítico, analisam, mas a cultura do medo é muito poderosa.²⁰¹

As diversas referências ao MBL ao longo das entrevistas me fizeram procurar diretamente o movimento e agendar uma entrevista com o seu coordenador na cidade, o jovem Efrain. Nossa conversa ocorreu em um café nas redondezas de um bairro da zona sul da capital. Logo quando o indaguei sobre a possibilidade da existência de financiamento internacional das pautas de luta do MBL, Efrain foi enfático em negá-las e disse:

Nunca vi. Eu queria, eu queria, sei lá, o dinheiro do Vaticano. O Vaticano podia pagar. Já que é um assunto que toca os religiosos, o Vaticano podia transferir o dinheiro para minha conta, alguns milhões para eu lutar contra a ideologia de gênero. Eu ia ficar feliz demais. Só que nunca veio nada, mesmo. E é por isso mesmo que acaba que o nosso foco nem é ideologia de gênero, o nosso foco é responsabilidade com o dinheiro público. Acaba aparecendo mais esse debate sobre ideologia de gênero sabe por quê? Ele é extremamente midiático. Então, o que acontece, a imprensa não vai falar de um debate sobre a concessão pública do fornecimento de material de obra, não vai falar sobre um debate a respeito das obras públicas, não vai falar dos tribunais de contas, isso é desinteressante. O pessoal fala do Tribunal de Contas na época do impeachment, só. Mas para falar de gênero, que tem uns travestis brigando com os religiosos na Câmara, o pessoal se dando porrada, a imprensa adora. Então essa palhaçada acaba aparecendo mais na mídia do que qualquer outra coisa

²⁰¹ Ibid.

que seja até mais importante.²⁰²

O desinteresse ou mesmo a repulsa de Efrain pelo debate sobre gênero era notório ao longo de toda a entrevista. Sempre se referia ao debate como algo menor, menos importante diante às grandes preocupações de política econômica do MBL. Essa pauta tornava-se interessante para ele somente na medida em que colocava em discussão a questão tributária. O ponto central seria: com o quê se gasta o dinheiro dos contribuintes? Na visão de Efrain, esse dinheiro não poderia ser gasto com ensinamentos contrários aos interesses dos pais que custeiam a educação. Esse seria seu maior interesse e também do MBL no debate:

Eu não tenho formação nenhuma na área de estudos de gênero, nem biologia, então realmente eu não entendo nada desse assunto. Sou a pessoa menos qualificada no mundo para opinar sobre a ideologia de gênero. Estou falando a verdade. Se existem tantos gêneros, se não existem, eu não sei. Realmente, não é um assunto que seja interessante para mim, ou que me caiba. O assunto começa a se tornar do meu interesse no momento em que ele é usado como instrumento político. Por exemplo, grupos de interesses organizados usam esse assunto da ideologia de gênero, do ensino do gênero, ou do não sei o que, pra conseguir verba para um projeto, ou para ensinar a matéria deles. Ao invés das matérias convencionais na escola. Coloca uma matéria na escola que, de certa forma, vá de encontro com uma parte das crenças da população, que é quem paga imposto, quem está custeando isso. Então a coisa se torna interessante pra mim no momento que vai para a esfera política. Enquanto tem algum técnico falando da ideologia de gênero, do décimo oitavo gênero, ou qualquer coisa, eu falo: ‘tá o técnico falando disso lá nos infernos dele, eu estou bem aqui’. (...) A gente prioritariamente é a favor de responsabilidade com o dinheiro público, total liberalismo nas

²⁰² EFRAIN. Entrevista 8. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

relações privadas, entre as pessoas e etc. Esse é a base do liberalismo e é a base do nosso movimento, só que aí tem uma questão, uso do dinheiro público para ensinar algo que as pessoas em geral não concordam. Aí a gente acaba ficando contra, que é a questão da responsabilidade e é a questão que o dinheiro do imposto é um dinheiro que é retirado a força da população pra ser usado em alguma coisa que a população discorda. Eu acho que isso é muito complicado. Em geral a gente é a favor do enxugamento máximo possível dos gastos e concentrá-los nas áreas essenciais. Por exemplo, é necessário uma melhora na educação? Precisamos ver aonde deve ser investido o dinheiro, como deve ser investido, porque não adianta aumentar o recurso da escola pública sendo que é um balde furado. A gente vai para uma linha desse tipo, a ideia de ensinar gênero, ensinar sei lá, arte abstrata, não sei, algo muito diferente no currículo convencional, muito diferente daquilo que é cobrado no mercado de trabalho, acaba indo um pouco na contramão daquilo que a gente acredita.²⁰³

Ainda assim, insisto no estranhamento da aliança entre liberais e fundamentalista religiosos no combate à “ideologia de gênero”. Por mais que o objetivo que mova o MBL nessa disputa seja de ordem tributária, como pensar que um movimento que se diz liberal pode se aliar a uma disputa que no limite é contrária à própria liberdade de investigação da ciência? Ao que Efrain responde:

A imagem é horrível. De uma lado você tem lá o pessoal do gênero, com a bandeira vermelha do comunismo, travesti, está o pessoal enfiando o crucifixo no orifício, não sei o quê... e do outro lado você tem uma galera com a cruz na mão, louca de raiva, espumando e o pessoal com a farda. Eu particularmente fico até desconfortável perto desse pessoal que quer intervenção militar, esse pessoal é louco? Não, pelo amor de

²⁰³ Ibid.

Deus, isso é muita maluquice. Mas a questão é a seguinte, no momento esse pessoal aí que usa farda, que fica espumando de raiva, está defendendo que a escola não seja utilizada com interesse próprio de alguns grupos minoritários e que ela seja utilizada no interesse educacional. Tudo bem. No momento em que eles forem propor alguma coisa, eu provavelmente vou ficar contra também, porque eles vão vim com: ‘vamos militarizar a escola, vamos botar as crianças para cantar o hino’. Uma merda dessas. Vão aparecer com essa história, e isso pra mim é tão absurdo quanto ficar ensinando gênero. Pra mim a escola pública em si já é um problema, já é complicado, porque naquilo é usado o dinheiro de toda a população para favorecer interesses particulares, acabam sendo interesses particulares. Então esse negócio de imposto é muito complicado, essa é a realidade.²⁰⁴

Nesse mesmo contexto, indago mais especificamente sobre a aliança do MBL com os setores religiosos conservadores da sociedade:

Nós temos um diálogo legal e saudável com esse pessoal. Porque tem muita gente desses movimentos religiosos que está lá com o objetivo de defender as suas ideias, defender a educação, vai ao debate com um intuito mais pacífico, com um intuito de debater. Esses grupos que vão lá com a farda dos milicos e tal, são muito minoritários, são cinco pessoas num universo de trezentas. Então, a maioria tem interesse nesse debate, comparece em audiências públicas e etc. E aquilo, existe essa parceria, a gente tem uma causa de certa forma comum e a gente caminha junto. O ponto comum é que a gente é no MBL, a gente é contra o uso das instituições públicas para esses fins particulares, com esses fins de grupos de interesses, certo? Eles são contra o uso da instituição

²⁰⁴ Ibid.

pública pro fim do ensino da ideologia de gênero, porque eles acham que perturba a família, que é coisa do demônio. Eles têm lá a sua visão. Aí a gente acaba convergindo nesse ponto. Acaba tendo até um intercâmbio legal de conversa e a gente entende mais da moralidade deles, porque eles são contra e não sei o quê... eles entendem mais da nossa parte, a primazia pela a responsabilidade no recurso público. Aí acaba sendo uma convivência até saudável, quando não tem ninguém berrando que Jesus vai queimar gay, quando não tem ninguém ameaçando bater nos outros, quando não tem, sei lá, o pessoal da ideologia de gênero querendo bater na gente... é tudo legal, é tudo bacana.²⁰⁵

Pergunto se os integrantes desses grupos religiosos também participam dos grupos do MBL e dos encontros promovidos:

Sim, tem muitos pais que participam e que estão mais no MBL para defender essas pautas morais. Questão da segurança, por exemplo, que é muito importante para muitas pessoas, em geral, essas pessoas nem se preocupam muito com a área econômica, sabe? Elas não se preocupam muito com a redução de impostos, redução de burocracia, o fechamento de todos os cartórios que é uma coisa que eu adoraria ver.²⁰⁶

Continuo a conversa perguntando sobre suas formas de organização e mobilização das pessoas:

Em geral é no WhatsApp, tem vários grupos tipo Escola Sem Partido BH não sei o quê... grupo do MBL mesmo, vai ter uma audiência, alguém chama no grupo. Aí vai o pessoal na audiência, é bem legal isso. E também tem a articulação em

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ Ibid.

reuniões presenciais. As vezes a gente vai encontrar com algum líder de um movimento religioso, vai na Câmara conversar com os vereadores envolvidos no processo e acaba acontecendo isso.²⁰⁷

Intrigado com o potencial de mobilização da pauta da “ideologia de gênero”, também questiono Efrain sobre os motivos dessa ser uma pauta com grande capacidade de aglutinação, ao que ele me responde:

Difícil dizer, tem outras pautas que acabam mobilizando muito também. A pauta de segurança mobiliza legal, mobiliza pra caramba. Pauta de redução da burocracia, redução do custo de Estado, infelizmente é uma que não mobiliza tanto. É por causa da questão de interesse. Você lutar contra a ideologia de gênero e tal, você elege um inimigo, você mostra para as pessoas que lá eles vão ensinar para os seus filhos que é bonito menino cortar o piru e não sei o quê... é uma narrativa muito fácil, é uma boa narrativa para você contar.²⁰⁸

Nesse momento, interrompo Efrain e pergunto se ele entende que essa seria uma narrativa que corresponderia ao que acontece nas escolas brasileiras:

Olha, eu não sei se ela é perfeitamente verdadeira, porque, inclusive, a gente não faz essa narrativa. Você vai ver na página do MBL que não tem ninguém falando que vai cortar o piru, e não sei o quê... A gente vai mesmo nessa parte da responsabilidade, a gente vai nisso. Só que a gente sabe que tem os grupos que caminham com a gente e que eles vão numa narrativa mais sensacionalista mesmo. Falam que vai ensinar os meninos a beijar homem com cinco anos de idade e não sei o quê... Eu não sei como é isso, eu já vi coisas na internet, vídeos de aulas de professores ensinando a colocar a

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ Ibid.

camisinha, como bota, umas coisas muito esquisitas assim... bem absurdas, que eu sou contra, mas é aquilo, eu não sei se a ideologia de gênero, se a ciência de gênero é isso. Pra mim não tem nenhuma ciência que se construa com base em ensinar crianças a colocar camisinha com a boca, isso não é ciência, isso é bagunça. A professora lá devia ser processada e ponto final. Mas atacar um campo científico por causa de um caso desse eu também acho que é leviano e idiota. Acaba sendo essa a questão.²⁰⁹

Voltando à Câmara, o pastoreador Paulo também nos disse algumas coisas sobre o poder do capital nessa cruzada contra o gênero. Na sua visão os LGBTs de Belo Horizonte já receberiam muito dinheiro de políticas públicas, sendo, em alguma medida, já amparados pelo orçamento do município. Ele conta, com euforia, sobre como demonstrou na votação do Conselho Municipal LGBT que essa população já recebia muito dinheiro público:

Eu tenho vídeos do dia que a gente foi votar o Conselho Municipal LGBT. Eu não fui contra, eu simplesmente provei que os LGBTs têm em Belo Horizonte mais de um milhão e duzentos mil reais para programas LGBTs. Eles têm uma segunda gerência, uma terceira gerência, uma coordenadora, um programa BH Sem Homofobia, eles têm muito. Agora eu te pergunto, nós temos em BH 26 mil pessoas com deficiência auditiva, cadê o conselho deles? Nós temos hoje quase 6 mil pessoas vivendo nas ruas. Quantos LGBTs morreram em BH no último ano? Muitos. Eu pergunto quantos? Não falam. Essa semana teve um morto em casa pelo parceiro. Crime passionai. Aí disseram mais uma vez, ‘morre um transexual’. Ué? Como se fosse por ele ser transexual que morreu. Não é. Foi um crime de amor. Amor entre duas pessoas.²¹⁰

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

Visando entender melhor essa articulação entre o capital e a campanha antigênero, procurei o vereador Thiago, conhecido pelos corredores como um forte representante do liberalismo dentro da Câmara. Anoto no meu caderno de campo algumas pontos que observei ao longo da espera para a entrevista, já no interior do gabinete do vereador:

É a segunda vez que venho ao seu gabinete para tentar realizar a entrevista. Fui bem recebido. O vereador está discutindo o plano nacional da educação com o seu assessor. O seu gabinete não tem divisórias. Escuto tudo sentado na cadeira disposta na entrada. Um assessor me pediu para também gravarem a entrevista em áudio e imagem. Concordei. Os seus assessores passam o tema da reunião plenária de logo mais ao vereador. A secretária está assistindo ao julgamento do Lula no STJ pelo computador. De repente ela solta ‘hoje o Lula vai se ferrar’. Iniciamos uma conversa cordial sobre o julgamento que é brevemente interrompida por seu assessor me convidando a sentar em uma mesa no centro da sala para iniciarmos a entrevista.²¹¹

Começamos a conversar e logo pergunto ao vereador sobre sua posição em relação ao debate sobre a “ideologia de gênero”:

A esquerda progressista fica aborrecida comigo porque eu também acho que a gente não deve discutir ideologia de gênero. Eu acho que aí nós temos uma invasão cultural perigosa. Minha concepção é de que nós devemos também fazer uma exposição dos fatos. E os fatos são: nós vivemos hoje uma sociedade plural em termos de identidade individual, de identificação individual de gênero e as pessoas têm que ser respeitadas pela vida que elas levam. Independente de juízo moral de qualquer outra espécie das outras pessoas. O que

²¹¹ VIANA, Igor Campos. Caderno de campo da pesquisa *Espetáculo do Gênero*. Belo Horizonte, 2017.

vale para religião também, ou seja, do mesmo jeito que eu não devo ser julgado por ser gay, ou por ser lésbica, ou por ser trans, eu também não devo ser julgado por ser evangélico, por ser católico ou por ser espírita. Pra mim, o que a escola tem que fazer nessa hora é ensinar para as pessoas, isso é importante, formar as pessoas, para que elas entendam que o mundo é um espaço de convívio e que elas não devem pretender impor as suas escolhas para os demais. O que não significa que a gente deva transformar a escola em um espaço de doutrinação a respeito desse conteúdo. Eles fazem a mesma coisa tanto os religiosos quanto a esquerda progressista. Eles querem a mesma coisa, cada um quer implantar a sua ideologia dentro da sala de aula.²¹²

Intrigado com sua resposta que no primeiro momento me parecia muito contraditória, pois se posicionava contra o debate de gênero ao mesmo tempo que exigia respeito às diversas expressões de gênero, insisto na pergunta. Queria entender o que, afinal, o vereador Thiago entendia por “ideologia de gênero”:

Identidade de gênero é esse direito de ser reconhecido pela a sua sexualidade sem que você sofra nenhum tipo de retaliação ou diminuição, ou perseguição, ou preconceito por conta disso. Mas a ideologia de gênero é a ideia de que devo pegar esses perfis de gênero e apresentar para as pessoas e falar: ‘olha todos eles são bons, todos eles são ótimos, todos eles são naturais, você pode escolher qualquer um’. Eu particularmente sou um sujeito de postura mais liberal em costumes, o que significa que pra mim não faz nenhuma diferença se a pessoa é gay, se a pessoa é lésbica, se é trans. (...) Do mesmo jeito que eu tenho que respeitar uma pessoa que é trans, eu tenho que respeitar uma pessoa que é evangélica e que não quer

²¹² THIAGO. Entrevista 9. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

expor o seu filho naquele momento da vida dele a alternativa como se fosse uma possibilidade natural que para ele não é.²¹³

A entrevista com Thiago foi marcada por sua compreensão do liberalismo, segundo a qual a primazia nas escolhas sobre a educação dos filhos seria sempre dos pais. Ainda buscando entender melhor essa relação entre dinheiro, fiéis e liberalismo, procurei o pastor Davi para saber mais de sua visão sobre o financiamento da campanha antigênero:

Eu acho que tem a ver com aspecto político, principalmente, dos movimentos liberais que se usam desse discurso. Essa galera está sendo financiada por alguém bem forte, não acho que esse dinheiro parte das igrejas, mas muitas igrejas também estão apoiando isso. Acho que eles encontram nas igrejas polos de proliferação, mas que tem gente de fora injetando dinheiro, tem. Mas aí é uma questão muito mais política do que religiosa. Eu não vejo muito dinheiro da religião sendo dado para isso, acho que é o contrário. A religião nesse caso é a mão de obra. E é mão de obra barata. Aí eles podem trocar o dinheiro todo por mídia, por aquilo tudo que interessa. A mão de obra está ali, porque o pessoal faz com senso de missão e isso é bem interessante. A cruzada é uma missão e você não paga a missão. Ninguém ganha dinheiro com isso. Essa galera lota ruas e tudo mais por missão, se eu faço isso pra Deus, eu não preciso receber dinheiro. A recompensa é alguma benção que vai vim, sabe-se lá como e quando. Então esse pessoal percebeu isso, a mão de obra ideal. Porque a mão de obra além de ser de graça, ela é uma mão de obra ciente da missão. É mais do que militância, é missão divina.²¹⁴

Uma missão divina alimentada pelo medo e pela culpa. Fé e dinheiro se encontram na interdição do desejo como forma de manutenção de uma suposta ordem

²¹³ Ibid.

²¹⁴ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

sublime do mundo e de irrigação monetária dos empreendedores morais. Alianças profanas são pactuadas, as personagens se despem, momentaneamente, de suas visões de mundo e bebem do mesmo vinho que outrora sua partilha seria inconcebível. Dionísio é convidado para o banquete dos empreendedores, sejam fundamentalistas ou liberais, isso já não faz mais diferença. E nesse banquete, regado à prata e sangue, os novos moralistas do século XXI se fartam sem culpa. Uma fartura mantida pelo pesado fardo do medo que pousa sobre os ombros de seus fiéis.

2.3 A FRUTA DO ÉDEN

Desejo. Essa força que impulsiona a vida. Ao mesmo tempo em que é o fruto proibido que mantém o controle dos corpos sob a ameaça da culpa. Pensarmos a relação “desejo-culpa” é central para compreendermos essa cruzada. A culpa impede o desejo de realizar-se. A culpa é essa força da impotência, da inação. Tomando em consideração uma teologia da divisão entre corpo e alma, a culpa articula o medo em duas dimensões do controle do desejo. O medo de concretizar o desejo proibido quando este ainda descansa no pensamento. E o medo das maldições que seguirão quando o desejo concretiza-se nessa visão teológica do corpo como carne. Ou seja, a culpa paralisa. Se o desejo impulsiona a vida, a culpa é a ausência de vida como potência. O pastor Davi alertava, em nossa conversa, para centralidade da culpa nessa trama do espetáculo do gênero:

E isso [o prazer para uma religião do sacrifício] é muito importante. E tudo que cola no prazer, principalmente, num prazer que liberta o ser humano, retira o ser humano daquele poderio, é importante. Porque o poder da religião se dá pela culpa, principalmente, pela culpa. Pelo domínio da sexualidade. A questão do domínio da sexualidade é fundamental. Se a gente não entender isso, a gente não entende nada do domínio religioso. Porque, se eu consigo dominar a pulsão mais latente de qualquer ser humano, eu domino o resto fácil. Se eu consigo dominar a sexualidade, a questão de oferta para igreja é nada perto disso. Eu consigo dominar aquilo que você é. A igreja, se você deixar, consegue

dizer com quem você transa, quando você transa, onde você transa e de que forma você transa. Ela domina tudo isso. Se ela conseguir dominar isso, ela domina o resto.²¹⁵

A vereadora Joana também destaca as diversas formas de manipulação do medo como afeto que mobiliza as pessoas à combaterem o que chamam de “ideologia de gênero”. Pergunto como essa manipulação ocorreria de maneira mais específica em casos concretos:

Poxa, de tantas formas. ‘Vão confundir a sua criança, vão querer impor que essa criança não é mais menino. Que a sua criança é trans. Vão querer fazer um banheiro unissex na escola e sua criança vai ter que frequentar esse banheiro. Ela vai ser obrigada a ficar perdida, ela não vai saber se é menino ou menina e vai sofrer violência e abuso, dentro desse banheiro, por pedófilos’. Eles vão criando uma narrativa doentia e as pessoas ficam em pavorosa. ‘Nossa, nesse mundo de violência que nós estamos sofrendo, mais uma coisa para minha filha ficar perdida nesse mundo’. Eles sabem ativar um temor que existe realmente nas pessoas e que tem razão de ser. A gente vive num contexto tão terrível e eles usam de muitas ferramentas para fazer isso funcionar. Esse controle que têm sobre os meios de comunicação, sobre as redes sociais, de proliferar notícias falsas, difamação, mentiras, isso faz parte da engrenagem de como essa cultura do medo é operada. Eles têm controle midiático da mídia convencional, eles têm controle do sistema político, têm controle do sistema econômico, estão ocupando cada vez mais o judiciário, que é uma instituição conservadora como regra. A cultura do medo é um recurso de guerra. Essa guerra que se faz tentando pegar o ponto fraco das pessoas, onde elas estão inseguras, angustiadas, e é calculado, é proposital, não é uma coisa

²¹⁵ Ibid.

ocasional. Claro que tem as pessoas que entram nessa pilha sem conseguir discernir muito bem, mas têm interesses muito grandes que alimentam isso o tempo todo.²¹⁶

O controle da sexualidade é central nessa cruzada. É ele que, em primeiro lugar, garante o controle dos corpos para os fins político-religiosos. A sexualidade nos constitui enquanto sujeitos que se colocam no mundo através do desejo. Pergunto, então, ao Davi quais seriam as razões da sexualidade assumir esse lugar central na disputa e porque a educação seria o campo escolhido:

A grande questão é que eles não estão nem aí para a educação. Precisa ficar bem claro, me desculpe o termo, eles estão cagando para a educação. A grande preocupação deles é capitalizar politicamente uma luta. E eles são espertos demais. Eles sabem que nenhum tipo de tema interessa mais pra uma mãe conservadora que a moral sexual. Então qualquer tema relativo à moral sexual é o tema próprio. Tanto que se você pegar um pastor que foi pego roubando a igreja ou que virou político e está envolvido na máfia das ambulâncias, isso não reflete na igreja, o cara continua sendo eleito. Agora se ele adulterou, se foi descoberto que ele é homossexual, qualquer coisa que tenha a ver com a moral sexual, acaba com a vida do cara. Ele pode ser o maior pilantra do mundo, desde que ele não traia a mulher e que ele não seja LGBT.²¹⁷

Assumindo a centralidade das questões referentes à moral sexual, indago sobre o tensionamento que algumas igrejas realizam quanto a essas questões. Existem igrejas evangélicas que dizem acolher os LGBTs e que teriam outras formas de pensar a sexualidade:

Não é simples e tem várias faces. Então, tem igreja que vai até a página cinco, igreja que vai até a página oito. Na Batista,

²¹⁶ JOANA. Entrevista 7. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²¹⁷ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

que é conservadora, aceitam LGBTs e batizam os LGBTs, mas aí não pode ser pastor. Eu questiono isso, mas é um avanço perto do que temos. Por exemplo, a Igreja Batista da Lagoinha que tem o movimento chamado Cores. Um movimento, que eu acho bem tímido, um movimento de gays não praticantes. Então é um discurso pra mim contra a razão de ser. A gente sabe o que você é, mas você não pode ser o que você é. Com o chavão absurdo de que Deus ama o pecador, mas odeia o pecado. Não tem problema você ser homossexual, tem problema você praticar a homossexualidade. Como você dissocia o ser do fazer? Então, isso é muito complicado. Esse discurso para mim é mais adoecedor do que o que nega. Porque o nego diz: eu não aceito. Ele discorda, mas ele é honesto. Esse discurso pra mim é desonesto. Porque ele diz que aceita, mas na verdade ele não aceita. Então isso é muito complicado, porque pra mim é um projeto de adoecimento. Não tem outro nome. E outra coisa, conhecendo os meios como eu já conheço há muitos anos dentro das igrejas evangélicas, e que, inclusive, já fizeram vários movimentos do tipo, não tenho medo de dizer que a maioria desse pessoal desse movimento transa. Exerce a sua homossexualidade, mas aí ele tem que fingir que não. Então é mais adoecedor ainda. E jogam uma coisa de culpa, então, ele começa a depender do grupo para redimir a culpa. Só que pertencer ao grupo aumenta a culpa. É muito complicado, eu acho esse projeto uma aberração.²¹⁸

O pastoreador Paulo, em nossa entrevista, relata um pouco desse medo que está presente nos pais e nas pessoas que apoiam o ESP. Um medo que se identifica com a pedofilia, com o a “erotização das crianças”, com um contato “precoce” com temas da sexualidade, isso em uma narrativa que coloca todos esses medos no pacote da “ideologia de gênero” que estaria sendo implementada no Brasil:

²¹⁸ Ibid.

Não sou eu que viro e falo você vai para o inferno, você é pecador. Eu não falo isso. Nunca falei isso. Agora, usam isso contra a gente. Eu vi vários casos em que o padre não pôde aconselhar alunos em dúvida da sua sexualidade, porque seria homofóbico. Eu tenho um programa de televisão que falo isso. No fundo, no fundo, é uma pauta de esquerda utilizando pessoas. Aborto: morre 1,5 milhões de mulheres no Brasil. Mentira. Não morre isso tudo de mulher no Brasil. Querem que a criança possa ser retirada do útero com doze semanas [pega uma miniatura de feto e me mostra]. Isso aqui é uma criança de doze semanas. Ela tá formada? Um ser humano. A constituição não fala que a gente deve preservar a vida? E eles querem aprovar isso. Olha esse material do MEC para escola públicas: ‘menina esperta se masturba’, tem um livro. Começaram a dar esses materiais e a sociedade começou a acordar. Poxa, eu não quero isso para o meu filho. Isso é aula de Biologia? Isso é aula de História? Tem uma denúncia em Belo Horizonte. Um sexólogo foi dar uma palestra em horário de aula. O pai veio me procurar em crise, disse que o filho de dez anos aprendeu até a usar o vibrador no ânus. Você ensina isso para uma criança? A ter prazer? Você precisa ensinar uma criança que ela pode ter prazer sexual? Por que isso não pode ser algo que os pais façam? Eu aprendi com minha família, com meus irmãos, na rua, na escola, no convívio com a sociedade. Mas, graças a Deus no momento em que eu tinha maturidade. Maturidade é o que a gente mais deseja. Entenda isso. A única coisa que a gente quer é que os pais tenham o direito de educar seus filhos de acordo com o que acreditam. Agora Ciências, Matemática, Português, História, não é do currículo escolar? Não tem problema nenhum. Tá no currículo, o pai leu o currículo? Concordou com ele? Sem problema nenhum. Agora, quando você pega uma escola pública, que ela é laica, ela não pode dizer o que é padrão de

moralidade. A única coisa que o Escola Sem Partido quer é isso.²¹⁹

Nessa mesma toada, Sarah, professora e integrante do movimento ESP, que tive a oportunidade de entrevistar durante uma audiência pública que ocorria na Câmara, compartilha seus receios em relação aos perigos trazidos pela “ideologia de gênero”. Sarah entende que essa “ideologia” estimularia as crianças a terem dúvidas em relação a sua sexualidade:

A ideologia de gênero, na verdade, também pode ser chamada de teoria de gênero que é algo que ainda necessita de estudo, necessita de aperfeiçoamento científico, existiram muitos teóricos que construíram essa teoria. Muitos teóricos ligados até às questões feministas. No entanto, não se trata de uma ciência ou de um conhecimento construído cientificamente. Então, é algo muito novo, experimental e por causa disso não acreditamos que é algo que deve ser passado como um dogma para os alunos, para os professores, como algo que tem que ser ensinado, sendo que ainda está em fase de estudo. Tem um viés muito ideológico, principalmente, como eu disse, ligado a questões do feminismo e que descontrói. A ideologia de gênero descontrói conceitos que são fundamentais para integralidade do ser humano. Desassocia o corpo biológico das questões relativas a sexualidade. Por mais que nós saibamos que existam muitas pessoas que têm um órgão sexual feminino mas que se identificam de maneira masculina, ou vice e versa, isso não deve ser estendido para todos como se fosse uma nova ciência, uma nova realidade. Muitas vezes querem implantar a ideologia de gênero com o pressuposto de defender as pessoas que não se identificam no corpo que têm. Mas, para isso penso que basta trabalharmos a questão do respeito, do respeito às diferenças, do respeito à escolha de

²¹⁹ PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

cada um, mas isso não deve entrar na escola como uma imposição ou uma forma de incentivar as crianças a terem dúvida em relação a sua sexualidade.²²⁰

Buscando entender melhor sua posição em relação às violências que ocorrem na escola, perguntei a Sarah como ela entendia esse conflitos de motivação religiosa ou de sexualidade no ambiente escolar:

Nesse caso devemos sempre prezar pelo o respeito. Ninguém tem o direito de desrespeitar ninguém, na escola os professores têm o papel de garantir a integridade física, a integridade psíquica dos seus alunos. Os professores, a escola não podem se esquivar de proteger alunos que possam estar sendo vítimas de qualquer tipo de violência ou “bullying”, mas os conflitos devem ser resolvidos usando o principio do respeito ao próximo, seja ele quem for, mas não precisa lançar mão de ideologias como, mais especificamente falando, a ideologia de gênero.²²¹

Já a professora Raquel, integrante da *Frente pela Defesa da Educação Democrática*²²², pensa de forma muito distinta de Sarah. Raquel destaca o caráter ativo dos estudantes que questionam a todo momento o professor. O aluno não seria uma tábula rasa que poderia ser preenchida com tudo que o professor deseja, assim como supõe o discurso do ESP. Pelo contrário, o processo educacional é extremamente tensional e está longe de ser uma via de mão única:

As pessoas acham que os estudantes não são capazes de pensar por eles mesmos, que são sempre os professores, e isso é um ponto, né? Que são os professores que incutem as ideias. Eu tenho sobrinhos novos, eu tenho um que é uma criança e é

²²⁰ SARAH. Entrevista 10. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²²¹ Ibid.

²²² A frente foi criada em agosto de 2017 em Belo Horizonte e reúne diversas entidades representativas do professores, pais, estudantes e movimentos sociais por uma educação livre de cesura e aberta às pluralidades do saber e da ciência.

difícil você... ele argumenta, não é tão simples, ainda mais adolescentes. Por isso o conhecimento é importante, se você quer coibir que seu filho sofra qualquer tipo de ideologização, forme seu filho. Não é? Uma pessoa formada que conhece várias vertentes, ela sabe escolher. Eu conheço muitas pessoas que defendem o Escola Sem Partido com os argumentos delas, convencidas daquilo. Não por esses argumentos mais superficiais e que eu chamo de choque, de apelo, que são mais apelativos. No sentido de que dizem: ‘o povo que é contra o Escola Sem Partido diz que a criança nasce sem sexo, que ninguém nasce homem ou mulher, que isso vai ser definido’ (...). Eu tenho uma amiga que é professora, ela falou assim: ‘eu queria mesmo ser capaz de ideologizar o meu aluno’. Aí eu: ‘mas como assim? O que você quer dizer?’. ‘Se eu conseguisse colocar ele sentado na cadeira e pelo menos entender o português que eu ensino, eu já estava muito feliz, quanto mais inculcar mais alguma coisa na cabeça dele’.²²³

Débora, integrante do movimento de Mães pela Diversidade, também me concedeu entrevista, junto a seu marido Daniel, na Faculdade de Direito da UFMG. Tomamos café e conversamos durante toda uma manhã. Débora quase não deixava Daniel falar, tamanha era sua vontade de compartilhar suas visões e experiências. Família foi um tema recorrente naquele dia. Débora, que também é professora, expressava sua preocupação com uma compreensão unidimensional de família que é colocada nos debates da cruzada antigênero no Brasil:

Eu acho que para pensar nessa realidade hoje o que está dificultando é que a gente ainda tem uma insistência de padronização familiar. Há muito tempo no Brasil que a família não é mais papai, mamãe e filho. Há muito tempo. Há muito tempo no Brasil, a gente já vê nas pesquisas do IBGE que levantam isso, mais da metade das famílias no Brasil é

²²³ RAQUEL. Entrevista 11. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

comandada unicamente por mulheres. Então isso é uma realidade, não é mais aquela conformação familiar e eu acho que essa é a principal coisa que a gente tem que quebrar dentro das escolas. Essa conformação familiar patriarcal, bonitinha que ainda está presente nos livros: papai, mamãe e dois filhinhos. Então hoje você tem ‘n’ famílias. Eu trabalhei em escola pública, então assim, a coisa mais comum era você ter avós, tios que estavam no lugar dos pais. Porque a mãe morreu, o pai foi cair no mundo. Então você tem essa conformação. Para mim o primeiro passo é uma discussão para chegar à escola, só que a gente vai precisar fazer a discussão fora dela. Muito firme, muito clara, para quebrar essa figura da família patriarcal, que a gente ainda não conseguiu quebrar.²²⁴

Ela também apontou para a necessidade do Estado proteger todas as formas de família como dever, na sua visão, constitucional:

Se a gente pegar a nossa constituição, a gente tem o mesmo direito que o Bolsonaro. Então a minha família tem o mesmo direito que a família do Bolsonaro e o Estado tem que atender as duas. O Estado tem que encontrar o caminho que atenda os anseios das duas, desde que esses anseios comunguem para o bem comum. Porque se uma dessas famílias tiver como anseio destruir a outra, o Estado vai ter que tomar o lugar de proteger as outras. Eu acho que esse discurso da ideologia de gênero passa por aí. ‘Ah, mas eu não quero que meu filho ouça falar’. Aí você vai fechar a escola, vai ter que colocar todos os LGBTs pro lado de fora. Aí você fala: ‘Ah, mas na minha casa’. Mas o filho vai pra boate, ele vai pro barzinho, ele vai pra casa do coleguinha...²²⁵

²²⁴ DÉBORA; DANIEL. Entrevista 12. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²²⁵ Ibid.

Nesse momento, Débora e Daniel começaram a falar sobre como foi quando o filho deles, Lucas, assumiu que era gay. Daniel disse que sempre soube da sexualidade do filho, pelo menos, desde que ele tinha cinco anos de idade. Débora o interrompeu neste momento e lembrou:

Só um minutinho, bem. Essa questão de falar que você já sabia... hoje você olhando pela memória. Mas como não era preocupação minha, eu nunca criei filho nem para ser macho e nem para deixar de ser macho, eu criei filho para ser humano, essa não era uma questão importante para mim. Então eu nunca tive esse olhar, não me incomodava esse olhar de gênero.²²⁶

Já Daniel destacou que para ele não foi tão fácil lidar com a sexualidade do filho desde o princípio. Somente com o tempo foi entendendo melhor a questão do desejo e refletindo sobre a sua própria heterossexualidade que também não correspondia aos padrões sociais esperados. Daniel conta, dando risadas, um episódio que aconteceu quando o Lucas ainda era criança:

Mas aí, eu sou militar. Eu queria meu filho homem. Vou lá na escola do Lucas, chamar o diretor e falar: ‘vocês estão falando que meu filho é gay, que meu filho é viado, chamando ele de viadinho’. Eu fiquei puto. Quando eu cheguei e fui conversar com a diretora, era até a dona da escola, ela falou assim: ‘não, senhor Daniel, você tem que manter a calma, porque o Lucas é um menino muito delicado, ele é igualzinho ao senhor’. Aí, eu pensei, essa mulher está me chamando de viado também. Aí, que foi engraçado. Eu comecei a prestar atenção em mim. E até a terapeuta um dia falou assim: ‘eu acho você uma pessoa doce’. É realmente essa mulher também está me chamando de

²²⁶ Ibid.

viado [risos]. Mas na realidade, eu assumi a minha heterossexualidade na boa, sem problema nenhum.²²⁷

Quando pergunto mais especificamente sobre a experiência deles no movimento das Mães pela Diversidade e a relação dessa experiência com o engajamento nos debates sobre gênero na cidade, Débora prontamente responde:

Lá eu começo a ter um contato com o público que chora. Um público que se sente só. Com meninos, adolescentes e jovens que nos procuram pedindo colo. E esse discurso de ideologia de gênero nos ataca muito como mães, porque a gente tem esse convívio com esses meninos que pedem colo. Deixar esse discurso, deixar essa coisa caminhar, é permitir que todo esse público que nos procura fique calado.²²⁸

Questiono também ao Davi sobre essas possibilidades de afetação pelo cuidado e pela proximidade que podem rearticular as inteligibilidades do desejo. Como estimular formas outras de percepção do desejo que não sejam pelo enquadramento da culpa e do medo? ²²⁹ Como pensar um reconhecimento radicalmente democrático e igualitário desses desejos?

Tem aquela música do Beto Guedes: ‘A lição sabemos de cor, só nos resta aprender’. Então é assim, essas pessoas já estão lá. Aliás, já estão desde a minha época, elas sempre estiveram. Isso que as pessoas não entendem. Não é uma novidade. Ninguém está inventando a homossexualidade, isso sempre aconteceu. Mas na época nossa, era o viadinho, o esquisitão, você não sabe se é homem ou mulher, é o esquisito, ali tinha outros rótulos. Só que essas pessoas começam a ter autonomia. E começam a dizer: ‘não sou esquisito, eu sou um

²²⁷ Ibid.

²²⁸ Ibid.

²²⁹ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 15-16.

não binário’. E isso me ofende, porque eu prefiro que ele seja um esquisito. Eu tenho que transformar aquela pessoa em alguém pior do que eu, porque se existe alguém pior do que eu, eu não olho para a minha precariedade. Então, eu acho que o reconhecimento não aconteceu ainda, porque reconhecer é me reconhecer. Eu estava falando, não tem a ver com isso, mas nessa linha de pensamento, em questão da morte da Marielle, da execução da Marielle. Depois da morte, começa a ter aquelas fakenews, o tempo todo. Aí as pessoas: ‘porque tanto ódio?’. Marielle precisa ser ruim, porque se ela for boa, se ela realmente for o que estão dizendo, uma pessoa lutadora, que lutava pelos direitos, mas ela é mulher negra, bissexual, da favela, ela não pode ser boa. Porque se ela for boa, ela me denuncia. A bondade, sem falar nada, denuncia o que é a ruindade. Então, se o esquisito não é mais o esquisito, pode ser que o esquisito seja eu. O viadinho não é mais viadinho, é o homossexual, e talvez, o estranho na parada seja eu. Eu que tenha que perceber. Então, eu acho que essa é a grande dificuldade, talvez só na base do afeto mesmo e da empatia é possível começar a trabalhar esse processo. Só que como você começa a trabalhar a empatia a partir das questões de gênero? Se eles querem barrar exatamente isso. Barram um discurso que não atrapalha em nada, mas que denuncia a hipocrisia de todo mundo.²³⁰

Essa hipocrisia dos reguladores do desejo também é responsável pela manutenção dos enquadramentos de mundo que não são capazes de apreender formas de vida outras que não as de uma matriz heteronormativa de controle dos corpos.²³¹ A circulação da culpa como afeto regulativo do desejo gera sofrimento para todos. Sofrimento para aqueles que diuturnamente convivem com o fardo da culpa enquanto expectativa de fruição do desejo e sofrimento para aqueles que não são apreendidos ou reconhecidos socialmente nas suas manifestações de desejo, justamente, em razão

²³⁰ Davi. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²³¹ BUTLER, Judith. *Prekarious Life*. New York: Verso, 2004, pp. XIV-XV.

da culpa que paira sobre os demais. Que esse nosso espetáculo seja também um manifesto anti-culpa. Um manifesto ato-potência. Afinal, culpa não é algo tupiniquim.

Fé, dinheiro e desejo se encontraram neste capítulo através das vozes das personagens da nossa cena. Avancemos para o último capítulo desse espetáculo. Nele, o dramaturgo, despido, apresenta-se para uma conversa franca e direta sobre sua narrativa. Uma tentativa de somar-se às outras narrativas de pesquisadores tupiniquins apresentadas em nossa introdução.²³² Vamos, a peça continua.

²³² BENTO, Berenice. *Afeto, Butler e os neoTFPistas*. São Paulo: Revista Cult, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/cxnR5J>. Acesso em 27 de agosto de 2018; BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018; CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. *Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios*. Curitiba: Educar em Revista, n. 66, p. 141-155, out./dez., 2017; CORRÊA, Sônia. *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos*. In: Colóquio Gênero Ameaça(n)do. Rio de Janeiro: Análises e Resistências, 30 e 31 out. 2017; CUNHA, Daniel Antônio. *A política na religião ou a religião na política? Considerações sobre representação religiosa na Legislatura 2.017-2.020 da Câmara Municipal de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG, 2018; DANILIAUSKAS, Marcelo. *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *“Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”?* In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017; MIGUEL, Luis Felipe. *Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, vol. 07, n. 15, p. 590-621, 2016, p. 601; MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018; PENNA, Felipe de Araujo. *O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático*. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 567-581, dez. 2018; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Judith Butler e a Pomba Gira*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018; TOLENTINO, Leonardo. *Norma de gênero e instituição escolar: um estudo psicossocial sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, 2012.

3. DRAMATURGIA – O ENCONTRO DAS CENAS

If my fate is not originally or finally separable from yours, then the ‘we’ is traversed by a relationality that we cannot easily argue against; or, rather, we can argue against it, but we would be denying something fundamental about the social conditions of our very formation.

Judith Butler

Neste capítulo, propomos o encontro das cenas. Não que em algum momento elas estivessem apartadas. Pensamos o espaço-tempo como um produto de relações corporificadas que provocam a simultaneidade e a justaposição das categorias do próximo e do distante. Mesmo como seres que possuem uma determinada situação no espaço e no tempo, estamos sempre para além dela, constituídos por relações intersubjetivas que já existiam antes de nossa chegada e que vão para muito além de nós. Afinal, falamos de um “eu” que não existe sem esse “nós”. O que faremos agora é explicitar esse encontro que sempre esteve presente. Uma narrativa que tenta apreender a disputa ideológica pela inteligibilidade do gênero. Essa é a minha proposta de dramaturgia para este espetáculo. Uma dramaturgia da regulação das formas de aparecimento do gênero. Aparecer é existir. Trata-se, portanto, de um capítulo sobre os quadros de apreensão da vida que permitem determinadas existências sociais e não outras. Essa é, enfim, minha contribuição para o debate acerca da “ideologia de gênero” no Brasil.

3.1 O PROJETO DE PODER EM JOGO

A disputa acerca da “ideologia de gênero” pode parecer algo particular ou especializado aos olhares mais despercebidos, mas na prática essa é uma disputa por um projeto político de sociedade e de Estado. O “gênero” é algo central e constitutivo das lentes de inteligibilidade do mundo moderno, atravessando e ordenando os seus

processos de subjetivação.²³³ É o responsável por condensar os anseios dos atores sociais globais que possuem uma agenda conservadora. É o termo de encontro daqueles que desejam conservar uma determinada operacionalidade das relações sociais com aqueles que defendem uma estrutura autoritária do Estado, seja ela liberal ou intervencionista na economia.

Esse projeto de combate à “ideologia de gênero” inicia-se internacionalmente na década de 1990 com uma orquestrada reação do Vaticano ao avanço das visões progressistas no campo da inteligibilidade social dos modos de vida.²³⁴ Entendo que esse projeto marca a persistência daquilo que Menelick de Carvalho Netto chama do “princípio monárquico” de uma soberania una que, ao longo da história, visa ditar as formas de organização social e estatal na busca de uma suposta unicidade orgânica perdida.²³⁵ Um soberano que dita, a todo momento, os sentidos da constituição. Ou ainda, como nos lembra Marcelo Cattoni, esse projeto reflete aquilo que é um dos maiores problemas da democracia constitucional, “a obsessão pela falta, pela presença de uma ausência, de uma soberania una e indivisível, pela nostalgia do soberano deposto, morto ou exilado – que corre o risco, a todo momento, de ter o lugar reocupado de forma autoritária”²³⁶. Esse é o projeto de poder daqueles que defendem uma compreensão essencialista do gênero.²³⁷ Um projeto autoritário de tomada social como um todo orgânico e unitário.

Vale lembrar que as Conferências da ONU sobre: Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (1992), População e Desenvolvimento no Cairo (1994) e Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz em Pequim (1995) foram fundamentais para o avanço das reflexões sobre o gênero enquanto uma construção

²³³ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 41.

²³⁴ CORRÊA, Sônia. *A “política do gênero”: um comentário genealógico*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, pp. 4-5.

²³⁵ CARVALHO NETTO, Menelick de. *A Sanção no Procedimento Legislativo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1992, p. 206. Cf.: “Essa questão já tematizada por autores como Oliveira Vianna, no que concerne à Constituição de 1891, tomada como fruto do que denomina vício idealista, haveria marcado a Constituinte e sua obra, cujo texto modernizante seria, então, totalmente estranho à realidade nacional. A questão, contudo, era falseada em seus próprios termos, pois ao tematizarem um suposto divórcio entre a norma e a prática, esses autores o faziam no interior de uma perspectiva totalitária, saudosista e retrógrada, traduzida na busca de uma suposta unidade orgânica perdida, que se consubstanciou na afirmação da necessidade de um Estado autoritário e centralizador”.

²³⁶ CATTONI DE OLIVEIRA. *Democracia sem espera e processo de constitucionalização: Uma crítica aos discursos oficiais sobre a chamada “transição política brasileira*. Revista Anistia Política e Justiça de Transição, n. 3 (jan. / jun. 2010). Brasília : Ministério da Justiça , 2010, p. 381.

²³⁷ FASSIN, Éric. *Gender and the Problem of Universals: Catholic Mobilizations and Sexual Democracy*. Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016, p. 179.

social. Mais especificamente na III Conferência Preparatória para Pequim, ocorrida em março de 1995 em Nova York, o Vaticano passará a indagar, por meio dos seus representantes ou aliados de países conservadores e islâmicos, qual seria o significado da palavra “gênero” que constava dos documentos internacionais redigidos no encontro.²³⁸ Naquele momento, o Vaticano lançava uma nova e inesperada carta no jogo. A estratégia era inquirir o significado do gênero que já há uma década constava dos documentos internacionais sem nenhum questionamento.²³⁹ Esse foi um movimento importante para a nossa dramaturgia.

Também nesse encontro em Nova York, Dale O’Leary, jornalista e escritora norte-americana, ligada à *Opus Dei*, teria elaborado e divulgado um informativo intitulado *The Deconstruction of Women* que alardeava o perigo da destruição da ordem natural do mundo por um suposto “feminismo de gênero”. Este feminismo não lutaria pela igualdade entre homens e mulheres, mas pela destruição da família como núcleo central da organização social. Foi divulgado que para esta ideologia feminista e homossexual existiriam cinco diferentes gêneros²⁴⁰ em clara alusão ao artigo *The five sexes: Why male and female are not enough*²⁴¹ da bióloga Ane Fausto-Sterling. A estratégia era criar uma situação alarmante para as matrizes heteronormativas e teológicas de compreensão essencialista do mundo.

Um ano após essa Conferência, o Vaticano organizou uma reunião com dezenas de “especialistas” sobre gênero e sexualidade para construir uma contraofensiva que reafirmasse a “doutrina católica e a naturalização da ordem sexual”²⁴². Forjava-se em 1996 uma “aliança profana”²⁴³ entre diversos atores sociais

²³⁸ GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007, p. 329.

²³⁹ Ibid. Cf.: “they came at us with something we didn’t expect (...) many of us thought: what are they TALKING about? We had to ask ourselves: what do WE think about it? We had to explain gender to ourselves and to others” p. 334.

²⁴⁰ Coalition for Women and the Family. Nota sobre o termo “gender.” Nova York, 1995. Cf.: “Unfortunately there is a ‘gender feminism,’ often homosexual, which strongly promotes the idea that gender is something fluid, changing, not related naturally to being a man or being a woman. According to such feminist/homosexual ideology, there are at least five genders!”

²⁴¹ FAUSTO-STERLING, Ane. *The five sexes: Why male and female are not enough*. The Sciences, Março-Abril, pp. 20-24, 1993.

²⁴² JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 3.

²⁴³ GARBAGNOLI, Sarah. *Against the Heresy of Immanence: Vatican’s ‘Gender’ as a New Rhetorical Device Against the Denaturalization of the Sexual Order*. Religion & Gender, Vol. 6, n. 2, pp. 187-204, 2016.

de matrizes distintas, mas que se encontravam em uma agenda conservadora internacional. Essa agenda necessitava de um Estado Autoritário para a regulação das relações sociais e dos modos de inteligibilidade do mundo. Um autoritarismo que pode manifestar-se de diversas formas. De algum modo, é a persistência do princípio monárquico de operação da lógica do poder através de uma soberania una que exclui a pluralidade do jogo democrático em favor de um projeto de unicidade organicista. No caso, em favor de uma ideia única de família e de uma matriz heteronormativa que seria a expressão da ordem natural e divina do mundo.

Assim, a agenda antigênero é, antes de tudo, uma agenda autoritária. Uma agenda excludente de outros modos de existência possíveis. Extremamente reguladora das formas de aparição dos corpos.²⁴⁴ Dependente do autoritarismo para se fazer valer como projeto político concreto. E uma agenda que possui fortes aliados econômicos. Esses aliados podem desequilibrar a balança, ora para o liberalismo econômico, ora para o intervencionismo estatal, sempre buscando satisfazer seus próprios interesses financeiros. Entendo que o que está em curso é também um projeto de assalto ao Estado. Um projeto que promove o encontro de diversos interesses.

Christina Hoff Sommers, Dale O'Leary, Michel Schooyans, Joseph Ratzinger, Oscar Alzamora Revoredo e Jutta Burggraf são importantes personagens da construção de uma doutrina e de uma teologia antigênero no cenário internacional do final da década de 1990 e início dos anos 2000. Sommers é autora do livro *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*²⁴⁵ de 1994 e uma importante teórica norte-americana contrária ao “feminismo de gênero”. Dale O'Leary é autora do livro *The Gender-Agenda: redefining equality*²⁴⁶ de 1997, jornalista norte-americana ligada à *Opus Dei*, foi, em grande medida, responsável pela difusão da campanha antigênero em seu país. Michel Schooyans, jesuíta belga, ex-professor de Teologia e Filosofia Política na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Université Catholique de Louvain, é autor do livro *L'Évangile face au désordre mondial*²⁴⁷, também de 1997, quando denuncia o gênero como uma “ideologia da morte” e acusa os organismos internacionais de promoverem os interesses das “minorias subversivas” que seriam defensoras de uma “cultura antifamília”. Joseph

²⁴⁴ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 64.

²⁴⁵ SOMMERS, Christina. *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*. New York: Simon & Schuster, 1994.

²⁴⁶ O'LEARY, Dale. *The Gender-Agenda: redefining equality*. Lafayette: Vital Issues, 1997.

²⁴⁷ SCHOOPYANS, Michel. *El Evangelio frente al desorden mundial*. Colonia del Valle: Diana, 2000.

Ratzinger é responsável pelo prefácio ao livro de Schooyans e teve uma ação incisiva, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e depois como Papa Bento XVI, para a consolidação institucional no Vaticano de uma campanha antigênero. Oscar Alzamora Revoredo, bispo auxiliar de Lima, é autor do primeiro documento eclesialístico a denunciar a “ideologia de gênero”, era a nota da Conferência Episcopal do Peru, intitulada *La ideologia de género: sus peligros y alcances*²⁴⁸ de 1998. Jutta Burggraf, integrante da Opus Deis e Professora de Teologia Dogmática e Teologia Ecumênica na Universidade de Navarra, é autora do texto *¿Qué quiere decir género? En torno a un nuevo modo de hablar*²⁴⁹ de 2001. Neste texto, ela dialoga com a Teologia do Corpo de Karol Wojtyła para negar as visões pós-estruturalistas do gênero. É uma importante representante da atuação da Universidade de Navarra na campanha antigênero da cena global.

Essas personagens foram responsáveis pela criação de um arcabouço teórico que sustenta o avanço conservador, não apenas religioso, em grande parte do mundo. Assumindo a questão da ideologia como modos de inteligibilidade do mundo, a visão naturalizada do gênero enquanto um correspondente lógico e necessário da genitália ou enquanto uma revelação divina da ordem real e anterior do mundo, não deixa de ser também um entendimento ideológico. Assim como também é ideológica a visão pós-estruturalista do gênero como um ato performativo social que se auto-expressa em seu exercício ou aparecimento. Portanto, o problema central dessa querela não é o de descobrir uma suposta verdade e atribuí-la a um dos campos da disputa ou de descobrir qual das duas concepções ganharia a pecha de ideológica, aqui no sentido de inverídica, ou de um falseamento de uma suposta realidade última. Trata-se, sim, de assumir que temos dois projetos políticos de inteligibilidade do mundo em disputa. São projetos distintos e com consequências radicalmente opostas para a forma de compreensão do Estado e da sociedade.²⁵⁰

O primeiro projeto, que podemos denominar de essencialista, é responsável por uma visão excludente dos modos de existência que sejam divergentes de uma matriz heteronormativa de subjetivação dos sujeitos. Ele apresenta a promessa da

²⁴⁸ ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideologia de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998.

²⁴⁹ BUGGRAFF, Jutta. *¿Qué quiere decir género? En torno a un nuevo modo de hablar*. San José: Ediciones, PROMESSA, 2004.

²⁵⁰ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 53.

harmonia social através de uma unidade orgânica entre o mundo e a fé cristã, nesta unidade alcançaríamos a solução dos males que assolam a vivência terrena. Este projeto exige estratégias sofisticadas de controle social dos corpos e dos desejos para que tenha possibilidade de se efetivar. Insisto, em diálogo com Marcelo Cattoni, ainda que pensando objetos distintos, que esse projeto sustenta a via de um processo social autoritário.²⁵¹ As formas de materialização do autoritarismo são diversas, muitas vezes mais sutis, através de um ultra liberalismo econômico, outras vezes mais escancaradas, através de governos ditatoriais, mas a perspectiva de intenso controle social dos corpos e dos padrões de relações sociais se faz sempre presente. Esse ocupante do lugar soberano, que pode ser, por exemplo, um presidente autoritário, uma ditadura militar, um religioso conservador, ou até mesmo uma corte constitucional “seria ao mesmo tempo capaz de salvaguardar e de ocupar o lugar vazio da cidadania e da nacionalidade inexistentes, a fim de forjá-las e para governá-las”²⁵². É este o projeto essencialista do gênero, ele visa ocupar o lugar do soberano para naturalizar e controlar os modos de aparição pública, conservando determinadas relações de poder e minando as disputas democráticas através de uma lógica de extermínio do inimigo.

Por outro lado, o projeto, que podemos denominar de crítico, é responsável por uma abertura das possibilidades de existência no mundo.²⁵³ Ele apresenta a promessa do princípio da pluralidade como vivência radicalmente democrática de um permanente devir constituidor e rearticulador das lentes de inteligibilidade sociais.²⁵⁴ Um projeto que requer um Estado Democrático, aberto ao por vir de uma democracia sem espera – aqui e agora – e que assuma a questão da legitimidade como ausência de um fundamento único soberano, em contraposição ao princípio monárquico de uma

²⁵¹ CATTONI DE OLIVEIRA. *Democracia sem espera e processo de constitucionalização: Uma crítica aos discursos oficiais sobre a chamada “transição política brasileira*. Revista Anistia Política e Justiça de Transição, n. 3 (jan. / jun. 2010). Brasília : Ministério da Justiça , 2010, pp. 381-382.

²⁵² Ibid., p. 382

²⁵³ CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. *Contribuições para uma teoria crítica da constituição*. Belo horizonte: Arraes Editores, 2017, pp. 103-104.

²⁵⁴ CARVALHO NETTO, Menelick de. *A Sanção no Procedimento Legislativo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1992. Cf.: “Com efeito, o Estado, resultante de uma Constituição desse novo tipo, deve encontrar a sua conformação na norma constitucional, em harmonia com o processo dinâmico, no qual, sob a pressão de antagonismos e em permanente devir busca obter unidade puramente tendencial de ação e de efeitos políticos. O compromisso de uma Constituição democrática, porquanto tentativa de articulação das distintas concepções de mundo existentes na sociedade, sem permitir que sua articulação constitua na totalidade, síntese dialética, deve ser o de uma dimensão plurilateral, apta normativamente a conviver com as vicissitudes inerentes à política democrática”, p. 294; BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.114.

soberania una que marca os regimes autoritários.²⁵⁵ Nesse sentido, uma “constituição é legítima e efetiva enquanto o próprio sentido *de* e *da* constituição for objeto de disputa política na esfera pública”²⁵⁶. A disputa é algo constitutivo desse projeto democrático de Estado e de sociedade e nunca algo a ser eliminado como no projeto essencialista do gênero. Trata-se, portanto, de uma abertura a um “processo de constitucionalização, não linear e descontínuo, assim reconstruído como processo de lutas por reconhecimento e de aprendizagem social com o Direito, que se realiza ao longo da história, todavia sujeito a interrupções e a tropeços, mas que também é capaz de se autocorrigir”²⁵⁷. Esse projeto é a possibilidade de abertura às existências e às aparições outras nos espaços públicos, sendo capaz de se reinventar através da rearticulação dos quadros de inteligibilidade que são responsáveis pelas lógicas de reconhecimento, no tempo e no espaço, de novos sujeitos e novos direitos.

A cruzada antigênero do projeto essencialista é, nesses termos, um projeto de poder. Este projeto tem avançado muito nos últimos anos. A eleição do partido populista de direita Lei e Justiça, na Polônia, com o slogan “os polacos primeiro”. O crescimento da Frente Nacional liderada por Marine Le Pen na França. O fortalecimento da Liga do Norte que tornou-se o principal partido de direita na Itália.²⁵⁸ No Leste Europeu, o Hungria Melhor.²⁵⁹ O desempenho do Partido Nacional Democrático e a Alternativa para a Alemanha. O Aurora Dourada na Grécia. Enfim, uma extrema direita europeia, mas antieuropeísta, que cresce nacionalista e intervencionista numa espécie de bem estar social nacional.²⁶⁰ Nos Estados Unidos da América, temos a eleição do reacionário Donald Trump. No Brasil, temos a eleição de Jair Bolsonaro. Todos são exemplos, apesar das suas diversas singularidades, de uma agenda conservadora no tocante à regulação das relações sociais, especialmente no que se refere aos debates de gênero, em geral, se posicionando contra as políticas de legalização do aborto e do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. A

²⁵⁵ CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. *Contribuições para uma teoria crítica da constituição*. Belo horizonte: Arraes Editores, 2017, pp. 111-112.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 118.

²⁵⁷ CATTONI DE OLIVEIRA. *Democracia sem espera e processo de constitucionalização: Uma crítica aos discursos oficiais sobre a chamada “transição política brasileira*. Revista Anistia Política e Justiça de Transição, n. 3 (jan. / jun. 2010). Brasília : Ministério da Justiça , 2010, p. 291.

²⁵⁸ ZENIT. *Uma região da Itália proíbe livros com ideologia de gênero*. Disponível em: encurtador.com.br/pH012. Acessado em 09 de janeiro de 2019.

²⁵⁹ REDDEN, Elizabeth. *Hungary Officially Ends Gender Studies Programs*. Washington: Inside Higher ED. Disponível em: encurtador.com.br/hAJY9. Acessado em 09 de janeiro de 2019.

²⁶⁰ MUSTO, Marcelo. *O ameaçador avanço da extrema direita na Europa*. Trad.: Victor Farinelli. São Paulo: Carta Maior, 2015.

cruzada antigênero, protagonizada internacionalmente pelo Vaticano, e o crescimento da extrema direita no mundo, não são eventos apartados, pelo contrário, são co-constitutivos e simultâneos, de modo a se retroalimentarem continuamente.

A participação do Papa Francisco, Jorge Mario Bergoglio, na campanha antigênero também não pode passar incólume.²⁶¹ Apesar de ser comumente conhecido como um Papa “progressista” devido ao seu poder de comunicação nas mídias, Bergoglio não arrefeceu, em nada, a política do seu antecessor Ratzinger no combate à “ideologia de gênero”. O discurso de Bergoglio na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amori Laetiti*²⁶² de abril de 2016 é nítido ao apontar o *gender* como o pecado do Homem de tentar se substituir ao Criador [sic]. A novidade que o novo Papa apresenta ao discurso oficial do Vaticano é a noção de uma “colonização ideológica”.

De origem latino-americana, Bergoglio sustenta a tese da manutenção, ainda hoje, de uma colonização do sul global. Instrumentalizando esse discurso a partir de uma compreensão essencialista do espaço, o Papa denuncia o financiamento de campanhas contrárias aos princípios católicos, no campo do gênero, por organizações internacionais, além dos ricos países e empresas do norte global. Desse modo, ele utiliza do discurso da descolonização para garantir a manutenção de padrões coloniais do gênero nos países do sul que são estratégicos para a manutenção da estrutura da Igreja Católica no mundo devido seu grande número de fiéis.

O Brasil faz parte desse sul que falava Bergoglio e não está deslocado dessa cena global. O combate à “ideologia de gênero”, definitivamente, não é uma invenção tupiniquim. Mas, aqui ele assume contornos próprios. No Brasil, o avanço dos debates e das políticas institucionais de gênero se dão, especialmente, a partir do *Brasil Sem Homofobia – Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*. Essa foi a primeira política pública de

²⁶¹ BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David. *Unpacking the Sin of Gender*. . Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016, pp. 143-154.

²⁶² FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Santa Sé, 2016. Cf.: “Desafio surge de várias formas duma ideologia genericamente chamada *gender*, que «nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. (...)Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade. Não caímos no pecado de pretender substituir-nos ao Criador. Somos criaturas, não somos onipotentes. A criação precede-nos e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo somos chamados a guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, aceitá-la e respeitá-la como ela foi criada.”

dimensão nacional que celebrou um pacto estatal de afirmação da cidadania da população LGBT no país.²⁶³

Esse Programa surgiu em 2004 através de uma pareceria inicial entre a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República e o Ministério da Saúde (MS). Posteriormente, em razão do seu caráter transversal, tornou-se uma política interministerial, abrangendo o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação, o Ministério da Justiça, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Trabalho e Emprego. Uma política articulada entre diversos setores institucionais e da sociedade civil, fruto de mais de três décadas de luta dos movimentos sociais no Brasil em torno das pautas de gênero e sexualidade.

Nesse mesmo ano de surgimento do BSH, o cardeal Joseph Ratzinger lançava a *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo*, defendendo a ordem divina da diferença sexual entre homens e mulheres e alertando aos fiéis dos perigos das ideologias que questionam a dimensão natural da família. Era uma convocatória às igrejas católicas a uma reação contrária ao crescimento das políticas de gênero no mundo. No Brasil, como destaca Marcelo Daniliauskas, setores conservadores do catolicismo se alinham no combate às políticas do BSH, tendo uma atuação destacada, especialmente nos primeiros anos de consecução das políticas públicas de gênero e sexualidade em nível nacional.²⁶⁴

Como resultado das diretrizes do BSH, temos a criação do *Projeto Escola Sem Homofobia* em 2008. Financiado pelo Ministério da Educação, o Projeto visava contribuir “para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e das identidades de gênero no âmbito escolar brasileiro”²⁶⁵. Estruturava-se uma política institucional de compromisso com projeto democrático de Estado e um projeto plural de sociedade no país. Diversas parcerias entre universidades e movimentos sociais foram alinhavadas para a construção de cursos de

²⁶³ BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia*. Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

²⁶⁴ DANILIAUSKAS, Marcelo. Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011, p 85. Cf.: “Na posição de adversários durante a criação do Brasil Sem Homofobia, foram destacados nas entrevistas algumas pessoas ligadas à própria gestão pública, uma reação política por parte da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), bem como grupos organizados evangélicos”.

²⁶⁵ Caderno Escola Sem Homofobia, p. 9. Divulgação disponibilizada em <https://goo.gl/uzaAJS>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

formação de professores nos temas de gênero e sexualidade. Leonardo Tolentino retrata muito bem uma dessas experiências, ocorrida em Minas Gerais, com participação do Nuh/UFGM, na sua dissertação de mestrado.²⁶⁶ Desde então, diversos foram os materiais didáticos e informativos sobre gênero e sexualidade produzidos de forma difusa e distribuídos pelas diferentes regiões do Brasil.

No mesmo ano em que se inicia o Projeto ESH, Joseph Ratzinger, já na condição de Papa Bento XVI, profere um *Discurso à Cúria Romana por Ocasão dos Votos de Feliz Natal*, dizendo que a Igreja teria o dever de agir publicamente contra a difusão do que chama de *gender*.²⁶⁷ Em suas palavras “o que com frequência é expresso e entendido com a palavra ‘gender’, resolve-se em definitivo na auto-emancipação do homem da criação e do Criador. O homem pretende fazer-se sozinho e dispor sempre e exclusivamente sozinho o que lhe diz respeito”²⁶⁸. A campanha internacional contra o gênero crescia em marcha acelerada, mesmo que deturpando o campo dos estudos de gênero, atribuindo-lhe a sustentação de uma total autonomia da criação, quando, na verdade, esse campo fala de uma complexa e constante tensão na constituição do sujeito que nunca é completamente autônoma, mesmo porque é sempre relacional.²⁶⁹ Os efeitos dessa marcha internacional também são sentidos em terras tupiniquins com um crescimento de um certo ressentimento em relação às políticas públicas de gênero que passam a serem lidas como privilégios.

Nesse período, também tivemos, no Brasil, a aprovação da Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, através da qual o Estado brasileiro explicita seu pacto com o combate à violência doméstica contra a mulher. Segundo sua ementa, a Lei: cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do §8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar

²⁶⁶ TOLENTINO, Leonardo. *Norma de gênero e instituição escolar: um estudo psicossocial sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFGM, 2012.

²⁶⁷ BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por Ocasão dos Votos de Feliz Natal*. Santa Sé, 2008.

²⁶⁸ *Ibid.*, p.5.

²⁶⁹ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 18. Cf.: “Quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse ‘si mesmo’ já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social”.

contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal. Uma Lei reconhecida internacionalmente por sua sofisticação e qualidade no combate à violência de gênero.²⁷⁰

Nesse contexto de estruturação das políticas públicas e do debate sobre gênero na sociedade, o ano de 2011 será muito importante. Nesse ano, Dilma Vana Rousseff, eleita, assume a Presidência da República. É a primeira presidente mulher da história do país. Também nesse ano, o Supremo Tribunal Federal, em julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132, reconhece as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo e a devida equiparação de direitos.²⁷¹ Apesar das várias críticas recebidas pelo conteúdo dos votos de alguns ministros, que reproduziam um modelo matrimonial heterossexual, a decisão foi tomada como um importante avanço das lutas dos movimentos sociais, tornando-se comumente conhecida como a autorização do “casamento gay” no Brasil.²⁷²

Por fim, ainda em 2011, poucos dias após a decisão do STF, estoura a discussão no Congresso Nacional sobre a distribuição do material de combate à violência de gênero e sexual nas escolas, intitulado por membros da bancada evangélica de “kit gay”. Esse é um evento de dimensão nacional no qual os atores políticos conservadores conseguem demonstrar sua força e obstaculizar o avanço dos debates de gênero e sexualidade na sociedade. Apesar do termo “ideologia de gênero” ainda não aparecer no debate em 2011, entendo que a semântica dessa cruzada antigênero já estava estabelecida.

Esse material de combate à violência de gênero e sexual, que seria distribuído nas escolas, era o fruto das parcerias realizadas no âmbito do Projeto ESH. Apesar das críticas que podem ser realizadas à qualidade pedagógica do material produzido pela ECOS - Comunicação em Sexualidade, não podemos deixar de afirmar que esse material, nitidamente, visava contribuir para o avanço das políticas

²⁷⁰ Agência Brasil. *Ipea: Lei Maria da Penha reduziu violência doméstica contra mulheres*. Disponível em <https://goo.gl/ewhjwC>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

²⁷¹ CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. Breves notas à decisão do Supremo Tribunal Federal na ADPF n. 132. In: Diferentes, mas iguais: estudos sobre a decisão do STF sobre a união homoafetiva (ADPF 132 e ADI 4277). Carolina Valença Ferraz, Glauber Salomão Leite, José Emílio Medauar Ommati, Paulo Roberto Iotti (Org.). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017, pp. 259-267.

²⁷² QUINALHA, Renan. *Do armário para o altar: entre o reconhecimento e a normalização no julgamento da ADPF 132 pelo STF*. In: Diferentes, mas iguais: estudos sobre a decisão do STF sobre a união homoafetiva (ADPF 132 e ADI 4277). Carolina Valença Ferraz, Glauber Salomão Leite, José Emílio Medauar Ommati, Paulo Roberto Iotti (Org.). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017, p. 438.

públicas de combate à violência de gênero e sexual. Não obstante, ele foi rotulado pelos atores conservadores do Congresso Nacional como um “kit” estimulador da homossexualidade [sic].

Como nos lembra Richard Miskolci, o deputado Jair Bolsonaro foi quem encabeçou a campanha contra o “kit gay” por todo Brasil.²⁷³ A atuação do deputado foi de grande importância para a articulação de um “pânico moral” que assume como “preexistente a estrutura discursiva em que se inventam vítimas para justificar o tratamento dos ‘vícios’ como crimes”²⁷⁴. Nesse sentido, o “kit gay” tornou-se o sintagma do estímulo à pedofilia, à erotização das crianças e à destruição da família cristã. O inimigo perfeito para a articulação nacional de uma política conservadora.

O Senador Magno Malta, pastor evangélico ligado à Igreja Assembleia de Deus, também foi uma importante personagem nessa campanha contrária à distribuição do material *Escola sem Homofobia*. Malta disse, da tribuna do Senado, que “o grande problema do kit é que ele era uma grande apologia ao homossexualismo”²⁷⁵. Falas como a do Senador ganharam a mídia brasileira e se espalharam rapidamente pela sociedade. Destaco que a gramática forjada para a difusão desse pânico moral era muito parecida com a gramática criada no final da década de 1990 e início dos anos 2000 para combater o “feminismo de gênero” internacionalmente. Uma gramática de combate aos avanços dos estudos e das políticas de gênero responsáveis pela destruição da família [sic]. O projeto essencialista de compreensão do gênero, mais uma vez alça voo, agora em terras tupiniquins, mas, desde já, aliado a um projeto autoritário de poder e de assalto ao Estado. Esse é o grande lance da aposta em jogo nessa disputa.

A atuação de setores conservadores do Congresso Nacional, capitaneados pela bancada evangélica, pressionaram a presidente Dilma Rousseff para que vetasse a distribuição daquele material nas escolas. Foi então que, em 25 de maio de 2011, o ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, em

²⁷³ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 5.

²⁷⁴ RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Santa Catarina: Repositório UFSC, 2012, p. 32.

²⁷⁵ SENADO FEDERAL. Pronunciamento de Magno Malta em 31/05/2011. Disponível em <https://goo.gl/BfcPtg>. Acesso em 16/08/2018. Cf.: O grande problema do kit é que era uma grande apologia ao homossexualismo Na verdade, não era campanha contra a homofobia, era apologia mesmo. E essas coisas nós não vamos aceitar (...) onde estão esses homofóbicos no Brasil? Esses milhares? Porque, de repente, a sociedade brasileira se tornou homofóbica. Todo mundo que não concorda com qualquer atitude homossexual virou homofóbico”.

pronunciamento público, diz que a presidente tomara a decisão de suspender a produção e distribuição do material *Escola sem Homofobia*. Era a primeira grande vitória desses setores conservadores frente a uma onda de avanços nas políticas de gênero e sexualidade no Brasil da primeira década do século XXI.

O recuo da presidente e uma composição mais intensa com os setores conservadores, cobrou, anos mais tarde, o seu próprio cargo na Presidência da República em um golpe de Estado.²⁷⁶ As portas estavam abertas para a ascensão do conservadorismo moral e de um projeto de poder autoritário. O próximo ponto será dedicado a analisar as contingências de formação das alianças ao redor desse projeto.

3.2 BACANAL DAS ALIANÇAS

Esse conservadorismo moral brasileiro está intimamente relacionado com a influência religiosa cristã. Fruto de um sistema colonial católico de dominação por mais de três séculos, o cristianismo no Brasil assumiu várias formas, sendo inegável afirmar que ele é um importante elemento constitutivo da inteligibilidade de mundo dos brasileiros. A ordem “natural-divina” do mundo criado por Deus e a teologia da complementariedade dos corpos marcam esse processo de constituição de subjetividades e de afirmação de uma determinada compreensão do gênero também no Brasil. A nossa particularidade talvez esteja na ascensão, a partir da década de 1970, de uma nova onda do pentecostalismo evangélico que toma a forma de um projeto político de poder. Não queremos com isso contribuir com as teses que identificam os evangélicos como um grupo monolítico ou que atribuem, exclusivamente, a eles o crescimento de todo conservadorismo no Brasil. Mas, sim, afirmar a importância dessa nova onda pentecostal, e do seu decorrente movimento de ocupação do poder político institucional, para a cruzada antigênero.

Ronaldo de Almeida destaca que essa onda conservadora brasileira seria uma “onda quebrada”, ou seja, seria uma onda cheia de franjas, atravessadas por diversas singularidades.²⁷⁷ Nessas quebras da onda, seus estudos mostram que o fenômeno de

²⁷⁶ CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes; SILVA, Diogo Bacha e ; MEYER, Emilio Peluso Neder ; IOTTI, Paulo Roberto Vecchiatti. *Golpe vergonhoso passa na Câmara*. In: Carol Proner, Gisele Cittadino, Marcio Tenenbaum e Wilson Ramos Filho. (Org.). *A resistência ao golpe de 2016*. 1ed. Bauru: Canal 6, 2016.

²⁷⁷ ALMEIDA, Ronaldo. *A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo*. *Cadernos Pagu* (50), 2017, p. 4.

ocupação das cadeiras do Legislativo no Congresso Nacional ocorre, em sua maioria, por parlamentares ligados à Assembleia de Deus e à Universal do Reino de Deus. Entretanto, mesmo dentro desse espectro, a atuação dos parlamentares é bastante distinta. A sua motivação pode variar dentro de um espectro que vai desde uma teologia da prosperidade pentecostal ao objetivo de regulação da moral sexual, ou mesmo, da busca por uma garantia de segurança por meio da ação repressiva e punitiva do Estado. Atestando, portanto, o caráter fragmentário dessa onda. O que não nos impede de observarmos uma atuação coletiva em determinadas pautas, especialmente, nas tocantes ao gênero.

O pastor Davi destacava, em sua fala, a importância do controle da sexualidade e do desejo para essas religiões que trabalham com teologias da dor e do sacrifício: “a igreja, se você deixar, consegue dizer com quem você transa, quando você transa, onde você transa e de que forma você transa. Ela domina tudo isso. Se ela conseguir dominar isso, ela domina o resto”²⁷⁸. Entendo o controle da sexualidade como um ponto central para a dramaturgia do nosso espetáculo. Esse controle é o que, no limite, permite às igrejas patrocinarem, por meio de seus fiéis, uma cruzada antigênero em defesa da família cristã como projeto divino da complementariedade dos corpos. Davi, ainda destaca, que a nova onda pentecostal no Brasil seria um projeto de poder que “necessitava de figuras antagônicas. Então, com a maior exposição e com o maior protagonismo da comunidade LGBT, eles viram nesse nicho a luta ideal para ser travada em nome de Deus”. Trata-se, então, de um projeto político e religioso reativo aos recentes avanços do debate de gênero na sociedade brasileira e que encontra na comunidade LGBT um inimigo a ser combatido.

Essa reação ganhou maior nitidez em 2014 durante os debates finais sobre o Plano Nacional da Educação (PNE). Fruto de uma ampla mobilização social, através da Campanha Nacional pelo Direito à Educação e do Fórum Nacional de Educação, o anteprojeto do PNE encaminhado ao Senado previa expressamente a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, de gênero e de orientação sexual” como uma de suas diretrizes. Essa previsão não agradou em nada os atores conservadores do Congresso Nacional que já teriam demonstrado sua força na articulação que barrou a distribuição do material *Escola sem Homofobia* em 2011. Esses mesmos atores convocaram grupos da sociedade civil, sobre os quais

²⁷⁸ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

exerciam influência, para que ocupassem o debate público do PNE e pressionassem a retirada da menção à palavra “gênero” no texto final do Plano. Foi este o primeiro momento no qual a “ideologia de gênero” apareceu expressamente no cenário nacional como algo que precisava ser combatido. Nas audiências públicas finais do debate do PNE, diversos foram os cartazes levantados dizendo “não à ideologia de gênero!”.

A educação era o seu cenário de destaque. “Gênero” tornou-se, a partir daquele momento, um sintagma ocupado por diversos fantasmas que, respectivamente, constituíam os diferentes inimigos dos distintos setores conservadores da sociedade brasileira.²⁷⁹ “Gênero” era, pela construção desses atores, o sinônimo de marxismo cultural, doutrinação comunista, erotização precoce das crianças, banheiro unissex e pedofilia [sic] a um só tempo.

Essa estratégia de combate à “ideologia de gênero” funcionou e o Senado alterou o trecho que previa expressamente a promoção da igualdade de gênero por um mais genérico. Na nova redação, o Plano dizia sobre a ênfase “na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Ainda que o aspecto democrático e plural do texto tenha sido mantido, de modo não só a permitir, como, por indução, estimular o debate de gênero nas escolas com fins de realizar as diretrizes do Plano, não podemos deixar de reconhecer que essa foi mais uma conquista dos atores conservadores.

Após essa querela na aprovação do PNE, veremos que o mesmo debate se seguirá na discussão dos planos estaduais e municipais de educação por todo o Brasil. Mas, o mais interessante dessa cena foi a possibilidade do encontro entre as personagens conservadoras de matizes religiosas, conservadoras não religiosas e membros do Escola Sem Partido, viabilizada, nacionalmente, pelo campo de discussão da educação. Um campo já denunciado por Oscar Alzamora Revoredo em *La ideologia de género: sus peligros y alcances* de 1998 e nos consecutivos pronunciamentos de membros do Vaticano.²⁸⁰

Dessa forma, vejo um misto de oportunismo, contingência e estratégia na escolha da educação como o campo central dos ataques contra o gênero no Brasil.

²⁷⁹ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 11.

²⁸⁰ ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideologia de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998.

Davi destacava em sua entrevista que “eles estão cagando para a educação. A grande preocupação deles é capitalizar politicamente uma luta. E eles são espertos demais. Eles sabem que nenhum tipo de tema interessa mais pra uma mãe conservadora que a moral sexual”²⁸¹. O espaço da escola permitia que o discurso de combate à “ideologia de gênero” chegasse aos locais mais distantes do país, aproveitando da estrutura institucional do ensino. Assim, a cena tupiniquim vai ganhando suas cores mais diversas e materializando-se em nosso espetáculo.

O ESP foi um movimento fundado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib. Segundo o site do movimento, ele é “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”²⁸². Em sua origem, o ESP destacava-se pelo combate ao que chamavam de “doutrinação marxista” presente no ensino brasileiro. Entretanto, como ressalta Luis Felipe Miguel, o movimento só alçará voos maiores quando desloca sua pauta do combate à “doutrinação marxista” para o combate à “ideologia de gênero” durante o debate do PNE em 2014.²⁸³ Podemos dizer que o ESP pega carona numa agenda anterior à sua própria existência e a partir de então ganha projeção nacional. Fato que, mais uma vez, afirma o gênero como elemento central na inteligibilidade social do mundo. É fundamental, para apreendermos a operacionalidade dessa cruzada, entendermos que as questões de gênero atravessam as vidas das pessoas de maneiras muito concretas e intensas, marcando suas formas de estarem no mundo e de se relacionarem cotidianamente.

Com essa mudança de direção na centralidade dos trabalhos, o ESP passou a pressionar as Câmaras Municipais, as Assembleias Legislativas e o Congresso Nacional para aprovarem projetos de lei que instituíssem o Programa Escola Sem Partido, afirmando um nítido teor de combate à “ideologia de gênero”. No seu *site* encontramos a disponibilização de modelos de anteprojetos de lei para cada nível da federação, sempre explicitando em cada um dos projetos que o “Poder Público não se

²⁸¹ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²⁸² ESCOLA SEM PARTIDO. Quem Somos. Disponível em: <https://goo.gl/vk2gS9>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

²⁸³ MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, vol. 07, n. 15, p. 590-621, 2016, p. 599.

imiscuirá no processo de amadurecimento sexual dos alunos nem permitirá qualquer forma de dogmatismo ou proselitismo na abordagem das questões de gênero”²⁸⁴.

Ademais, o movimento inaugura um clima de patrulha dos professores ao estimular que os pais realizem notificações extrajudiciais “para que ele [o professor] se abstenha de adotar certas condutas em sala de aula, sob pena de responder judicialmente pelos danos que vier a causar”²⁸⁵. Os ares do macarthismo à brasileira se espalham através dessas iniciativas do ESP. Como ressalta Felipe de Araujo Pena, o campo reacionário de defesa do Escola Sem Partido possui um caráter antipolítico e antidemocrático.²⁸⁶ É um campo que nega a necessidade do debate público, fundamenta seus argumentos em discursos de autoridade e classifica aqueles que são contrários às suas propostas de inimigos a serem eliminados.

Nessa guinada do movimento para o combate ao gênero na educação, os seus antigos integrantes, ditos liberais, misturam-se com os religiosos conservadores que também passam a compor o ESP. O vereador Levi ilustra bem a dinâmica desse processo ao dizer que “a própria bancada evangélica vem mesmo, pregar isso pra gente, pregar o Escola Sem Partido”²⁸⁷. O pastoreador Paulo, por sua vez, mostra-se um ferrenho defensor do projeto, segundo ele “o que o Escola Sem Partido quer? Que se respeite a lei. (...) se é lei é difícil pedir que a lei seja cumprida? Você não precisa desconstruir a moral ou a compreensão de sexualidade de crianças e adolescentes para ensinar essa criança a ser tolerante”²⁸⁸. Como na metáfora de Levi, o ESP torna-se um grande “pregador”, através de líderes religiosos, do fim da suposta “doutrinação” de gênero nas escolas brasileiras.

A alteração de centralidade do combate ao marxismo para o combate ao gênero, é que possibilita essa nova coalisão de forças, o que não se dá sem o mínimo de sofisticação argumentativa traduzida em algo como o marxismo cultural gramsciano. A “ideologia de gênero” seria, nessa compreensão, um desdobramento cultural do marxismo, uma tática de implementação do comunismo por outras vias que não as institucionais. Uma estratégia teórica creditada à Antonio Gramsci. Esse

²⁸⁴ ESCOLA SEM PARTIDO. Anteprojeto de Lei Municipal e minuta de justificativa. Disponível em: <https://goo.gl/GhYDB1>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

²⁸⁵ ESCOLA SEM PARTIDO. *Modelo de Notificação Extrajudicial: arma das famílias contra a doutrinação nas escolas*. Disponível em: <https://goo.gl/EmDj3i>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

²⁸⁶ PENNA, Felipe de Araujo. *O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático*. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 567-581, dez. 2018.

²⁸⁷ LEVI. Entrevista 6. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

²⁸⁸ PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

discurso é ilustrado por Paulo ao dizer que os movimentos LGBTs e feministas eram manipulados pelo marxismo: “será que esse movimento não está sendo utilizado por uma outra ideologia, marxista, como forma de manipulação, como forma de massa de manobra? A história mostra que o próprio Lenin dizia que existem idiotas úteis”²⁸⁹. Nesse eixo de argumentação, “gênero” também torna-se sinônimo de marxismo.

É interessante notar que essa estratégia argumentativa é taticamente muito produtora. A criação de um inimigo real e contemporâneo a ser combatido mobiliza os afetos do medo e da coragem, estimulando uma cruzada de extermínio imediato desse inimigo para que ele não me extermine antes. Matheus, integrante da Frente Autônoma LGBT, destacava, nesse sentido, que o discurso de uma “ideologia do próprio Satanás que veio para destruir as famílias, que veio para tornar seu filho - seu bebezinho! - em viado promíscuo, num Pablo Vittar. É muito mais inteligível do que a gente discutindo sobre as questões das violências que cercam a experiência do gênero”²⁹⁰. O discurso contrário a “ideologia de gênero” tem se fortalecido no Brasil nos últimos anos e o movimento ESP vem surfando no crescimento dessa cruzada. Apesar das decisões judiciais contrárias aos projetos de lei vinculados ao movimento, a disputa social pela inteligibilidade do gênero permanece e novos projetos de lei inspirados no ESP continuam sendo propostos nas casa legislativas por todo o país.²⁹¹

Outro importante movimento que vai surfar na onda do combate à “ideologia de gênero” é o Movimento Brasil Livre (MBL).²⁹² Fundado em novembro de 2014 por Kim Kataguirí, Renan Santos, Gabriel Calamari, Frederico Rauh e Alexandre Santos, o movimento surgia como uma aglutinação, especialmente de jovens, a favor do Estado mínimo, liberalismo econômico e liberdade de imprensa. Em seu primeiro ato, realizado no vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP), o MBL reuniu cerca de cinco mil pessoas para defender a investigação e a punição dos envolvidos na Operação Lava Jato. Na prática, o movimento consolidou-se no cenário nacional por seu forte posicionamento contrário ao Partido dos Trabalhadores (PT) e apoio ao impeachment da Presidente Dilma Rousseff. O “antipetismo”, que é algo maior do

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ MATHEUS. Entrevista 5. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

²⁹¹ Como exemplo de decisões contrárias aos projetos de lei do ESP, temos a decisão, no STF, em medida cautelar, no caso da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº 5.537 e 5.580 do Estado de Alagoas.

²⁹² KATAGUIRI, Kim. A ideologia de gênero é um câncer para as crianças. Disponível em <https://goo.gl/44ifBB>. Acesso em 17 de dezembro de 2017.

que o MBL, será um fator importante na cena tupiniquim do combate à “ideologia de gênero”, uma vez que para esse pensamento, os adeptos e os membros do PT seriam representantes do comunismo. Logo, patrocinadores da “ideologia de gênero” no Brasil. Vale lembrar que o MBL não é o único responsável pela difusão desse sentimento de ódio ao PT, mas tem uma importante participação na articulação desse campo conservador. O que está intimamente atrelado ao seu crescimento.

Esse posicionamento “antipetista” levou o MBL às alianças com pautas de outros campos também “antipetistas”, mas que não eram suas pautas originárias. O combate à “ideologia de gênero” entra, justamente, na composição com um campo contrário ao PT que é de matiz religiosa e conservadora, oposta a uma concepção clássica do liberalismo, mas responsável por mobilizar muitas pessoas no país. O oportunismo do MBL nesse caso é explícito. O inimigo maior era o PT e eles topariam qualquer negócio para tirar a Dilma da Presidência da República. O debate sobre gênero para eles é secundário, como admitiu um dos seus coordenadores: “nosso foco nem é ideologia de gênero, o nosso foco é responsabilidade com o dinheiro público. Acaba aparecendo mais esse debate sobre ideologia de gênero sabe por quê? Ele é extremamente midiático”²⁹³. Ainda segundo Efrain, esse coordenador do MBL, a cena do debate é horrível: “de uma lado você tem lá o pessoal do gênero, com a bandeira vermelha do comunismo, travesti, está o pessoal enfiando o crucifixo no orifício, não sei o quê... e do outro lado você tem uma galera com a cruz na mão, louca de raiva, espumando, e o pessoal com a farda”²⁹⁴.

É evidente o desprezo que os líderes do MBL têm em relação aos seus aliados religiosos e militares do momento. Mas, eles são capazes de passar por cima desse desprezo e divergência para enfrentarem, conjuntamente, o PT e o que ele significa em termos de projeto de Estado e de sociedade. Segundo Efrain, “acaba sendo uma convivência até saudável, quando não tem ninguém berrando que Jesus vai queimar gay, quando não tem ninguém ameaçando bater nos outros”²⁹⁵. É nesses termos contingentes e provisórios que o MBL apoia o projeto do ESP e entra no espetáculo do gênero com ele já em movimento.

Está formada, portanto, a “tríplice aliança” da cena tupiniquim. Religiosos conservadores, ESP e MBL se unem em direção a um outro projeto de Estado e de

²⁹³ EFRAIN. Entrevista 8. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²⁹⁴ Ibid.

²⁹⁵ Ibid.

sociedade que é condensado no combate à “ideologia de gênero”. Nesse bacanal, o suposto liberalismo do ESP e do MBL dorme abraçado com o autoritarismo dos conservadores religiosos. Como lembra Joana, “nem diria grupos liberais, porque eu não os considero liberais. Eles são ultraliberais ou fascista, eles são autoritários”²⁹⁶. Ou como destaca Davi, “se o liberalismo fosse liberalismo, seria antes fundamentalista. Isso pra eles não faz a menor diferença”²⁹⁷. Entendo que o liberalismo desses movimentos que apoiam a cruzada antigênero é um verniz para o projeto autoritário que sustentam de fundo. Esse sim é o projeto que o une o Vaticano, os grupos nacionalistas europeus, os evangélicos conservadores e os supostos liberais.

Os atores dessa aliança também são agentes econômicos do mercado. Há uma simbiose entre o poder político e a possibilidade de financiamento público de negócios privados como as comunidades terapêuticas e as clínicas que realizam terapias de reorientação sexual [sic]. Como lembra Joana, esse atores são antes de tudo grupos econômicos, “eles têm toda uma rede de mercado que movimenta muito dinheiro e interessa pra eles controlar esse nicho criando tendência, criando uma clientela”²⁹⁸. Esses interesses econômicos dependem de um projeto autoritário de Estado para se manterem. É necessário regular intensamente as relações interpessoais para garantir o controle sobre os corpos que mantém esses atores econômicos no poder e financia os seus negócios. Instala-se um processo que se retroalimenta. Alguns desses agentes são eleitos pela influência religiosa que exercem, pelo sentimento conservador que materializam ou pelo montante de financiamento privado que é injetado em suas campanhas. Ocupando a máquina pública, eles mantêm uma inteligibilidade de mundo que garante o suprimento dos seus interesses econômicos e, assim, assaltam o Estado.

A presença no campo de pesquisa me fez perceber que esse processo não é tão orquestrado. Pelo contrário, ele é fruto de diversas contingências e movimentos nada calculados. Não existe nenhuma grande estrutura de articulação, mas existe uma inteligibilidade de mundo, essa sim muito forte, que conduz a determinadas alianças e ações na arena política. Essa inteligibilidade dispensa uma organização formal muito bem estabelecida entre esses agentes. A formação do campo de alianças não é nada maquiavélica, é muito mais complexa do que isso. Mesmo aqueles, que são

²⁹⁶ JOANA. Entrevista 7. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²⁹⁷ DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

²⁹⁸ JOANA. Entrevista 7. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

entendidos como “empreendedores morais”²⁹⁹, pensam estar contribuindo para uma sociedade mais harmônica dentro do seu modo de estar e compreender o mundo. Por isso, minha aposta em pensar o projeto de poder em jogo nesse bacanal de alianças me parece mais interessante para percebermos a disputa em questão, do que cairmos no debate reducionista de qual lado das alianças seria o ideológico. O que está posto na mesa é uma disputa pelos regimes de inteligibilidade sociais, práticas reiteradas que nos permitem agir de determinadas maneiras e não de outras.³⁰⁰

No próximo momento da nossa dramaturgia, proponho uma reflexão sobre as consequências dos estudos de gênero para os corpos e suas vivências cotidianas de circulação dos afetos. Um diálogo com Richard Miskolci e Berenice Bento.

3.3 O FANTASMA CONCRETO

Richard Miskolci, em seu artigo *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*, publicado em 2018, ataca a dimensão fantasmagórica do sintagma da “ideologia de gênero”.³⁰¹ Na sua visão, esse sintagma significaria uma série de ameaças que, de fato, não se apresentariam, por isso seria apenas um espectro, uma fumaça de uma ameaça irreal. Miskolci pode ter razão se pensarmos que “ideologia de gênero” passa a significar, por exemplo, doutrinação comunista, erotização precoce das crianças, banheiro unissex e pedofilia. Essas ameaças não decorrem dos estudos e políticas de gênero. Entretanto, essa é apenas uma dimensão da questão. Ao focarmos somente nela, corremos o risco de encobrir uma outra dimensão que é: sim, uma visão pós-estruturalista do gênero apresenta riscos às compreensões de mundo baseadas em uma ordem natural e divina de sua criação. Ora, a reação do Vaticano na década de 1990 não ocorre sem motivos, o risco para uma teologia conservadora se faz presente de forma muito viva.

²⁹⁹ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 12.

³⁰⁰ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.114.

³⁰¹ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 2. Cf.: Neste curto artigo, minha proposta é dissipar o espectro da “ideologia de gênero” contribuindo para desconstruir a política do medo e da perseguição que ele instaura contra intelectuais, artistas e educadores/as. Um medo que faz do Outro um inimigo a ser combatido por supostas “pessoas de bem”, as quais têm agido performativamente como membros de uma espécie de cruzada moral. A despeito da forma antiga, buscarei argumentar que tal movimento é contemporâneo e o que o alimenta são objetivos bem terrenos.

O meu ponto é o de que os estudos e práticas de gênero das últimas décadas, realmente, bagunçaram uma inteligibilidade de mundo que era entendida como algo dado desde sempre. Isso não é pouca coisa. Afirmar que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados”³⁰² é sim algo radical. Essa afirmação provoca efeitos reais e muito concretos na vida cotidiana das pessoas.

Admitir o gênero como uma construção performativa, é negar toda uma ordem naturalizada do mundo que é baseada no binarismo essencialista da existência de homens e mulheres enquanto correspondências lógicas e necessárias às suas genitálias. Afirmamos que não há nada anterior às próprias práticas que possa garantir essa ordem generificada do mundo. E isso pode ser aterrorizante para quem sempre manteve sua existência com base em garantias anteriores outras para além de sua própria experiência.

Berenice Bento diz que nós “politizamos a vida biológica. Esta obra nos pertence. Feministas, transfeministas, gays, bichas, lésbicas, com todas as nossas diferenças (felizmente) somos um exército à la Brancaloneo, sem chefe, sem uma agenda centralizada, mas movidos/as por um desejo: tornar a vida vivível com justiça social para todos”³⁰³. Avançamos no processo de rearticulação dos quadros de inteligibilidade, e é necessário reconhecermos isso para entendermos a presente cruzada contra o gênero. “Nós, em nossas lutas minúsculas, quase invisíveis, não imaginávamos que estamos enfiando com tanta profundidade o dedo na ferida. Identidade de gênero não tem nada a ver com a biologia. Identidade (de qualquer ordem) vincula-se às relações de poder”³⁰⁴. Com isso, nós provocamos uma reação, uma reação ao abalo sísmico que realizamos no campo da inteligibilidade do gênero.

Ora, também não deveríamos esperar que quem sempre se viu assentado em determinadas relações de poder não se incomodasse quando essas relações fossem interpeladas. Questionando-os, nós “obrigamos os teólogos de gênero a saírem do armário e vir ao mundo público disputar posições sobre masculinidades e feminilidades e ao fazer este gesto político, nos dão razão: gênero não é um assunto

³⁰² BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 56.

³⁰³ BENTO, Berenice. *Afeto, Butler e os neoTFPistas*. São Paulo: Revista Cult, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/cxnR5J>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

³⁰⁴ Ibid.

bíblico ou biológico, diz respeito a projetos políticos”³⁰⁵. Assim, fizemos com que esses agentes se movessem, saíssem do lugar para defenderem seu projeto político biológico-naturalizante do gênero.

Falar dessa disputa, é falar, portanto, de questões que atravessam as vidas das pessoas de maneiras muito intensas. O avanço das lutas dos movimentos LGBTs e feministas permitiram uma rearticulação da própria esfera do aparecimento, ou seja, do próprio campo da existência.³⁰⁶ Outras modalidades do existir tornaram-se possíveis, justamente, no aparecimento da sua reivindicação por existência. Corpos bichas, sapatões, bis, travestis e transexuais passaram não só a ocupar a cena pública, mas a reivindicá-la para uma existência livre de violência. O público é rearticulado. Realizamos, no nível do aparecimento dos corpos, um empreendimento crítico, um enquadramento do enquadramento, “uma reflexão sobre o que é chamado, provisoriamente, de ‘realidade’”³⁰⁷. Negociamos, diariamente, essa “realidade” com o campo normativo do aparecimento, reivindicando tomarmos parte dela. Uma negociação marcada pela violência daqueles que querem controlar a esfera do aparecimento para, supostamente, garantirem sua própria existência.

Nosso avanço obrigou as famílias a lidarem com questões de gênero que antes seriam impensáveis. O resultado foi o tensionamento das relações interpessoais cotidianas. Expectativas normativas estilhaçadas. Rearticulação da própria ideia de família. Questionamento da matriz heteronormativa de criação dessas expectativas. Rompimento de relações familiares. Cafés da manhã amargos. Casamentos interrompidos. Filhos expulsos de casa. Almoços indigestos. Dor. Medo. Sofrimento. Uma mistura explosiva de afetos que implica, de alguma maneira, todos nós nesse espetáculo do gênero.

As reações são diversas e possuem vários níveis. A negação é uma reação comum. O medo muitas vezes conduz a essa rejeição às transformações. Nossas rearticulações dos quadros de inteligibilidade geraram uma novidade que questiona a ordem naturalizada anterior. O caso do cancelamento da exposição do *Queermuseum*:

³⁰⁵ Ibid.

³⁰⁶ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 64. Cf.: “não é possível separar o gênero que somos e a sexualidade na qual tomamos parte do direito que cada um de nós tem de afirmar essas realidades em público, livremente, protegido da violência”.

³⁰⁷ Ibid., p. 114.

*Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*³⁰⁸, dos protestos contra a presença de Judith Butler no Seminário Internacional *Os Fins da Democracia*³⁰⁹ ou da proibição do espetáculo *Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*³¹⁰ são nítidos exemplos dessas tentativas da negação. Negar nossas existências e desejos como criminosos, pecaminosos ou patológicos são formas de negar nossos projetos políticos plurais em defesa de um projeto autoritário de uma unidade organicista da sociedade que garanta essa ordem naturalizada anterior. Como destaca Butler, quando “violência e ódio se tornam instrumentos da política e da moral religiosa, então a democracia é ameaçada por aqueles que pretendem rasgar o tecido social, punir as diferenças e sabotar os vínculos sociais necessários para sustentar nossa convivência aqui na Terra”³¹¹. O discurso jurídico, religioso ou biológico serve como garante de legitimidade a um projeto político. Cabe ao empreendimento crítico expor essa operacionalidade sobre a qual a negação se assenta. Uma operacionalidade da violência reiterada em busca de uma garantia – inócua – da imobilidade dos quadros de apreensão do mundo. Uma polícia da vida e da morte.³¹² Ou como destaca Berenice Bento, uma permanência da

³⁰⁸ Essa foi uma exposição realizada no Santander Cultural de Porto Alegre, em 2017, sob a curadoria de Gaudêncio Fidelis. A exposição foi alvo de ataques dos setores conservadores da sociedade que a acusaram de fazer apologia à pedofilia, à zoofilia e ao vilipêndio religioso. O Santander reagiu a essa ofensiva cancelando a exposição. No ano seguinte, após um financiamento coletivo, a exposição foi reinaugurada no Parque da Laje do Rio de Janeiro.

³⁰⁹ BUTLER, Judith. *Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e ataque sofrido no Brasil*. São Paulo: Ilustríssima, 2017. Disponível em encurtador.com.br/tGH35. Acesso em 09 de janeiro de 2019.

³¹⁰ Esse é um espetáculo da dramaturga Jo Clifford, dirigido no Brasil por Natalia Mallo e com atuação de Renata Carvalho. Nessa peça, Jesus é vivido por uma mulher trans, o que gerou uma forte reação dos setores conservadores da sociedade. Em várias cidades brasileiras, por onde o espetáculo tem passado, sua apresentação tem sido alvo de ações judiciais que visam proibir o seu acontecimento por, supostamente, ferir os valores morais cristãos. Mais recentemente, no Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), durante julho de 2018, o espetáculo foi proibido por decisão judicial. A equipe do espetáculo decidiu realiza-lo em um ambiente privado, fora da programação oficial do Festival, e reuniu mais de cem espectadores.

³¹¹ BUTLER, Judith. *Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e ataque sofrido no Brasil*. São Paulo: Ilustríssima, 2017. Disponível em encurtador.com.br/tGH35. Acesso em 09 de janeiro de 2019.

³¹² BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 41-42. Cf.: “Desse modo, a precariedade está, talvez de maneira óbvia, diretamente ligada às normas de gênero, uma vez que sabemos que aqueles que não vivem seu gênero de modos inteligíveis estão expostos a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência. As normas de gênero têm tudo a ver com como e de que modo podemos aparecer no espaço público, como e de que modo o público e o privado se distinguem, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual. Ao perguntar quem vai ser criminalizado com base em sua aparência pública, quero dizer, quem vai ser tratado como um criminoso, e apresentado como um criminoso (o que nem sempre é o mesmo que ser nomeado um criminoso por um código legal que discrimina manifestações de determinadas normas de gênero ou determinadas práticas sexuais); quem não vai ser protegido pela lei ou, mais especificamente, pela polícia, nas ruas, no trabalho ou em casa – em códigos legais ou instituições religiosas? Quem vai se tornar objeto da violência policial? Quem terá as queixas de agressão negadas e quem vai ser estigmatizado e privado de direitos civis ao mesmo tempo que se torna objeto de fascinação e do prazer consumista? Quem vai ter assistência à saúde perante a lei? Quem terá as relações íntimas e de

estratégia do necrobiopoder, que se apresenta através de “um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver”³¹³.

Outra reação possível é a de uma abertura crítica à reflexão sobre as lentes de inteligibilidade do mundo. Essa reação exige um desprendimento de si ao admitir questionar uma ordem naturalizada que constitui, inclusive, o sujeito da interpelação. Como nos lembra Butler, essa abertura “requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de nos tornarmos humanos”³¹⁴. É uma reação, portanto, que exige a rearticulação de si mesmo. Um reinventar-se capaz de produzir inteligibilidades de mundo outras que sejam capazes de apreenderem, dignamente, as vidas já existentes. Uma convocatória à ética enquanto crítica social. A um projeto político democrático e igualitário de possibilidades de vidas que mereçam serem vividas. Um convite a entendermos “que o ‘fim’ da democracia é manter acesa a esperança por uma vida comum não violenta e o compromisso com a igualdade e a liberdade, um sistema no qual a intolerância não se transforma em simples tolerância, mas é superada pela afirmação corajosa de nossas diferenças”³¹⁵. Trata-se de compreender que que somente alterando a relação entre o reconhecível e o irreconhecível é que podemos entender e buscar a igualdade.³¹⁶ Esse é o projeto político dos estudos de gênero.

parentesco reconhecidas perante a lei ou criminalizadas pela lei, e quem vai ter que viajar trinta quilômetros para se tornar um novo sujeito de direitos ou um criminoso? O estatuto legal de muitas relações (conjugais, parentais) muda radicalmente dependendo da jurisdição em que se está, se a corte é religiosa ou secular, e se a tensão entre códigos legais conflitantes é resolvida no momento em que uma relação surge”.

³¹³ BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 7.

³¹⁴ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 171.

³¹⁵ BUTLER, Judith. *Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e ataque sofrido no Brasil*. São Paulo: Ilustríssima, 2017. Disponível em encurtador.com.br/tGH35. Acesso em 09 de janeiro de 2019.

³¹⁶ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 11. Cf.: “Portanto, uma razão pela qual a inclusão não é o único objetivo da democracia, especialmente da democracia radical, é que a política democrática tem que estar preocupada com quem conta como ‘o povo’, de que modo a demarcação é estabelecida de forma a evidenciar quem é ‘o povo’ e a relegar a segundo plano, à margem ou ao esquecimento os que não contam como ‘o povo’. (...) Mesmo quando uma forma de reconhecimento é estendida a *todo* o povo, permanece a premissa ativa de que existe uma vasta região

Encerro essa minha narrativa, que visa somar-se as demais já apresentadas pelos pesquisadores tupiniquins, dizendo que o “fantasma” exorcizado por Richard Miskolci, por vezes pode ser muito concreto e não apenas um espectro de uma ameaça. Talvez, nos abirmos às concretudes e consequências desse “fantasma” possa contribuir para pensarmos a operacionalidade do medo que os avanços das políticas e dos estudos de gênero mobilizam. Trabalharmos com essa operacionalidade também nos permite pensarmos como cada projeto político em jogo se realiza no nível dos corpos. Esse é o convite da minha dramaturgia.

Uma dramaturgia da disputa pelos sentidos do gênero que se faz presente em projetos políticos de poder. Projetos que se materializam no nível dos corpos. Dizem respeito à vida cotidiana das pessoas. O embate entre democracia e autoritarismo articula-se na mobilização dos afetos nas casas e nas ruas das cidades. Aparecer é existir. O espaço do aparecimento está no centro dessas disputas. E é nesse espaço relacional, dinâmico e aberto que se encontram a cena global e local de combate à “ideologia de gênero”. É afirmação espacial da simultaneidade e da justaposição do próximo e do distante. No campo democrático, trata-se da afirmação de “um novo tempo e um novo espaço para a vontade popular, não uma única vontade idêntica, nem uma vontade unitária, mas uma que se caracteriza como uma aliança de corpos distintos e adjacentes, cuja ação e cuja a inação reivindicam um futuro diferente”³¹⁷. Não é uma dramaturgia das respostas, mas do convite à reflexão sobre a produção e a articulação dos quadros de inteligibilidade nessa disputa política do agora.

daqueles que permanecem irreconhecíveis, e esse poder diferencial é reproduzido toda vez que a forma de reconhecimento é estendida”.

³¹⁷ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 84

CONCLUSÃO

*Calma, calma, também tudo não é assim
escuridão e morte. Calma. Não é assim?*

Hilda Hilst

Que as cortinas se abram para o nosso ato final. O cortejo fúnebre. O dia era 28 de outubro de 2018. Às 19h18 estava confirmada a vitória de Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições brasileiras. Minutos após essa confirmação, Bolsonaro fazia o seu primeiro discurso ao povo brasileiro na condição de presidente eleito. O meio escolhido foi uma *live* através do Facebook, gravada no interior de sua casa, como havia sido realizada grande parte da sua campanha. Ao lado da sua companheira, Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro, e de uma intérprete de libras, o futuro presidente iniciou o seu discurso agradecendo à Deus que por meio dos “médicos, enfermeiros e demais profissionais de saúde da Santa Casa em Juiz de Fora e do Hospital Albert Einstein em São Paulo, operaram um verdadeiro milagre”³¹⁸ mantendo a sua vida. Ele ainda disse que a inspiração para sua campanha foi encontrada naquilo que muitos chamam de “caixa de ferramentas para consertar o homem e a mulher, que é a Bíblia Sagrada, fomos em João 8, 32, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”³¹⁹. Na sua mesa, além da Bíblia, estavam dispostos três outros livros, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o Memórias da Segunda Guerra de Winston Churchill e O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota de Olavo de Carvalho. Ao fim do discurso, Bolsonaro pede a Deus coragem para poder bem decidir o futuro do país.

Logo após a *live* no Facebook, o presidente eleito vai para a porta da sua casa e lá, com a cobertura da grande mídia televisiva, convida-nos a uma roda de oração conduzida pelo ex-senador Magno Malta, pastor evangélico ligado à Igreja Assembleia de Deus, o mesmo dos discursos inflamados contra o material de combate à homofobia em 2011, “marco zero” na cruzada brasileira contra à “ideologia de gênero”. O ex-senador diz que eles “começaram essa jornada orando e o mover de Deus, e ninguém vai explicar isso nunca, o que acontece, os tentáculos da esquerda

³¹⁸ BOLSONARO, Jair Messias. *Discurso da vitória em live no Facebook*. Disponível em <https://goo.gl/xk949i>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

³¹⁹ Ibid.

jamais seriam arrancados sem a mão de Deus. Chegamos. E mais do que justo que agora oremos para agradecer à Deus”³²⁰. A oração é marcada por exortações à família, ao cuidado das crianças e ao combate à corrupção. Malta refere-se ao atentado à faca, sofrido por Bolsonaro, dizendo que “o Senhor não permitiu que a morte o tragasse no momento de expectativa e sonho do povo brasileiro”³²¹. Ele ainda afirma que “quem unge a autoridade é Deus, e o Senhor ungiu Jair Bolsonaro”³²². A oração é finalizada com um agradecimento à Jesus e com o slogan da campanha: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. Somente após a oração, o presidente eleito inicia a leitura do seu discurso oficial de vitória.

O discurso começa com a citação bíblica de João 8, 32: “conhecereis a verdade e a verdade os libertará”³²³ e evocando a presença divina: “nunca estive sozinho, sempre senti a presença de Deus e a e a força do povo brasileiro, orações de homens, mulheres, crianças, famílias inteiras”. Bolsonaro coloca-se como o defensor da Constituição, da democracia e da liberdade, uma “promessa não de um partido, não é a palavra de homem, é um juramento a Deus”³²⁴. Ao fim do discurso, o futuro presidente relembra o atentado em Juiz de Fora, contribuindo para o estabelecimento de uma narrativa do milagre, um outro messias ressuscitado. Os elementos religiosos, que marcam os discursos desse dia da vitória de Jair Messias Bolsonaro, e as personagens dessa cena, ilustram bem o projeto que ora se faz institucionalmente vitorioso no tocante à disputa pela inteligibilidade do gênero no Brasil.

A construção da projeção nacional da figura de Jair Bolsonaro coincide com o início da campanha contra a “ideologia de gênero” no país. Ainda em 2010 podemos encontrar diversas falas do então deputado federal denunciando o que ele denomina de “kit gay”. Na sua fala no Plenário da Câmara, em 30 de novembro de 2010, ele disse: “atenção pais, tua filha de sete, oito, nove, dez anos, vai assistir ano que vem esse ‘filmete’ que já está sendo licitado”³²⁵ em alusão a um dos filmes que compunha o material de combate à homofobia. Segundo o deputado “não podemos

³²⁰ MALTA, Magno. *Oração da vitória*. Disponível em <https://goo.gl/xtwhpD>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

³²¹ Ibid.

³²² Ibid.

³²³ BOLSONARO, Jair Messias. *Discurso da oficial da vitória*. Disponível em <https://goo.gl/xtwhpD>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

³²⁴ Ibid.

³²⁵ BOLSONARO, Jair Messias. *Discurso no Plenário da Câmara em 30 de novembro de 2010*. Disponível em <https://goo.gl/Y8wqRN>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

submeter, ao escárnio da sociedade, esse kit”. Para concluir, ele ressalta o que já havia dito na TV Câmara: “se um garoto tem um desvio de conduta logo jovem, ele tem que ser redirecionado para o caminho certo, nem que seja pelas palmadas. Me acusam de ser violento, mas não sou promíscuo, não sou canalha com as famílias brasileiras!”. Na visão do deputado esse kit seria um estímulo ao homossexualismo [sic] e à promiscuidade que deveriam ser corrigidos mesmo na base da violência. Cruzada antigênero, projeto autoritário de Estado e de sociedade, tudo isso se encontra na celebração dessa recente vitória eleitoral no Brasil.

O projeto político do Vaticano, forjado na década de 1990, de combate à “ideologia de gênero” como forma de manutenção da ordem divina de explicação do mundo e de uma teologia conservadora do corpo, aliou-se aos projetos autoritários de assalto ao Estado na Europa, abrindo caminhos para outros projetos semelhantes ao redor do globo. Esse projeto continua vivíssimo no pontificado de Jorge Mario Bergoglio através do discurso de descolonização ideológica do sul global – América Latina e África - que seria vítima das organizações internacionais, empresas e ricos países que financiam campanhas à favor da “ideologia de gênero” nessa parte do globo. Em uma contradição performativa, ele utiliza do discurso da descolonização para garantir a manutenção de padrões coloniais do gênero e da sexualidade no países do sul, escamoteando toda uma rede relacional que constitui as práticas coloniais em diferentes pontos do globo.

Sustentei, neste espetáculo, que o aparato teórico empregado pelo Vaticano para a desconstrução dos estudos de gênero é incorreto. A ideia de uma livre invenção de si atribuída às perspectivas desses estudos é no mínimo desconhecadora das complexidades das teorias do gênero. Pois elas afirmam justamente o oposto. O “eu” não existe sem um “nós” e está “implicado em uma temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração”³²⁶. Existe uma complexa e constante tensão na constituição do sujeito que nunca é completamente autônoma, mesmo porque é sempre relacional. O profundo desconhecimento das autoridades intelectuais religiosas dos pressupostos desses estudos beira a desonestidade intelectual. Uma desonestidade que mantém a cruzada a todo vapor. No Brasil, essa cruzada ganha contornos muito próprios, mas a aliança entre um conservadorismo cristão e um

³²⁶ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 18.

projeto autoritário de assalto ao Estado e de controle da sociedade está nitidamente presente e movimentando a política nacional.

A eleição de Jair Bolsonaro foi também avalizada pela “tríplice aliança” responsável pela força da cruzada antigênero no Brasil. Conservadores religiosos, Escola Sem Partido e Movimento Brasil Livre, após retirarem a Presidente Dilma Rousseff do poder, uniram-se para conduzir Bolsonaro ao cargo de Presidente da República. Por isso, sustento que o “gênero” é responsável por condensar os anseios dos atores sociais que possuem uma agenda conservadora. Ele é o termo de encontro daqueles que desejam conservar uma determinada operacionalidade das relações sociais com aqueles que defendem uma estrutura autoritária do Estado, seja ela liberal – caso brasileiro – ou intervencionista – caso dos países europeus – na economia. Afinal, é tudo isso que está em jogo na disputa pela inteligibilidade do gênero.

Entendo que esse projeto de combate à “ideologia de gênero” faz presente o princípio monárquico de uma soberania una que ao longo da história visa ditar as formas de organização social e estatal na busca de uma suposta unidade orgânica perdida.³²⁷ Intitulo este projeto, responsável por uma visão excludente dos modos de existência que sejam divergentes de uma matriz heteronormativa, de essencialista. Ele exige estratégias biopolíticas sofisticadas de controle dos corpos. Isso requer um Estado Autoritário capaz de atender a essas demandas. Do outro lado, o campo das políticas e estudos do gênero do projeto crítico faz presente o princípio da pluralidade, uma abertura ao por vir de uma democracia sem espera e que assuma a questão da legitimidade como ausência de um fundamento único soberano.³²⁸ Esse projeto requer um Estado Democrático e apresenta a promessa da diversidade como vivência radicalmente democrática de um permanente devir constituidor e rearticulador das lentes de inteligibilidade sociais do mundo.³²⁹ Pensar a disputa do “gênero” é pensar essa disputa pelo projeto de Estado e de sociedade.

Dialogando com os contributos do autores tupiniquins, penso que a cruzada antigênero pode ser compreendida de forma mais complexa dentro do marco dos projetos de poder em disputa. Pensarmos esses projetos sob a ótica dos quadros de inteligibilidade do mundo, fornecida por Judith Butler, nos convida a refletirmos

³²⁷ CARVALHO NETTO, Menelick de. *A Sanção no Procedimento Legislativo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1992, p. 206.

³²⁸ CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. *Contribuições para uma teoria crítica da constituição*. Belo horizonte: Arraes Editores, 2017, pp. 11-112.

³²⁹ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.114.

sobre as operacionalidades de constituição desses quadros ao nível da ação performativa do corpo.³³⁰ As políticas e estudos de gênero das últimas décadas apresentam um perigo concreto – e não, meramente, espectral – para as formas de compreensão do mundo baseadas em uma ordem anterior e divina das coisas. A interdição do desejo operada pela culpa é uma das formas de negação desses avanços produzidos no campo da inteligibilidade do gênero. Há uma circulação de afetos que mantém de pé essa disputa e alimenta os corpos que a sustentam.

Diversas contribuições para pensarmos essa disputa foram realizadas no campo brasileiro dos estudos de gênero. O nosso *Espetáculo do Gênero* é herdeiro desses trabalhos anteriores de pesquisadores tupiniquins que se dedicaram a pensar as complexidades e nuances da cruzada antigênero em nossas terras. Em tributo a essas contribuições, retomo nessa conclusão, ainda que brevemente, o diálogo com esses pesquisadores que viabilizaram o nosso presente trabalho.

O artigo *Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios* de André de Macedo Duarte e Maria Rita de Assis César foi importante para pensarmos a disputa pelos sentidos do gênero no campo educacional brasileiro.³³¹ Apesar de discordar da ideia de um “marco zero” em 2011, penso que esse trabalho contribuiu para a bibliografia tupiniquim dessa disputa ao apontar e recuperar as particularidades do campo educacional em uma ideia de governo dos corpos e desejos em diálogo direto com Michel Foucault. A dissertação *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia* de Marcelo Daniliauskas também contribuiu para compreendermos o histórico das políticas públicas no campo brasileiro da educação.³³² No mesmo sentido, a dissertação *Norma de gênero e instituição escolar: um estudo psicossocial sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte* de

³³⁰ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 64.

³³¹ CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. *Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios*. Curitiba: Educar em Revista, n. 66, p. 141-155, out./dez., 2017.

³³² DANILIAUSKAS, Marcelo. *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011.

Leonardo Tolentino contribui ao apresentar uma experiência concreta da interface do gênero com a educação na região metropolitana de Belo Horizonte.³³³

O artigo *“Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”?* de Rogério Diniz Junqueira foi fundamental para recuperação de uma genealogia internacional da cruzada antigênero e é um grande contributo para bibliografia nacional do tema.³³⁴ A palestra *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos* e o artigo decorrente dessa fala no Colóquio, intitulado *A “política do gênero”: um comentário genealógico*, de Sonia Corrêa também foram importantes para este espetáculo e dão seguimento a busca por uma reconstrução histórica internacional da política antigênero.³³⁵ Aprendi, ouvindo a palestra e lendo o artigo, uma história de conferências da ONU na década de 1990 que foram fundamentais para disparar a reação do Vaticano.

O artigo *Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro* de Felipe Luiz Miguel é um importante contributo para pensar a atuação recente do Escola Sem Partido e sua aliança com outros setores e pautas conservadoras da sociedade.³³⁶ *O Bacanal das Alianças* desse espetáculo é bastante devedor das contribuições desse texto de Miguel. O artigo *O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático* de Felipe de Araujo Penna também contribuiu para pensarmos a relação Escola Sem Partido com um projeto antipolítico e antidemocrático de Estado e de sociedade.³³⁷

³³³ TOLENTINO, Leonardo. *Norma de gênero e instituição escolar: um estudo psicossocial sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, 2012.

³³⁴ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *“Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”?* In: Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

³³⁵ CORRÊA, Sônia. *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos*. In: Colóquio Gênero Ameaça(n)do. Rio de Janeiro: Análises e Resistências, 30 e 31 out. 2017; CORRÊA, Sônia. *A “política do gênero”: um comentário genealógico*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

³³⁶ MIGUEL, Luis Felipe. *Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, vol. 07, n. 15, p. 590-621, 2016.

³³⁷ PENNA, Felipe de Araujo. *O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático*. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 567-581, dez. 2018

O artigo *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”* de Richard Miskolci é um importante trabalho no campo dos estudos da cruzada antigênero no Brasil.³³⁸ Ele aposta em uma análise sociológica das condições que permitiram a disseminação dessa cruzada. Entretanto, penso que o “fantasma” exorcizado por Miskolci, por vezes pode ser muito mais concreto e não apenas um espectro de uma ameaça. Me parece que esse campo de estudos no Brasil deve investir mais nas observações de campo. Devemos investigar melhor as consequências dos avanços das políticas e dos estudos de gênero no cotidiano dos corpos. Há uma mobilização de afetos, em especial o medo, que resultam em consequências concretas nas vidas das pessoas. Inteligibilidades de mundo são interpeladas. Precisamos reconhecer que isso não é pouca coisa.

O artigo *Judith Butler e a Pomba Gira* de Pedro Paulo Gomes Pereira é interessante, justamente, por buscar essas contradições e singularidades do campo de pesquisa que, muitas vezes, escapam às macro narrativas do fenômeno dessa cruzada.³³⁹ Pereira ressalta essas várias franjas do conservadorismo religioso que Ronaldo Almeida apresenta em seu artigo *A onda quebrada –evangélicos e conservadorismo* e Daniel Antônio da Cunha ressalta em sua dissertação *A política na religião ou a religião na política? Considerações sobre representação religiosa na Legislatura 2.017-2.020 da Câmara Municipal de Belo Horizonte*.³⁴⁰ É também na busca dessas singularidades do campo que esse espetáculo foi construído.

Por fim, o diálogo com o Berenice Bento e as ideias lançadas em *Afeto, Butler e os neoTFPistas e Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* foi muito importante para inspirar a construção do argumento central desse espetáculo, o de que a disputa pelo gênero é uma disputa pelas formas de Estado e de sociedade.³⁴¹ Os trabalhos de Bento destacam-se no campo teórico tupiniquim por pensarem de forma aguda a relação entre Estado e violência. O seu texto sobre o necrobiopoder,

³³⁸ MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

³³⁹ PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Judith Butler e a Pomba Gira*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

³⁴⁰ ALMEIDA, Ronaldo. *A onda quebrada –evangélicos e conservadorismo*. Cadernos Pagu (50), 2017; CUNHA, Daniel Antônio. *A política na religião ou a religião na política? Considerações sobre representação religiosa na Legislatura 2.017-2.020 da Câmara Municipal de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG, 2018.

³⁴¹ BENTO, Berenice. *Afeto, Butler e os neoTFPistas*. São Paulo: Revista Cult, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/cxnR5J>. Acesso em 27 de agosto de 2018; BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

apesar de apresentar uma agenda de pesquisa ainda em fase inicial, aponta para uma questão que entendo ser central para o futuro das agendas de pesquisas no campo democrático dos estudos de gênero e sexualidade no país: “o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida”³⁴². Pensar a contraofensiva reacionária é também pensar estratégias para a manutenção da vida. Esse ponto será primordial para o futuro de nossas pesquisas.

O *Espetáculo do Gênero* é mais uma dramaturgia tupiniquim. Nela, explico o encontro, desde sempre presente, da cena global com a cena local do combate à “ideologia de gênero”. Recorro aos documentos oficiais do vaticano, produções bibliográficas e a uma pesquisa de campo realizada em Belo Horizonte, para interpelar as formas de articulação de uma contraofensiva reacionária de dimensão internacional. Os caminhos de encontro entre fé, dinheiro e desejo são sinuosos e guardam singularidades em cada localidade em que essas alianças são forjadas. Mas, a presença, ainda que contingente, de uma perspectiva autoritária da soberania, marca a aproximação de grupos tão diversos em uma agenda comum. O que está em jogo são os projetos políticos e econômicos de poder que definem modos de inteligibilidade do mundo. É uma disputa, afinal, por políticas da vida e da morte. Traduzida em uma luta pelo campo de aparecimento dos copos. Mobilizando afetos que possuem efeitos concretos na vida cotidiana das pessoas. A eleição de Jair Messias Bolsonaro, ato final da nossa dramaturgia, é a coroação do resultado dessas alianças antigênero no Brasil e dos efeitos nefastos para toda uma população que reivindica sua possibilidade de existência digna e igualitária.

A disputa está aberta. Escancarada nos últimos anos. A tomada do Estado não significa uma derrota final. A inteligibilidade do gênero já foi bagunçada. Alguns tentam encobrir a bagunça que fizemos espichando a coxia para um lado ou para outro, mas ela não mais dá conta de cobrir a pluralidade de existências que se fazem visíveis diariamente. O estrago está feito e o *Espetáculo do Gênero* continua.

³⁴² BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018, p. 14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. *A onda quebrada –evangélicos e conservadorismo*. Cadernos Pagu (50), 2017.

ALZAMORA REVOREDO, Oscar. *La ideología de género: sus peligros y alcances*. Lima: Comisión Ad Hoc de la Mujer; Comisión Episcopal de Apostolado Laical, Conferencia Episcopal Peruana, 1998.

BENTO, Berenice. *Afeto, Butler e os neoTFPistas*. São Paulo: Revista Cult, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/cxnR5J>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por Ocasão dos Votos de Feliz Natal*. Santa Sé, 2008.

BENTO XVI. *Discurso à Cúria Romana por Ocasão dos Votos de Feliz Natal*. Santa Sé, 2012.

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. Cadernos Pagu (43), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-Unicamp, pp.13-56, 2014.

BOLSONARO, Jair Messias. *Discurso no Plenário da Câmara em 30 de novembro de 2010*. Disponível em <https://goo.gl/Y8wqRN>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

BOLSONARO, Jair Messias. *Discurso da vitória em live no Facebook*. Disponível em <https://goo.gl/xk949i>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

BOLSONARO, Jair Messias. *Discurso da oficial da vitória*. Disponível em <https://goo.gl/xtwhpD>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.

BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David. *Unpacking the Sin of Gender*. Religion & Gender, vol. 6, n.2, pp. 143-154, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia*. Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BUGGRAFF, Jutta. *¿Qué quiere decir género? En torno a un nuevo modo de hablar*. San José: Ediciones, PROMESSA, 2004.

BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. *Precarious Life*. New York: Verso, 2004.

- BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BUTLER, Judith. *Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e ataque sofrido no Brasil*. São Paulo: Ilustríssima, 2017. Disponível em encurtador.com.br/tGH35. Acesso em 09 de janeiro de 2019.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith; ATHANASIOU, Athena. *Dispossession: the performative in the political*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- CARVALHO NETTO, Menelick de. *A Sanção no Procedimento Legislativo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1992.
- CASE, Mary Anne. *The Role of the Popes in the Invention of Complementarity and the Anathematization of Gender*. *Religion & Gender*, vol. 6, n.2, 2016.
- CATTONI DE OLIVEIRA. *Democracia sem espera e processo de constitucionalização: Uma crítica aos discursos oficiais sobre a chamada “transição política brasileira*. *Revista Anistia Política e Justiça de Transição*, n. 3 (jan. / jun. 2010). Brasília : Ministério da Justiça , 2010.
- CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. Breves notas à decisão do Supremo Tribunal Federal na ADPF n. 132. In: *Diferentes, mas iguais: estudos sobre a decisão do STF sobre a união homoafetiva (ADPF 132 e ADI 4277)*. Carolina Valença Ferraz, Glauber Salomão Leite, José Emílio Medauar Ommati, Paulo Roberto Iotti (Org.). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.
- CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. *Contribuições para uma teoria crítica da constituição*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2017.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. *Governamento e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios*. Curitiba: Educar em Revista, n. 66, p. 141-155, out./dez., 2017.
- CORRÊA, Sônia. *Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e*

pontos cegos. In: Colóquio Gênero Ameaça(n)do. Rio de Janeiro: Análises e Resistências, 30 e 31 out., 2017.

CORRÊA, Sônia. *A “política do gênero”: um comentário genealógico*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

CUNHA, Carolina. *Extrema direita - Eleições no Parlamento Europeu refletem avanço do conservadorismo*. Disponível em: <https://goo.gl/Se7f81>. Acesso em 17 de novembro de 2018.

CUNHA, Daniel Antônio. *A política na religião ou a religião na política? Considerações sobre representação religiosa na Legislatura 2.017-2.020 da Câmara Municipal de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG, 2018.

DANILIAUSKAS, Marcelo. *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2011.

DAVI. Entrevista 2. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

DÉBORA; DANIEL. Entrevista 12. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

EFRAIN. Entrevista 8. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. Quem Somos. Disponível em: <https://goo.gl/vk2gS9>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. Anteprojeto de Lei Municipal e minuta de justificativa. Disponível em: <https://goo.gl/GhYDB1>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. *Modelo de Notificação Extrajudicial: arma das famílias contra a doutrinação nas escolas*. Disponível em: <https://goo.gl/EmDj3i>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

FASSIN, Éric. *Gender and the Problem of Universals: Catholic Mobilizations and Sexual Democracy*. Religion & Gender, vol. 6, n.2, 2016.

FAUSTO-STERLING, Ane. *The five sexes: Why male and female are not enough*. The Sciences, Março-Abril, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michael. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *De espaços outros*. São Paulo: Estudos Avançados 27 (79), 2013.

- FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Santa Sé, 2016.
- FRANCISCO. *Meeting with the Polish Bishops*. Address of his Holiness Pope Francis. Kraków, 27 July, 2016.
- FRANZONI, Julia Ávila. *O direito & o direito: estórias da Izidora contadas por uma fabulação jurídico-espacial*. Belo Horizonte, Tese (doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- GARBAGNOLI, Sarah. *Against the Heresy of Immanence: Vatican's 'Gender' as a New Rhetorical Device Against the Denaturalization of the Sexual Order*. *Religion & Gender*, Vol. 6, n. 2, pp. 187-204, 2016.
- GIRARD, Françoise. *Negotiating Sexual Rights and Sexual Orientation at the UN*. In *SexPolitics: Reports from the Front Lines*. Richard Parker, Rosalind Petchensky e Robert Sember (Org.). SPW, 2007.
- HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Caderno Pagu* (5), p. 07-41, 1995.
- ISAQUE. Entrevista 4. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.
- JOANA. Entrevista 7. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.
- JOÃO. Entrevista 3. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.
- JOÃO PAULO II. Carta de João Paulo II às Famílias: Gratissimam Sane. Santa Sé, 1994.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “*Ideologia de gênero*”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Paula Regina Costa Ribeiro, Joanalira Corpes Magalhães (orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.
- KATAGUIRI, Kim. A ideologia de gênero é um câncer para as crianças. Disponível em <https://goo.gl/44ifBB>. Acesso em 17 de dezembro de 2017.
- LEVI. Entrevista 6. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.
- LEVY, Charmain. *Influência e contribuição: a Igreja Católica Progressista Brasileira e o Fórum Social Mundial*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 29(2): 177-197, 2009.
- LOBO, Marisa. *Ideologia de gênero na educação: como essa doutrinação está sendo introduzida nas escolas e o que pode ser feito para proteger as crianças e os pais*. Curitiba: independente, 2016.

- LÖWY, Michel. *O catolicismo latino-americano radicalizado*. Estudos Avançados, vol.3, n.5. São Paulo Jan./Apr., 1989.
- LUGONES, Maria. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3), 320, set-dez., 2014.
- MALTA, Magno. *Oração da vitória*. Disponível em <https://goo.gl/xtwhpD>. Acessado em 16 de dezembro de 2018.
- MATHEUS. Entrevista 5. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, vol. 07, n. 15, p. 590-621, 2016.
- MISKOLCI, Richard. *Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.
- MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido*. In: Experiência estética e performance. Org. Benjamin Picado, Carlos Magno Camargos Mendonça e Jorge Cardoso Filho. Salvador: EDUFBA, 2014.
- MORICEAU, Jean-Luc; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. *Afetos e experiência estética: uma abordagem possível*. In: Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas. Org. Carlos Magno Camargos Mendonça, Eduardo Duarte, Jorge Cardoso Filho. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016.
- MUSTO, Marcelo. *O ameaçador avanço da extrema direita na Europa*. Trad.: Victor Farinelli. São Paulo: Carta Maior, 2015.
- O’LEARY, Dale. *The Gender-Agenda: redefining equality*. Lafayette: Vital Issues, 1997.
- PAULO. Entrevista 1. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.
- PENNA, Felipe de Araujo. *O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático*. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 567-581, dez., 2018.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Judith Butler e a Pomba Gira*. Cadernos Pagu (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu- Unicamp, 2018.

PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, Andreas. *Quem tem medo do espaço? Direito, Geografia e Justiça Espacial*. Rev. Fac. Direito UFMG, Belo Horizonte, n. 70, jan./jun. 2017.

PONTIFÍCIO, Conselho para a Família. *Família, Matrimônio e “uniões de fato”*. Cidade do Vaticano, 2000.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Ambulare*. Belo Horizonte, PPGCOM UFMG, 2018.

QUINALHA, Renan. *Do armário para o altar: entre o reconhecimento e a normalização no julgamento da ADPF 132 pelo STF*. In: Diferentes, mas iguais: estudos sobre a decisão do STF sobre a união homoafetiva (ADPF 132 e ADI 4277). Carolina Valença Ferraz, Glauber Salomão Leite, José Emílio Medauar Ommati, Paulo Roberto Iotti (Org.). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

RAQUEL. Entrevista 11. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

REDDEN, Elizabeth. *Hungary Officially Ends Gender Studies Programs*. Washington: Inside Higher ED. Disponível em: encurtador.com.br/hAJY9. Acessado em 09 de janeiro de 2019.

RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Santa Catarina: Repositório UFSC, 2012.

SARAH, Robert. *Sínodo Ordinário sobre a Família*, 2015.

SARAH. Entrevista 10. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2018.

SCHOOYANS, Michel. *El Evangelio frente al desorden mundial*. Colonia del Valle: Diana, 2000.

SENADO FEDERAL. Pronunciamento de Magno Malta em 31/05/2011. Disponível em <https://goo.gl/BfcPtg>. Acesso em 16 de agosto de 2018.

SOMMERS, Christina. *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*. New York: Simon & Schuster, 1994.

THIAGO. Entrevista 9. Entrevistador: Igor Campos Viana. Belo Horizonte, 2017.

TOLENTINO, Leonardo. *Norma de gênero e instituição escolar: um estudo psicossocial sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, 2012.

VIANA, Igor Campos. *Caderno de campo da pesquisa Espetáculo do Gênero*. Belo Horizonte, 2018.

ZENIT. *Uma região da Itália proíbe livros com ideologia de gênero*. Disponível em: encurtador.com.br/pH012. Acessado em 09 de janeiro de 2019.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Legenda
 - Perguntas Obrigatórias
 - Perguntas Decorrentes Possíveis
 - ✓ Ideias a serem exploradas no bloco da Pergunta Obrigatória

➤ Identificação

- Nome
- Idade
- Profissão
- Religião
- Filiação Partidária

➤ Perguntas

- O que você entende por direito à educação? Qual é sua abrangência e qual sua função?
 - Qual é o lugar da família nesse processo?
 - O que fazer quando os entendimentos morais e religiosos de uma família entram em conflito como os ensinamentos da escola?
 - O que seria uma educação voltada para o pleno desenvolvimento da pessoa?
 - O que seria uma educação que prepare para o exercício da cidadania?
 - Como pensar uma educação que qualifique para o trabalho?

- ❖ Ideias chaves a serem exploradas: abordar o discurso constitucional: "direito de todos e dever do Estado e da família"; "promovida e incentivada com a

colaboração da sociedade"; "pleno desenvolvimento da pessoa"; "preparo para o exercício da cidadania"; "qualificação para o trabalho".

- O que o termo “ideologia de gênero” significa para você?
 - Quando foi o seu primeiro contato com o termo?
 - Quem te introduziu a esse debate? Qual o nome dessas pessoas?
 - Quem é uma grande influência para você neste tema?
 - Esse entendimento possui alguma relação com suas compreensões religiosas?
 - O que é ideologia para você?
 - O que é ciência para você?
 - Como sua perspectiva sobre a “ideologia de gênero” se relaciona com o seu espectro político?
 - O seu partido já tomou posição sobre o assunto?
 - O seu movimento recebe financiamento para difusão desse debate? De onde vem esse financiamento?
 - Quais são os movimentos parceiros ao seu neste debate?

- ❖ Ideias chaves a serem exploradas: concepção de ideologia; introdução ao debate; explicitação do debate; influência religiosa; mapeamentos dos atores; espectro político; concepção de sociedade; financiamento.

- Como pensar a existência de homens não “masculinos”, mulheres não “femininas”, gays, lésbicas, bissexuais e travestis na escola? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para sua existência?
 - Qual é sua visão sobre a diversidade sexual e de gênero?
 - Qual é sua visão sobre a igualdade de gênero?
 - Qual é sua compreensão de democracia?
 - Qual é sua compreensão de uma escola democrática?
 - A escola hoje é um espaço violento para sujeitos que desviam a uma ordem sexual tida como dominante?

- Qual é o nosso dever ético em relação a sujeitos precarizados?

- ❖ Ideias-chaves a serem exploradas: compreensão das questões de sexualidade e gênero; como o discurso sobre a “ideologia de gênero” se articula diante a práticas concretas de violações; qual é a ética compartilhada por esse sujeitos; o que eles entendem por democracia.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: *O direito à educação: uma genealogia da discussão sobre a ideologia de gênero em Belo Horizonte.*

Prezado(a), você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem por objetivos analisar as condições de emergência do debate sobre a “ideologia de gênero” na esfera pública de Belo Horizonte. Para participar deste estudo solicita-se sua especial colaboração por meio de uma entrevista, que será gravada e transcrita se assim você permitir e ficará armazenada por 5 (cinco) anos. A entrevista terá duração aproximada de 30 (trinta) minutos. Você pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer penalização ou prejuízo. Esclarece que se espera mapear a articulação desse discurso com os resultados deste estudo. São convidados para a entrevista membros do legislativo municipal e da sociedade civil que participam ativamente desse debate em Belo Horizonte.

Com relação aos riscos de participação na pesquisa pode-se mencionar possíveis desconfortos, insegurança e/ou ansiedade ao responder às perguntas da entrevista e ao ter seus próprios pressupostos de pensamento questionados. Para reduzir esses riscos, não é necessário responder a todas as perguntas e esclarecemos que sua participação poderá ser interrompida a qualquer momento. Você tem opção de renunciar ao anonimato nas entrevistas e na sua divulgação, conforme quadro abaixo, a ser devidamente assinado, tendo em vista que se trata de entrevista sobre o seu posicionamento no debate público sobre o tema.

Os benefícios da pesquisa aos participantes serão a maior visibilidade e divulgação de posicionamentos públicos em relação à política pública de grande relevância para a sociedade. Nesse sentido, os resultados da pesquisa, serão utilizados em trabalhos científicos a serem publicados e/ou apresentados oralmente em congressos e palestras, serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você não terá nenhum gasto com a participação no estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo. Caso ocorram danos que sejam decorrentes da pesquisa você terá direito a ser indenizado. O pesquisador responsável e o pesquisador assistente poderão fornecer qualquer esclarecimentos sobre o estudo, assim como tirar dúvidas, bastando entrar em contato pelos telefones e/ou emails:

- PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Prof. Dr. Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira - Email: mcattoni@gmail.com - Telefone: (31) 97566-4444
- PESQUISADOR ASSISTENTE: Mestrando Igor Campos Viana - Email: iacamposviana@gmail.com - Telefone: (31) 99814-3433

No caso de dúvidas éticas, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, localizado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar, Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, poderá ser contatado pelo telefone (31) 3409-4592 ou pelo email: coep.prpq@ufmg.br. Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando que também recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me negar a participar da pesquisa, sem qualquer penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar desta pesquisa, respondendo ao questionário. Belo Horizonte, ___/___/___.

Anonimato ou não-anonimato:

Participante (Nome Legível e Assinatura ao lado)

Pesquisador (Nome Legível e Assinatura ao lado)

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 – PAULO

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Paulo

Entrevistador: Igor Campos Viana

Entrevistado: Paulo

Profissão: Advogado, empresário e pastor.

Religião: Evangélico, membro da Igreja Batista da Lagoinha.

Partido: PTdoB

Responsável pela transcrição: Igor Campos Viana

A entrevista começa logo após a reunião plenária do dia 05/09/2017. Inicialmente o vereador imprime diversos documentos informativos do site do Escola Sem Partido e me entrega. Pede ao assessor de imprensa que permaneça na sala junto conosco. Começo perguntando após a identificação de nome, profissão e religião.

Igor: O que é o direito à educação? Qual sua abrangência e sua função?

Primeiro ela tem que ser universal. Eu digo que há três coisas que podem mudar a vida de uma pessoa: ou é a educação, ou é a cultura ou é o esporte. Você tira um menino da favela e ele vira um Ronaldinho, você tira um cara da miséria e ele vira um Milton Nascimento ou então você vai pegar um Joaquim Barbosa que seguiu a carreira de estudar. Então eu vejo que a educação alavanca a pessoa para mudar o seu nível social, intelectual e até espiritual.

Igor: A educação restringe-se à escola?

Não, de forma nenhuma Eu acredito que a educação é direito dos pais, acima até da escola. O Estado é parceiro dos pais ensinando. Você aprende educação é em casa. Lembra aquela expressão ‘menino mal-educado’? Isso é responsabilidade de quem?

Antigamente havia uma frase nos para-choques de caminhão que diziam ‘eduque seu filhos, porque se não no futuro a polícia é que vai fazer’. Quem impõe limites às pessoas? A educação se aprende em casa, na escola se aprende conhecimento, se aprende desenvolver o ensino. É claro que ele vai aprender filosofia. Ele vai convivendo com outras pessoas, vai aprender o que é certo e errado, vai aprender a dividir as coisas. Eu vejo, por exemplo, na educação infantil, a criança de um ano diz ‘é meu, é meu’ e o professor chega e vai ensinar a dividir, ou seja, o professor é parceiro da família. Agora quem vai dar educação é a família. Quando não há escola, por exemplo, numa roça, a criança recebe educação? Recebe. Quem vai dar educação são os pais, principalmente a educação moral que cria limites..

Igor: E quando essa educação dos pais não acontece?

Infelizmente todos sofrem. Primeiro essa criança sofre porque não vai entender os limites das coisas, o que pode e o que não pode. Se os pais não conseguem transmitir educação, o ambiente é nocivo, os pais podem estar abusando emocionalmente, psicologicamente e sexualmente dessa criança. Num lugar ou num ambiente em que não se consegue transmitir educação não há limites entre certo e errado.

Igor: Nesse casos as escola não entraria com uma função de educação?

A escola é parceira, ela não é quem educa. É direito dos pais de que a criança seja educada. Quem tem a responsabilidade de assistir e criar os filhos menores, art. 229 da constituição. O Estado é parceiro. Agora quando não há essa educação todos sofrem, é o que a gente está vendo hoje, muitas crianças não tem limites.

Igor: Agora, Paulo, como pensar os casos de conflito entre a compreensão da educação da família e a compreensão da educação da escola? Como lidar com esse conflito?

O Estado não deve preservar os direitos das pessoas? Não é direito dos pais a educação dos filhos? Se o estado prove a educação excelente. Mas essa educação pode ser contraria a moral, ou a ética ou ao princípio dos pais? Você tem hoje as escolas públicas e privadas e até as confessionais. Eu estudei em uma escola

confessional. Lá você assina um termo concordando com os princípios religiosos que serão transferidos para seus filhos. O Estado pode entrar dentro dos princípios e moralidade da família? Ele não é laico? Se é laico ele não pode promover nem discriminar nenhuma religião. Eu escuto de muita gente que o Estado é laico, logo ateu. Não, não, não. O Estado não é ateu. Pelo contrário, ele não escolhe uma determinada religião. Como começa a Constituição? Sob a proteção de Deus. Como começa nossa Câmara Municipal? Sob a proteção de Deus. O nosso país nasceu cristão. A terra quando foi descoberta era a terra de Vera Cruz. A terra da cruz verdadeira. E foi sob esses princípios, inicialmente católicos, que se fundou o Estado brasileiro e que com o tempo os evangélicos e outras religiões lutaram para que o Estado fosse laico. O Estado não determina qual é a religião oficial, não existe religião oficial, o estado é isento, ele não promove, nem atrapalha as religiões. Agora o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que a criança deve desenvolver o espiritual. Portanto, o Estado deve prover, inclusive dentro da escola, a oportunidade da criança desenvolver seu lado espiritual. Portanto, o Estado deve prover, inclusive dentro da escola a oportunidade da criança desenvolver seu lado espiritual. Agora você não pode obrigar uma criança espírita a receber um ensino muçulmano. Você não pode obrigar uma criança muçulmana a receber uma educação cristã no público, tem que ser isento. Agora, a gente tem o para-turno. O que o ESP entende? O professor não pode utilizar do horário de audiência cativa, horário obrigatório, para interesses particulares. Isso é muito sério e simples de se entender. Um professor ético nunca vai buscar seus próprios interesses. Ele vai buscar o interesse da coletividade. Não é? Ele não pode usar esse tempo para concepções ou preferências ideológicas, político-partidárias, religiosas...

Igor: Nós vamos entrar nessa questão, especialmente sobre a “ideologia”, mas voltando um pouco, ainda sobre a questão do conflito entre os valores morais da família e a compreensão da educação na escola. Como fazer quando essa compreensão de princípios morais não é democrática?

Como?

Igor: Não são compreensões democráticas, não são compreensões que lidam com a pluralidade de concepções de vida e de mundo. Entende?

O para-turno resolve esses problemas. Nós temos uma sala para ensinar inglês, quem gostaria de participar? Nós temos uma sala para ensinar a bíblia, quem gostaria de participar? Nós temos uma sala para ensinar os princípios do muçulmano, quem gostaria de participar? Nós temos uma sala para ensinar que ideologia de gênero existe, quem gostaria de participar? Não é obrigatório, Nós respeitamos o direito de que todas as pessoas possam aprender o que queiram aprender, desde que não sejam obrigadas quando são questões morais. Não é o mais democrático?

Igor: Bom... a gente vai precisar voltar nessa questão mais a frente. Seguindo na entrevista, o que você entende por ideologia de gênero?

Ideologia de gênero hoje diz que menino não nasce menino e menina não nasce menina, que isso é uma construção social. Essa é a maior definição que existe. Só que nós só temos dois tipos de genes. Existem outros? Nós temos masculino e feminino. Cientificamente comprovado, existe outro? Não existe. Então como a gente vai ensinar crianças e adolescentes sobre um matéria que não existe comprovação científica? Ah, a gente vai fazer uma sala, quem quiser aprender, aprende. Quem não quiser, não aprende. Sem problemas. É liberdade. Não tem liberdade de aprender? Não tem liberdade de ensinar? Não é uma diretriz da nossa Constituição? O que o Escola Sem Partido quer? Que se respeite a lei. A lei é simples: o que o ECA fala, o que a Constituição Federal fala e a Convenção Americana de Direitos Humanos que o Brasil é signatário? A Convenção é clara, é direito dos pais dos alunos que receba educação religiosa e moral dos seus filhos conforme suas próprias convicções. Se é lei é difícil pedir que a lei seja cumprida? Você não precisa desconstruir a moral ou a compreensão de sexualidade de crianças e adolescentes para ensinar essa criança a ser tolerante. Olha que coisa simples. Você não precisa pegar ideias, pensamentos, filosofias, que não são comprovadas cientificamente para poder ensinar a criança a ser tolerante com o próximo.

Igor: Esse é o sentido de ideologia? Ideias, pensamento, filosofias? O que significa o termo "ideologia" nessa compreensão do ideologia de gênero?

No primeiro termo seria o que não é comprovada cientificamente. Questão de

ideologias marxistas são ensinos. Não tem como você comprovar se o marxismo é biologicamente comprovado ou não. Quando você chega na questão biológica, não é uma questão exata? Filosofia seria: vai estudar o marxismo, isso são ideias. No campo das ideias filosóficas pode-se discutir de tudo, mas quando você sai do campo filosófico e entra no corpo humano, quando você entra na psiquê da criança. Uma criança sabe discernir o que é uma opinião do que é uma ordem do professor? Uma criança sabe discernir realmente se que aquilo é apenas uma ideia do professor ou é uma verdade absoluta? Não é isso um receio?

Igor: Meu ponto é: pode a ciência ser ideológica?

Em que?

Igor: Mesmo essas ciências biológicas, exatas, não carregam determinadas visões de mundo por detrás delas? Ou não?

Eu acredito que sim. Eu vou dar um exemplo para você. Eu tenho hoje comprovações científicas de que o mundo foi criado. Existe o criacionismo, mas não se ensina nas escolas. Olha para você ver que curioso. Existem provas científicas do criacionismo. Existem provas científicas do mundo antigo do Velho Testamento. Mas aí não se pode falar. Por que? Ah não, porque isso aí relembra a Bíblia. Olha que curioso. Agora nós só temos uma teoria que é o Darwinismo. Eu acredito que o Homem desenvolveu, que os animais passaram por desenvolvimento, mas não ofende a minha fé ou a minha crença de que o homem, cientificamente, veio como criação de Deus. Não tenho problema nenhum. O próprio mundo, a física, a matemática diz que existe uma força que segura ele, que força é essa? Para alguns é gravitacional. Mas se o cosmos está em movimento porque o buraco negro não nos engole? Não é curioso? O que eu penso é o seguinte: quando estamos no campo biológico a gente não pode brincar com ele. Você vai utilizar uma ideia de que o cigarro não faz mal, o álcool não faz mal, a droga não faz mal se há comprovação científica do contrário? Nós temos comprovações científicas de que o relacionamento homossexual faz mal a saúde. Agora a escolha é de cada um. Cada um faz o que quer. Eu não tenho problema nenhum com uma pessoa ser homossexual. O país é livre. A pessoa pode ter o comportamento que ela quiser. A pessoa pode ter duas esposas, três homens. O

homem pode ter relação sexual com um animal pela nossa Constituição? Pode, desde que não cause maus tratos. O comportamento de cada pessoa cabe a cada um.

Igor: Que comprovação científica é essa de que a homossexualidade faz mal a saúde?

O, o, o próprio cólun não é preparado para isso. A gente vê pesquisa mostrando que com o tempo a pessoa acaba adoecendo. Existe ou não existe pesquisa nesse sentido?

Igor: Eu desconheço.

Então vou te enviar. A gente lê material sobre isso e mostrando como isso pode acarretar doenças, especialmente se não houver algum tipo de proteção. Nós não somos contra a educação sexual nas escolas. Nós não somos contra a criança aprender sobre sexualidade e sobre DSTs e todas suas formas de prevenção. Nós não somos contra a criança aprender sobre reprodução humana. Agora comportamento humano??? Por que eu vou ensinar uma criança de 6, 7, 8 anos que ela pode ter prazer se ela se masturbar. Por que é que eu vou ensinar uma criança que ela pode experimentar menina com menina ou menino com menino? Se ele vai crescer e se ele sentir atração no futuro ele vai ter toda liberdade constitucional e democrática de fazer a escolha dele?

Igor: Você entende que esses ensinamentos estariam dentro desse “pacote” do ideologia de gênero?

Completamente. Eles tentam dizer que não.

Igor: Quem defende esse pacote? Quem você identifica como os atores do “ideologia de gênero”?

Hoje isso é até interessante. Vou te fazer uma pergunta curiosa. Quantos que você conhece que pertencem e defendem a ideologia de gênero ou o movimento LGBT que são de direita? Não é uma coisa estranha? Será que esse movimento não está sendo utilizado por uma outra ideologia, marxista, como forma de manipulação, como forma

de massa de manobra? A história mostra que o próprio Lenin dizia que existem idiotas úteis, que antes era o proletariado e agora usa-se o feminismo, o movimento LGBT, usa-se qualquer outro tipo de massa que se pudesse utilizar para que no fundo pudesse se alcançar a tomada do poder. Às vezes eu fico perguntando para as pessoas que são gays e lésbicas, quantos aqui são de direita? Raríssimos. Por que tem que conciliar uma coisa com a outra? Como se a direita fosse contra LGBTs, fosse preconceituosa. Será que é a esquerda que defende direitos humanos? A direita não? A direita quer matar todo mundo? Entendeu que coisa curiosa?

Igor: Como você lê esse contexto então? Por que não há LGBTs na direita?

Eu acho que é doutrinação. Veio desde muito tempo. Por décadas. Dentro das escolas e das universidades. Vem nos últimos 30 a 40 anos sem dúvida. Você está numa Universidade. Entra numa faculdade de Humanas e olhe os títulos e autores dos livros que o pessoal estuda. Quais são os liberais e quais são os conservadores? Faça você a pesquisa e irá descobrir que existe uma doutrinação político-partidária marxista no meio das faculdades. Isso é comum e ninguém vai dizer que é mentira. Você está dentro de um centro acadêmico, você sente isso. Eu fiz duas graduações, um curso de Direito na Milton Campos e um curso de Administração na Milton Paiva. Eu ainda fiz na Fundação Joao Pinheiro o curso de Gestão Social. Eu sei que é assim. O Brasil vem de um pêndulo. Quando eu era novo, eu era contra o que estava acontecendo na época dos militares. Eu nasci em 65, em 85 tinha 20anos, participei das diretas já, lutei pela democracia. Só que o negócio é o seguinte, o pêndulo foi para o outro extremo. Agora está começando a ter um pouco mais de equilíbrio. Porque agora há pessoas de centro. A gente ouvia falar disso? A gente ouvia falar de esquerda. De que era preciso fazer a luta, vamos fazer a luta, a luta de classes, a luta do pobre contra o rico, a burguesia contra o carente, nós contra eles, o coxinha contra os mortadelas, os petralhas contra os tucanos. O país não foi dividido por isso? Nas últimas campanhas eleitorais massificaram o povo, nós contra eles. Criaram falácias para dividir o povo. Por exemplo dizer que cristão é homofóbico. Quem é que trouxe na nossa nação o direito da pessoa humana, o direito à vida? Os direitos humanos? Se não foi a cultura judaico-cristã? Hoje nós estamos vendo um louco [Kim Jong-un] querendo jogar bomba no mundo. Qual a ideologia dele? Marxista. Quantas pessoas morreram em todos os governos marxistas no mundo? Nós temos um vizinho demonstrando como

se dá esse processo comunista. Partem de uma utopia ‘nós queremos direitos iguais para todos’ e no fundo queriam o poder para poucos. Angola, Venezuela, Cuba, Rússia, China são todos controlados por poucos. Eu falo para o pessoal que se diz de esquerda, apresenta um emenda, melhora o projeto. Eles são incapazes de fazer isso. Eles não querem aprovar projetos bons e interessantes para a cidade.

Igor: Fazendo um resgate, quando surge para você o debate do ideologia de gênero?

Surgiu com o feminismo. Eles têm Simone de Beauvoir e uma outra, a Judith Butler. Que são filósofas do feminismo. O feminismo tem três gerações. Ele nasceu numa luta por direitos de gênero. Homem e mulher. Maravilha! Mulher tem direito a votar, mulher tem direito a estudar, a mostrar sua competência, tem a meritocracia. Corretamente. Quando eu entrei na faculdade de direito, era dividido em 50%, hoje temos mais mulheres. Temos mulheres no STF. Mulheres sabem mais do que é família do que um homem. No Bolsa Escola e no Bolsa Família se o cartão é entregue para o homem ele acaba dentro do boteco ou da boca de fumo, quando é dado para a mulher, ela compra comida e remédio. Eu acho excelente que tenhamos juizes, médicos, advogados, engenheiros, que sejam mulheres. A mulher tem muito para contribuir com a sociedade em questão de cuidado, respeito e carinho. Repara, hoje quem faz estupro? Quem faz a violência em geral é o homem e quem sofre é a mulher. Hoje em Minas Gerais entre os doze maiores crimes, dez caíram, dois cresceram, estupro de vulnerável e tentativa de estupro de vulnerável, por que isso vem crescendo? Eu tenho uma resposta. O aumento de pornografia nas escolas e na sociedade, o aumento do consumo de droga e álcool. Vai num baile funk. Com meninas de 12, 13, 14 anos, o que acontece, normalmente, depois que eles se drogam? Chega em comunidades em Venda Nova ou Barreiro ou chega em uma parada gay, em uma praça à noite depois da parada gay, olha a quantidade de camisinhas no chão. Será que a sociedade não pode questionar isso não? É preconceito falar sobre isso?

Igor: Você estava falando da primeira geração...

A segunda geração começa a entrar o feminismo e agora nós estamos vivendo a terceira geração. Da Judith Butler e da Simone de Beauvoir. O que elas falam? A Simone de Beauvoir, primeiro, ela abusava de crianças, ela e o marido. Ela foi

proibida de lecionar por causa de abuso. Ela assinou em 1977 um lei para poder soltar pedófilos. Ela queria aprovar a pedofilia na França. Ela fez parte do grupo de propagação do nazismo na França. Leia qualquer livro e você vai ver. E mais, ela diz que a mulher não nasce mulher, ela torna-se mulher. Então se ela não tornar mulher? Como é que fica? Aí vieram as ideologias por trás disso. No meu ponto de vista o que ela quis dizer foi o seguinte: a mulher não nasce mulher, ela se transforma em mulher, ela vem à puberdade, um dia ela tem relação com um homem, aí ela vira mulher, ela vira mãe, aí ela vira mulher, eu entendo assim. Mas viraram o negócio, pegaram uma ideologia e opa! A mulher não nasce mulher, torna-se mulher. Da mesma forma que o homem não nasce homem, é uma construção da sociedade. Essa mesma mulher disse que a criança de 11 anos é um ser sexual, esse é o feminismo que fundou a ideologia de gênero. As crianças têm o direito de desenvolver sua sexualidade. Eu obedeço a lei, sou democrático. Respeito o direito de todas as pessoas. As escolhas são de cada um. Agora por que não se pode respeitar o direito de outros que pensam diferente? Por que que tem que ser imposto em escolas públicas, que se dizem laicas, ideologias que não são comprovadas cientificamente e que são contrárias à crença e à moralidade de outras pessoas? A gente não pode respeitar a moralidade dos outros?

Igor: A Butler...

Mesmo sentido. [Nesse momento o vereador pega o livro “a ideologia de gênero na educação” da Marisa Lobo e me apresenta]³⁴³ Essa mulher [Marisa] foi perseguida, porque criaram a pecha sobre ela de que ela faz a cura gay. Não. Ela simplesmente atende pessoas que têm disforia de gênero e a pessoa vai descobrir por si só o que quer da sua vida. A maioria das pessoas que passam por essa disforia, durante o processo acabam entendendo que o sexo delas é o biológico. Você já ouviu falar - e não ser apedrejado - se falar que é ex-gay? Não é uma coisa estranha? A pessoa pode ser ex-hétero, mas não pode ser ex-homossexual? Olha, saiu a pouco tempo um artista da televisão, o Ronaldo Éspere, o cara foi massacrado, porque deixou de ser gay. Pedese respeito, mas não se respeita. Eu tenho vídeos do dia que a gente foi votar o Conselho Municipal LGBT. Eu não fui contra, eu simplesmente provei que os LGBTs têm em Belo Horizonte mais de um milhão e duzentos mil reais para programas

³⁴³ LOBO, Marisa. *Ideologia de gênero na educação: como essa doutrinação está sendo introduzida nas escolas e o que pode ser feito para proteger as crianças e os pais*. Curitiba: independente, 2016.

LGBTs. Eles têm uma segunda gerência, uma terceira gerência, uma coordenadora, um programa BH Sem Homofobia, eles têm muito. Agora eu te pergunto, nós temos em BH 26 mil pessoas com deficiência auditiva, cadê o conselho deles? Nós temos hoje quase 6 mil pessoas vivendo nas ruas. Quantos LGBTs morreram em BH no último ano? Muitos. Eu pergunto quantos? Não falam. Essa semana teve um morto em casa pelo parceiro. Crime passionai. Aí disseram mais uma vez, ‘morre um transexual’. Ué? Como se fosse por ele ser transexual que morreu. Não é. Foi um crime de amor. Amor entre duas pessoas. Agora a mídia explora ou não explora isso? Dizendo que é perseguição homofóbica. A mídia explora. Porque tá na mídia hoje esse assunto. Eu recebi há pouco tempo um áudio de crianças na escolas confusas, porque a tevê está mostrando uma moça que escolheu ser homem, está se transformando em homem. O que eu acho interessante é porque não se pode preservar uma criança para quando tiver 15, 16 nos decidir sobre isso? Mas porque pegar uma criança de 8,9, 10, 11, 12 tem que aprender isso? Para aprender a respeitar? Essas crianças de 8...12 anos não respeitam um índio, um negro, um cigano? Todos nós aprendemos na escola a respeitar o próximo. Mas porque é transexual nós não vamos respeitar? Uma criança que aprende na escola a respeitar a raça, a etnia ou crença não vai respeitar o outro porque tem uma escolha de comportamento diferente? Gente que loucura uma coisa dessas...

Igor: Agora o debate no Brasil e em Belo Horizonte? Era nesse sentido que eu perguntei inicialmente. Quando o debate surge na cidade até mesmo a nível nacional, você lembra desse contexto?

Há dois anos atrás, quase três anos atrás, eu tive conhecimento de um decreto no PNDH III que o Lula escreve visando a desconstrução da heteronormatividade. Ali foi quando deu o Start mesmo. Você sabe como surgiu a secretaria nacional LGBT? Na criação do Ministério da Pesca. A gente chama de lei monstro ou Frankenstein, pega-se um projeto de lei e cria outra coisa. Lá se criou o manual LGBT, a cartilha LGBT. Aí começa o conflito, porque alguns começaram a disseminar no Brasil que se você é cristão, você é homofóbico. Desde quando cristão é homofóbico? A gente ensina a amar o próximo. A escolha de cada um é com Deus. Não sou eu que viro e falo você vai para o inferno, você é pecador. Eu não falo isso. Nunca falei isso. Agora, usam isso contra a gente. Eu vi vários casos em que o padre não pôde

aconselhar alunos em dúvida da sua sexualidade, porque seria homofóbico. Eu tenho um programa de televisão que falo isso. No fundo, no fundo, é uma pauta de esquerda utilizando pessoas. Aborto: morre 1,5 milhões de mulheres no Brasil. Mentira. Não morre isso tudo de mulher no Brasil. Querem que a criança possa ser retirada do útero com doze semanas [pega uma miniatura de feto e me mostra]. Isso aqui é uma criança de doze semanas. Ela tá formada? Um ser humano. A constituição não fala que a gente deve preservar a vida? E eles querem aprovar isso. Olha esse material do MEC para escola públicas: ‘menina esperta se masturba’, tem um livro. Começaram a dar esses materiais e a sociedade começou a acordar. Poxa, eu não quero isso para o meu filho. Isso é aula de Biologia? Isso é aula de História? Tem uma denúncia em Belo Horizonte. Um sexólogo foi dar uma palestra em horário de aula. O pai veio me procurar em crise, disse que o filho de dez anos aprendeu até a usar o vibrador no ânus. Você ensina isso para uma criança? A ter prazer? Você precisa ensinar uma criança que ela pode ter prazer sexual? Por que isso não pode ser algo que os pais façam? Eu aprendi com minha família, com meus irmãos, na rua, na escola, no convívio com a sociedade. Mas, graças a Deus no momento em que eu tinha maturidade. Maturidade é o que a gente mais deseja. Entenda isso. A única coisa que a gente quer é que os pais tenham o direito de educar seus filhos de acordo com o que acreditam. Agora Ciências, Matemática, Português, História, não é do currículo escolar? Não tem problema nenhum. Tá no currículo, o pai leu o currículo? Concordou com ele? Sem problema nenhum. Agora, quando você pega uma escola pública, que ela é laica, ela não pode dizer o que é padrão de moralidade. A única coisa que o Escola Sem Partido quer é isso.

Igor: Quando se deu sua aproximação com o ESP? Em que contexto?

Eu comecei a assistir na televisão os debates e as audiências públicas do projeto ESP na Câmara Federal desde o ano passado. Por curiosidade. Num primeiro momento eu pensei que fosse um programa contrário aos religiosos. Gente quem tá falando de religião em lei? Eu não conheço nenhum projeto que fala de religião. Aí quando eu comecei a conhecer, vi que não era um projeto contra religião. Não é contra política partidária. Não é contra partido político. Não é contra a opção da pessoa ter a sua escolha ou identidade sexual. Não. Ele só quer que dentro de sala de aula os alunos possam ter lá [um cartaz] e o professor ver quais são os direitos dos alunos. A

constituição prevê que estado e municípios zelem pela lei. Como nós vamos permitir, legalmente dizendo, que uma ideologia que agride uma religião ou um padrão moral possa ser ensinada em uma escola que é laica? Que tem a obrigação de se manter isenta por lei. Esse é o questionamento. Aí vem pessoas assim dizer que quem pensa assim é fundamentalista, conservador, retrogrado, como se ser conservador fosse errado. O que é ser conservador? É você conservar principio que dá valor. Se alguém quer conservar um principio de não ser bígamos, é errado? Casar virgem? É errado? Não. Ter uma só família, errado? Ah não você é conservador. O mundo está mudando. Nós não temos a obrigação de seguir o que as pessoas querem fazer. Nós temos a obrigação de manter os padrões de direito de todos. O direito termina onde começa o do outro. Por que as pessoas que hoje querem doutrinar as crianças... o que eu chamo de doutrinar? Te mostro um vídeo. Professores retiraram os alunos de sala de aula em horário de aula com o uniforme para panfletarem contra o Beto Richa. Panfletar contra o governo estadual.... Criança sabe discernir isso? Criança de 10 anos sabe discernir sobre o que é a PEC? Criança sabe discernir esse tipo de mobilização político partidária? Aqui em BH um professor paralisou a aula para levar seus alunos para manifestarem contra o Temer. Eu não tenho nada com o temer, pra mim tem muita coisa que ele faz errado e alguma coisa certo, mas eu pegar criança para manifestar? Isso é massa de manobra ou não é? A gente não pode admitir que a criança seja manipulada. Você já imaginou uma criança em escola pública ser retirada de aula para evangelizar nas ruas? É cabível isso? Por que que para manifestação politico partidária pode? Não pode nenhuma. O escola sem partido defende é isso não pode doutrinar religioso, politico partidária... uma coisa é fora de sala de aula, fora da escola, mas usar a aula, usar um momento que você está em contrato de trabalho para isso? O colégio Pedro Segundo no RJ sofreu uma ação de improbidade administrativa pelo MPF, montaram um posto de partido politico, um professor foi candidato, distribuíram matérias de campanha eleitoral, pode isso? O que nós queremos é que o direito de todos sejam respeitados.

Igor: Para entender melhor a questão do ESP que é uma organização nacional com uma estrutura ramificada pelos estado, gostaria de saber se vocês se encontram, como se dá essa relação na prática? Agem em conjunto?

Não. Nunca encontrei ninguém do ESP em Belo Horizonte. Eu vi o material, gostei,

pesquisei, entrei no grupo para ver o que era, começaram a me mandar os vídeos. Fotografia e matérias de criança utilizando criança para manifestarem. Iniciativa minha, eu nunca fui contatado, eu nunca fui procurado.

17- O projeto que você apresentou na câmara é muito semelhante aos apresentados em outros municípios ao redor do Brasil, como você explica isso?

Aconteceu uma curiosidade. Estão batendo no projeto do ESP de BH. O próprio MP federal encaminhou um ofício para a câmara [me deu cópia do ofício]. O que ele fala? Existe projeto semelhante em Alagoas, teve uma ADIN e o Min. Barroso sobre ela. O projeto de lá era incidente de quatro anos atrás. O projeto desde lá veio melhorando. Hoje o projeto é seco, simples. O art. 5, VI diz que inviolável a consciência de crença. Como a ideologia não estaria violando isso? Alunos são perseguidos na escola por sua crença, “você é homofóbico” só por conta de sua crença.

Igor: Como seria uma escola democrática em sua opinião?

Respeitar os direitos de todos, a crença, a constituição. O art. 206, 229 da constituição, o ECA, lei 8112 dos servidores públicos, pode um servidor dentro de sala de aula promover apreço ou despreço por governo ou religião?

Igor: Agora, se a religião promove despreço por determinados comportamentos sexuais ou de identidade de gênero?

Quem faz isso? Religião nenhuma é contraia ao homossexualismo. Está escrito no livro sagrado que é pecado. Mas ninguém tem direito de chegar para você em público e dizer que você está em pecado, agora na igreja ele tem todo o direito, não tem? Dentro da igreja ele está ensinado os ensinamentos. Eu não posso fazer isso é dentro de sala de aula.

Igor: Mas se o ensinamento reverbera em sala de aula?

Tá errado. O ESP acaba ajudando até isso. Ele protege quem está sofrendo uma perseguição por sua escolha sexual. O ESP ajuda a protege-los. Eles não olham isso.

Eles olham que o ESP vai nos proibir de fazer doutrinação politico partidária. o problema do LGBT “vai contra o ESP”, essa é a estratégia deles. Mas o ESP os protege. Existe uma intolerância religiosa muito grande nas escolas hoje. Por que? Conseguiram fazer essa divisão. Criaram a pecha de que o cristão é homofóbico. Eu sou cristão e não sou homofóbico e a minha igreja tem uma sede que recebe vários homossexuais, lésbicas... eu levo você em um culto da minha igreja e você vai encontrar com transexuais lá dentro. Não tenho problema nenhum contra eles. Eu mostro para você uma pastora nossa que é ex-lésbica.

Igor: No caso dessa transexual na igreja, como você entende a transexualidade? Porque de certa forma a própria existência dela está questionando a naturalização dos padrões de gênero.

Ela será sempre bem vinda. O problema é dela. É pessoal, é único. O que a gente tenta mostrar para as pessoas é: não faça isso com criança, elas não tem capacidade psicológica para entender isso. Mas eu queria voltar a questão do MPF. Eles emitiram um parecer sem terem sido provocados. Isso é ilegal. MP não emite parecer sobre projeto em tramitação. Não se admite controle jurisdicional material de projeto de lei no Brasil. Ameaça a autonomia do Legislativo. Isso foi partidário e esses procuradores vão sofrer um processo administrativo.

Igor: Ok, obrigado.

ENTREVISTA 2 – DAVID

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com David

Entrevistador: Igor Campos Viana

Entrevistado: David

Idade: 47

Profissão: Assessor, Pastor e Escritor

Religião: Batista Protestante

Partido: PCdoB

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena
(guilhermebaetapena@gmail.com)

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Começando a conversa: o que você entende por direito a educação? Qual seria a abrangência e a função desse direito? Quando se fala “você tem direito a educação”, o que é isso? [01:07]

David: É um conceito tão amplo, eu acho que o direito a educação perpassa todo esse projeto desde cedo, o acesso de ter uma qualidade. Porque não adianta também você ter acesso à educação, se essa educação é precária. Então acho que direito a educação é mais do que o direito de estar na escola, é o direito de que essa educação seja bem estruturada, bem pensada, seja relevante. Eu acho que o direito a educação passa por processos múltiplos, não só a vaga, hoje em dia as pessoas estão olhando muito isso. O direito a educação é o direito de ir à escola. “Aí” vai pra escola e não tem aula, hoje em dia com esta palhaçada de Escola Sem Partido, ou seja, você não tem muitas vezes acesso como deveria por vários motivos. Então a questão do direito de educação envolve todo esse processo desde a educação fundamental até o ensino superior e isso deve existir sim, o direito de todo mundo ter a mesma educação e as mesmas oportunidades e de todas as possibilidades em um país com tanta meritocracia. Digo isso por conhecer bem tudo isso porque lá no Rio trabalhava muito com a realidade

das favelas e assim tem uma educação totalmente precarizada, mas pra fins estatísticos as crianças estão na escola. Pra mim isso não é direito à educação. Pra mim direito à educação é todo mundo ter a mesma educação. [03:15]

Igor: E pensando mais especificamente na escola, qual seria o papel da família nesse processo de educação? [03:23]

David: Então, a questão da família. Eu acho que família deve acompanhar, mas eu acho que hoje o um problema é que há uma interferência, que não é uma interferência familiar. Usa-se a família como meio de interferência, acho que há um projeto muito maior por trás disso. Muitas famílias não percebem isso. Usam dessa instituição família na censura da educação. As pessoas repetem o que ouvem como se tivessem defendendo a família e não estão. A família deveria participar, mas essa participação deveria ser motivada pela educação e não por uma censura à educação ou por algum outro projeto como acontece. É engraçado que eu já tive essa experiência, funciona muito como manada, como a reunião de pais. Se você conversa com um por um, eles não sabem porque estão ali. Já fiz essa experiência em algumas manifestações do Escola Sem Partido e questões de gênero. Quando as pessoas estão juntas, estão gritando. Cheguei a uma pessoa e falei. O que você está fazendo? Qual é a sua luta? ‘Ah, sou contra a ideologia de gênero’. E o que é isso? ‘Não sei, eu sou contra’. Ela não sabe explicar. Mas há quem olha e fala: ‘as famílias estão preocupadas’. Elas nem sabem o que estão fazendo ali. [05:40]

Igor: E aí qual seria o lugar da religião dentro da escola, que muitas vezes têm crianças vindas de famílias com concepções muito diferentes e religiões muito diferentes. Isso tudo se manifesta no espaço escolar e muitas vezes de forma conflituosa. Como pensar o lugar da religião e como pensar nesses conflitos decorrentes, de muitas vezes, compreensões exclusivistas inclusive sobre a sociedade? [06:08]

David: É difícil de falar disso, porque a gente tem que definir primeiro o que a gente trata aqui por religião, por exemplo, eu tenho participado de várias mesas sobre essa questão de dissociação de religião e política, não dá pra dissociar. Tentar dissociar é uma coisa, outra coisa é o uso do discurso religioso para um projeto maior. Eu acho

que aí é o pulo do gato desses movimentos de censura, desses movimentos contra a suposta Ideologia de Gênero, essa coisa toda. Porque eles se usam do discurso religioso, então eles fazem da religião aqui um elemento político. Aí é diferente, não dá pra dissociar, mas a religião não é um elemento político. Eles fazem da religião esse uso. Porque a religião tem uma característica que predomina sobre todas as outras instituições, por exemplo, a questão política a gente pode chegar e proibir os partidos, a religião não. A religião é algo muito interno, muito forte e o discurso religioso é um discurso covarde. Porque ele parte de premissas que são indiscutíveis, mas deveriam ser discutíveis. Uma coisa que sempre falo quando faço uma palestra, eu vi isso de um professor em um curso de teologia e nunca mais esqueci. Um líder religioso, de modo geral, ele tem um público que todo político sonha em ter, um público disposto a acreditar nele. Por exemplo, estou começando uma comunidade aqui em Santa Efigênia, tem um casal de amigos meus, lá de Venda Nova, que já falaram que vêm. Eles saem de Venda Nova pra minha comunidade no Santa Efigênia. Eles vêm dispostos a acreditar no que eu vou falar. Só tem uma coisa na religião, além disso, as pessoas não só vêm dispostas a acreditar no que você vai falar, como dispostas a acreditar que quem está falando é Deus. E não tem força maior do que isso. E um pastor que já está cooptado por esse sistema político e quer levar os seus fiéis - esse é o discurso - a defender a fé contra o ataque do diabo através da “ideologia de gênero”, por exemplo, vai conseguir. A pessoa sai dali convicta de que aquilo que ela está fazendo não é por uma questão educacional, o que ela está fazendo é a vontade de Deus. Então isso é um negócio que a gente não consegue mensurar. Essa luta toda dessas pessoas, elas estão ali como cruzados. Utilizando bem a figura das guerras das Cruzadas, é aquilo ali. Ele está ali para defender a fé, defender a sua família, defender a sua filha de alguma coisa muito cruel que veio destruir todo mundo. Esse é o discurso vendido, esse discurso eles ouvem em nome de Deus. Então destruir esse discurso é muito complicado e acho que tem vários erros nesse jogo. Eu falo que esse discurso já é um erro, mas aí a gente que está do lado de cá, a gente erra muitas vezes ao atacar esse discurso, porque a gente não sabe atacar esse discurso. Porque qualquer crítica feita à religião só reforça pra eles o discurso. Então, o que a gente tem trabalhado, estou falando de mim mesmo, aí desde movimento Jesus Cura Homofobia e das lutas relativas à questão de gênero também. [11:07]

Igor: Se você pudesse fazer uma recuperação desses movimentos seria interessante. Como começou isso tudo do Jesus Cura Homofobia? [11:13]

David: O Jesus Cura Homofobia começa em 2015 na parada LGBT de São Paulo, motivada por um fato anterior que aconteceu numa parada LGBT de Chicago em 2013. Não foi uma ideia original, quer dizer não foi uma ideia original o ato, o que aconteceu a partir do ato foi totalmente novo pra gente. A gente não tinha intenção de criar um movimento, foi uma coisa surpreendente, porque a ideia era fazer um ato. Então eu chamei alguns amigos em São Paulo, primeiramente foi um amigo. [11:55]

Igor: Você foi quem começou isso, você que disparou a mensagem? [11:58]

David: É. Eu chamei um amigo meu lá de São Paulo, eu estava morando em São Paulo nessa época. Chamei o Silas, a gente participa de um grupo de Cristãos progressista, liberais e tal. Falei: “*Silas*, estou querendo fazer isso na parada de São Paulo, vamos fazer cara?” A gente vai pra lá com cartazes, com faixas pedindo perdão a comunidade LGBT pela forma como a Igreja trata eles. Acho que chegou o momento, a gente está vivendo um momento de tanto ódio e acho que a gente precisa de uma ação que quebre isso. E como acho que esse ódio começa a partir dos Evangélicos, ele tem que começar a ser quebrado a partir de nós. Ele gostou da ideia. “E como vamos fazer qual o nome do movimento?” Aí, falei: “Vamos usar o nome dos Estados Unidos que é o ‘I’m Sorry.’” Ele falou: “Não, a gente vai imitar muito e tal.” E na hora me veio um estalo de Jesus Cura a Homofobia, porque na época estava no auge daquela cura gay e na hora que eu falei isso o Silas pulo e falou: “É isso.” Então a gente fez um ato, só que esse ato teve uma repercussão e gerou algo tão forte que, por exemplo, eu em uma semana no Facebook, eu recebi setecentas mensagens de gays Evangélicos. E alguns pensando em suicídio, contando seus problemas que passavam dentro da igreja já que não podia assumir. Diante disso a gente percebeu que não dava pra ser só um ato a gente estava sem querer começando um movimento. Então, isso começou a acontecer e a gente repetiu isso em Minas, no Rio e várias pessoas replicaram isso no Brasil inteiro e a gente está até hoje estruturando isso. E é interessante que o que aconteceu, hoje eu acho até curioso isso, o grupo todo de São Paulo praticamente se desfez no Brasil inteiro. E pelos motivos mais diversos hoje tem um casal no Maranhão, tem um casal em Curitiba, tem um casal no Rio, eu vim

parar em Belo Horizonte, tem uma galera em São Paulo, tem gente que foi pra Maceió. Então, o que a gente está fazendo, a gente está achando, que isso tudo é um projeto maior, que a gente nem imagina o poder de proliferar isso no Brasil inteiro. A partir desse momento esse entendimento das questões de Gênero, a gente começa a entender como é que funciona esse mecanismo dentro das igrejas.

Igor: Já que a gente entrou nessa questão e já tocou em vários momentos na Ideologia de Gênero e ela tem se tornou um tema central no debate sobre a Educação a nível Nacional, nos planos Nacional e Municipal. Porque o ataque ao Gênero? [15:21]

David: A grande questão é que eles não estão nem aí para a educação. Precisa ficar bem claro, me desculpe o termo, eles estão cagando para a educação. A grande preocupação deles é capitalizar politicamente uma luta. E eles são espertos demais. Eles sabem que nenhum tipo de tema interessa mais pra uma mãe conservadora que a moral sexual. Então qualquer tema relativo à moral sexual é o tema próprio. Tanto que se você pegar um pastor que foi pego roubando a igreja ou que virou político e está envolvido na máfia das ambulâncias, isso não reflete na igreja, o cara continua sendo eleito. Agora se ele adulterou, se foi descoberto que ele é homossexual, qualquer coisa que tenha a ver com a moral sexual, acaba com a vida do cara. Ele pode ser o maior pilantra do mundo, desde que ele não traia a mulher e que ele não seja LGBT. [16:36]

Igor: E você tem ideia do porque a moral sexual consegue comover? [16:45]

David: Um professor uma vez me falou na sala de aula e isso é uma das coisas que me marcaram no curso: ‘um punhadinho de hormônio destrói um bando de teoria’. O poder disso é muito forte, por exemplo, a liberação sexual seria o fim de uma teologia conservadora. E não é de hoje. Você pega, por exemplo, o Nome da Rosa, em que a grande questão é a do riso, mas não é o riso, é o prazer. Prazer é uma afronta pra uma religião do sofrimento, uma religião do sacrifício. E isso é muito importante. E tudo que cola no prazer, principalmente num prazer que liberta o ser humano ele tira o ser humano daquele poderio, porque o poder da religião se dá pela a culpa, principalmente pela a culpa, pelo domínio da sexualidade. A questão do domínio da sexualidade é fundamental. Se a gente não entender isso, a gente não entende nada do

domínio religioso. Porque, se eu consigo dominar a pulsão mais latente de qualquer ser humano, eu domínio o resto fácil. Se eu consigo dominar a sexualidade, a questão de oferta para igreja é nada perto disso. Eu consigo dominar aquilo que você é. A igreja, se você deixar, consegue dizer com quem você transa, quando você transa, onde você transa e de que forma você transa. Ela domina tudo isso. Se ela conseguir dominar isso, ela domina o resto. Então qualquer coisa que liberte isso, pode deixar as pessoas escaparem. E aliado a isso vem outro projeto principalmente a partir do anos oitenta veio um projeto político de governo dos neopentecostais e esse projeto necessitava de figuras antagônicas. Então, com a maior exposição e com o maior protagonismo da comunidade LGBT, eles viram nesse nicho a luta ideal para ser travada em nome de Deus. Porque se você estudar os argumentos que eles usam contra a comunidade LGBT, verá que eles nem fazem sentido. ‘Vão destruir a família’. A família continua, eles só vão ter o direito de também ser família. Não destrói em nada a família deles. ‘Querem transformar nossas crianças em gays’. Pelo contrário, a comunidade LGBT sempre defendeu a total liberdade de se ser o que é. Nenhum argumento deles é verdadeiro. Só que é um argumento que pega. Que é o argumento do inimigo. Isso tudo faz muito sentido nessa narrativa. O movimento Jesus Cura a Homofobia e outros sugerem que façamos esse contraponto por dentro, e volta naquilo que eu estava falando. Gente de fora não sabe reagir e bate. Quando bate fala assim. Esse negocio de gênero retrógrado, é tudo uma cambada de imbecis. Essa coisa só reforça pra eles, volta mais pra trás, o que está na gênese do movimento cristão é a perseguição. Ser perseguido por um cristão é um *bem aventura*ça. E esses caras são espertos. O Malafaia, Feliciano, esses caras são bobos. Eles promovem a coisa pra que? Para mim? aí que está o erro. Não sabe rebater e vai reagir, aí reage, a reação é natural, reage e aí eles falam. “Oh, estão perseguindo a gente. Porque a gente está falando a verdade.” Cara esse discurso tem um poder dentro da igreja, que as pessoas não entendem isso. O que a gente tenta fazer? Tenta minar por dentro a partir do próprio discurso. Então, ao em vez de dizer a bíblia é um livro machista, um livro homofóbico, para uma pessoa que ama a bíblia isso é desfazer do livro dela, e aí você perdeu a discussão. Agora a gente chega à discussão e fala. Vamos abrir a bíblia e vamos ler de outro jeito. Propõe outra leitura, assim não desfaz do livro da pessoa e você não desfaz da fé. Você repensa a fé, acho que a partir daí se podem apostar algumas coisas. [22:52]

Igor: E como você tem visto, David, a resistência dentro dessas próprias igrejas, mesmo a neopentecostal? Ah alguma resistência? Jovens LGBTs que estão nessa igreja e escutam esse discurso, porque às vezes parece uma forma muito monolítica, é isso pronto e acabou, mas pra quem está vivenciando isso não tem como ser tão simples assim. [23:15]

David: Não é simples e tem várias faces. Então, tem igreja que vai até a página cinco, igreja que vai até a página oito. Na Batista, que é conservadora, aceitam LGBTs e batizam os LGBTs, mas aí não pode ser pastor. Eu questiono isso, mas é um avanço perto do que temos. Por exemplo, a Igreja Batista da Lagoinha que tem o movimento chamado Cores. Um movimento, que eu acho bem tímido, um movimento de gays não praticantes. Então é um discurso pra mim contra a razão de ser. A gente sabe o que você é, mas você não pode ser o que você é. Com o chavão absurdo de que Deus ama o pecador, mas odeia o pecado. Não tem problema você ser homossexual, tem problema você praticar a homossexualidade. Como você dissocia o ser do fazer? Então, isso é muito complicado. Esse discurso para mim é mais adoecedor do que o que nega. Porque o nego diz: eu não aceito. Ele discorda, mas ele é honesto. Esse discurso pra mim é desonesto. Porque ele diz que aceita, mas na verdade ele não aceita.

Igor: Ele é mais sutil na rejeição, mas não tem como você escapar dela e ainda se vende como propaganda. Porque quando eu entrevistei o Paulo, a grande propaganda dele é você precisa ir à minha igreja, conhecer o grupo que nos temos de acolhimento e conversar com minha pastora ex-lésbica. Isso é complexo. [25:24]

David: Então isso é muito complicado, porque pra mim é um projeto de adoecimento. Não tem outro nome. E outra coisa, conhecendo os meios como eu já conheço há muitos anos dentro das igrejas evangélicas, e que, inclusive, já fizeram vários movimentos do tipo, não tenho medo de dizer que a maioria desse pessoal desse movimento transa. Exerce a sua homossexualidade, mas aí ele tem que fingir que não. Então é mais adoecedor ainda. E jogam uma coisa de culpa, então, ele começa a depender do grupo para redimir a culpa. Só que pertencer ao grupo aumenta a culpa. É muito complicado, eu acho esse projeto uma aberração. [26:24]

Igor: Agora dentro das igrejas *assembleianas* e Universal do Reino de Deus, não existe qualquer possibilidade? [26:32]

David: A Universal é um caso a parte. Se fosse comparar a teologia da Igreja Universal, ela seria mais ou menos como uma facção romana. Roma dominava, e a facção continua fazendo o que ela faz desde que o dinheiro venha para cá. Eles não têm preocupação, porque eles não têm um censo de comunidade. Se você vai a uma Universal, o que você tem ali não é uma comunidade, você tem um ajuntamento de pessoas de pessoas individuais, cada uma buscando a sua benção. Não há senso de comunidade, as pessoas não se conhecem na Universal, não têm grupos de estudo. A Universal é um amontoado de gente que está correndo atrás da benção. É uma corrida, tipo a corrida do galo, que vem trinta mil pessoas, mas cada uma está querendo correr por si. Aí você diz. Olha a massa. Que massa é essa? As pessoas não se conhecem. Então, a Universal é uma coisa a parte. A Universal, por exemplo, tem um pessoal que defende o aborto. Ela não tem esses critérios muito estabelecidos. Eu conheço, por exemplo, lá no Rio de Janeiro, muitos travestis que frequentavam a Universal sem problema algum, nunca foram rejeitados. Já na Assembleia, essas igrejas mais tradicionais, não. Ainda mais depois que elas entraram nesses movimentos de projetos de poder. E é interessante, porque nesses projetos as narrativas são diferentes, por exemplo, os fluentes da Universal e os fluentes da Assembleia de Deus. Os fluentes da Universal dificilmente têm um discurso moralista, eles até vão juntar uma força e outra ali por causa da bancada. Mas, o discurso moralista usado é da Assembleia de Deus. [29:30]

Igor: Você lembra como foi o seu primeiro contato com o termo Ideologia de Gênero? Como ele apareceu na sua vida? [29:40]

David: Logo depois do Jesus Cura a Homofobia, quando começa essa discursão forte na política, e lá em São Paulo gente fez um evento na Câmara Municipal de Evangélicos discutindo a questão de Gênero e já desfazendo desse mito da Ideologia de Gênero. Isso é uma maldade também. Uma boa parte desse movimento Evangélico conservador fundamentalista que tem projeto decorrente, as maiores estruturas deles estão baseados em feitos nenhum. É muito curioso isso. Quase todas as grandes lutas deles, são lutas que não existem. A Ideologia de Gênero, essa galera que uma época

atrás que se uniram pra fechar as igrejas no Brasil, o Comunismo que vem também para acabar com o Cristianismo. Isso nunca teve. Então eles criam factoides. E a Ideologia de Gênero foi à única que pegou, porque ai é uma coisa bem incrível, de como uma mentira dita muitas vezes se torna verdade. Não é atoa que isso vem do Nazismo. Então eles têm muito isso, eles vão repetindo isso até que as pessoas já falam da Ideologia de Gênero como algo realmente existente e que eles não sabem que não é. Pra mim eu tive a certeza disso, foi em São Paulo ainda em 2016, em uma audiência publica sobre Ideologia de Gênero, então o Plenário estava dividido na galeria tinha um povo com a roupa toda colorida e do outro todo vestida de branco e não eram Evangélicos, eram Católicos. Era interessante, que noventa por cento era Católicos, tinha alguns Padres, o pessoal com terço na mão. Uma faixa e um cartaz me chamaram muita atenção, a maior faixa deles, que era uma faixa enorme, que era assim. “Por um Brasil sem Gênero.” Olhei e falei gente, esse povo está avançado. A gente pedindo pra respeitado e eles estão muito além disso, o que mostra total desconhecimento do que a gente estava fazendo ali. E outra foi uma moça, que daquelas assim que dá vontade de chegar e “Moça, vem cá vou te dar um abraço que você esta precisando.” Ela segurava um cartaz assim. “Gênero não, sou mulher.” Tipo assim, ela não tinha nem uma noção do que a gente estava fazendo ali. E isso é interessante de também falar de como eles, distorceram também a própria questão do Gênero, qualquer discussão de Gênero ela também abarca a comunidade LGBT, mas ela tem em seu principal ponto essa questão das mulheres. E eles conseguiram descaracterizar isso, ou seja, Gênero é só LGBT, eles tiram o principal da discussão. E lógico tem que tirar, porque as mulheres Evangélicas talvez sejam as mais violentadas nesse processo e se elas descobrem que na verdade a questão de Gênero é a defesa da dignidade da mulher, isso poderia ter grandes complicações. [33:40]

Igor: Porque você acha que elas são as mais violentadas nesse processo? [33:44]

David: Porque o perfil dessas comunidades que defendem esses projetos são perfis totalmente machistas, então são mulheres ajudantes nesse processo, elas não possuem protagonismo nenhum nessas Igrejas. A maioria não reconhecem pastoras, não reconhecem as crianças reunidas, com raras exceções, mas geralmente as figuras centrais são homens brancos. Eles têm todo um projeto por trás disso, então se é

discutido Gênero como deveria ser, reforça o papel da mulher na sociedade e isso para eles poderia refletir negativamente. [34:32]

Igor: E nessa cruzada, como você mesmo diz, a gente tem algumas alianças, você acabou de citar a Igreja Católica, eu queria ouvir um pouco de como você acha que a Igreja Católica se coloca em debates no Brasil. Tem protagonismo ou não tem protagonismo, contribui ou não contribui e também alguns movimento liberais, escola sem partido, como essas alianças se dão? [34:57]

Z: Aí é aquela velha história, nada nos une mais do que um inimigo em comum. É curioso você vê, ontem a gente estava fazendo uma “live” sobre Bolsonaro e eu citei isso. O Bolsonaro é católico. Mas Bolsonaro vai pra Israel com o Pastor Everaldo, na época da campanha do Everaldo, e se submete ao batismo evangélico lá, sem ser evangélico. Ou seja, se olhar de forma crítica, ali ele ofende as duas religiões. Ele pratica um batismo sem sentido no evangélico, porque ele não é evangélico e nega o batismo católico. No entanto, nem a Igreja Católica, nem as Evangélicas veem aquilo como um ato de ofensa. Porque têm nele um aliado. É interessante como essas questões que sempre dividiram a igreja, nesse momento elas somem. Então um evangélico que sempre mandou o católico para o inferno por ter as imagens, é capaz de estar com a imagem lá, como eu vi várias vezes, ao lado de católicos com a imagem, mas sem que aquilo o ofendesse. Eles vão sempre buscar apoio nisso. Também ocorre com esses movimentos liberais. Na verdade são muito mais espertos nisso, porque eles sozinhos não teriam forças. Eles ganham força com a religião. Porque é a chance da luta “divina” deles. Então o Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, ganha espaço nisso, aí você vai ver com quem o MBL está junto? Eduardo Cunha, Pastor Everaldo, vai se juntar a essa galera. O fundamentalismo e o liberalismo juntos é o que é estranho. Nesse momento, eles não se estranham. Se o liberalismo fosse liberalismo, seria antes fundamentalista. Isso pra eles não faz a menor diferença. Talvez isso fosse um alerta pra gente de esquerda, porque nessa hora eles se juntam e a gente está brigando, se matando, e eles estão nem aí. Liberais e fundamentalista, gente que quer intervenção militar e liberal. E é uma maluquice, ontem estava falando isso sobre o Bolsonaro e gente no mesmo argumento falando ‘eu voto no Bolsonaro, porque ele é militar e porque ele é liberal’. Então gente, decide. É bem complicado isso. [38:28]

Igor: E a questão de financiamento você tem conhecimento, porque muito das manifestações são regadas por cartazes muito coloridos, bonitos? [38:36]

Z: Eu acho que tem a ver com aspecto político, principalmente, dos movimentos liberais que se usam desse discurso. Essa galera está sendo financiada por alguém bem forte, não acho que esse dinheiro parte das igrejas, mas muitas igrejas também estão apoiando isso. Acho que eles encontram nas igrejas polos de proliferação, mas que tem gente de fora injetando dinheiro, tem. Mas aí é uma questão muito mais política do que religiosa. Eu não vejo muito dinheiro da religião sendo dado para isso, acho que é o contrário. A religião nesse caso é a mão de obra. E é mão de obra barata. Aí eles podem trocar o dinheiro todo por mídia, por aquilo tudo que interessa. A mão de obra está ali, porque o pessoal faz com senso de missão e isso é bem interessante. A cruzada é uma missão e você não paga a missão. Ninguém ganha dinheiro com isso. Essa galera lota ruas e tudo mais por missão, se eu faço isso pra Deus, eu não preciso receber dinheiro. A recompensa é alguma benção que vai vim, sabe-se lá como e quando. Então esse pessoal percebeu isso, a mão de obra ideal. Porque a mão de obra além de ser de graça, ela é uma mão de obra ciente da missão. É mais do que militância, é missão divina. [40:37]

Igor: Então esse dinheiro viria de interesses políticos? [40:41]

Z: Interesses políticos. Até porque esse dinheiro vem de fora e abastece algum desses líderes e eles ganham com isso, eles não estão gastando. Esses caras não gastariam dinheiro com isso. É bem forte isso. [41:09]

Igor: Quais seriam os movimentos parceiros nesse debate dessa frente progressista, de igrejas batista o que mais nós teríamos? [41:21]

Então, a gente tem alguns movimentos católicos que têm tanto feministas, quanto pessoas de esquerda. Católicas pelo direito de decidir. Agora você tem um movimento de São Paulo, que começou ano passado, de evangélicos pela igualdade de gênero. É o equivalente ao das católicas pelo direito de decidir. Você tem a frente de evangélicos pelo o Estado de Direito que tem o gesto de lutar contra o golpe. Batendo no golpe, acaba batendo nesse sistema todo. Então, tem várias frentes se levantando, vários movimentos que estão se conectando nesse processo. Ainda são poucos, e o que é pior, não têm dinheiro. E aí que está a grande diferença, porque esses projetos de cá não têm investimento político. O que poderia ser repensando. Não como projeto de enriquecimento, mas como projeto da política investir nisso. Porque se a gente está aqui também, vamos dar visibilidade. Por exemplo, quem é que tem a mídia hoje? Só os movimentos fundamentalistas. Então, você pega um sábado de manhã e fica “zapiando” na televisão, são todos evangélicos fundamentalistas. Aí, falam: os

evangélicos são todos fundamentalistas. E você diz que não, que tem uma boa parcela evangélica que não é. O pessoal: ué, mas cadê esse povo? Dá dinheiro pra gente, que a gente aparece. Paga o horário na televisão, só pra gente fazer o contraponto. A gente hoje tem algumas mídias alternativas, que dão voz, a Mídia Ninja. Hoje você já tem o Ariovaldo, o Henrique Vieira, eu estou para começar uma coluna na Mídia Ninja. Tem tempo que já está organizando tudo isso. A gente fala assim. Teve, por exemplo, um vídeo da minha fala na parada LGBT de São Paulo ano passado, teve quase dois milhões de visualizações, é muita coisa. Mas a gente ainda está falando de um país de duzentos milhões. Então a gente fica ‘nossa dois milhões’, isso é 1% e os outros 99%? Estão ouvindo Malafaia, estão ouvindo Feliciano, porque esses caras estão nas grandes mídias. Eu sou pra conseguir dois milhões de visualizações no vídeo na internet, esse cara me fala dez minutos na TV e já alcançou trinta milhões. [44:30]

Igor: E você acha que esse discurso da proibição, da vedação é mais fácil do que um discurso que tenta desconstruir essas questões? Como ocorre na sua experiência em trabalhar com a comunidade e falar “olha LGBTs, Cristãos é isso, enfim.”? [44:45]

Muito mais fácil para gente, que aí é uma outra característica que já vi muito acontecer em comunidades que pastorei, por exemplo, a pessoa chegar e falar: “Quais são as regras da comunidade?” “A gente não tem muitas regras.” “Como não tem muita regras?” As pessoas querem pensar cada vez menos, as pessoas querem que alguém chegue e fale: “faça isso, isso e isso e aí eu obedeco”. E principalmente esse alguém que fala “isso, isso e isso” é em nome de Deus, porque aí está obedecendo a Deus. É muito mais fácil que trabalhar, como eu tento trabalhar e outros pastores que trabalham em questão da consciência. Você está feliz? Mas “aí” a pessoa começa a ter responsabilidades. E é muito mais fácil, e é isso que tem que ser entendido, eu obedecer ordens, porque se der errado e se der certo também, eu tiro de mim de toda a responsabilidade, tanto se der certo ou se der errado. Então, se der errado é culpa do Pastor. E aí eu mudo de igreja e sigo procurando uma que uma hora vai acertar. Então, é muito fácil isso, esse jogo de transferência de responsabilidade. Obedecer é muito melhor do que ter a consciência, porque se eu faço uma coisa e eu sofro as consequências daquilo, eu tenho que admitir que estou sofrendo pelo o que a culpa foi minha. Então, não eu vou lá, o que exige de mim, o que eu tenho que fazer, ele diz com quem eu caso, ele diz com quem eu transo, ele diz quando dinheiro eu tenho que dar. Então aquele que não determinou, é muito fácil viver assim. Muito fácil. [46:59]

Então, Barbosa, para terminar a última pergunta. E eu faço para todo mundo também. Como pensar a existência de homens não masculinos, mulher não femininas, gays, lésbicas, bissexuais e travestis nas escolas? Hoje as escolas em Belo Horizonte, e no Brasil inteiro apresenta um espaço acolhedor para a sua existência? [47:21]

Então, conheço pouco desse ambiente educacional de Belo Horizonte, como pensar esse ambiente é... Não precisa nem pensar, é admitir que isso já está lá. Acho que é muito curioso quando a gente pensa “Como que a gente vai fazer para receber”, gente já estão. Tem aquela música do Beto Guedes: ‘A lição sabemos de cor, só nos resta aprender’. Então é assim, essas pessoas já estão lá. Aliás, já estão desde a minha época, elas sempre estiveram. Isso que as pessoas não entendem. Não é uma novidade. Ninguém está inventando a homossexualidade, isso sempre aconteceu. Mas na época nossa, era o viadinho, o esquisito, você não sabe se é homem ou mulher, é o esquisito, ali tinha outros rótulos. Só que essas pessoas começam a ter autonomia. E começam a dizer: ‘não sou esquisito, eu sou um não binário’. E isso me ofende, porque eu prefiro que ele seja um esquisito. Eu tenho que transformar aquela pessoa em alguém pior do que eu, porque se existe alguém pior do que eu, eu não olho para a minha precariedade. Então, eu acho que o reconhecimento não aconteceu ainda, porque reconhecer é me reconhecer. Eu estava falando, não tem a ver com isso, mas nessa linha de pensamento, em questão da morte da Marielle, da execução da Marielle. Depois da morte, começa a ter aquelas fakenews, o tempo todo. Aí as pessoas: ‘porque tanto ódio?’. Marielle precisa ser ruim, porque se ela for boa, se ela realmente for o que estão dizendo, uma pessoa lutadora, que lutava pelos direitos, mas ela é mulher negra, bissexual, da favela, ela não pode ser boa. Porque se ela for boa, ela me denuncia. A bondade, sem falar nada, denuncia o que é a ruindade. Então, se o esquisito não é mais o esquisito, pode ser que o esquisito seja eu. O viadinho não é mais viadinho, é o homossexual, e talvez, o estranho na parada seja eu. Eu que tenha que perceber. Então, eu acho que essa é a grande dificuldade, talvez só na base do afeto mesmo e da empatia é possível começar a trabalhar esse processo. Só que como você começa a trabalhar a empatia a partir das questões de gênero? Se eles querem barrar exatamente isso. Barram um discurso que não atrapalha em nada, mas que denuncia a hipocrisia de todo mundo. [51:05]

Isso aí, David. Muito obrigado! [51:08]

ENTREVISTA 3 – JOÃO

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com João

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: João Gonçalves

Profissão: Proprietário de oficina de carros.

Religião: Evangélico, Oitava Igreja Presbiteriana.

Partido: Não possui.

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena,
guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: O que você entende por direito a educação? [00:33]

João: Eu entendo como direito a educação o seguinte. Em primeiro lugar a escola deve cumprir o papel dela que é de ensinar, ser focada naquilo que é importante, ensinar matemático bem ensinado, português bem ensinando pra dar condição de direito para as pessoas. [00:55]

Igor: E qual que é a participação da família nesse processo de educação? [01:02]

Eu creio que esse processo da família, ele é muito importante, porque a minha esposa era professora e a gente consegue ver a diferença quando você tem uma família bem estruturada e quando você não tem, da dificuldade que é. Acaba que é uma parceria de escola e família. [01:19]

Igor: Você falou que sua mulher é professora, ela da aula em escola pública, particular? [01:25]

Escola municipal, ela da escola na UMEI. [01:27]

Igor: E como pensar, João, quando acontece conflitos na escola em razão de famílias que possam ter morais, ou religiões diferentes. [01:37]

Eu creio que a família, ela tem que ser respeitada. Porque o problema da questão de Ideologia de Gênero é que ela não respeita o direito da família, o problema dessa questão toda, não é que a pessoa, sei lá, a criança que é homossexual, ela não perde o direito dela de ser homossexual. O que a gente vê é o seguinte, é as pessoas que, as famílias que pensam diferentes essas famílias sim, é que estão, as pessoas estão tentando impor algo que a família não concorda. [02:10]

Igor: E já que você falou sobre Ideologia de Gênero, o que você entende, João, por Ideologia de Gênero? [02:17]

Eu entendo de Ideologia de Gênero o seguinte, eu creio que isso, eu creio que ideologia alguém está falando que isso é o ideal. Então assim, você tem que dar a liberdade, é o respeito, “né”? Se a pessoa ela tem essa opção, respeite a opção dela, mas quem não quer ser também tem que ser respeitado. [02:39]

Igor: Então ideologia para você seria o ideal nesse sentido? [02:43]

É, se você fala que a Ideologia de Gênero, igual eu tenho visto, eu tenho participado dessas reuniões e eu tenho visto muita falta de respeito pelo o outro lado, a questão de difamações, as pessoas difamando as pessoas e sempre do outro lado com muita falta de respeito. Eu acho que é até uma falta de bom senso a pessoa pedir respeito e não respeitar. [03:11]

Igor: Você sabe quando foi o seu primeiro contato com o termo? Você lembra disso? Ideologia de Gênero como que surgiu esse termo na sua vida? [03:18]

A esse termo surgiu através da televisão, eu já vi alguns debates sobre o assunto e eu procurei a me aprofundar. Porque acho que a gente não pode falar nada sem assim se aprofundar um pouco, “né”? A gente tem que saber o que que é e nesse aprofundamento que eu fiz na prática eu vi muitos equívocos. [03:41]

Igor: Muitos equívocos... em que sentido você fala? [03:44]

Em quem propõe a questão de respeito, da opção e eu consegui perceber que há uma imposição, que não há uma questão de respeito. Que está querendo é impôr, não é o respeito. [04:02]

Igor: Entendi. Você participa de algum grupo que debata o tema, como que fica sabendo, por exemplo, dessas reuniões? [04:10]

O eu participo da rede de pais, mas eles me acolheram, porque eu fui de forma independente a participar das reuniões. E foi assim, fui lá e conheci eles e comecei a fazer parte. [04:27]

Igor: E essa reunião ela acontece a onde? [04:30]

As reuniões que nós tivemos foi, a primeira vez, foi na CONAE que nós nos reunimos de forma independente e tudo e passamos a nos conhecer. [04:45]

Igor: Conferência Nacional de Educação que você fala? [04:47]

Isso, que inclusive eu achei um desrespeito com os pais. Você tem na rede mais de cento e cinquenta mil pais, ou quase duzentos mil pais e você não vê essa representatividade na reunião. Então você vai lá, você tem uns cento e oitentas funcionários e setenta pais. [05:08]

Igor: Entendi. E tem um grupo de WhatsApp que você se organizam também? [05:13]

Temos sim. [05:14]

Igor: Da rede de pais “né”? [05:15]

Isso. [05:16]

Igor: “Aí”, essas outras informações são compartilhadas por ali? [05:18]

É por ali. [05:19]

Igor: Entendi. João, já caminhando para o final da entrevista. Como que você pensa a existência de homens não masculinos, mulheres não femininas, de mulheres mesmo ou de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis, que são entendidos como uma população mais vulnerável em diversos sentidos na sociedade, como que você pensa na existência delas nas escolas? E se as escolas de Belo Horizonte estariam preparadas para recebê-las? [05:49]

Eu creio que desde que o mundo é mundo sempre teve. E se eles estão aqui até hoje é porque de um modo geral souberam respeitar e conviver. Eu creio que quando você fala a questão de vulnerável, eu creio que não, porque se você pegar hoje a programação de todas as televisões, igual da Globo, por exemplo, você que lá eles têm assim uma força muita grande em questão de propaganda e tudo, e de defesa. Então eu não creio que eles sejam tão minorias não. [06:29]

Igor: Ótimo, você teria mais alguma coisa pra acrescentar sobre essa conversa, sobre o debate, João? [06:34]

Eu só queria colocar o seguinte. O respeito é o seguinte é você não concordar com determinado tema, mas aceita. Isso é respeito, porque se respeito fosse eu ser aquilo que eles estão em propondo seria consenso, então eu creio que respeito ele é mais amplo. [06:58]

Igor: E “ai”, você acha que a sua religião ela te influencia nessa visão sobre Ideologia de Gênero? [07:04]

Com certeza. Porque hoje, mas tudo com respeito, porque na minha religião, por exemplo, a gente crê de uma forma diferente, mas como eu te falei antes, isso é o respeito. Eu não acredito por convicção, mas eu respeito. Convivo muito bem. [07:22]

Igor: Não acredita em que, pra eu entender mais especificamente? [07:26]

Eu creio o seguinte, por exemplo, quando você abre a questão da Ideologia de Gênero, que a pessoa, igual o pessoal coloca, está no corpo errado. Por exemplo, eu vou dar margem para várias coisas. Eu no caso, por exemplo, sou negro, já pensou se eu achasse que eu estou no corpo errado e que eu devia ser branco? Agora você imagina a violência que eu estaria me fazendo psicologicamente e fisicamente se eu resolvesse mudar isso. Aí, a questão da anorexia seria também aceitável, porque a pessoa não aceita o peso que tem.. [08:04]

Igor: E “ai”, na sua igreja esse tema é debatido em algum sentido, nos cultos? [08:10]

Não, isso ainda não é debatido. Não é falado. [08:17]

Igor: Não se fala nada sobre Ideologia de Gênero? [08:19]

Não. [08:23]

Igor: alguns pastores aqui que são Vereadores na Câmara também. E “ai”, pelo o que eu conseguir entender, até então eu compreendi que esse é o debate que se tem também na igreja. [08:45]

Não, não debatemos não. Porque isso é uma questão de que nós temos a Bíblia como regra de fé. Então a Bíblia ela nos orienta a respeito de tudo e nós já temos a orientação com relação a isso e como proceder. Então independente de igreja é a Bíblia que nos orienta disso aí. Independente de religião. [09:06]

Igor: Tá certo, João. Muito obrigado, viu? [09:09]

ENTREVISTA 4 – ISAQUE

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Isaque

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Isaque

Profissão: Professor de História da UFMG – Aposentado – Vereador

Religião: Sem Religião

Partido: PT

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena,
guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Falando mais especificamente sobre educação, Isaque. O que você entende por direito a educação? Qual seria a abrangência desse direito a educação, qual que é a função desse direito? [03:25]

Isaque: A palavra é bem colocada direito à educação. Você, todo o individuo ele tem a garantia de ter a sua disposição, isso é o que eu entendo por direito a educação, um processo de formação, né? Um processo de formação, de instrução, de aquisição de conhecimento, da diversidade de olhares pela a vida, de entendimento pelas coisas, análise. Direito à educação é isso, é você ter a possibilidade de percorrer vários universos do conhecimento, enfim. Eu não consigo traduzir mais do que isso. Não quero falar muito, mas é isso é o direito que a pessoa tem de se formar. [04:35]

Igor: Restringe a escola esse direito? [04:38]

Isaque: Não, não. A escola é um espaço importante, mas a área da cultura, a área da socialização, a área do lazer, a área do ócio inclusive do nada a fazer do pensar da reflexão. [04:59]

Igor: Qual é a participação da família nesse processo de educação? [05:03]

Isaque: A família também é... assim como a escola, assim como a área da cultura, a área da socialização a família inevitavelmente, aí depende de como o indivíduo está inserido na sociedade se ele tem uma família ou ele não tem, mas a família como você perguntou. A família é um ponto importante de formação. E a família evidentemente, pai e mãe, pai e pai, mãe e mãe é quer queira ou quer não sempre passa para criança aquilo que o pai e mãe, que o casal, entende como correto como opção que fizeram, mas ao mesmo tempo se houver por parte desse casal se ele não proibir à diversidade a busca. Acho que esse é o papel da família, passar aquilo que ele acredita, mas também não impedir. Meu pai foi delegado de polícia e ministro da eucaristia, evidentemente eu sofri muita influencia dele, mas também ele nunca me coibiu de, por exemplo, de participar de movimento estudantil, depois eu parei de ir à missa. [06:33]

Igor: E quando esse entendimento da família vai contra essa diversidade? [06:49]

“Aí”, também é inevitável que a família imponha as restrições e isso vai do entendimento dela. Mas a criança, o adolescente, o jovem ele vai ter de saber como que ele vai enfrentar isso. “Aí”, cada um é cada qual. [07:09]

Igor: Mas eu digo em relação à escola mesmo. Quando esse dilema entra no espaço escolar. A família é contra, por exemplo, a discussão de diversidade na escola, como lidar com isso? Não em relação aos jovens específico, mas pensando na escola. [07:24]

Isaque: A família não tem o direito de interferir na escola. A escola é um espaço, estou falando da escola pública, porque, por exemplo, Loyola, Santo Agostinho, Batista, já quem coloca seu filho ali sabe o que quer. Mas a escola pública o ensinamento ali, a educação, a formação, a diversidade é uma coisa própria do poder público, a família não tem o direito de interferir, a família tem o direito de discutir, de participar do colegiado, mas não de impor o que eu acredito, o que você acredita pro conjunto da escola pública. [08:09]

Igor: Você já teve contato com o termo Ideologia de Gênero, né? E o que ele significa para você? [08:17]

Isaque: Na verdade, pra ser franco, não consigo entender direito o que é ideologia de gênero. Gênero para mim é homem e mulher. Gênero. Agora orientação sexual é parte do gênero? Gênero trans? Gênero bi? Eu não entendo. Então eles pegaram nesse termo “ideologia de gênero” e estão dando uma amplitude nesse termo gênero pra poder justificar uma ação coercitiva com essa proposta de Escola Sem Partido. Mas o que que é gênero na verdade? Daqui a pouco, eu estava brincando lá embaixo, você não pode falar nem mais gênero alimentício. Então, eu não consigo fazer essa distinção. O que que é “ideologia de gênero”? É homem e mulher, agora a orientação sexual, trans, bi, lésbica, homossexualidade, isso faz parte de gênero? Se fizer, ótimo. Mas, eu não consigo, francamente. É que cada dia surge um, tem o queer, tem o intersexual. Então, não consigo. [09:42]

Igor: Tem uma pluralidade bem grande. Mas quando foi o seu primeiro contato assim com o termo? [09:48]

Na verdade foi quando começamos a discutir o plano municipal há dez anos aqui na Câmara, ou mais, não me lembro. “Aí”, começou esse negocio de Gênero, mas que não havia um acirramento dessas questões. Quando começamos a discutir o plano nacional de educação que essa questão veio a baila do que “sou contrário a Ideologia de Gênero”, “que vocês estão querendo botar na educação e ensinar”, como o cara falou ali embaixo, ensinar a sexualidade é coisa da família que tem que ensinar. Foi nesse caminho aí de discutir os planos municipais, estaduais e nacional de educação, quando esse assunto começou a ter um acirramento maior com esse pessoal do Escola Sem Partido. [10:54]

Igor: E você vê uma interferência religiosa nesse debate? [10:59]

Isaque: Sem dúvida nenhuma. Isso é uma questão de princípios de parte dos evangélicos reacionários, conservadores ou fundamentalistas que acham que o correto é homem, mulher, pai, mãe e filhos. Isso é que entendem como família. Além disso, é uma transgressão, é uma perversão, como eles falam. A homossexualidade, o

lesbianismo, enfim. Isso tudo é uma perversão. Uma distorção da ciência, do conhecimento científico. Se Deus criou o mundo, ele criou o homem e a mulher. É esse o fundamentalismo evangélico e não só, os carismáticos católicos também. Nós tínhamos um vereador, inclusive da esquerda, era carismático e era contrário à “ideologia de gênero”. [12:05]

Igor: Quem era? [12:06]

Isaque: Eu queria que você não pusesse, eu te falo por fora. Pode ser? [12:13]

Igor: Tudo bem. Claro, com certeza. Mas que os Carismáticos eram contrários a Ideologia de Gênero também? Então a igreja Católica você acha que tem uma participação? [12:21]

Isaque: Os Carismáticos, dentro da igreja Católica. [12:25]

Igor: Então alguns seguimentos da igreja Católica advogam essa tese também? [12:30]

Isaque: É e como a igreja Católica no principio ela era muito poderosa, ela veio com tanto radicalismo quanto os fundamentalistas agora. Só que a Igreja evoluiu a Católica evoluiu e ficou essa parte do Carismático para herdar a herança conservadora da igreja reacionária, mas a igreja Católica também foi poderosa e reacionária e matou de mais é só lembrar da inquisição. O que que foi a inquisição, né? [13:05]

Igor: E agora esse pessoal do Escola Sem Partido eles se articulam pra além da própria Câmara, para além desse processo legislativo? [13:13]

Isaque: Eles vão para as escolas, nas famílias, nas igrejas. [13:18]

Igor: Você conhece esse pessoal? [13:20]

Isaque: Conheço. O pessoal frequenta aqui, nesse debate sobre o plano municipal de educação. Eles vieram aqui, nós fizemos várias audiências e eles presentes. [13:32]

Igor: De onde eles são? O que financia esse movimento? [13:36]

Esse movimento nós estamos levantando inclusive tem financiamento internacional.
[13:41]

Igor: É exatamente, eu quero saber disso. É importante. [13:44]

E também tem dessas Igrejas, por exemplo, Batista, tem dinheiro de fora dos Estados Unidos. É um movimento reacionário não é só no Brasil não. Não saberia te dizer, seria leviano eu te falar a fonte assim. Mas que tem financiamento. Eu também quero te dizer que nós estamos levantando isso. [14:09]

Igor: Exato, a gente pode até conversar sobre isso depois mesmo, trocar dados. Porque é importante para a minha pesquisa também. [14:17]

Tenho um grupo de pessoas nossa, posso te passar isso depois? Que está levantando isso, essa fonte, por exemplo, Kim Kataguirí, pessoal do vem pra rua, é dinheiro que vem de fora lá. Já foram identificadas algumas fontes. [14:30]

Pode sim. Eu tenho conversas com outras fontes que dizem exatamente isso. E estamos tentando mapear isso para entender de onde vem. Mas de fato como você colocou. É um movimento internacional maior. E por fim, Isaque. A pergunta é a seguinte. Você acredita numa concepção democrática da escola, caso acredite como que você pensa que isso se estruturaria na prática uma escola democrática? [14:54]

Eu acho difícil dar uma receita, a educação é um processo constante mutação, constante evolução, os novos conhecimentos que humanidade vai se apropriando deles. Mas como a gente tem que fazer a mudança do pneu do carro com ele andando, eu penso que a escola democrática é uma escola que tem que ter o máximo de possibilidade de diversificação. Por exemplo, aqui em Belo Horizonte um projeto de lei de minha autoria que virou lei é a Escola Integrada, não sei se você está sabendo, tem um currículo. Um currículo que ele é também, ele é flexível ele pode ter especialidades de acordo com o bairro, com a regional, mas tem mais ou menos um centro e no outro turno a garotada tem na formação, tem informática, aula de rap, aula

de capoeira, aula de reforço pedagógico, cultura, esporte. Então esse é um projeto que eu penso ser democrático primeiro para escola pública. E o debate de ideias. Debate de ideias dentro da sala de aula, dentro desses espaços, por exemplo, a garota dessa Escola Integrada, vai para a rua, vai para as praças, vai visitar Inhotim, entendeu? Isso tudo amplia o conhecimento das crianças, elas têm outras fontes de informação e não só o professor, e a professora, mas também uma cidade. A cidade ela também tem que ser educadora. Possibilitar a educação da garotada, então ela tem que andar, a cidade tem que ser o espaço de formação também. Por isso a Escola Integrada quando nós apresentamos para a prefeitura no governo Pimentel, quando ele foi prefeito, a garotada passeia na cidade. Não sei se você já viu isso. Já viu? Os meninos nas praças da cidade, nós clubes a secretaria municipal de educação faz convênio com alguns clubes, com museu, nos parques. A gente fez isso para ampliar a possibilidade de informação de conhecimento da diferença como na situação do bairro Santo Antônio, e o bairro do Taquaril as crianças transitarem nessa diversidade, então isso que eu acho que é uma escola democrática. [17:48]

Igor: Ótimo, Isaque. Satisfeito.[17:51]

Não sei se eu te ajudei. [17:53]

Igor: De mais. Foi excelente. [17:55]

ENTREVISTA 5 - MATHEUS

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Matheus

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Matheus

Profissão: Estudante

Religião: Não possui.

Partido: PSOL

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena,
guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Então, Matheus. São várias perguntas você não precisa ficar querendo responder tudo de uma vez, que a gente vai chegar em vários pontos. Então só pra introduzir um pouco o debate. O que você entende por direito a Educação? Na sua concepção qual seria a abrangência de um direito a educação? Qual é a função disso, quando a gente pensa em direito a educação? [0:53]

Matheus: Educação é quase materialmente uma necessidade humana, não só para o desenvolvimento das habilidades relacionadas tanto do trabalho, ou tanto dos saberes, mas também para o desenvolvimento de si, enquanto ser, enquanto pessoa. Ela te possibilita encontrar os elementos que vão te permitir fluir a sua própria vida e ser no mundo. Mas te permitir ser no mundo, e ser com o mundo nessa convivência. Então é um direito que diz respeito objetivamente à dignidade, mas que prepara pro trabalho e o trabalho tem essa função garantidora de dignidade humana, um direito de cidadania na medida que constrói e constitui os pilares sob os quais você vai eleger as suas opiniões sobre o mundo e etc. Então são direitos mais sociais assim. [02:07]

Igor: E qual que seria o papel da família nesse direito? [02:14]

Observando essa ótica de família, estado, sociedade interagindo para formar alguém, para promover a educação de alguém. Acho que é a família tem um papel de *formação* que talvez seja uma das mais esquecidas nesse tempo que é a educação afetiva. Educar para se colocar no lugar do outro, entender o que é um senso de comunidade, de que seu agir impacta a vida de alguém que está muito próximo, e você também é impactado pela o agir do outro, então situações de quase dependência ou de proximidade também fazem parte do ser educado. [03:06]

Igor: Agora como pensar isso hoje na atualidade, em que muitas vezes a um conflito muito claro no ambiente escolar, de crianças, alunos que são oriundos de famílias com concepções de mundo muito distintas e muitas vezes concepções de mundos exclusivistas que entram em choque com outras concepções? Como pensar esse conflito, quando aparece esse conflito na escola? [03:29]

Acho que não dá pra colocar tudo cem por cento nas famílias também, sabe? Apesar de que esse é o primeiro passo dentro *de uma vida* comunitária e no segundo pode alavancar um crítica em relação a primeira. E muitas vezes o fazem assim. Principalmente considerando a experiência de pessoas LGBTs que tem um vida associada à performance da sexualidade e da pra gente tomar como exemplo disso, dessa crítica que se desenvolve posteriori. Mas é um exercício, vira um exercício, porque a gente infelizmente tem um déficit de informação de quem forma também. Para lidar com as questões da humanidade, as questões das relações nesses espaços, a escola deveria ser pensada em tese um lugar onde os mulçumanos, os evangélicos, os hinduístas num fim comum ali, aprender o que esta sendo passado, mas para conviver também. Sem estabelecer relações odiosas ou conflituosas entre si. Mas a figura de alguém, ou de “alguéns” na mediação disso aí, se essa mediação não acontece mais provável é esse conflito. É um desenvolvimento primeiro das pessoas que chegam ali para terem esse entendimento do afeto, etc. Mas também daquela pessoa que recebe no ambiente escolar restrito senso para entender como mediar esses conflitos e situações e etc. Isso é uma série de artifícios que devemos fazer, mas nem sempre essas pessoas têm acesso a eles, é complicado mesmo. [05:35]

Igor: Em relação a esses conflitos a gente tem um tema que hoje esta predominando nos debates sobre educação, seja nos municípios, seja a nível nacional que é chamado

de Ideologia de Gênero, Matheus. E “aí” a gente começa pergunta o que você entende por Ideologia de Gênero? [05:51]

Às vezes é difícil até de entender, porque a razão que o sistema traz esse processo, se ela existe ela está tão escondida que eu nem sei. Mas como um extrato de um processo que nós, desse campo da esquerda progressista pós materialista e etc, criamos um extrato negativa dele. Porque a gente passa por um momento que as teorias vão ganhando mais força as teorias do Gênero, e dos feminismos, da liberdade dos corpos e etc. Vão ganhando mais força e vão sendo assimilados por um setor acadêmico de diversas ordens do saber, algumas escritas, outras discursões vão sendo provocadas a partir daqui, mas de uma forma muito inacessível em relação ao objeto de que se trata que é a sociedade como um todo. A gente começa a falar dessa teoria, a falar dela, a agir a partir dela, a disputar esse espaço político com ela, sem permitir um entendimento claro e abrangente do que a gente está falando. [07:45]

Igor: E você lembra quando foi a primeira vez que você teve contato com esse termo? [07:49]

Ideologia de Gênero? [07:50]

Igor: “Uhum”. Como ele apareceu na sua vida? [07:55]

Foi já na participação no Diverso [07:56].

Igor: E no debate político como foi? Foi no plano municipal de Belo Horizonte? [08:07]

Não, foi na construção do plano Estadual de Educação, lá em 2016. Dezesesseis? Quinze. Não, dezesseis. Em dezesseis no plano Estadual de Educação e inclusive nem foi aprovado ainda, está debaixo da bundinha da *de uma deputada* por causa disso, tem várias inserções de gênero ali, que pra ela precisa ser depurada, é deputada estadual bem cristã assim. Mas voltando, tipo assim quando a gente faz esse movimento de não socializar o saber [dos estudos de gênero], permitimos que um grupo que entende o que a gente está falando crie uma outra narrativa em cima dele.

Com uma outra linguagem que apela para a parte irracional das pessoas, a parte muito orientada pela fé, pela fé incondicional e por valores morais que conformam o que é a sociedade brasileira. Valores que são muito mais inteligíveis do que essa teoria [de gênero]. E por isso a ‘ideologia de gênero’, essa aberração discursiva de que o gênero é uma ideologia que veio para mentir, matar e destruir. Uma ideologia do próprio Satanás que veio para destruir as famílias, que veio para tornar seu filho - seu bebezinho! - em “viado” promiscuo, num Pabllo Vittar. É muito mais inteligível do que a gente discutindo sobre as questões das violências que cercam a experiência do gênero ou como o gêneros se atrelam à sexualidade e por aí vai. Então tipo assim, eu sempre gosto de partir desse pressuposto, não é vilão que está surgindo do nada, do chão, a gente cavou um buraco saiu o monstro e ele está aí. Não, a gente participou do processo de construção dessa Ideologia e não sabendo disputar esse espaço. [10:17]

Igor: Sim. E “aí” na sua vivencia política, na própria Frente Autônoma LGBT quem você identifica, ou quais são os personagens, atores principais na promoção desse debate denominado Ideologia de Gênero? [10:32]

No âmbito Municipal, Estadual, no âmbito da política institucional, ou na política Nacional? [10:39]

Igor: Pode ir colocando a partir do que te marca, pensei no âmbito municipal. [10:46]

Você tem um role, movimentos que gira em torno desse contexto, movimentos religiosos, movimentos como *MBL* que acabam criando caldo teórico do que está sendo falado. Você tem políticos e figuras políticas que se aproveitam desse caldo para colocar em prática o seu projeto onde é que estejam, na assembleia o Portela e o *João Leite* fazem isso com maestria. Na Câmara você tem um grupo de vinte e cinco pessoas que se dizem evangélicos, mas que assumem um denominador comum a luta contra o Gênero, contra a teoria do Gênero. E o que é muito grave, gente a gente está falando da Marilda Portella presidente da comissão de mulheres da Câmara Municipal até o Fernando Borja, até o Di Gregório, até o Durgal Andrada que não tinha nada a ver com isso. Então é um grupo bastante heterogêneo e ainda mais que consegue encontrar pontos de comunhão de seus interesses múltiplos que permitem que eles articulem dessa forma. Têm as resistências Cida, Áurea, Pedro. [12:11]

Igor: Mas “ai” na sua fala, pelo o que eu estou entendendo. Então são dois grupos pelo menos claros que insuflariam de certa forma o caldo teórico da Ideologia de Gênero que seria um grupo Evangélico, é isso? E um grupo ligado aos movimentos liberais como a MBL? [12:31]

Sim. [12:32]

Igor: E dentro desses grupos Evangélicos você consegue perceber algumas religiões específicas, enfim algumas manifestações Evangélicas específicas? [12:45]

Criou se uma figura do neoprottestantismo no Brasil que é muito difícil de achar igual em outro lugares, eu acho, talvez de pra aumentar para a Sul América, mas que é muito difícil de achar em países onde essas denominações se enraizaram de onde elas partiram, Alemanha, Estados Unidos, e por aí vai. Porque elas tendem a ligação do saber e a oposição de um novo saber a partir da religião, mas não necessariamente tem frunco no que está dito na religião, passa por aí, nós livros religiosos, passa por ali, mas tem umas inversões e flexões muito serias de discursão ao mesmo tempo permite que aquele que fala seja aquela que dita o que está sendo falado, sabe? “Ai”, você tem uma associação gloriosa uma passagem da bíblia que fala que toda autoridade é colocada por Deus e autoridades espirituais especialmente são aquelas que a gente deve ter mais reverencia e menos discursão. Só que essas autoridades também passaram a disputar o mercado capitalista, passaram a ter acesso a grandes lobbys de comunicação, passaram a presidir esses lobbys, passaram a ter ações no mercado, passaram a se relacionar com outras formas da vida, com outros espectros da vida que não exclusivamente ou especialmente da fruição da religião, da reflexão que qualquer religião religaria e ligação com o individuo deveria trazer para se, ou poderia trazer para se, e ela se torna um instrumento de mobilização e adestramento de massas assim. Então muitas dessas religiões neoprottestantes são usadas como tal instrumento por aquelas pessoas que estão em determinados grupos, não da pra falar: “Ah, Deus é amor” existem pastores, na atualidade, espirituais que se usam desse poderio para regimentar pessoas em torno dessa ideia e de outros interesses por trás. Então esse dos, sei lá, aquelas figurinhas carimbadas maravilhosas de Malafaia e Ana Paula Valadão: “Bota de couro de cobra píton e aquela paz, e aquela paz e ela vai

falando e nós vamos ocupando a política, sim” quem fala isso gente? Sabe, eles buscam até de ferramentas nossas inclusive para compor esse discurso, até aquele pastor que a gente não está vendo, mas que está conectado ali. Há mais uma associação mais clara entre o neoprottestantismo e isso, mas não chega a ser uma generalização de que o neoprottestantismo está puxando isso.

Igor: E a igreja Católica assim no Brasil, você percebe essa participação? Ou não é tão evidente, ou tão acentuada como a participação dessas igrejas neopentecostais, como que você vê essa relação? [16:37]

Como a igreja Católica Romana está passando por um momento de depressão no mundo e em si e está passando por um momento muito sério de discursão de si própria, a vinda Francisco em contra ponto do Bento XVI “super” centraliza isso, sabe? Que o Bento XVI e o São João Paulo II que eram, o João Paulo era um líder popular com missões pelo mundo, claro tinha as coisas dele, mas ele era muito mais bem quisto pelo o povo, agora você que vê que o Bento XVI que é a cara da Transilvânia, que fazia uma fala totalmente *criptada*, sabe? Já programada, pré-programada. Agora o Chiquinho é pobreza, luta contra os privilégios dentro da igreja, ouvir as pessoas, se dar para outro, etc. Enfrentando uma cura que ele fala uma coisa e a cura senta em cima. Então a dinâmica que igreja se envolver perdendo uma série de fieis ao longo disso, um movimento que as artes protestantes a regimenta essas pessoas vindas do catolicismo que a Igreja tem que se rediscutir, discutir questões que para ela eram fundamentais, mas que agora passam a ser reutilizados como faz a sua história ao longo vida e esse momento faz com que ela titubeia as vezes no que falar enquanto igreja, enquanto Vaticano, apesar de ter falar muito postas, mas você permite que, por exemplo, que uma paróquia na diversidade se constitua, e em outras cidades também que dificilmente você vai ver nas protestantes. Acho que a Católica está tentando encontrar um lugar que permita para que ela fale direito, tem setores na igreja que são mais tensos, galera da São Tomás de Aquino é uma galera raiz, mas é isso que a gente tem que disputar? E ela tem essa pretensão ser unitária? “Ai”, as coisas ficam um pouco mais complicadas para o que elas façam, porque pode vim um Padre de São Tomás falar uma coisa assim, pode vim um Padre Franciscano bênção pra todos, chegar e falar outra coisa. E o Padre ali tem uma aqui e outro Padre tem uma igreja aqui e a igreja Católica não é essa festa que se pedir uma bênção você tem

uma igreja. Não, você tem um processo ali à igreja nasce sabe? Então é uma coisa muito mais estruturada, não tem, por exemplo, essa escadinha entre Ana Paula e Malafaia e o Pastor da Igreja do Concordeia da Igreja que está ali na esquina. Então eles têm um grau de igualdade ali no discurso. Acho que assim, por mais que ela tenha alguns setores dela tenham buscado isso, eles não foram pra cima da política, eles não foram ocupar esse espaço como a Ana Paula fala em nos discursos dela, eles não foram disputar tão marcadamente assim. [20:40]

Igor: E você tem conhecimento, Matheus, de algum grupo que financia esse debate? Existe algum financiamento por de trás desses dois grandes grupos que a gente está identificando aqui, o grupo religioso de matriz Evangélica e outro grupo ligado a movimentos liberais como o MBL, você tem conhecimento, ou ouvir falar de alguma fonte de financiamento desses discursos? [21:05]

“Uai”, cara quando você descobrir me conta vou até pedir umas bolsas pra gente. São relações assim, que existem, que são desconfiáveis, tem aquele grupo de empresários da Riachuelo, Habib’s, etc. Que todo mundo está comentando sobre terem formado uma liga contra a Ideologia de Gênero, mas o próprio *Doira*] já se especula sobre nego pagar para que esse grupos se movimentam em torno dele. Não é também um lugar de necessariamente de concordância com o discurso que está sendo proposto, mas pode ser muito mais de ele permitir outros frutos sejam logrados nessa disputa político que uma vês que ela se trava contra um outro grupo, que as vezes se quer dizimar. Mas eu acho que fazer uma pontuação dessas precisa de provas, a gente no direito tem que aprender a ser mais “discursável” nas coisas que fala, pra não sair falando merda. [22:26]

Igor: Sim, sim. Com certeza. Então você não teria algum ponto objetivo em relação a esses financiamentos. Como que se da essa discursão no âmbito da Frente Autônoma LGBT? [22:40]

A gente tem tentado se apoderar desse processo de disputa da própria Câmara assim. De estar lá todo tempo, conversando com os vereadores, pensando com os que estão conosco como que a gente pode avançar nesse processo de luta contra esse projeto de lei que criaram em torno dessa ideia do Escola Sem Partido, dentro da não Ideologia

de Gênero, etc. São vários, e varias ordens que tem o Escola Sem Partido, você tem outros projetos de lei ordinárias que criam restrições em então gente há discursões de gênero e sexualidade, você tem um projeto de lei orgânica municipal que tenta calar a Câmara, a própria Câmara, tenta impedir que a Câmara discuta sobre gênero e sexualidade e depois de tomar uma sentada eles mudam aquilo para impedir de seja colocada no currículo das escolas vinculadas a administração municipal. Qualquer coisa que não esteja no PNE o que é mais serio ainda, de uma outra ordem de seriedade, porque o PNE é pra ser uma lei geral a educação é regida por um principio da regionalidade, você tem adequar o que está colocado naquele macro para realidade do micro e inserir outros saberes que possibilita que a pessoa olha para a cidade e veja um monte de prédio, mas vejo o ambiente onde ela vive, que ela socialize, que ela interaja, que ela coma, que ela dorme. Sabe? Então a gente tem tentando, olhado para esse processo e interagido com ele de forma puxada para que esse negócio não caia do nosso lado. E também tentar promover discursões na cidade, em torno disso, sabe? Nós espaços de formação de professores, nós espaços de sindicalização, nós grêmios estudantis, uma relação mais próxima com os movimentos estudantis também, que chegam junto na Frente, mas entendendo que a disputa principal infelizmente é na Câmara Municipal, é lá dentro,] tenha que estar mais inteirado com o que está pegando lá assim. Já a gente tem gasto muito tempo discutindo entre nós, sobre o que que é isso. Mas acho que tem um que de descredito ali, é tão absurdo que não tem como isso prospere, que nega um pouco a conjuntura, que nega um pouco o que a gente está passando assim, sabe? Nega aqui, enquanto a gente está sabendo o que que é, de onde vem, quem promove e etc. A gente não olha o que as pessoas estão fazendo no seu ambiente de trabalho, que é assim que acaba perdendo a oportunidade de interagir e depois “pá” desse a bomba, foi aprovado e a galera vai ficar: “Nossa, desacredito da politica, desacredito do politico, isso é tudo um bando de safado” mas na hora que podia ir lá e fazer uma pressãozinha se absteve, também, sabe? É uma outra questão. Talvez seja até uma terceirização da politica, acho que é uma coisa muito interessante esse termo. [26:20]

Igor: Matheus, voltando um pouco assim sobre os debates da Teoria de Gênero. Eu acostumo perguntar para todo mundo que eu entrevisto. Quais são as referencias sobre debate de Gênero que elas têm. Então eu pergunto para você quais são as suas referencias sobre o debate de gênero? [26:42]

Eu vou na raiz lá de tudo, da Judith, da maravilhosa gênica da categoria Joan Scott gloriosíssima, Chimamanda, e um pouquinho de Djamilia e um pouquinho de *Leia* Gonzáles, mas mais do que as referências teóricas, eu acho que é a observação da vida, ela permite que a gente rompa com essa coisa que a gente começou falando, sabe? Gênero é uma coisa escolástica. Não é. Ele está ali, estamos vivendo enquanto a gente conversa, sabe? E tentando romper com ele, falando desse jeitinho e com o cabelo voando enquanto a gente conversa. Mas é observar que as pessoas estão sendo restringidas de determinados direitos de determinados direitos mantendo aflição de se, da possibilidade de existir, da possibilidade de socializar em razão de alguma coisa, da forma como fala, da forma que ela age, da forma que ela interage e observar as vidas das mulheres e como que elas vivem sobre as suas dores e passam a se aglutinar umas nas outras, para fazer isso, como que elas lidam com os seus cabelos, como que a gente lida com os nossos cabelos, com o nosso tom de voz. [28:28]

Igor: A nossa discursão está corporificada na gente. [28:37]

É e ao mesmo tempo a gente está sendo irresponsável com ela também. Porque não dá pra esperar que as pessoas se debrucem sobre o *gender trouble*, *boddies that matter* a porra toda e entendam aquilo, e blá, blá, blá. Mas elas querem entender. “Ai”, vem aquele coleguinha depurano aquilo no textão no Facebook, fazendo um vídeo de cinco minutos, jogando aquilo na rede e as pessoas: “Nossa, flagro de mais a partir de agora”. E na hora de debater aquela experiência que a gente passou na Assembleia o coleguinha pedagogo “*coach*” [?][29:25] de pedagogia, eu amo, sabendo do que se trata, você olha pro lado e não três que consegue sustentar o debate com ele. Beleza. E “ai” tem a outra face disso a gente levar os nossos, e as nossas mesas pra um embate radicalista que não comunga com democracia, e que entra muito mais num canto de: Vai me aceitar sim, e vai descer guela abaixo, sim, porque sou sim. Que cria um outro dificultador pra que a gente consiga até mesmo elaborar essas questões no campo democrático. Porque de um lado você tem o totem Bolsonaro fazendo aquela palhaçada toda, por outro lado você tem a “bicha” que no momento que ela vai se sentir afrontada ali pra dialogar: “Não converso com homofônico, não converso com machista, não converso com racista”. Agora a sociedade que você vive esta galgada nesses três pilares e mais alguns e ela cria pessoas a partir disso, se você não

conversa, ou você se exclui, ou você impedi que esse debate tome conta do social assim. [30:49]

Igor: Matheus, para finalizar então. É como pensar a existência de homens não masculinos, de mulheres não femininas, de gays, lésbicas, bissexuais e travestis na escola? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? [31:16]

Fala as escolas é falar de muita gente. É falar de muita gente e de muitas pedagogias diferentes. Mas vamos pegar, nem mesmo pra centralizar a intriga, particulares, publicas, etc. Ajudam muita gente nesse campo, mas majoritariamente não, existem déficits da formação de quem chega e isso é um problema muito serio que as famílias se abstém de participar ativamente da educação de alguém, ou não dão conta também. Quando mais você abaixa no aspecto de camada social, mais você tem uma proliferação de filhos, uma pessoa ou se matando trabalhando no trabalho formal ou ele vai pros mercados informais tentar sustentar a galera ali, ou dando aquele louco e você se viram e vamos crescer, eu vou te botar na escola porque a gente arruma um bolsa família e eu preciso daquilo sem um juízo de valor nisso. Ou então, eu falo das famílias mais ricas, um pai, uma mãe que trabalha várias horas, etc: “e nas horas que eu não estou trabalhando não vou dedicar aquele tempo a educar, posso socializar com ela ali, mas não vou educar”. E terceiriza essa responsabilidade para a escola em que chegando lá você tem pessoas que estão preparadas para falar de português, de matemática, de geografia, de historia e isso já estamos no lucro, porque nem sempre tem, mas acaba tendo que lidar com essa demanda ali, porque tem um ser que precisa formar também, e a formação entra em conflito com o que a família que é a educação terceirizada que ela tem supra e “ai” gera o “bafão”, mas “ai” nós estamos voltando pra cá e esse conflito família e escola já está, mas assim existe um déficit formativo das pessoas, dos educadores, ou da própria noção de educadores, qual esse papel é, é esse mediadora das relações, é alguém que vai te sentar numa cadeira e vai ficar te falando três horas sobre *metonímia* [?][33:55], ou ela não consegue fazer dos dois mundos? Tem uma questão a se pensar assim, qual o modelo de educação que a gente quer? E qual que é o modelo de pessoas que a gente quer formar também? O que a gente esta disposta a fazer? [34:13]

Igor: E nesse sentido qual seria a importância do debate de Gênero nas escolas?
[34:17]

É a importância de permitir que as pessoas tenham acesso ao mundo como ele se põe assim, em que existem centros de poder que se exercem sobre outras pessoas e outros corpos e que aquilo se materializa em violências que podem estar sendo vividos em âmbito da sua própria casa, que você não se identifica até agora como uma violência, mas como algo normal do amor. Por exemplo, relacionamento até nisso a gente está entrando, no amor mercantilizado versus a experiência comunitária, familiar. E que simulam pra entender, perceber, no outro e em si uma *rememória* em suas ações a partir disso e aí a gente não está mais falando só de gênero, a gente está falando de uma percepção humanística da sociedade. Então não é só debater sobre gênero, é debater sobre o mundo que a gente vive, que é mais do que números, mais do que moléculas, mais do que palavras, informações rochosas, sabe? Ele é histórico, ele é dinâmico, ele é complexo, ele é marcado por diversas percepções de raça, classe e gênero, posição social e etc. A gente precisa pelo menos compreender. [36:16]

Igor: Ótimo, você queria adicionar mais alguma coisa? Ao final da entrevista, está satisfeito? [36:20]

Um medo: cair de moto e se ralar. [36:24]

Igor.: Obrigado, Matheus. [36:34]

ENTREVISTA 6 - LEVI

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Levi

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Levi Nogueira Barbosa

Profissão: Comerciante

Religião: Católico

Partido: DPS

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena,
guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Levi, o que você entende por direito a Educação? Qual seria a abrangência de um direito a educação? Qual é a função, quando a gente pensa em direito a educação? [0:31]

Levi: O direito de educação já fala, “né”? É um direito que você tem a estar, a ter conhecimento de tudo que acontece dentro da vida, eu acredito estudantil. Quando, você vai chegar ainda lá, mas quando se pega alguma coisa de fora da origem, da teoria mesmo que é a matemática, o português, história isso, “aí” não sei, se é competência da própria da escola estar debatendo isso. Então eu acho que direito a educação é você ter o mesmo direito e acesso a todas as informações desde que ela esteja dentro da teoria do próprio calendário da educação. [01:17]

Igor: Muitas vezes existe alguns conflitos na escola, principalmente relacionados à origem família. Algum filho é de uma família de uma religião o outro é de uma outra religião e o outro é de uma família que é Ateia. Como pensar isso na escola? Como lidar com esse conflito quando ele aparece? Esse conflito muitas vezes de origem religiosa dentro desse espaço escolar. [01:39]

Eu creio que a criança, ela é muito pura, “né”? Talvez ela não se preocupe muito com isso, existe o bullying que é mais presente hoje na escola. Talvez a educação religiosa, ela não se esteja tão presente, porque hoje mesmo os pais levando o filho na igreja seja evangélica, seja católica, a criança ainda, ela ainda não nasceu na mente dela essa opção religiosidade pra ela. Ela quer viver mais o tempo dela mesmo. São as brincadeiras de criança, são o que hoje está muito aí em evidencia que é o virtual, o telefone, que o computador, que é o vídeo game. Então eu acredito que a criança não absorva tanto a informação quanto a religiosidade. [02:37]

Igor: O tema da Ideologia de Gênero está sendo o tema central hoje nos debates sobre educação não só em Belo Horizonte, mas em varias cidades ao redor do Brasil. O que você entende sobre Ideologia de Gênero? [02:50]

Eu acredito, como eu disse, a gente tem que acreditar na pureza da criança. E deixar que ela assim, escolha o que ela quer e no tempo que ela quer. A Ideologia de Gênero hoje ela vem trazer assim algumas opções que criança pode ter, no tempo que não está ainda na hora dela escolher. Então como eu disse, eu sou de uma outra época e eu vim aprendendo as coisas com o tempo. Quando eu era criança nem sexo eu poderia falar, porque eu tinha vergonha de debater isso, com o meu pai, com a sociedade e eu vim aprender isso com o desenrolar da adolescência, a gente vai criando e aprendendo as curiosidades da vida. Então quando eu disse, eu acho que a Ideologia de Gênero hoje ela pode ser encontrada dentro das escolas por esse motivo. A gente tem que conhecer a vida, conhecer o mundo, conhecer o corpo, conhecer a opção é diante da evolução mesmo do próprio corpo do ser humano, do próprio desenvolvimento da criança, do adolescente, do jovem. [04:04]

Igor: Teria uma idade para isso? [04:06]

Não, isso vem natural mesmo. Por isso que acredito que a Ideologia de Gênero hoje ela não deveria ser implantada dentro das escolas. Eu acho que tudo é natural. [04:17]

Igor: Mas objetivamente o que seria Ideologia de Gênero? Pra eu entender. [04:21]

É isso que eu te falei é a implantação de uma doutrina dentro de uma escola, dentro de um colegiado que eu acho que as crianças não estão preparadas. [04:36]

Igor: O que está doutrina diz? [04:38]

A doutrina de Gênero é isso? [04:40]

Igor: É. [04:41]

Na minha concepção do que eu acredito é que a Doutrina de Gênero, ela vem pregar o que a criança hoje ela tem direito de escolha. [04:53]

Igor: E a escolha que você fala é a sexual, ser gay, ser hétero? [04:59]

Sexual. Isso. Ser hétero, ser gay. Então eu acho como eu disse que a criança ela tem tempo pra tudo isso. Então pra que forçar? Pra que colocar dentro de uma escolaridade, que ainda está muito recente, muito jovem a condição de uma pessoa escolher o que não está na hora ainda? O que eu acredito na Ideologia de Gênero é isso. É que força um pouco a criança a ser o que ela não está preparada pra ser ainda. Como diz aí, banheiro unissex. Menino ele já tem já, o jeito dele, o sexo dele, o sexo externo, chegar e mijar, e a menina já é diferente. Então pra que forçar se realmente até hoje desde a evolução dos tempos deu certo a pessoa tendo a sua normalidade, não tendo tanta pressa pra escolher que isso é como eu disse, é o tempo, só o tempo. Ideologia de Gênero vem em contra a partida disso, ela vem eu acho, que por pessoas que talvez por opção dela pessoal ela vem querer implantar isso na mente de uma criança que não está preparada e que ainda tem a pureza de não estar escolhendo ainda uma opção. Tem que ser natural, tem que viver natural. [06:29]

E quando que você teve contato com esse termo de Ideologia de Gênero? Você lembra quando foi a primeira vez que ele apareceu? [06:35]

Foi recente agora, eu até era apolítico. Eu faço trabalho na minha comunidade com a igreja católica, eu sou do movimento de encontro de casais e a gente faz encontro de jovens e adolescentes com Cristo e quando eu vim ser eleito vereador, porque eu não me envolvi tanto na política, mas a própria comunidade me pediu e me colocou nesse

caminho político. Eu entrei e graças a Deus eu fui eleito já no primeiro momento, então a gente dentro do parlamento a gente procura estudar mais o que está sendo debatido no dia a dia. E a Ideologia de Gênero pra mim, eu comecei a estudar e a ver isso agora, mais recente. Coisa de um ano, dois anos atrás. Entendeu? Não me apegava a isso. Eu acho tudo normal. O que a gente hoje prega dentro da igreja é que o adolescente busque o caminho, o caminho é um só é o cristão, seja ele evangélico, ou católico. A gente tem buscar a Deus a cada instante, agora enquanto a escolha de opções a gente tem que orientar sim os nossos jovens, os nossos adolescentes ensinar a eles que eles estejam preparados se acontecer qualquer coisa, um toque ou uma coisa diferente. Mas não forçar, não colocar na mente dele que ele tem que escolher, que ele tem que ir para algum lado ou outro. Deixar que ele escolha isso naturalmente. [08:16]

Igor: Entendi. Você conhece o Escola Sem Partido, Levi? [08:19]

Igual eu te falei, estou começando a estudar agora. [08:23]

Igor: Mas ele tem alguma relação aqui na Câmara? Tem algum membro do Escola Sem Partido que vem aqui e conversa com vocês ou não? [08:29]

Tem, tem sim. Os próprios membros da bancada evangélica. Eu hoje faço parte da bancada cristã, porque sou católico né? Mas a própria bancada evangélica vem mesmo, pregar isso pra gente, pregar o Escola Sem Partido. E como eu disse, é um assunto polêmico. Na minha maneira de pensar, eu gostaria que as crianças fossem realmente puras e escolhessem isso dentro da sua evolução normal de cidadão, de ser humano, de adolescente, de jovem e se tornar adulto para que faça essa escolha [identidade de gênero e orientação sexual] aí. [09:22]

Igor: Mas você teve acesso a essas ideias mais pelos próprios vereadores, né? Não foi pelo o movimento em si? Porque um dos objetivos do trabalho é mapear assim, de entender como se tem o movimento, como ele se articula. [09:36]

Pelos próprios vereadores. Não. Foi diante mesmo do tema que foi muito debatido até mesmo em audiências públicas na Câmara, então o que eu sei é o que eu leio, o que

eu aprendi é isso. Escola Sem Partido e a própria classe dos professores, ela não tome partido falar de A, ou B e que realmente ela pratique doutrina escolar estudantil dentro das escolas. [10:11]

Igor: Já caminhando para o finalmente da entrevista, Levi. É umas perguntas que faço no final é assim. Como pensar a existência de homens não masculinos, mulheres não femininas, gays, lésbicas, bissexuais e travestis na escola? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? Como você entende isso? [10:35]

Como eu disse no início aqui existem muitos bullyings, então às vezes criança sofre qualquer preconceito. Eu mesmo quando eu era mais novo, eu era gordo, bem gordo e eu sofria com isso. Então eu imagino que hoje por opção, não sei se é opção o que a religiosidade prega, alguns falam que é doença que nasceu com isso. Mas pra mim é opção, não posso julgar e nem gostaria que fosse julgado uma pessoa dessa e eu acho que hoje a escola a sociedade, ela condena muito a opção de cada pessoa, que seja por homossexualismo, que seja por qualquer outro motivo que esteja fora da normalidade. Existe bullying sim e ninguém pode ser condenado pela opção dele. [11:32]

Igor: E algumas pessoas vão dizem que seriam importantes que houvesse essa discussão na escola pra que a gente pudesse reduzir esses atos de violência que ocorre, dentro da escola. Como que você vê isso? [11:43]

Como eu disse, eu ainda prefiro acreditar que, eu sou daquela época de chegar na escola e escutar o hino nacional, entrar e fazer a nossa oração sempre colocando Deus. É muito importante até a sociedade debater, mas acredito não dentro da escola. Talvez dentro seminários, talvez dentro da própria família, talvez dentro da igreja, mas não dentro da escola. Se houver casos separados, eu acho que escola tem que estar preparada para resolver esse problema. Mas não colocar isso como doutrina dentro da escola. [12:23]

Igor: Você defende uma educação laica? [12:26]

Sim, sim. [12:28]

Igor: E o que você entende assim, por uma educação laica? [12:33]

Eu sei que todos nós temos direito, como eu disse eu prefiro continuar na tese de que devemos seguir ainda o que é conservador, do que já veio de longos tempos e não modificar uma sociedade ou um conceito estudantil diante disso. [12:59]

Mas ainda então seria uma escola que recebesse a religião, que a religião estivesse dentro da escola? [13:04]

A religiosidade não como seita, não como religião, mas como uma crença. Que nós temos uma formação, nós devemos ter uma fé nisso. E eu acredito tem que ter sim, a pessoa tem que ter fé, a pessoa tem que acreditar em algo, e a religião ela é importante para o crescimento de qualquer cidadão, mas como eu disse, sem tomar partido de A, ou B, de uma religião ou de um conceito. [13:39]

Igor: Seriam varias religiões? [13:41]

Isso. É o Cristianismos. [13:44]

Igor: Dentro do Cristianismo? [13:46]

É, isso. Eu acredito no Cristianismo, talvez possa falar de outras fés, sei lá, budismo. Que eu não acredito. [13:56]

Igor: Umbanda, Candomblé? [13:58]

Pode falar, que isso, que essa fé, depende de cada um. Não pregar a religião em si, mas pregar que a gente precisa ter religiosidade, que a gente precisa de ter fé. E a gente tem uma formação, eu acredito que a Cristã é a certa, mas que todas as outas sejam estudadas sim, pelos os alunos. E cada um tome a sua opção. [14:24]

Igor: Ótimo, você queria acrescentar mais alguma coisa, Levi? [14:28]

Não, não, está tranquilo. [14:29]

Igor: Então, muito obrigado, Levi. Obrigado pela recepção também. [14:34]

ENTREVISTA 7 – JOANA

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Joana

Entrevistador: Igor

Idade: 34

Profissão: Vereadora

Religião: Não tem

Partido: PSOL

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena,
guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Áurea, sempre começo perguntando o que o entrevistado entende por direito a educação, qual seria a abrangência desse direito e sua função? [0:32]

Joana: ‘Poxa’, pra mim direito a educação é ter um formação saudável, respeitosa pra que qualquer pessoa possa se desenvolver nas suas potencialidades e isso envolve uma educação mais difusa na sociedade, não formal e ao direito a escolarização no sistema formal de ensino. E o direito educação é uma responsabilidade compartilhada entre o estado, as comunidades, a família. E precisa reconhecer cada pessoa na sua singularidade e no seu contexto coletivo, a sua identidade, a sua origem, a sua trajetória tudo isso é matéria da educação. E a educação, eu acho que, como um direito, precisa ser também uma força crítica. Educar para pensar sobre o mundo, sobre a vida, para agir no mundo, eu acho que é um direito muito além de um direito formal é um direito de ser feliz de viver bem. [2:15]

Igor: E pensando nesse direito educação, um termo que tem dominado debate nacionalmente e também em Belo Horizonte é o debate da denominada ideologia de gênero, gostaria de saber o que você entende por ideologia de gênero e quando foi seu primeiro contato com esse debate, se você se lembra de como essa discussão surgiu na sua trajetória? [2:33]

Rapaz, eu não sei quando isso surgiu, mas é bem recente e logo quando apareceu pra mim foi um estranhamento. Ideologia de gênero? Gênero não é uma ideologia. Na realidade, gênero é um sistema de relações. É uma produção crítica de conhecimento, portanto não ideológica. Gênero é como nós convivemos socialmente a partir das nossas representações, que são desiguais e hierárquicas sobre as diferenças sexuais. É como nós apreendemos as diferenças sexuais dos valores que nós damos e isso condiciona o nosso acesso aos recursos e ao poder simbólico material. Gênero é identificado assim como um sistema de relações, porque há uma produção de conhecimento crítica que desvendou e deu visibilidade pra isso. Quando a gente faz o debate de gênero com um perspectiva feminista, decolonial, antirracista, anticapitalista a gente enfrenta estruturas de opressão e isso incomoda os poderes estabelecidos e é daí que vem a reação para desqualificar o debate sobre gênero querendo taxá-lo como ideológico. Para mim, ideologia é sempre dominação, é um manipulação de informação, de fatos pra favorecer privilégios, favorecer que alguns grupos prevaleçam sobre outros. Então, capitalismo é uma ideologia, patriarcado é uma ideologia, racismo é uma ideologia e são sistemas econômicos e culturais também. Aí quando atribui a discussão de gênero a peste de ideológica, na realidade estão querendo minar a potência transformadora dessa reflexão e das ações movidas numa pegada não patriarcal e eu acho que eles fazem isso, esses grupos conservadores e fundamentalista, porque eles reconhecem a ameaça para os seus interesses que essa reflexão crítica pode trazer e não é atoa que eles vão justo à política educacional. Eles vão direto na educação, porque eles querem controlar conteúdo e também como as pessoas se relacionam no ambiente escolar e isso conectado com vida religiosa, familiar, comunitária. Então, cerceando o debate na escola, isso tem um efeito que retroalimenta as opressões em todos os outros espaços. Agora, o desastre para eles é que o debate de gênero é incontrolável, eles podem incentivar denúncias, criar um clima de terror, manipular as coisas e querer fazer uma censura na escola, mas a molecada discute isso para além da escola, porque a educação realmente não se reduz somente a escola, os meninos conversam entre si, no Instagram, no WhatsApp. Têm uma vida infinita, pra além desse ambiente regulado da escola. A escola convencional, muitas vezes é autoritária, então, eles desesperadamente tentam colonizar onde dá. Agora, ficam fazendo esse debate da liberdade de expressão, da

pedofilia nas obra de arte, que é um extensão dessa estratégia de implementar a tal da ideologia de gênero. [7:50]

Igor: E pensando também nessa sua trajetória, você conseguiria definir mais especificamente, quais são esses grupos, são grupos religiosos ou grupos liberais? Como você tem percebido isso em sua prática política? [8:10]

São antes de tudo grupos econômicos, porque aqui na Câmara a gente vê a defesa alucinada contra ideologia de gênero. Vem de pastores que têm comportamento de facção fundamentalista e eles têm negócios operados por suas igrejas, têm casa de acolhimento na política social, têm comunidade terapêutica, têm escolas, eles têm toda uma rede de mercado que movimenta muito dinheiro e interessa pra eles controlar esse nicho criando tendência, criando uma clientela. Como que eles vão manter um negócio de uma comunidade terapêutica? Fazendo uma linha moralista na questão das drogas. Como que eles vão controlar uma clientela nas escolas e nesses espaços assistenciais? Domesticando as pessoas e as instituições que mantem esses espaços, as pessoas que usam estes espaços. Como eles vão justificar que haja investimento nesse tipo de serviço pelo Poder Público, porque boa parte destas instituições são mantidas em parceria com recursos públicos. Então, eles precisam de um repertório que dê justificção pra esses negócios. Eu acho que vem daí primeiramente, e eles são moralistas, dizem que estão em defesa da família. Só que o tipo de família que eles concebem como válido, não é qualquer família. Eles dizem que são em defesa das crianças, contra a pedofilia, mas são absolutamente discricionários e omissos em debates sobre a violência machista, não fazem uma reflexão mais ampla de como isso afetas as mulheres, as crianças, os homens e todo mundo. Eles ficam reportando de um jeito que não é sério, eles não querem enfrentar mesmo estes problemas. Porque eles não estão interessados nesses problemas, eu acho. Eles têm outras coisas que pesam muito mais. Então, eu acho que são grupo religiosos fundamentalistas, mas eles são antes de tudo agentes de mercado. [11:13]

Igor: E como você observa a atuação de escolas sem partidos, MBL também nesse debate, ou é uma atuação menor, por exemplo, aqui na Câmara? [11:22]

Esses grupos liberais agenciam isso internacionalmente. Eu nem diria grupos liberais, porque eu não os considero liberais. Eles são ultraliberais ou fascista, eles são autoritários. Acho que tem uma associação financeira global desses interesses. Como se mantem o mercado global de drogas? Com uma política proibicionista. Com tanta gente lucrando fortunas em cima da proibição, às custas do sofrimento, da matança dos trabalhadores de ponta desse mercado que a gente vê no Brasil e na América Latina. Eles mantêm com uma política cultural criando um inimigo público: as drogas. E moralizando, criando um apelo que intimide as pessoas. Que faça com que elas tenham pânico das drogas. Ideologia de gênero é a mesma arquitetura de dominação. Então o MBL, essas milícias programadas, fazem isso muito bem. Eles distorcem informações, eles proliferam correntes pra ativar esse medo das pessoas, eles fazem apelos por armas, está tudo associado. Ideologia de gênero está associada a este modelo proibicionista de drogas, que está associado ao debate armamentista. Esse apelo que os fascista têm feito cada vez mais, por mais truculência, mais repressão. Eu vejo como facetas de um mesmo processo autoritário, conservador que a gente vive no mundo todo e que nosso país está avançando com uma força surpreendente. A gente não sabe o tanto que isso tem de adesão na população, no imaginário popular, mas é real que estes grupos estão se apresentando muito mais, estão mais visíveis, estão mais agressivos. E esse avanço galopante é muito preocupante e isso vai chegando nas pessoas. Às vezes, eles não tivessem tanta adesão em outro momento, mas acho que cada vez mais eles estão chegando. Não é que as pessoas não têm pensamento crítico, analisam, mas a cultura do medo é muito poderosa. [14:24]

Igor: E como eles manobram essa cultura do medo? [14:28]

Poxa, de tantas formas. ‘Vão confundir a sua criança, vão querer impor que essa criança não é mais menino. Que a sua criança é trans. Vão querer fazer um banheiro unissex na escola e sua criança vai ter que frequentar esse banheiro. Ela vai ser obrigada a ficar perdida, ela não vai saber se é menino ou menina e vai sofrer violência e abuso, dentro desse banheiro, por pedófilos’. Eles vão criando uma narrativa doentia e as pessoas ficam em pavorosa. ‘Nossa, nesse mundo de violência que nós estamos sofrendo, mais uma coisa para minha filha ficar perdida nesse mundo’. Eles sabem ativar um temor que existe realmente nas pessoas e que tem razão de ser. A gente vive num contexto tão terrível e eles usam de muitas

ferramentas para fazer isso funcionar. Esse controle que têm sobre os meios de comunicação, sobre as redes sociais, de proliferar notícias falsas, difamação, mentiras, isso faz parte da engrenagem de como essa cultura do medo é operada. Eles têm controle midiático da mídia convencional, eles têm controle do sistema político, têm controle do sistema econômico, estão ocupando cada vez mais o judiciário, que é uma instituição conservadora como regra. A cultura do medo é um recurso de guerra. Essa guerra que se faz tentando pegar o ponto fraco das pessoas, onde elas estão inseguras, angustiadas, e é calculado, é proposital, não é uma coisa ocasional. Claro que tem as pessoas que entram nessa pilha sem conseguir discernir muito bem, mas têm interesses muito grandes que alimentam isso o tempo todo. [17:16]

Igor: E como você enxerga a possibilidade de resistir a essa cultura do medo, articular outras oportunidades pra além dela? [17:24]

Só a luta, só fazendo movimento de resistência e tem muitas formas, tem os movimentos mais organizados e tem as formas mais espontâneas, mais sutis de lutar. Desde ocupação de espaços públicos, os *saraus* são um exemplo muito lindo de como as juventudes nas quebradas tem emergido com outras linguagens, com outras praticas de resistência, os coletivos feministas, os grupos culturais que têm uma pegada crítica, a luta por moradia, movimentos de professoras, pessoas autônomas que também se manifestam que se pronunciam numa rede social, acho que tudo é valido assim. E a gente, precisa ocupar as instituições, esse é o meu mantra. Essas lutas que tem que acontecer, pra muito além das instituições, precisam também pressionar o sistema político. Então, aqui na Câmara a gente tem mais que a metade dos vereadores ligados à autodenominada bancada Cristã e eles tem um comportamento conservador. Não é homogênea essa bancada, tem colegas ali dentro que tem uma abertura pra conversar. E tem esse controle da facção da bancada, que é a mentora dessa bancada. O Vereador Jair Di Gregório, o Vereador Fernando Borges são mentores dessa bancada e eles orientam, tem uma influencia sobre os colegas. Nem sempre eles conseguem prevalecer com esses colegas na própria bancada, mas eles têm um peso, um apelo muito grande. Então, ocupar a politica institucional é tirar um pouco desses caras, cada uma de nos que tem engajamento com as lutas que entra aqui, significa menos um deles, então a gente tem que entrar. São cinco vereadores de esquerda apenas aqui na câmara, no meio de quarenta e um ao todo é muito pouco, é

muito desigual. Então, tem que ir pra todos os lados, tem que ocupar as escolas. Acho que as professoras que estão lá resistindo, fazem a diferença. Tem que ocupar o judiciário, advogadas populares que também façam essa defesa, mesmo sabendo que o direito ‘tá’ muita vezes a serviço da reprodução do *status quo*. É isso é lutar, lutar, lutar. [20:26]

Igor: Trazendo a questão dos afetos na política, como pensar o afeto nessa resistência? [20:35]

‘Poxa’, acho que os afetos a gente experimenta na convivência e a educação popular é uma experiência poderosa de convivência, de pensar junto, de criar junto alternativas e a gente precisa acreditar que o amor é uma força, que nos emancipa. Então, nosso trabalho aqui é isso. Mesmo com todas as dificuldades de convivência, que nós somos muito atravessados por essa violência, a gente tem um esforço intencional de cultivar afetos emancipatórios. Não é sempre que a gente consegue, mas isso ‘tá’ colocado como uma perspectiva nossa e a gente tenta levar isso para outros espaços. Aqui na Câmara, a gente evita entrar no jogo de acusações pessoais e de competição. A gente procura sempre se posicionar programaticamente, de forma respeitosa, generosa. É claro que partindo pra cima pra defender as coisas que a gente acredita, sem esmorecer, mas com muito respeito. Então, mesma essa facção fundamentalista, e eu nomeio assim e eu falo com eles assim em plenário, a gente tem um trato de muita integridade. Quando saíram polemicas de Jair Di Gregório e ele vive falando coisas absurdas por aí, a gente não usou isso politicamente e não vai usar. Porque não interessa pra nós ficar desconstruindo uma figura pessoalmente, interessa pra nos quebrar as ideias que ele defende, as práticas que ele representa. Uma política dos afetos tem que ser eticamente orientada. Não pode ser agente de uma política, que a gente não é capaz de defender publicamente e eu acho que só um mandato feminista antirracista pode sustentar. O pessoal é político, a nossa postura é a nossa credencial, as coisas que a gente fala precisa ter correspondência com as coisas que nos fazemos. Eu acho que esse é um dos exercícios mais difíceis, mas se não for pra gente fazer isso, a gente não precisa estar aqui. [23:23]

Igor: Aurea, caminhando para o fim da entrevista a última pergunta que eu faço para todos os entrevistados é a seguinte. Como pensar a existência de homens não

masculinos, mulheres não femininas, gays, lésbicas, bissexuais e travestis nas escolas? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para as suas existências?

Como política educacional, não. Eles conseguiram tirar gênero e sexualidade do escopo de trabalho da secretaria municipal de educação, então algumas servidoras resistem bravamente, mas não tem essa orientação mais como uma política estruturante. E eu acho que é preciso olhar dentro dessas iniciativas das escolas para ver como é que a coisa acontece. Seguramente existem professoras, grupos que atuam nas escolas, que tem compromisso com dignidade da população LGBT e que atuam criticamente, que tem esse compromisso com o fim da violência. Mas eu acho que a tônica geral, eu não estou no ambiente escolar, eu não sei avaliar, mas eu acho que a tônica geral deve ser de muita dificuldade, de muita indisposição para esses debates, de muito silenciamento, de não reconhecimento e a gente sabe que, principalmente para a população LGBT, a escola é um espaço muito violento. A comunidade trans então, nem se fala, a escola expulsa essas pessoas, a escola produz marcas que causam dores por muito tempo. Então o jeito de fazer isso é tendo uma escuta muito qualificada, muito presente, democrática com essas pessoas, qual escola elas querem, como elas se sentem e discutir isso de uma forma mais ampla, com os conteúdos das escolas, como que a História, Matemática, Geografia também podem ser saberes críticos em relação a essas discussões. Gênero diz sobre tudo, tudo é afetado por Gênero, tudo é afetado pelo sistema Racial, tudo é afetado por relações Econômicas e ao mesmo tempo lutar para que as escolas sejam cada vez mais abertas, sejam esses espaços de conexão com a vida criativa diversa das comunidades, sejam espaços de acolhida, espaços de participações populares, às vezes isso acontece tem algumas iniciativas. Não podemos passar e falar que está tudo ruim, porque não é verdade, porque tem gente que está dedicando a vida pra fazer diferente e a gente teria que encontrar essas pessoas e multiplicar essas experiências e dizer: olha isso é possível, porque se não a gente desanima. [27:16]

Igor: E sua expectativa agora para terminar mesmo da discussão do *PELO* no Plenário agora? [27:23]

Está de mal a pior. Foi muito ruim o processo todo da comissão especial do *PELO* a gente tentou tudo que era possível regimentalmente, nas nossas mobilizações para barrar. Não conseguimos, o projeto segue em tramitação, cabe agora a mesa diretora colocar em pauta ou não no plenário, o projeto já está concluso. Se a mesa diretora quiser comprar essa briga, a gente vai ‘tá’ numa situação muito difícil, porque tem uma tendência conservadora muito dominante entre os vereadores, mas pode gerar um custo político muito alto para aqueles não tem uma adesão por convicção. Porque é projeto que cerceia o debate na casa sobre gênero e sexualidade, é de uma ousadia impressionante. Eles jogam muito baixo, mas a aposta deles é alta, então a gente não sabe prever, a gente vai continuar ativando nossas redes para as pessoas continuarem aqui e a gente evitar que isso seja provado. E depois se acontecer de ser aprovada a gente tem que judicializar, tem que ir até as últimas consequências, porque é fragrantemente inconstitucional, é tudo de ruim essa *PELO*. No final vai dar certo.

Igor: ‘Tá’ certo, Joana. Muito obrigado, vou paralisar nosso áudio e salvar.

ENTREVISTA 8 – EFRAIN

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Efrain

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Efrain

Idade: 22

Profissão: Estudante Relações Internacionais

Religião: Não possui.

Partido: MBL, mas sem partido.

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena, guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Efrain, quando eu falo em direito a educação o que você pensa sobre isso? Qual seria a abrangência desse direito a educação? Qual é a função? [0:57]

Efrain: Direito a educação, eu acho complicado, é a ideia de um direito de segunda geração, acaba sendo um direito positivo no qual seria o estado indiretamente outras pessoas teriam que dar educação pro povo e para população através talvez de uma administração estatal, através de uma administração privada, paga com um dinheiro estatal. Não importa muito. Mas acaba sendo essa a ideia do direito a educação, essa é a base do discurso. E o problema que digo em falar do direito a educação é que ele acaba implicando indiretamente num dever de todos pagarem imposto para custear isso aí. Eu já acho que a partir daí a coisa fica complicada. Mas se você pegar como pressuposto a ideia do direito a educação e deixar que ele é inalienável e já coloca-lo num debate como algo que eu não posso discutir ou retirar-lo como tem sido feito hoje em dia, eu acho que o direito a educação tem que seguir algumas bases daquilo que seja entendido como educação pela a maioria da população. Teria que ser algo que garantisse a população à capacidade de se colocar no mercado de trabalho, a capacidade de se formar como técnico em alguma área, em algum assim específico. Eu acho que isso iria mais de acordo com essa ideia de direito a educação. [02:21]

Igor: E qual que seria a participação ou o papel da família nesse processo? [02:25]

Efrain: Bom, a família tem o papel de formação do indivíduo é no núcleo familiar que o indivíduo tem a sua primeira formação e eu acho que no caso da escola o indivíduo já vai um pouco formado para a escola e simplesmente a escola tem a competência de passar a ele, no caso se a gente tiver falando restritamente de uma escola pública, aquilo que foi estipulado em lei que ela deve ensinar. Acaba sendo essa a ideia. [02:54]

Igor: Um tema que tem tomado o debate seja municipal, seja estadual, seja nacional ao redor da educação é o debate sobre a Ideologia de Gênero. O que esse termo significa para você? Como você entende esse debate? [03:09]

Efrain: Eu não tenho formação nenhuma na área de estudos de gênero, nem biologia, então realmente eu não entendo nada desse assunto. Sou a pessoa menos qualificada no mundo para opinar sobre a ideologia de gênero. Estou falando a verdade. Se existem tantos gêneros, se não existem, eu não sei. Realmente, não é um assunto que seja interessante para mim, ou que me caiba. O assunto começa a se tornar do meu interesse no momento em que ele é usado como instrumento político. Por exemplo, grupos de interesses organizados usam esse assunto da ideologia de gênero, do ensino do gênero, ou do não sei o que, pra conseguir verba para um projeto, ou para ensinar a matéria deles. Ao invés das matérias convencionais na escola. Coloca uma matéria na escola que, de certa forma, vá de encontro com uma parte das crenças da população, que é quem paga imposto, quem está custeando isso. Então a coisa se torna interessante pra mim no momento que vai para a esfera política. Enquanto tem algum técnico falando da ideologia de gênero, do décimo oitavo gênero, ou qualquer coisa, eu falo: ‘tá o técnico falando disso lá nos infernos dele, eu estou bem aqui’ [04:23]

Igor: Mas nos debates públicos, mesmo em Belo Horizonte, a gente percebe uma participação intensa dos membros do MBL, ou que se identificam enquanto membros do MBL nesse debate e se colocando de forma contrária ao que eles chamam de Ideologia de Gênero na educação, nas escolas. E você como coordenador do movimento como você observa isso? [04:45]

Efrain: Sim, sim. Eu vejo que isso é uma parte das pessoas que é realmente contrária a essa ideia da Ideologia de Gênero que acham que ela traz problemas, que acham que ela pode ser prejudicial às crianças. [04:54]

Igor: O que essas pessoas entendem por Ideologia de Gênero, na sua visão? [04:59]

Efrain: Eles veem aquilo que é ensinado nas escolas e acabam tendo um entendimento com base nisso, ou seja, veem aquela coisa da professora ensinando para o aluno que é normal o menino beijar menino, não sei o que, ensinando o menino de cinco anos, esse tipo de coisa e eles acabam ficando indignados com isso. Eu falo que eu não entendo isso realmente, porque eu não sou pai, eu não tenho parente pequeno, eu não tenho filho pequeno, então eu realmente pertencço à outra realidade, então realmente pra mim isso é um assunto até desinteressante. Porém eu vejo que essa parte da população trata isso com muito zelo, porque eles dão importância a educação infantil, dão importância a educação de seus filho, e é por isso que eles se engajam mais nesse debate. E eles trazem esses argumentos que a Ideologia de Gênero é prejudicial, que ensinar a Ideologia de Gênero acaba tirando espaços de matérias mais importantes no currículo e acaba esse sendo o centro do argumentos deles, eu já vi alguns argumentos mais técnicos falando sobre a inexistência dessa historia de gênero, não sei o que, mas eu nunca tive tempo, paciência realmente para me aprofundar nesse assunto. [06:10]

Igor: Entendi. Porque, por mais que você diga que não tenha tanto interesse pela área de estudo de gênero. De certa forma vários países como a Noruega entre outros, tem vários estudos avançados e práticas avançadas no debate de gênero e inclusive na educação como uma forma libertária de seus próprios cidadãos, uma forma que os cidadãos possam assumir, enfim, o que eles querem ser e como se organizar a escola a partir disso. Como o movimento que se entende liberal se posiciona então em relação a isso? [06:47]

Efrain: Bom, a gente prioritariamente é a favor de responsabilidade com o dinheiro público, total liberalismo nas relações privadas, entre as pessoas e etc. Esse é a base do liberalismo e é a base do nosso movimento, só que aí tem uma questão, uso do dinheiro público para ensinar algo que as pessoas em geral não concordam. Aí a gente acaba ficando contra, que é a questão da responsabilidade e é a questão que o dinheiro

do imposto é um dinheiro que é retirado a força da população pra ser usado em alguma coisa que a população discorda. Eu acho que isso é muito complicado. Em geral a gente é a favor do enxugamento máximo possível dos gastos e concentrá-los nas áreas essenciais. Por exemplo, é necessário uma melhora na educação? Precisamos ver aonde deve ser investido o dinheiro, como deve ser investido, porque não adianta aumentar o recurso da escola pública sendo que é um balde furado. A gente vai para uma linha desse tipo, a ideia de ensinar gênero, ensinar sei lá, arte abstrata, não sei, algo muito diferente no currículo convencional, muito diferente daquilo que é cobrado no mercado de trabalho, acaba indo um pouco na contramão daquilo que a gente acredita. [08:02]

Igor: Mesmo entendendo que o Estudo de Gênero faz em parte das ciências hoje, na contemporaneidade, está presente nas universidades, vários núcleos de gênero, será que cercear o estudo de gênero não seria cercear também o acesso às ciências em alguma medida? [08:22]

Efrain: Bom, a gente não tem estudo de muita coisa, então concentrar esse debate em estudo de gênero seria hipócrita. O correto nesse caso seria concentrar o debate em relação a outras ciências. Por que não se estuda a astronomia na escola? Astronomia eu acho mais interessante do que estudo de gênero, mas tem gente que pode não achar. Por que não se estuda? Se eu for falar desse debate do acesso a ciências, teria que colocar todas essas áreas no mesmo patamar e tentar ensinar todas na escola que no geral não tem dinheiro para comprar giz, e que os alunos vão lá pra comer. Essa é a infelicidade de toda a questão, porque isso que a gente acaba acreditando que é necessário você concentrar o esforço educacional nas áreas que são mais essenciais pro aluno seja passar no vestibular. Eu particularmente acredito que a colocação no mercado de trabalho ou talvez não no mercado de trabalho, mas até a capacidade de desenvolver uma habilidade profissional, eu acho muito mais importante do que passar no vestibular, por exemplo. Eu acho que a criação de uma escola voltada pro Enem no Brasil tem sido imensamente prejudicial. Isso acontece no particular, na pública, você ensina os alunos a marcar um X numa prova e não ensina mais nada. Então realmente isso seria um debate interessante. [09:45]

Igor: Olhando um pouco para a imagem desse debate, Efrain. Se a gente pudesse construir uma fotografia assim. [09:53]

Efrain: A imagem é horrível. De uma lado você tem lá o pessoal do gênero, com a bandeira vermelha do comunismo, travesti, está o pessoal enfiando o crucifixo no orifício, não sei o quê... e do outro lado você tem uma galera com a cruz na mão, louca de raiva, espumando e o pessoal com a farda. [10:13]

Igor: E do lado dessa galera o MBL. Como entender isso? [10:15]

Efrain: Eu particularmente fico até desconfortável perto desse pessoal que quer intervenção militar, esse pessoal é louco? Não, pelo amor de Deus, isso é muita maluquice. Mas a questão é a seguinte, no momento esse pessoal aí que usa farda, que fica espumando de raiva, está defendendo que a escola não seja utilizada com interesse próprio de alguns grupos minoritários e que ela seja utilizada no interessa educacional. Tudo bem. No momento em que eles forem propor alguma coisa, eu provavelmente vou ficar contra também, porque eles vão vim com: ‘vamos militarizar a escola, vamos botar as crianças para cantar o hino’. Uma merda dessas. Vão aparecer com essa história, e isso pra mim é tão absurdo quanto ficar ensinando gênero. Pra mim a escola pública em si já é um problema, já é complicado, porque naquilo é usado o dinheiro de toda a população para favorecer interesses particulares, acabam sendo interesses particulares. Então esse negócio de imposto é muito complicado, essa é a realidade.[11:17]

Igor: E sobre financiamento nessas campanhas, você tem alguma notícia? Muito se fala de financiamento internacional, de uma campanha contra gênero no Brasil. [11:31]

Efrain: Nunca vi. Eu queria, eu queria, sei lá, o dinheiro do Vaticano. O Vaticano podia pagar. Já que é um assunto que toca os religiosos, o Vaticano podia transferir o dinheiro para minha conta, alguns milhões para eu lutar contra a ideologia de gênero. Eu ia ficar feliz demais. Só que nunca veio nada, mesmo. E é por isso mesmo que acaba que o nosso foco nem é ideologia de gênero, o nosso foco é responsabilidade com o dinheiro público. Acaba aparecendo mais esse debate sobre ideologia de

gênero sabe por quê? Ele é extremamente midiático. Então, o que acontece, a imprensa não vai falar de um debate sobre a concessão pública do fornecimento de material de obra, não vai falar sobre um debate a respeito das obras públicas, não vai falar dos tribunais de contas, isso é desinteressante. O pessoal fala do Tribunal de Contas na época do impeachment, só. Mas para falar de gênero, que tem uns travestis brigando com os religiosos na Câmara, o pessoal se dando porrada, a imprensa adora. Então essa palhaçada acaba aparecendo mais na mídia do que qualquer outra coisa que seja até mais importante. [12:34]

Igor: E você tem alguma articulação com esses movimentos religiosos em alguma medida? [12:42]

Nós temos um diálogo legal e saudável com esse pessoal. Porque tem muita gente desses movimentos religiosos que está lá com o objetivo de defender as suas ideias, defender a educação, vai ao debate com um intuito mais pacífico, com um intuito de debater. Esses grupos que vão lá com a farda dos milicos e tal, são muito minoritários, são cinco pessoas num universo de trezentas. Então, a maioria tem interesse nesse debate, comparece em audiências públicas e etc. E aquilo, existe essa parceria, a gente tem uma causa de certa forma comum e a gente caminha junto. [13:21]

Igor: Onde você enxerga esse ponto comum da causa? [13:25]

O ponto comum é que a gente é no MBL, a gente é contra o uso das instituições públicas para esses fins particulares, com esses fins de grupos de interesses, certo? Eles são contra o uso da instituição pública pro fim do ensino da ideologia de gênero, porque eles acham que perturba a família, que é coisa do demônio. Eles têm lá a sua visão. Aí a gente acaba convergindo nesse ponto. Acaba tendo até um intercâmbio legal de conversa e a gente entende mais da moralidade deles, porque eles são contra e não sei o quê... eles entendem mais da nossa parte, a primazia pela a responsabilidade no recurso público. Aí acaba sendo uma convivência até saudável, quando não tem ninguém berrando que Jesus vai queimar gay, quando não tem ninguém ameaçando bater nos outros, quando não tem, sei lá, o pessoal da ideologia de gênero querendo bater na gente... é tudo legal, é tudo bacana. [14:20]

Igor: Entendi. Isso também se mistura com os membros da MBL? Você falou que no grupo seu tem vários pais que participam. [14:28]

Efrain: Sim, tem muitos pais que participam e que estão mais no MBL para defender essas pautas morais. Questão da segurança, por exemplo, que é muito importante para muitas pessoas, em geral, essas pessoas nem se preocupam muito com a área econômica, sabe? Elas não se preocupam muito com a redução de impostos, redução de burocracia, o fechamento de todos os cartórios que é uma coisa que eu adoraria ver. [12:53]

Igor: Entendo. E você tem essa articulação por WhatsApp? [15:03]

Efrain: Em geral é no WhatsApp, tem vários grupos tipo Escola Sem Partido BH não sei o quê... grupo do MBL mesmo, vai ter uma audiência, alguém chama no grupo. Aí vai o pessoal na audiência, é bem legal isso. E também tem a articulação em reuniões presenciais. As vezes a gente vai encontrar com algum líder de um movimento religioso, vai na Câmara conversar com os vereadores envolvidos no processo e acaba acontecendo isso [15:26]

Igor: Entendi. Então é uma pauta que tem algum nível de organização. [15:30]

Efrain: Sim, tem um bom nível de organização e eu diria que se a gente tivesse a mesma organização pra outras pautas seria muito legal, mas é uma pauta muito apelativa. [15:37]

Igor: Você acha que é a pauta hoje que mais mobiliza em termo de organização politicamente na sua vivência? [15:43]

Difícil dizer, tem outras pautas que acabam mobilizando muito também. A pauta de segurança mobiliza legal, mobiliza pra caramba. Pauta de redução da burocracia, redução do custo de Estado, infelizmente é uma que não mobiliza tanto. É por causa da questão de interesse. Você lutar contra a ideologia de gênero e tal, você elege um inimigo, você mostra para as pessoas que lá eles vão ensinar para os seus filhos que é

bonito menino cortar o piru e não sei o quê... é uma narrativa muito fácil, é uma boa narrativa para você contar. [16:21][Igor interrompeu o Efrain com uma pergunta]

Igor: Essa narrativa é verdadeira? [16:23]

Olha, eu não sei se ela é perfeitamente verdadeira, porque, inclusive, a gente não faz essa narrativa. Você vai ver na página do MBL que não tem ninguém falando que vai cortar o piru, e não sei o quê... A gente vai mesmo nessa parte da responsabilidade, a gente vai nisso. Só que a gente sabe que tem os grupos que caminham com a gente e que eles vão numa narrativa mais sensacionalista mesmo. Falam que vai ensinar os meninos a beijar homem com cinco anos de idade e não sei o quê... Eu não sei como é isso, eu já vi coisas na internet, vídeos de aulas de professores ensinando a colocar a camisinha, como bota, umas coisas muito esquisitas assim... bem absurdas, que eu sou contra, mas é aquilo, eu não sei se a ideologia de gênero, se a ciência de gênero é isso. Pra mim não tem nenhuma ciência que se construa com base em ensinar crianças a colocar camisinha com a boca, isso não é ciência, isso é bagunça. A professora lá devia ser processada e ponto final. Mas atacar um campo científico por causa de um caso desse eu também acho que é leviano e idiota. Acaba sendo essa a questão. [17:23]

Igor: Porque a gente estava falando da articulação. E você falou que tem um nível bom de articulação. Lembrei a pergunta era: Tem alguma diretriz nacional, como se dá isso a nível nacional, vocês têm reuniões? [17:38]

Efrain: A gente tem um grupo da MBL de líderes que a gente fica conversando sobre todos os assuntos o tempo todo, inclusive é um grupo bem interessante, porque quando eu digo todos os assuntos, são todos mesmo é absolutamente tudo o tempo todo tem um pessoal que está ali que eu acho que está até atoa, não está cuidando direito do núcleo e está lá batendo papo no WhatsApp. Vagabundos. Mas tirando essa zoeira. Cara, a gente tem a nacional que acaba estabelecendo as nossas diretrizes, por exemplo, agora a gente fez uma ação de divulgação de um pacote de segurança pública, é um pacote que vem com acho algumas propostas de emenda na constituição, alguns projetos de lei, tem umas treze medidas ou dezoito. Lembrar número para mim é complicado eu sou de humanas. Mas aí vem um projeto com

várias medidas que são propostas e a gente fez uma panfletagem, fez um vídeo. É basicamente assim que funciona. A nacional passa pra gente algumas diretrizes de umas ações que tem que ser feitas, mas em geral a gente que cria a nossa própria ação, faz a nossa própria articulação é um sistema bem descentralizado, porque se for centralizar tudo acaba que a gente não tem pessoal pra coordenar isso lá em São Paulo. É impossível. Mais de quatrocentos núcleos será? Não, nem a pau. Trezentos e poucos. A gente tem núcleo pra caramba, então não é possível alguém coordenar isso cem por cento do tempo. Existem as bases e cada um faz o que for mais interessante para o seu contexto respeitando as diretrizes básicas. [19:06]

Igor: E uma dessas diretrizes é o próprio debate da Ideologia de Gênero. [19:11]

Efrain: Sim, a participar do debate, é levar o nosso pensamento pro debate. [19:16]

Igor: Entendi. Efrain, para finalizar eu sempre faço a mesma pergunta que é a seguinte. Como pensar a existência de homens não masculinos, mulheres não femininas, gays, lésbicas, bissexuais e travestis nas escolas hoje? As escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? [19:38]

Olha, eu não sei como é o espaço nas escolas de Belo Horizonte. Eu estou na faculdade, eu realmente não frequento escola, eu não tenho ninguém na família que frequente escola hoje em dia. Então eu realmente não tenho a menor ideia de como seja esses espaços. Mas eu consigo presumir com noventa e nove por cento de certeza que não tem espaço acolhedor para ninguém. Sabe por quê? Porque não tem espaço acolhedor para ninguém, em praticamente nada que é gerenciado pelo o estado que é público. Sempre é precário, sempre falta recursos, é uma verdadeira tragédia. E essa questão de você pensar no homem não masculino, ou sei lá o que, na sociedade isso leva ao um outro debate interessante que é o debate da individualidade. Cada um tem o direito de ser como bem entender, isso não é da competência do governo, isso não é da competência da igreja a não ser que seja da igreja que a pessoa frequenta que a pessoa lá professa a sua fé, não é interesse dela, não é do interesse das pessoas ao redor, então acho que a Identidade de Gênero, assim como a Identidade Política, identidade de não sei o que, é uma questão de foro íntimo. A pessoa expõe o que ela quiser, se ela não quiser expor também, ok, não tem nem um problema ela expor. Ela

pode ter suas crenças em relação a identidade dos outros da forma que ela bem quiser entender e eu acho que o único problema começa quando vem a imposição. Quando vem a imposição do pessoal da marcha do orgulho hétero de que ninguém pode ser homossexual em público, quando vem a imposição do pessoal da Ideologia de Gênero que seu filho tem que aprender lá a coisa do gênero do não binário e não sei o que. O problema começa na imposição, antes da imposição antes da coesão tudo certo, tudo tranquilo todo mundo vive em harmonia. [21:32]

Igor: Você queria acrescentar mais alguma coisa na entrevista? Para a gente finalizar. [21:38]

Efrain: O que seria legal acrescentar? Realmente acaba sendo um debate interessante, um debate legal de se ter, mas tem coisa mais interessante por aí, acharia mais legal estar falando de imposto, falando de redução de custo de estado. Mas o grande problema é o seguinte combater a Ideologia de Gênero é fácil, mas na hora que você fala: “O pessoal vamos aqui fazer um protesto pra demitir funcionário público, para botar essa galera esse bando de inútil carimbador na rua, esse pessoal de cartório que fica assinando papel e não faz nada, que consome recurso público ou recurso das pessoas mesmo que tem que pagar esse serviços a cargo de milhões por mês, vamos fazer protesto para botar essa gente na rua, pra tirar o emprego dessa galera pra gente ficar com o nosso dinheiro no nosso bolso” e ai acaba ficando mais difícil de debater, aparece menos interesse, infelizmente é uma realidade ainda no Brasil. [22:29]

Ótimo, Efrain. Muito obrigado. [22:30]

Efrain: Valeu, Igor. [22:31]

ENTREVISTA 9 – THIAGO

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Thiago

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Thiago de Almeida

Idade: 36

Profissão: Advogado, Professor de Direito Civil, Procurador da Assembleia concursado e Vereador.

Religião: Tem formação Cristã, mas não é praticante.

Partido: NOVO

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena, guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Áudio

Igor: Eu começo perguntando o que você entende por direito a educação, qual que é a abrangência desse direito na sua visão? Qual que é a função do direito à educação?
[03:09]

Thiago: Acho que a gente pode, quando a gente fala de direito a educação, a gente pode partir de duas premissas, de duas posições. Se a gente partir da posição do indivíduo nós estamos falando do direito individual subjetivo de acesso às estruturas educacionais, as estruturas de formação e na lógica constitucional eu entendo tranquilamente que a gente está falando de um acesso irrestrito desde a educação infantil, até a educação superior ainda que eu tenha dúvidas sobre o modelo constitucional Brasileiro de acesso de educação financiada pelo o poder público. E a gente passa pelo outro enfoque possível que é pelo lado do poder público, o direito a educação se transforma em uma obrigação do estado de fornecer o espaço para que esse direito possa ser usufruído, já que a maior parte das pessoas no Brasil não tem recursos para pagar, custear a sua própria educação e em alguns lugares mesmo que a pessoa tenha recurso não há a estrutura educacional disponível. Então nós temos duas deficiências na estrutura de conhecimento do país na minha visão. A de recursos e a

de disponibilidade, de oferta da educação. Eu acho que o direito da educação passa por esses dois vieses, agora eu acho que o centro de discussão hoje em dia quando a gente começa a falar em direito a educação está em uma discussão que remete à questão de se o papel da escola é o de oferecer os conteúdos técnicos para a formação técnica e científica do cidadão ou se formação moral, cultural também estaria inserida dentro do contexto da escola. E “aí” nesse ponto eu acabo me filiando aqueles que entendem que educação nos seus aspectos moral e cultural é essencialmente uma responsabilidade familiar e eu não acho que o espaço da escola é um espaço para esse tipo aprofundamento, mesmo que seja um espaço para discussão do respeito da posição do outro. Eu tenho uma leitura muito diferente dos brasileiros do direito a respeito de *homeschooling*, eu particularmente acho que se a criança estiver tendo acesso aos conteúdos necessários, eu não vejo o porque do Estado querer proibir a criança de ser educada em casa como no Brasil e vários lugar o Ministério tenta impedir. Então eu acho que o direito a educação é uma garantia constitucional de acesso à possibilidade de formação que é entendido por alguns como uma obrigação de você se formar dentro de uma determinada baliza. [05:38]

Igor: E qual que seria a participação da família no exercício desse direito? [05:42]

Eu acho que o titular do direito a educação é o jovem o individuo, a gente fica falando sempre da criança, porque a gente imagina que quando você chega à vida adulta o processo de educação já estaria completa mesmo a gente sabendo que não é bem assim por vários motivos. Primeiro que educação é um processo contínuo e segundo porque tem gente que não tem acesso a educação quando criança. Mas primeiro é muito suave que é família que deve apoiar e criar um ambiente para que essa criança consiga desenvolver seu estudo de forma adequada. Todos os estudos feitos no Brasil ao longo dos últimos cinquenta anos, você deve ter acesso a vários, você deve ter acesso a vários pesquisas por conta do seu tema, mostram que é mais difícil para a criança numa família que não teve acesso a educação formal, se formar educacionalmente, porque não há ambiente de lógica de estudo, uma compreensão da prática do estudo, como muitas vezes uma prática retrospectiva que demanda concentração, que demanda que o irmãozinho não esteja gritando, que a criança não esteja dispersa com outra coisa. É difícil construir um ambiente adequado sem integração da família, num país ainda com uma parte relevante da população

deseducada, sem acesso a educação formal o papel que a família deveria ter nem sempre é cumprida, entregue. Mas apesar disso eu entendo que não podemos atropelar a família como grande orientadora do processo de formação da criança, porque no final das contas aquele é o núcleo de inserção mais importante na vida de um indivíduo, o indivíduo pra mim é uma criatura social a partir do ambiente família e não a família é um detalhe dentro da estrutura social que existe fora dela. [07:18]

Igor: Agora quando acontece um conflito, muitas vezes é isso que acontece na escola que é um espaço que se encontram várias crianças, jovens e sujeitos oriundos de famílias distintas e de compreensões de mundo distintas. Muitas vezes esses aspectos também religiosos marcam grandes distinções que vão se encontrar na escola. Como pensar isso, o que fazer quando esse conflito acontece dentro da escola? [07:38]

Eu gosto muito do fato de que o Brasil conseguiu chegar a um plano nacional de educação com diretrizes básicas, e isso nos tira do risco de discutir o que deveria ser ministrado para as crianças de cabo a rabo da escola e a gente passa numa discussão geral de quais são os grandes pilares de sustentação da educação. E pra mim, o importante é que a escola cumpra aqueles requisitos que foram discutidos e consensuados com sociedade no momento que a gente tem as diretrizes básicas da educação. A partir dali eu entendo que a decisão é familiar, exemplo concreto não me parece que uma criança possa ser submetida a uma educação religiosa sem o consentimento dos pais, eu não admito esse tipo de prática, porque isso seria interferir numa esfera que é da família a orientação religiosa dos filhos. O filho não é obrigado a seguir a orientação do pai, mas a escola não pode escolher a orientação religiosa que ela quer passar e passar aquela sem conversar com os pais. É claro que quando você matricula uma criança num colégio católico, ou em um colégio batista como a gente aqui em Belo Horizonte tem os dois, você está aderindo já um modelo de educação, um modelo formação que está alinhada aquela religião e portanto você vai ter a educação religiosa naquele sentido. Mas eu sou contra a gente impor sem o consentimento do pai esse tipo de formação, esse tipo de acesso. [08:57]

Igor: Seria uma escola laica nessa visão? [08:59]

A escola laica como, por exemplo, deveria ser a escola pública, ela nós permitiria uma distinção mais clara de um espaço que é da família e um espaço que é da entidade educativa, educacional. Na minha concepção a escola pública não deveria ficar professando fé como eu acho que a gente não devia ler a bíblia no início da seção da Câmara Municipal. Agora o que eu acho curioso e eu fico numa posição estranha nisso, eventualmente eu vou estar indo lá na frente em alguma pergunta sua, é que eu estou aqui na Câmara Municipal em um posição em que os Evangélicos ficam muito bravos quando eu digo que escola não é lugar pra isso e que a gente não devia. [09:43][Interrompido por uma pergunta do Igor]

Igor: Educação religiosa não é na escola? [09:47]

Escola não é lugar de educação religiosa. Mas eu também acho que escola não é lugar de ideologização partidária. [09:52]

Igor: E nem pensando a educação religiosa de forma plural, por exemplo? [09:55]

Se ela for pensada numa forma de mostrar a história. Sim. “Aí”, ela já está contemplada nós conteúdos de história, a história das religiões, ela é uma parte importante da nossa historia nacional, tanto de você respeitar as religiões de matrizes africana na formação cultural do povo negro no Brasil, como de respeito a religião católica e a influência que ela teve na formação Brasileira e de uma forma os efeitos da reforma aqui. Então nós temos na história uma cobertura bem razoável da religião como fato. A religião enquanto crença pra mim, não deveria ser tratada dentro de sala de aula. Mas “aí” o que eu estava dizendo da minha posição é curioso, porque “aí” a bancada Evangélica é muita brava comigo por dizer isso, mas por outro lado A esquerda progressista fica aborrecida comigo porque eu também acho que a gente não deve discutir ideologia de gênero. Eu acho que aí nós temos uma invasão cultural perigosa. Minha concepção é de que nós devemos também fazer uma exposição dos fatos. E os fatos são: nós vivemos hoje uma sociedade plural em termos de identidade individual, de identificação individual de gênero e as pessoas têm que ser respeitadas pela vida que elas levam. Independente de juízo moral de qualquer outra espécie das outras pessoas. O que vale para religião também, ou seja, do mesmo jeito que eu não devo ser julgado por ser gay, ou por ser lésbica, ou por ser trans, eu também não devo

ser julgado por ser evangélico, por ser católico ou por ser espírita. Pra mim, o que a escola tem que fazer nessa hora é ensinar para as pessoas, isso é importante, formar as pessoas, para que elas entendam que o mundo é um espaço de convívio e que elas não devem pretender impor as suas escolhas para os demais. O que não significa que a gente deva transformar a escola em um espaço de doutrinação a respeito desse conteúdo. Eles fazem a mesma coisa tanto os religiosos quanto a esquerda progressista. Eles querem a mesma coisa, cada um quer implantar a sua ideologia dentro da sala de aula. [11:55]

Igor: E nesse ponto o que você entende propriamente por Ideologia de Gênero? O tema central do debate. [12:02]

Eu gosto de usar a expressão que a própria esquerda usa falar em Identidade de Gênero ao invés de falar Ideologia de Gênero, mas eu vou responder a pergunta como você fez. Pra mim Ideologia de Gênero é uma decisão inconstitucionalizada de apresentação de alternativas de comportamentos sexual para o público em geral. Isso não é Identidade de Gênero. Identidade de Gênero é um fato de pessoa se reconhecer socialmente, ter o direito de assim se reconhecer de fazer o papel de representar e conhecer como sendo de um ou de vários gêneros que a gente tem hoje reconhecidos. O problema que tem uma linha muito tênue e perigosa entre o que respeitar e reconhecer a Identidade de Gênero de cada pessoa e o que é promover a apresentação dessas Identidades de Gênero como se elas fossem um grande cardápio de alternativas. Apesar de saber que a maior parte dos educadores não tem essa ideia do cardápio de alternativas, infelizmente a forma como o assunto é colocado hoje faz com que isso seja a pauta central e é muito estranho que eu tenho textos publicados talvez a mais de quatro e cinco anos, dizendo uma coisa a respeito de doutrinação e ideológica e partidária em escola. Eu dizendo lá, escola não é lugar de professor explorar a sua própria concepção de realidade política em detrimento da capacidade do aluno de compreender outra realidade como sendo a própria. Porque na verdade quando o professor começa a apresentar a posição dele, ele é autoridade dentro de sala de aula, a criança não tem ainda desenvolvido uma capacidade reflexão e crítica daquele conteúdo e acaba recebendo uma certa moldura, ela vai sendo moldada a critério do professor. Eu sempre falei sobre economia e sempre falei isso sobre política, chego numa Câmara Municipal pra discutir esses mesmo temas, toda vez que

eu falo isso as pessoas falam: “Ah, você é contra a Identidade de Gênero na escola”. Ou a bancada Evangélica fala: “Você está conosco, você é contra a Ideologia de Gênero na escola”. Gente eu estava falando de outra, mas se aplica perfeitamente na discussão da Identidade de Gênero. Nós não podemos transformar o espaço escolar num espaço de condução de oposições morais e culturais. Então com isso eu não concordo, pra mim Identidade de gênero é esse direito de ser reconhecido pela a sua sexualidade sem que você sofra nenhum tipo de retaliação ou diminuição, ou perseguição, ou preconceito por conta disso. Mas a ideologia de gênero é a ideia de que devo pegar esses perfis de gênero e apresentar para as pessoas e falar: ‘olha todos eles são bons, todos eles são ótimos, todos eles são naturais, você pode escolher qualquer um’. Eu particularmente sou um sujeito de postura mais liberal em costumes, o que significa que pra mim não faz nenhuma diferença se a pessoa é gay, se a pessoa é lésbica, se é trans. Eu não gosto dessa ideia, e aí a gente vai entrar numa coisa que não tem fim, mas eu não gosto dessa ideia de falar a opção sexual. Gente é tão difícil ser homossexual num país como o Brasil, que eu tenho dificuldade de acreditar que alguém optaria, e fala assim: “Eu escolhi porque eu acho que isso faz parte da identidade”. Que é uma formação biológica social cultural uma série de elementos agindo ao mesmo tempo em que faz com que a pessoa seja aquela ali é identidade dela. Isso é uma coisa que me incomoda zero. Então pra um filho meu, se o seu tivesse oportunidade como alguns colégios estão fazendo, falando: “Agora nós vamos ter um disciplina que trata de Identidade de Gênero, você autoriza o seu filho a frequentar?”. Eu deixaria o meu filho frequentar, mas eu acho que essa decisão é dos pais, se o pai acha o filho dele não deve frequentar, ele não deve frequentar o que não significa tolerar nem um tipo de comportamento preconceituoso ou discriminatório por parte desses alunos que estão nessas cadeiras. Eu só acho que essa decisão é uma decisão que invade uma esfera de formação moral, cultural que pertence à família antes de pertencer ao estado. [16:12]

Igor: Há uma distinção nessa visão sua então de ideologia e ciências? [16:17]

Pra mim há uma distinção muito clara do que seria a ciência ao tratar a Identidade de Gênero e o que seria a Ideologia de Gênero enquanto uma prática de convencimento de que os vários modelos, ou as várias Identidades de Gênero são todas elas equivalentes e acessíveis. Porque olha, eu já vi alguns conteúdos sendo apresentados

dessa forma, a problematização vai sendo construída de maneira a agredir e aí eu acho que o brasileiro também precisa melhorar nisso. Agredir o senso religioso de algumas famílias de forma absolutamente desnecessária. Eu fico me lembrando nessa hora, uma discussão que no direito a gente tem há muitos anos a respeito do tratamento das testemunhas de Jeová nos hospitais com a recusa da transfusão de sangue, porque é um comportamento típico do jurista e do médico de dizer: “A família são uns ignorantes e a pessoa vai ter que ser tratada com a transfusão”. Só que isso está dentro da lógica de crença da pessoa. Do mesmo jeito que eu tenho que respeitar uma pessoa que é trans, eu tenho que respeitar uma pessoa que é evangélica e que não quer expor o seu filho naquele momento da vida dele a alternativa como se fosse uma possibilidade natural que para ele não é. Mas falar: “Mateus, mas é natural”. Este ponto da discussão eu acho que ultrapassa o direito institucional do estado de interferir na vida da família enquanto menor núcleo ante o indivíduo. A família tem o direito de fazer essa condução entendendo que eles têm um limite muito sério, liso e reto traçado na vida deles. Eles não podem usar da sua liberdade individual pra agredir o direito de mais ninguém. Então nunca, propaganda, ou mensagem preconceituosa, numa propaganda e discurso de ódio, mas é um direito, na minha opinião, de retirar as suas crianças desse conteúdo e eu acho que isso é facilmente resolvido se a gente entender que a escola não é a portadora do direito à educação das crianças, a família que é portadora do direito e a escola o exerce porque ela institucionalmente é mais adequada. Porque ela tem estrutura, porque ela tem recursos, ela tem dinheiro, ela tem gente formada, treinada, mas essa competência é uma competência da família e aí toda vez que eu quero dar um passo além do currículo básico nacional, BNCC eu preciso de uma autorização da família, de uma conversa com a família, de uma construção desses conteúdos. Eu tenho pra mim que a maior parte dos conteúdos que hoje estão sendo proposto pra tratar de Identidade de Gênero se fosse bem discutida com a família, seriam incorporados sem nem um problema. Porque as pessoas perceberiam que não é aquilo que elas estão imaginando. Eu vi uma discussão muito esquisita no Plenário uma vez, duas pessoas discutindo uma da esquerda e uma da bancada evangélica e a discussão era: “Não você está querendo transformar em gays todos os nossos filhos”. É um negócio que eu ouço e que eu não estou crendo que isso está sendo dito. E o outro virou e respondeu: “É porque você só quer formar pastorzinho na escola”. Gente sinceramente a escola não pode ser espaço pra nenhuma dessas duas ideias, só que eu acho que no fundo nem um dos dois grupos

quer isso. Não é possível que eles queiram pelo menos as pessoas que estão na rua não querem totalmente que alguém que está aqui dentro. A gente precisa melhorar esse dialogo e construir isso em conjunto e não o oposto. Eu sou absolutamente contrário a qualquer lei que tente impor ao aluno, a família que ela vai se submeter a esses conteúdos que são de caráter cultural, moral do mesmo jeito que eu sou contra falar que esses assuntos não podem ser discutidos com os pais. Eles podem, e se os pais autorizarem vão ser conduzidas da forma que foi negociado com os pais. É uma construção muito melhor gente, trazer a família para dentro da escola é muito melhor do que achar que a gente vai arrancar a criança da família e formar um outro individuo desassociado da realidade que ele está encontrado, isso só é mais um motivo de sofrimento. Ele não vai se desenquadrar da família e ele começa ali a ter um choque contínuo do conteúdo que está sendo apresentado e da realidade que ele vive em casa. Quando na verdade o que a gente precisava tentar é formar uma integração, da uma certa sinergia pra essas duas forças educativas que são a família de um lado e a escola do outro. [20:31]

Igor: Seu partido tem um posicionamento sobre o tema, Mateus? [20:35]

Não. Não tem um posicionamento, não tem questão fechada sobre o tema. Nós em varias oportunidades, nós eu digo os eleitos membros do partido, tivemos oportunidade de dizer que o Escola Sem Partido Nacional não conta com o apoio do partido, porque ele criminaliza algumas condutas, elementos do Ministério Público no meio disso, ele fala de denúncias. É um negócio assim, ele estimula delação premiada de aluno. Então assim ele é um texto muito exagerado. Agora, no entanto o Escola Sem Partido Municipal que não tem essas condições, que não tem, não tem o organismo de delação. Eu e vários outros membros do partidos entendem que nós retiramos da proposta Municipal, são todas iguais vem do modelo federal, retirar a maior parte do texto do artigo segundo, o artigo segundo no texto não sei se você teve acesso a ele, ele é um artigo preconceituoso, a forma de como ele apresenta a questão da Identidade de Gênero é preconceituosa, porque ele escreve em dez linhas o que você poderia falar em duas. E “aí”, começa a tomar um tom equivocado, pra mim a discussão é equivocada, então se você conseguir limpar o artigo segundo para que não tenha esse conteúdo preconceituoso que pra mim está ali e talvez em tirar os cartazes, porque eu nunca ouvi falar que cartaz mudou nada. Se você falar: “Ah, pôs um

cartaz lá que não pode entrar no elevador se não olhar se ele está dentro”. Eu nunca ouvi falar que uma pessoa deixou de morrer, porque viu a placa do lado de fora. Agora botaram aqui outro dia um cartaz que era: “Não entre em caso de incêndio”. Porque se não tiver o cartaz a tendência é a pessoa entrar dentro do prédio que está pegando fogo. Não acho que um cartaz dizendo: “Seu professor não pode doutrinar dentro da sala”. Não dá nada. Mas o recado do texto que está proposto nos municípios que é: “Escola não é espaço de doutrinação, professor não pode usar aquele espaço, o direito de cátedra dele, pra formar alunos ao seu critério pessoal”. Eu acho que isso é uma mensagem positiva até para que o professor tenha o dever de reflexão continua. Outro dia até me perguntaram, já que eu sou professor, me perguntaram: “Mas você não fala de política dentro da sala de aula?”. “Aí”, eu falo: eu tenho um cuidado muito grande, eu nunca fiz campanha dentro de sala de aula, nunca fiz campanha dentro de faculdade, as pessoas sabem logicamente que eu sou político e eu tenho opiniões políticas muito fortes, mas eu dou aula no ensino superior. É completamente diferente um aluno da graduação e um aluno do primeiro ano do ensino fundamental, do primeiro ano do ciclo básico, aquele aluno ele ainda não tem outras informações que permitam a ele formar uma convicção própria e combater o que eu digo, diferente do que acontece no espaço universitário mesmo no espaço universitário eu acho importante a gente deixar o espaço arejado. Eu falo que eu sou muito feliz de perceber que um dos professores mais convictamente de esquerda trabalha do meu lado na faculdade, ele é um pontinho indicador de membros do meu grupo de estudos liberais, porque ele reconhece que o aluno tem o direito a sua concepção de realidade que é o que na escola no ciclo básico, no fundamental me preocupa, porque a criança ali ainda não tem essa capacidade de resistência. [22:38]

Igor: Algumas propostas da casa visavam e visam retirar qualquer menção da palavra gênero, você apoia essa visão?[23:46]

Não. Não apoio, vou votar contra, não tem problema de já dizer isso, sexta feira nós vamos votar numa proposta de alteração da lei orgânica de Belo Horizonte que tenta banir a possibilidade de discussão do tema de Ideologia e Identidade de Gênero em matérias legislativas. Vou votar contra, não concordo, acho que a gente tem que manter o grau de racionalidade mínima e volto a dizer eu não acho que esses conceitos deveriam ser proscritos da educação, eu só acho que eles não poderiam ser

impostos sem consentimento familiar. A melhor solução continua sendo. Esse é um tipo de tema que a gente pode até ministrar, mas ordenado com a família, se não, não pode. Então não sou a favor de jeito nem um a essa perseguição ao conceito de Identidade de Gênero, até como eu disse, eu sou liberal em costumes, eu acho que as pessoas levam a vida que querem levar e ninguém tem nada com isso. [24:35]

Igor: Mateus, para finalizar porque você tem que descer pro Plenário também. Você já tocou em pontos dessa pergunta, mas pra você também poder finalizar essa entrevista. A pergunta final é o seguinte. Como pensar a existência de homens não masculinos, mulheres não femininas, gays, lésbicas, bissexuais e travestis na escola? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? [24:58]

Não, não apresentam. O brasileiro não é um povo habituado a conviver a decisão do outro, a opção do outro. Basta ver a radicalização que nós vemos nos últimos anos de quem acha que a esquerda tem razão e quem acha o estado é grande demais e deveria diminuir, fica com um clima de guerra por causa daquela crença de que aquele que acredita no que eu não acredito é uma pessoa que deva ser exterminada. Esse é um conceito que se propagou muito durante o período da ditadura militar no Brasil, mas também foi muito incrementada durante os anos do governo Lula. Essa ideia que eu vivo uma luta de classes constante, que não é possível ficar livre dessa luta e que as pessoas que não são como eu, são as minhas inimigas. Eu como liberal sou contra cotas, exatamente porque pra mim as cotas reforçam essa ideia que nós não vivemos em comunidade, nós vivemos em pequenos grupos menores que a comunidade que guerreiam o tempo todo no espaço comunitário para crescer e se tornarem grupos hegemônicos. Eu acho que se a gente conseguisse lembrar que o nosso espaço é do indivíduo, que nós não deveríamos transcender esse espaço individual se não naquilo que é necessário nas nossas relações sociais de troca e as nossas relações sociais afetivas, elas são mantidas com quem a gente quer e não com quem mandam a gente manter. Eu não sou obrigado a ser gay e nem a ter amigos gays, mas eu não tenho direito de interferir na decisão do outro ou na vida do outro de ter amigos gays, de ser gay, de viver uma relação gay, de ter filho nessa situação, isso não é problema meu. Então acho que se agente conseguisse começar a reconhecer que o individuo é a célula essencial da sociedade e que isso significa que cada um de nós tem uma

existência que não deveria contaminar, prejudicar, interferir na esfera do outro, a gente teria uma sociedade mais aberta pra essas varias manifestações sexuais, religiosas, politicas, ideológicas, econômicas, isso vale pra tudo no final das contas. Então acho que infelizmente nós vivemos numa sociedade de ódio, de intolerância. Não é intolerância, que pra mim está ligado a essa ideia, de que eu devo reforçar os pequenos grupos e que o reforço dos pequenos grupos. “Aí”, os militares reforçam os militares, “aí” a gente forma o grupo dos gays, lésbicas, e transexuais e a gente começa a separar as pessoas da sociedade. Pra mim o pior serviço que nós tivemos pra aceitação das diferenças nos últimos anos no Brasil, foi a organização das minorias enquanto forças de luta contra aquilo que parece ser a hegemonia de forma de tentar inverter essa lógica. Isso nunca vai acabar nunca e não vai acabar bem, historicamente em todos os lugares que isso aconteceu há ódio, guerra, morte e destruição. Pra que? Porque a gente não reconhece que cada um tem o direito de conduzir a sua vida dentro daquilo que acredita ser o mais adequado, e vamos conviver democraticamente entendendo em alguns momentos vai prevalecer a nossa opinião e em outros vai prevalecer outra opinião e que sempre ter a ideia de respeito a liberdade do outro dentro do que ela faz na sua casa e isso não é problema de mais ninguém, e o que ela faz na rua sem agredir o direito dos outros não é problema de ninguém e cada um tem a sua existência individualmente considerada e não em bloco que estão constantemente em guerra. É a minha opinião sei que ela infelizmente não é a prevalecente e é por isso que eu acho que nós temos muitos anos ainda de guerra no Brasil, quando o assunto for gênero, quando o assunto for religião, quando o assunto for ideologia politica. [28:28]

Igor: Tá certo, Thiago. Muito obrigado. [28:30]

ENTREVISTA 10 – SARAH

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Sarah

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Sarah

Idade: 42

Profissão: Professora Escola Publica e Psicopedagoga particular.

Trabalha na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade (Professora de Português)

Religião: Espírita

Partido: Partido Novo

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena,
guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição de Áudio

Igor: Sarah, então começando a nossa entrevista. O que você entende por direito a educação? Qual seria a sua abrangência a sua função na sua compreensão? [01:14]

Sarah: Eu penso que é algo muito amplo e que hoje se mistura muito propositalmente educação e instrução. Na maioria das vezes quando se fala direito à educação eu entendo por direito a instrução, no sentido que o Estado tem como esse dever básico oferecer instrução aos cidadãos. Mas a educação eu acredito que seja função da família, apesar de que hoje temos a consciência que muitas famílias estão bem perdidas e por uma série de razões estão com dificuldade de suprir a educação de seus filhos. Mas acredito que o direito a educação passa pelo o dever dos pais de educarem e da escola de instruir. E a escola ser subsidiária a família em relação a educação das crianças. A escola é subsidiária, ela é parceira das famílias e não o estado, a escola como algo que pode educar contrariamente ao que a família acredita e quer como condução para os seus filhos. O que acredita de condução para os seus filhos. [02:53]

Igor: E nesse sentido, Sarah. Qual seria a diferença entre educação e instrução? [02:57]

A educação passa pela parte moral, ela passa pelos valores e isso tem que vir de casa, os pais têm esse dever. A instrução são os conhecimentos, a transmissão de conhecimentos, a cultura letrada, todo arca bolso de cultura, de aprendizado escolar.

[03:25]

Igor: Agora, quando essas questões, que na sua compreensão, desrespeitam a educação familiar e adentram ao espaço escolar, como fazer? Por exemplo, acontecer um conflito de uma criança que vem de uma família com determinadas compreensões morais e encontra com uma criança de outra família com outras compreensões morais. Muitas vezes pode haver um choque entre as compreensões como lidar com isso na escola? [03:47]

Nesse caso devemos sempre prezar pelo o respeito. Ninguém tem o direito de desrespeitar ninguém, na escola os professores têm o papel de garantir a integridade física, a integridade psíquica dos seus alunos. Os professores, a escola não podem se esquivar de proteger alunos que possam estar sendo vítimas de qualquer tipo de violência ou “bullying”, mas os conflitos devem ser resolvidos usando o princípio do respeito ao próximo, seja ele quem for, mas não precisa lançar mão de ideologias como, mais especificamente falando, a ideologia de gênero. [04:45]

Igor: Ótimo. A Ideologia de Gênero está se tornando uma questão central no debate da educação hoje, não só em Belo Horizonte, mas em todo o Brasil, o que que você entende por Ideologia de Gênero? [04:55]

A ideologia de gênero, na verdade, também pode ser chamada de teoria de gênero que é algo que ainda necessita de estudo, necessita de aperfeiçoamento científico, existiram muitos teóricos que construíram essa teoria. Muitos teóricos ligados até às questões feministas. No entanto, não se trata de uma ciência ou de um conhecimento construído cientificamente. Então, é algo muito novo, experimental e por causa disso não acreditamos que é algo que deve ser passado como um dogma para os alunos, para os professores, como algo que tem que ser ensinado, sendo que ainda está em fase de estudo. Tem um viés muito ideológico, principalmente, como eu disse, ligado a questões do feminismo e que descontrói. A ideologia de gênero descontrói conceitos

que são fundamentais para integralidade do ser humano. Desassocia o corpo biológico das questões relativas a sexualidade. Por mais que nós saibamos que existem muitas pessoas que têm um órgão sexual feminino mas que se identificam de maneira masculina, ou vice e versa, isso não deve ser estendido para todos como se fosse uma nova ciência, uma nova realidade. Muitas vezes querem implantar a ideologia de gênero com o pressuposto de defender as pessoas que não se identificam no corpo que têm. Mas, para isso penso que basta trabalharmos a questão do respeito, do respeito às diferenças, do respeito à escolha de cada um, mas isso não deve entrar na escola como uma imposição ou uma forma de incentivar as crianças a terem dúvida em relação a sua sexualidade. [07:52]

Igor: E nesse sentido então o Estudo de Gênero não seria científico, “né”? [07:57]
Não, não são científicos. [07:59]

Igor: E por quê? O que seria ciência nessa visão? [08:02]

Eu não vou explicar o que seria ciência, mas quando eu digo que não são científicas é porque são teorias experimentais que não condizem com a realidade e não passa pelo o crivo da biologia, da psicologia e de tantas outras ciências. [08:28]

Igor: E qual foi a primeira vez que você se deparou com esse termo assim? Quando que surgiu esse debate em sua vida? [08:34]

Não faz muito tempo, foi na votação do Plano Municipal De Educação aqui na Câmara. [08:43]

Igor: Isso foi em dois mil e... [08:45]

Foi em 2015, eu acho. E eu vim participar da votação do Plano Municipal, como professora, como cidadã. Na verdade não como professora, mas como cidadã e percebe que o que estava mais em discussão, mais do que valorização do professor, do que questões ligadas a instruções ou outras questões escolares estava em voga essa questão da Ideologia de Gênero, a partir disso que eu fui me inteirar, estudar e conhecer um pouco mais sobre essa teoria. [09:28]

Igor: E quem você tem estudado? Se você puder falar de onde vêm esses conhecimentos desde então. [09:33]

Desde os... não fiz nem um estudo amplamente, profundo. Mas tenho estudado na fonte autores como Simone de Beauvoir, John Money, os precursores da Ideologia de Gênero, assim como autores que contestam essa teoria. [10:09]

Igor: E no Brasil tem alguma referência específica? [10:16]

É deixa eu procurar aqui, o autor, eu esqueço o nome do autor do livro que é o que eu gosto muito. [Sarah procura o autor do livro] Esse. Jorge Scala ,eu li o livro dele *O Neototalitarismo e a Morte da Família*. Li também a *Ideologia de Gênero na Educação* da Marisa Lobo. [11:00]

Igor: São eles, “né”? [11:04]

Sim. [11:05]

Igor: E você se organiza num grupo, você disse que agora recentemente se afiliou a um novo. Mas antes você se reunia a algum grupo de pais, alguma coisa assim para pensar toda essa questão? [11:15]

Eu faço parte da Rede Estadual de Ação pela a Família onde temos muitas oportunidades de estudo. [11:23]

Igor: Como vocês se organizam? A Rede Estadual de Ação pela a Família. [11:32]

São cidadãos comuns não tem nem uma ligação partidária ou religiosa os participantes podem ser de qualquer religião, podem não ter religião, podem ter qualquer partido ou não ter partido, mas o objetivo são reunir pessoas que lutam a favor da vida da família. Esse é o nosso objetivo. [11:52]

Igor: Vocês se reúnem em um espaço físico, tem um local de encontro? [11:57]

Não há um lugar específico. [12:00]

Igor: Vai variando. Existe um grupo de meios que vai se organizando? E esse grupo é aberto à participação? [12:07]

Também. Aberto a participação de qualquer cidadão. [12:09]

Igor: Eu teria interesse de conhecer.

Podemos te apresentar. [12:15]

Igor: Séria ótimo. Vamos ver, só pra finalizar e que aqui também daqui a pouco já está começando. Pra finalizar, a pergunta que eu faço pra todo mundo e também abrir um espaço para você falar o que você quiser no final da entrevista. A última pergunta é sempre essa. Como pensar a existência de homens não masculinos, mulheres não femininas, gays, lésbicas, transexuais e travestir nas escolas? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? [12:52]

Essa primeira parte eu já respondi falando da questão do respeito que todos merecem, todos que se dão ao respeito merecem ser respeitados independente de qual opção sexual, ou opção de vida que tenham desde que respeite também o seu semelhante. As escolas de Belo Horizonte não apresentam espaço acolhedor para a grande maioria das pessoas, não só de Belo Horizonte. Pelo o fato de termos tantas famílias desestruturadas, temos muitas crianças, muitos jovens, desajustados e aquele ambiente não é acolhedor, não é especificamente para esse público, mas para pessoas no geral. Por isso temos trabalhar muito em cima da cultura da paz, da não violência, do diálogo, do respeito, muito mais do que criar espaços, criar condições específicas, digamos, privilegiadas para determinados grupos. Na escola alunos também com outras questões também podem ser vítimas de “bullying”, vítimas de quaisquer dificuldades. Então como professores, como cidadãos, nós temos que nós preocupar com as crianças, com os jovens como um todo e buscar, como eu disse, uma cultura de paz, de não violência, de respeito mútuo entre todos. Sem privilegiar minorias. [14:43]

Igor: Está certa, Sarah. Muito obrigado, foi um prazer conversar contigo. [14:48]

ENTREVISTA 11 – RAQUEL

Transcrição das conversas individuais

Igor Viana conversa com Raquel

Entrevistador: Igor Viana

Entrevistado: Raquel Duarte Guimarães

Idade: 44

Profissão: Pedagoga / Professora

Religião: Católica

Partido: Não possui.

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena, guilhermebaetapena@gmail.com

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição do Áudio

Igor: Raquel, o que você entende por direito a Educação? Qual seria a abrangência, a função, quando a gente fala o direito à educação? O que é isso pra você? [0:43]

Raquel: Eu acho que direito a educação, eu entendo numa perspectiva mais ampla. É o direito a todo conhecimento possível, é uma educação de qualidade, é uma educação que constrói não só conhecimentos, mas é uma educação que também te possibilite a viver em sociedade. Nesse sentido o que eu quero dizer no contexto da sua pesquisa, que você pra ter uma condição de viver em sociedade, você tem que ser capaz de viver com pessoas diferentes de você. Seja o ponto de vista da religião, seja no ponto de vista da escolha sexual, seja no ponto de vista nos mais gerais possíveis, da cor da pele, e do credo que professa. E a educação tem que disponibilizar todos os conhecimentos, então eu acho que você não pode limitar os conhecimentos da educação. Acho que conhecimento é poder, todos os conhecimentos de uma maneira mais ampla e abrangente possível, é que te possibilita maior conhecimento e discernimento das coisas que estão sendo colocadas na sociedade. Eu acho que conhecimento, nesse sentido, é uma arma que te capacita a saber tudo que está sendo tratado do ponto de vista político, do ponto de vista social, do ponto de vista cultural. Você conhece sociologia, você conhece de filosofia, você conhece de história, então

você é capaz de lidar melhor com esses conhecimentos, transitar melhor na sociedade. Não sei se era isso que você queria. [02:28]

Igor: É. O importante é o que você entende. E você participou da articulação da Frente por uma Educação Democrática, “né”? [02:40]

Na verdade a gente se reuniu, e na época tinha o projeto Escola Sem Partido, que pra mim, ainda.... [02:49][Interrompido pela pergunta do Igor]

Isso em 2017? [02:50]

É. Esse projeto Escola Sem Partido ele tramita desde 2015 depois das eleições ele saiu de pauta que é pro oponente não se reeleger e ele volta no Senado em 2017. Então a gente organizou a frente em defesa da Educação Democrática. Eu e um grupo de pais, mãe, alunos, estudantes interessados e que entendem a educação nesse sentido mais amplo e que entender que o projeto Escola Sem Partido é um pouco equivocado nesse sentido, de achar que você tem uma Ideologia própria querendo ser imposta. No sentido imposta por nós, “né”? Eles sempre argumentam, extrapolando um pouco a sua pergunta, mas só pra você entender. Eles argumentam que as pessoas que nós queremos defender, algumas ideias que a gente necessariamente não defende, o que que a gente defende? Que as pessoas sejam respeitadas na sua singularidade. É isso. E que elas sejam respeitadas dentro da escola. A Escola Democrática ela propõe que as pessoas tenham um conhecimento mais amplo possível e que elas sejam capazes de respeitar os outros. O seu colega, a composição familiar daquela família. [04:17]

Igor: E essa articulação se dá por WhatsApp, como que se dão esses encontro da Frente? [04:24]

Não, geral. Agora está até um pouco mais diminuído, porque a gente tem ido mais às audiências públicas que tratam disso e nas votações da Câmara. Mas inicialmente a gente tem um grupo de WhatasApp e a gente fez um lançamento da Frente que foi público, no qual participaram tanto as pessoas do Sindicatos das escolas privadas, da escola pública, alguns representantes de escolas, professores, a gente fez um lançamento lá no auditório do Instituto de Educação e depois disso a gente marcava mais

frequentemente algumas reuniões, tem muito tempo que a gente não tem reunião, mas as duas últimas a gente marcou na Câmara dos Vereadores. E “aí” a gente participou da audiência pública da *PELO*], não sei se você sabe que tem uma *PELO*. E a audiência pública do Escola Democrática. A gente conversa com os vereadores, etc e tal. Tenta fazer essa conversa mesmo no sentido de esclarecer o que que é que a gente não concorda no Escola Sem Partido. Que a Frente é uma Frente que se opõe a essas ideias. [05:47]

Igor: Uma questão central dessa discussão do Escola Sem Partido e na própria discussão da educação no nível municipal, mas também a nível estadual e nacional tem sido o debate sobre a questão de Ideologia de Gênero, denominada Ideologia de Gênero que na verdade centraliza todo esse debate que o Escola Sem Partido tenta trazer e talvez é uma porta de entrada inclusive deles. A gente estava conversando um pouco antes de começar a gravação sobre o caso do Colégio Santo Agostinho, talvez se você pudesse recuperar um pouco a trajetória desse caso e como que a questão da Ideologia de Gênero estava presente ali fosse interessante pra gente. [06:23]

Além da Escola Santo Agostinho, do Santo Agostinho a gente já tem outros exemplos, porque quando é colocada essa questão da Escola Sem Partido é importante notar que no atual contexto político do país já um nome muito chamativo que as pessoas já estão cansadas de política e quando você fala Escola Sem Partido junto com isso é escola sem partido político, mas na verdade não é isso. Qualquer proposta que você faz pra uma escola, para uma instituição ela tem uma ideologia se você fala: Eu vou ensinar isso. Quando faz uma seleção curricular ou eu vou ensinar isso ou eu vou ensinar aquilo você tem um propósito, não é sem propósito. Quando eu falo de formar as pessoas do ponto de vista mais amplo eu estou falando que quero pessoas mais esclarecidas possíveis para que sejam capazes de discernir as coisas que são colocadas na sociedade, quando você limita o conhecimento, quando você dá conhecimentos muito específicos você quer direcionar o olhar das pessoas e limitar a sua capacidade de entendimento da sociedade como um todo. A questão do Santo Agostinho e algumas mães do Santo Antônio inclusive uma é minha dentista, elas estavam convencidas de que a questão da Escola Sem Partido era essa escola sem partido político e era uma escola que não ia dizer que os meninos não tinham sexo. É que eles falam muito que nós que somos contrários o Escola Sem Partido, falamos

que o povo nasce sem sexo, muito em função de algumas falas feministas, etc e tal. A gente sempre rebate dizendo que o que a gente mais fala, o que a gente mais bate na tecla, o que a gente mais insiste é que as pessoas sejam respeitadas na sua singularidade. Quando as mães do Santo Agostinho, eu acho que tem uma mãe do Santo Agostinho que podia te falar melhor sobre isso, ela fala que quando ela começou a entender que não era bem isso, que queria limitar os conhecimentos dos filhos dela, elas pagam um colégio super caro, claro que elas não queria aquilo pro filho. As mães falam que elas se sentiram engadas. Então essas mães também. [08:46][Interrompida pela a pergunta do Igor]

Igor: E quem começou com esse discurso? [08:49]

Olha esse discurso começou numa conferencia municipal de educação e claro que não começou em Belo Horizonte, eu acho que começou nacional tentado recuperar. Mas aqui é um projeto de lei que foi que tramitou na Câmara dos Vereadores, não chegou a ser aprovado e na conferencia municipal de educação ela toda palavras gênero foi tirada do plano municipal de educação. Esse ano ainda não foi votado o plano, que esse plano foi de 2015. Tivemos brigas homéricas, torcidas organizadas de um lado e do outro, a questão se limitou a questão do gênero a pessoa dizendo que tem uma Ideologia de Gênero que vai muito nesse sentido dizendo que não nasce nem menino e nem menina, não é isso gente. A questão que está colocada e que a gente tem que entender quando você fala de respeito à diversidade, você está falando da diversidade como um todo, como a gente estava comentando anteriormente é a diversidade religiosa, é a diversidade de raça, porque os negros são muitos discriminados é a diferença entre homem e mulher que a questão de gênero está mais colocada aí, a violência domestica a violência contra a mulher, à mulher que ganha menos que um homem mesmo ocupando o mesmo cargo, o gênero está muito colocado e tem também a questão LGBT que passa por aí. Todas as pessoas sendo minorias, porque a gente chama de minorias ou não, eu até fico pensando se esse nome é mais adequado, porque eu fico achando que essas pessoas que nós chamamos de minoria são a maioria, essas pessoas elas têm que ser respeitadas nas escolas, elas não devem sofrer nem um tipo de discriminação e elas não podem também ter a sua trajetória escolar interrompida por isso. Eu tenho um caso de uma pessoa LGBT que na conferencia municipal de educação, ele dizia que ele não queria ir mais pra escola, porque na

escola ele era o diferente, ele era isso, ele aquilo outro, ele era não sei o que, ele sentava no fundo da sala pra não virar chacota e não ganhar bolinha de papel. Isso a gente não pode admitir, a gente não pode admitir isso na escola e quando você fala na Escola Sem Partido e que você limita essas questões de Bully serem tratadas dentro da escola, de certa forma você está concordando com esse Bully. É isso que eu fico pensando. E o importante dizer que nessa Frente de Defesa da Educação Democrática como as pessoas podem pensar ela não mantém um partido, lá tem tantas, e isso é importante dizer, tem mães do Santo Agostinho, que pode dizer que na sua maioria elas são digamos de direita, tem gente de esquerda, de esquerda tem varias linhas, e o que uni todas as pessoas é essa possibilidade de construir o respeito dentro da escola, de se construir a possibilidade de se conhecer. De liberdade do professor para ensinar, que é um ponto muito importante que eu não tinha tocado também. Eu me lembro que na conferencia municipal de educação um pai dizia que, e eu vou falar isso com muita tranquilidade, ele me disse que estavam ensinando sexo oral em uma escola da cidade. “Ai” eu perguntei pra ele, eu quero você me diga em qual escola e principalmente se é uma escola pública. Eu sou capaz de afirmar que inexistente isso, então é um discurso do medo, é o discurso que os filhos estão sofrendo alguma ameaça. E isso vai ao encontro do medo do pai, do filho ficar vulnerável de alguma forma, mas ninguém quer doutrinar nem um aluno a gente quer a liberdade das pessoas se formarem em se e escolherem os seus caminhos e escolher o seu caminho significa respeita a escolha do outro. Então é mais nesse sentido que a gente caminha, não tem nem um estardalhaço, não tem. Eu acho que pelo o contrario quem quer impor uma ideologia é eles, a ideologia do silenciamento, do silenciamento do outro, diferente de se, diferente deles, diferente do fundamentalismo religiosos. E eu acho que o pasto José, e eu não sei se ele concedeu a quebra de sigilo, se não, você tira o nome, ele fala muito isso. Ele é um pasto, mas ele é um pastor que não tem essa interpretação tão estreita da palavra. Então quando eles começam, e porque eu estou dizendo isso porque a maioria das pessoas que falam isso são fundamentalistas religiosos, tanto da igreja Católica quanto dos Protestantes, se assim posso dizer, são varias denominações e eu não conheço o suficiente pra falar na maneira mais correta, mas eu vou dizer Protestante. Então é um discurso de ódio mesmo, sei lá de preconceito.

[14:04]

Igor: Agora na escola, quando eu pergunto quem difundiu, mas do que: “Ah, começou na conferência discussão sobre a lei municipal”. Tem professores que trazem esse discurso do Escola Sem Partido? Como que surge? Por meio dos pais mesmo? [14:18]

Não. Na verdade tudo começou com uma questão numa escola, “ai” eu não vou lembrar... você vai me perdoar, mas eu não vou lembrar direito se era um banheiro que estava em reforma, eu sei que tem um pai aqui em Belo Horizonte inclusive que ele não é daqui ele é hispanohablante que teve um incidente com o filho dele em uma escola e tudo começou. [14:41] Ele participa de tudo e ele fala que parece que o filho dele foi, “ai” eu peço um pouco com a memória, eu sei que duas crianças se encontraram no banheiro e um viu o órgão genital do outro, criança. Parece que estava em reforma. Mas não tem essa proposta, a gente foi na escola e não tem essa questão. E parece que o filho ou filha ficou muito chocado, eu nem queria que o nome dele aparecesse, talvez porque eu estou contando a história de onde começou e talvez ele pudesse ser entrevistado. Eu posso tentar descobrir o nome dele, porque acho que todo mundo tem direito a dizer o seu ponto de vista e isso é a riqueza do conhecimento. Se eu considero que é importante ter o mais amplo conhecimento possível para a se formar, para se chegar a uma conclusão, eu não posso ser incoerente e dizer que você tem que escutar só o lado das pessoas que são contra o Escola Sem Partido. O Gilson Reis inclusive lançou o projeto Escola Democrática, se você quiser ler esse projeto e ter acesso a ele, ele é muito interessante e ele fala exatamente isso. Eu não sei se você leu, mas o meu entendimento não tem nada do conteúdo da fala do Escola Sem Partido. Ele fala da necessidade de coibir o Bullying, de coibir a agressão ao professor, a cerceamento de conhecimento, porque acho que ela tem que ensinar os dois lados, ela vai ensinar tanto Marx, quanto Maquiavel não estou colocando como contraditórios, mas estou colocando de um campo e de outro. Um não se opõe necessariamente ao outro. [16:24]

Igor: Raquel, você observa alguma estruturação do Escola Sem Partido em Belo Horizonte, enquanto uma associação, enquanto membros pertencentes ao Escola Sem Partido e que trazem esse debate? Porque a gente está trazendo muito essa questão da presença do discurso fundamentalista religioso que apoia esse debate. Mas a gente tem alguns liberais que não se identificam como religiosos, mas que sustentam toda essa discussão também. [16:50]

Mas tem muito liberais que são contra. Tem vereador liberal na Câmara que é contra, por exemplo. Olha, tem uma pagina na internet do Escola Sem Partido. [17:04]

Igor: Mas você vê eles aqui em Belo Horizonte? Porque é uma pergunta sincera, porque eu não vejo muitas pessoas. [17:09]

Da Câmara não. Eu vejo as mesmas pessoas de sempre lá na Câmara participando. [17:12]

Igor: Normalmente são pais e mães. [17:14]

São pais e mães, tem médicos, profissionais liberais, e os vereadores, tanto os católicos mais talvez carismáticos, quanto os fundamentalistas do ponto de vista a gente fala evangélicos, mas eu não sei se é o mais correto, os protestantes. [17:32]

Igor: Neopentecostais, Protestantes? [17:34]

É, os Neopentecostais. Eu acho que é isso. E essas pessoas eu acho elas tomam por missão defender esse Escola Sem Partido, então eu acho que tem um grupo aqui em Belo Horizonte. Eu não sei o quanto organizado eles estão, mas eu acho que eles existem e tem algumas pessoas que participam lá, tem um grupo católico muito conservadores que em 2015 eles estavam presentes em todas as audiências. Esse ano eu não tenho os vistos mais. [18:07]

Igor: Você lembra qual que era. [18:08]

Não, eu posso se eu conseguir lembrar eu posso te dizer depois, mas no momento eu não lembro. Hoje o que a gente vê são esses pastores que são vereadores, ou religiosos que são vereadores e algumas outras pessoas que não são também, mas que entender também dessa forma. Mas eu entendo que esse grupo se precisar reunir, essas pessoas desde 2015 e articular, eles têm um grupo organizado sim. Não organizado no sentido de estar sempre organizado, mas eles são organizados, se precisar mobilizar. A igreja é organizada, né? Um pastor da igreja fala: “Olha, estão

atacando os nossos direitos, tirem a mão das nossas crianças”. É essa a frase, sabe? Mesmo se você tiver falando de juventude. “Tire a mão das nossas crianças.” Mas a gente está falando da educação de jovens e adultos. “Tire a mão das nossas crianças.” É uma coisa assim um discurso parece até decorado, sabe? [19:10]

Igor: Você acha que tem algum financiamento por trás disso? [19:15]

Não saberia dizer. Eu acho que tem mais uma crença mesmo. Não sei se teria um financiamento assim. Não sei te dizer com certeza, então prefiro não afirmar. [19:30]

Igor: Quais seriam os grupos que você considera parceiros nessa luta da Frente e quais seriam os grupos você considera contrário a essa luta? [19:38]

Não sei se posso falar em grupos. Os sindicatos dos professores, a gente sempre está junto. Porque os professores são atacados dizendo que eles são partidários, que eles constroem ideologias. Alguns vereadores de vários campos lá na Câmara também, eles votam contra. Então eu estou falando parceiros no sentido de votar igual, né? Contra o Escola Sem Partido é, bom, não sei. Diria mais alguns pais mesmo, as mães do Santo Agostinho, elas não querem misturar a questão política, isso elas deixam sempre muito claro. Mas a gente nunca misturou muito assim. Não discuti nada nada além dessa pauta no grupo, as vezes até em um post ou outro, a gente tenta contornar, mas no WhatsApp e também quando a gente reuniu pela primeira vez, quando a gente reúne, a gente tenta ficar mesmo detido a essa questão da Escola Sem Partido, etc e tal. Mas está bem desmobilizado, o que tenho pra te dizer é um pouco isso. Desmobilizado no sentido de as pessoas se mobilizam pontualmente. Está votando a *PELO*, todo mundo vai lá, “aí” vamos conversar com o vereador que está votando. Mas quando está votando todo mundo vai pra lá, vai estudante... é porque as pessoas acham que os estudantes não são capazes de pensar por eles mesmos, que são sempre os professores, e isso é um ponto, né? Que são os professores que incutem as ideias. Eu tenho sobrinhos novos, eu tenho um que é uma criança e é difícil você... ele argumenta, não é tão simples, ainda mais adolescentes. Por isso o conhecimento é importante, se você quer coibir que seu filho sofra qualquer tipo de ideologização, forme seu filho. Não é? Uma pessoa formada que conhece várias vertentes, ela sabe escolher. Eu conheço muitas pessoas que defendem o Escola Sem Partido com os

argumentos delas, convencidas daquilo. Não por esses argumentos mais superficiais e que eu chamo de choque, de apelo, que são mais apelativos. No sentido de que dizem: ‘o povo que é contra o Escola Sem Partido diz que a criança nasce sem sexo, que ninguém nasce homem ou mulher, que isso vai ser definido’. Não é isso, é uma mistura dessas coisas. É uma mistura de alguns discursos do feminismo, e tem um dado que é interessante que foi nos apresentado numa conferencia pública por um pastor. Que parece, que quarenta por cento das mulheres que sofrem violência domestica são Evangélicas, então se você pensar que não querem discutir gênero, isso significa algo muito importante, a gente precisa discutir gênero principalmente nessa perspectiva. Da criança que chega na escola vitima da violência que sofreu com a mãe por parte do pai. Essas questões adentram a escola, a escola não pode simplesmente fechar os olhos. Não trata-se de simplesmente tratar, ela esta ali colocada. [23:11]

Igor: Essa seria a minha pergunta. Como que você observa essa questão da materialidade da escola? Como que os alunos trazem isso e inclusive resistem a uma não discussão? [23:19]

É... elas está colocada no cotidiano da escola. Vamos supor que você tem lá numa turma que você está dando aula e uma criança é criada só pela avó, é criado só pelo pai, é criado só pela a mãe, é criada por um casal de mulheres, ou ficou um tempo no orfanato e foi adotada. Então isso vai começar a falar do cotidiano familiar. Se a criança começa a sofrer bullying, porque ela não tem pai, ou porque ela não tem mãe, no dia dos pais, no dia das mães isso é alguma coisa que aparece no cotidiano da escola e como você trata isso? Você ignora? Se uma criança é homossexual, uma criança não. Se um aluno é homossexual, e ele tem lá o jeito dele, as questões dele, se ele sofre bullying na escola, da mesma forma que uma pessoa que é da umbanda. Estou citando aqui os que mais sofrem esse tipo de agressão, pelo o que a gente houve lá. Uma pessoa negra que tem piadinhas por causa do cabelo. Entende? Tem umas coisas que adentram o contexto da escola que está lá na materialidade mesmo, que está lá no dia a dia. A gente tem relato de professores, por exemplo, que foi ensinar alguma questão de matrizes afro e em alguns livros e tem isso até previsto pra gente ensinar, “aí” volta não fiz o “para casa”, porque a minha mãe não deixou, porque isso é coisa do demônio. Então a religião que o outro professa, ou que é da cultura de um povo, principalmente do povo negro, não pode ser do demônio. Aquele povo tem que

ser respeitando em sua cultura é o deus que ele conheceu é o deus que ele professa, é a religião que ele tem. Não dá pra partir do pressuposto que a minha é melhor e começar a te chacotear por causa da sua, a fazer bullying, a dizer que a sua é do demônio. Então é dessa forma que eu entendo que está colocada no cotidiano da escola. Então a mãe adolescente que aparece grávida, como que você trata? [25:41]

Igor: Inescapável, né? [25:44]

Eu entendo isso é a pessoa que fala: “hoje vamos tratar”. Não é bem assim, pode até ser se tiver um entendimento futuro disso. Nós precisamos tratar dessa questão. (...). Eu tenho uma amiga que é professora, ela falou assim: ‘eu queria mesmo ser capaz de ideologizar o meu aluno’. Aí eu: ‘mas como assim? O que você quer dizer?’. ‘Se eu conseguisse colocar ele sentado na cadeira e pelo menos entender o português que eu ensino, eu já estava muito feliz, quanto mais incutir mais alguma coisa na cabeça dele’. “Aí”, vai pra questão de disciplina, da questão de violência e é uma coisa que não está amarrada não. [26:25]

Igor: A última pergunta que eu faria, mas acho que a gente já passou por ela. Era como pensar a existência de homens não masculinos, de mulheres não femininas, de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, pessoas trans na escola? Hoje as escolas de Belo Horizonte, apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? A gente passou um pouco por isso, mas se quiser complementar e finalizar. [26:48]

É passamos. Eu entendo que, eu até usava escolha, a palavra escolha, e estou aprendendo com as pessoas que não é isso. Eu acho que assim, que tem algumas escolas, mais que acho, entendo que isso é menor. Se você for pensar tanto nas perspectivas da escola pública e da escola privada, você tem escolas que são muito mais avançadas nesse sentido do respeito ao outro, são escolas muito diferenciadas da rede privada de Belo Horizonte. Mas independente da escola, realmente não tem, tem muito aluno principalmente adolescente que acolhe o seu colega na sua singularidade, mas tem muito ainda que tem esse preconceito que não é só mais dessa questão LGBT, LGBTIQs, a gente vai aprendendo. LGBTIQs, mas também nas outras todas que eu te falei. Eu acho que agente tem que construir uma escola e uma sociedade que seja capaz, de conviver com o outro diferente de se distinto de si e que tem o mesmo

direito que eu. O mesmo direito que eu quero pra mim, o mesmo respeito que eu quero pra mim, tenho que querer pro outro, as mesmas escolhas que eu acho que eu posso fazer, ou a mesma condição que eu sou, eu acho que eu tenho que respeitar do outro, a condição do outro, eu tenho que respeitar as escolhas do outro, porque tem várias coisas que são condições e tem várias coisas que são escolhas. Então não só condição, mas também escolha tem que ser respeitada, sem ódio, sem essa coisa de preconceito. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. Eu concluiria assim. [28:53]

Igor: Ótimo muito obrigado, Raquel. [28:55]

ENTREVISTA 12 – DEBORAH E DANIEL

Transcrição das conversas

Igor Viana conversa com Deborah e Daniel

Entrevistador: Igor Campos Viana

Entrevistado (1)

Nome: Deborah Maria Ramos Barroso Batista

Idade: 56

Profissão: Professora Aposentada

Religião: Espírita

Partido: Não é filiada a nenhum partido.

Entrevistado (2)

Nome: Daniel Abel Batista

Idade: 61

Profissão: Militar Reformado

Religião: Espirita

Partido: Não é filiado a nenhum partido.

Responsável pela transcrição: Guilherme Ricardo Baeta Neves Corcini Pena
(guilhermebaetapena@gmail.com)

Revisão: Igor Campos Viana

Transcrição Áudio

Igor apresenta sua pesquisa.

Deborah começa de forma espontânea: Eu estudei, é muito interessante isso, sou formada em colégio de Freira em São João Del Rei, colégio tido como Elite, colégio que não estudavam negros. Até a eu chegar, acho, na metade do ensino fundamental II não entravam negros. E tem uma frase interessante que minha mãe contava quando eu entrei no jardim de infância, eu devia estar no segundo período. A freira chegou e falou assim: que ela estava no céu aquele ano, que a turma dela todinha era feita de crianças loiras de olhos azuis, que ela só tinha anjinhos. [0:46]

Igor: E como você conseguiu sair disso e sair desse pensamento? [0:53]

O que acontece, minha família ela não tinha posse. Meu pai ele tinha, quando eu comecei a estudar. Meu pai tinha posse, ele era gerente de uma indústria têxtil que faliu e aí eu fui obrigada a conhecer o outro lado da realidade. E aí nós fomos morar no Rio. De uma escola religiosa eu cai numa escola pública que atende ao morro da Tijuca. Então assim, eu cheguei lá, eu era uma coisinha. E eu falo que tive uma amiga, Sheila que morava no alto da favela e ela começou a me defender por nada, porque eu apanhava muito. Porque eu era aquela menina certinha, bonitinha, que não falava nem um palavrão. E ela uma vez me tirou de uma enrascada e falou assim. “Nina, eu nem sempre vou estar por perto não...” (ela era uma mestiça meio indígena), “e você tem que aprender a se defender. Você já subiu o morro?” Eu falei. Eu nunca subi o morro. E foi com ela que eu vi a favela. Eu vi com meus olhos, aquilo que eu nunca havia visto na minha vida. “Como que as pessoas podiam viver daquela forma?” É muito diferente da vida que pintavam para mim. Foi um período de muita revolta eu até tive muitas questões psicológicas na época. Porque você leva um choque, “né”? E meu pai não entende o que estava acontecendo comigo, fui parar na psicóloga. Mas na realidade era essa coisa. E a partir dessa época, eu comecei a ver o mundo e eu voltei para a mesma escola para terminar o ensino fundamental. E eu já voltei outra pessoa, voltei vendo, não aceitando mais. Eu lembro que quando eu voltei meu pai foi chamado na escola, porque na primeira aula de religião eu virei e falei. Eu não acredito nesse Deus que senhora está falando. Eu estava na sétima série, tinha 14 anos. Ela falou. “Que isso? Isso é uma heresia”. Falei, não acredito, meu Deus não é esse, meu Deus é outro. Eu acredito em Deus, mas não nesse, esse Deus que você está falando eu não acredito. E foram dois acontecimentos interessantes, e o outro foi Adão e Eva. Eu falei, então teve incesto. A irmã: “não”. E aí começou, foi processo em série. Mas eu lembro no meu último ano de magistério, foi quando surgiu a greve de professores que *sindicato foi formado*. Eu queria parar o curso de magistério. Eu falava. Gente, a gente vai estar no mercado de trabalho ano que vem, nós somos professores, nós vamos estar lá, então essa briga é nossa. E também meu pai teve que intervir isso era cinquenta e nove. Só não deu muita confusão porque a escola era atrelada com onze que era o batalhão. Até que meu pai chegou para me e falou. “Filha maneira e tal, está chamando muita atenção.” E eu falo que você ter visão da sociedade, você ir aos locais, você ver de perto é muito importante. A minha vida de trabalho inteira de professora foi periferia. Sempre trabalhei dentro de comunidade,

não tenho problema, não tive aluno armado, tive aluno bêbado, aluno drogado coisas que são reais, tive aluno desmaiando de fome e às vezes as pessoas falam as que não têm muita noção e eu falo assim: “você já viu uma criança desmaiar de fome, porque comeu? Porque ela passou sábado e domingo sem comer, sem colocar um alimento na boca, e aí quando é na segunda-feira e ela coloca um alimento lá ela cai no chão.” Ninguém me contou isso, eu vivenciei. Eu tive que aprender a ver isso. E falo que num movimento LGBT foi mais ou menos o processo, eu nunca tive problema. As pessoas me perguntam assim: “Como foi saber que seu filho era gay?”. Aí meu filho fala assim: “Mãe você não é parâmetro.”. [05:30]

Daniel: Eu acho até um drama, porque as outras mães... assim, porque mãe de trans é mais difícil, do que de gays. Mas se você assume a sua própria sexualidade não vai te causar stress. [05:43]

Não, porque eu vejo as mãe falando assim, mesmo de gay. “Eu sentei e chorei”. Porque que eu ia chorar? Qual é o motivo? [05:55]

Igor: Minha mãe chorou. Acho que tem muita questão do medo. A primeira coisa que ela falou foi: “Eu te amo da mesma forma”. E falou isso já chorando, e já sentou chorando. [06:07]

Deborah: O que acontece, eu nunca criei meus filhos preocupado com o que eles iriam fazer na vida deles. Eu sempre criei meus filhos com questão da honestidade, do caráter, do respeito ao próximo, com respeito às relações, sempre foi muito voltado para isso às opções que eles iam fazer, eles tinham que ser responsáveis pelas consequências que estavam fazendo. E essas consequências eu sempre cobre. Você vai fazer isso? Isso gera uma consequência, está ciente disso? “Estou”. Vai fazer assim mesmo? “Vou”. Então tá. Então nunca tive essa preocupação. Eu tinha dois meninos e tinha três meninas e eu criei todos no sentido de liberdade da mesma forma. Os meninos não puderam sair, porque eles era homens. A restrição de sair para ir numa boate, de sair para ir num barzinho, de sair para ir a um show, foi o mesmo que eu dei para as meninas. Você não tem maturidade suficiente, você não vai. Não porque você é homem. A mesma coisa que sua irmã não pode, você não pode. A liberdade vai sendo dada independente de gênero e em relação com o respeito. [07:36]

Daniel: Eu sabia que meu filho era gay antes dele mesmo descobrir. Acho que ele tinha uns cinco anos. [07:53]

Deborah: Só um minutinho, bem. Essa questão de falar que você já sabia... hoje você olhando pela memória. Mas como não era preocupação minha, eu nunca criei filho nem para ser macho e nem para deixar de ser macho, eu criei filho para ser humano, essa não era uma questão importante para mim. Então eu nunca tive esse olhar, não me incomodava esse olhar de gênero.[08:22]

Daniel: Mas aí, eu sou militar. Eu queria meu filho homem. Vou lá na escola do Lucas, chamar o diretor e falar: ‘vocês estão falando que meu filho é gay, que meu filho é viado, chamando ele de viadinho’. Eu fiquei puto. Quando eu cheguei e fui conversar com a diretora, era até a dona da escola, ela falou assim: ‘não, senhor Daniel, você tem que manter a calma, porque o Lucas é um menino muito delicado, ele é igualzinho ao senhor’. Aí, eu pensei, essa mulher está me chamando de viado também. Aí, que foi engraçado. Eu comecei a prestar atenção em mim. E até a terapeuta um dia falou assim: ‘eu acho você uma pessoa doce’. É realmente essa mulher também está me chamando de viado [risos]. Mas na realidade, eu assumi a minha heterossexualidade na boa, sem problema nenhum. [09:19]

Deborah: E era muito interessante o Daniel pela educação. Eu recebi uma educação meio, em termos de sexualidade, restritiva também. Meu pai, apesar de ser um homem além do tempo, porque ele foi um homem que casou e se separou em mil novecentos e trinta e poucos e foi viver com minha mãe que era uma mulher separada com quatro filhos. Então ele também quebrou varias expectativas sociais. Mas ele tinha alguns conceitos morais que persistiam. A questão de sexo era uma questão importantíssima, o corpo. Eu fui ver meu pai nu, foi velho mesmo, quando eu tinha que cuidar dele. Mas eu sempre li muito, discuti muito e eu nunca tive problema com o corpo nu. E o Daniel não conseguia, tanto que quem tinha as conversas com as filhas e os filhos era eu, não era ele. Ele não conseguia, ele falava. “Bem, eu não consigo”. E eu falava ai assim e sempre falei. [10:31]

Daniel: Mas tem um negocio também, eu era aquele pai que estava fora da curva. Eu lembro que trocava fralda, dava banho, porque toda mulher faz isso. Eu lavava fralda quando era de pano, dava mamadeira, fazia mamadeira, acordava de madrugada,

levava, lembra? Com todos eles eu fui assim. Então no normativo, estou fora. Eu sou um pai diferente. [10:59]

Deborah: Porque o que acontece... ele era militar reformado tinha um salário, eu era funcionária pública do estado na época eu não tinha feito concurso para a prefeitura. Se a gente fosse ter uma empregada, porque a gente tinha três filhos, dois do meu primeiro casamento e um nosso com um ano, se a gente fosse pagar uma empregada eu ia pagar para trabalhar. Então a gente sentou e fez uma opção quem é que pode parar. Ele falou: “Eu já sou aposentado”. Agora eu se eu largasse meu trabalho, eu estava largando toda uma carreira. Então a gente fez uma opção, então ele falou: “eu fico cuidando das crianças e você sai”. Tinha amiga minha professora que perguntava: “como que isso dá certo?” Falei: Gente, como assim como isso dá certo? Elas perguntavam: “mas o seu marido aceita?” Ele não tem que aceitar ou não aceitar, é um acordo. E ele continua, porque tinha a questão do homem de família, e eu deixava esse papel mesmo. Porque eu achava, que até por questão de educação se eu assumisse essa chefia, eu ia anular, eu não queria anular a figura paterna de chefe do clã. Que é o papel do homem de chefe do clã. Então todas as decisões finais, mesmo que a gente tivesse discutido e ele tivesse concordado comigo, a palavra final quem dava era ele. Para ficar pros filhos, para educar pelo exemplo. Porque tinha uma cultura social de quem mandava era o homem, mas se na minha família a minha mãe sai para trabalhar e o homem fica. Eu tinha medo que isso criasse pela cultura social que ele não vale nada. E eu não queria isso. Eu queria que eles entendessem que era uma relação possível de que ele tinha o mesmo peso na família que eu. Então a fala dele, o não dele tinha o mesmo peso que o meu, que o sim dele tinha o mesmo peso que o meu. [13:11]

Igor: Isso é muito legal... a vivência de vocês, já desde o início mostra um pouco dessas rupturas quanto às expectativas sociais de certa forma no corpo e nas vivências de vocês. O que o seu filho vivenciou, “né”? Então acho que isso também criou um ambiente talvez de maior receptividade. [13:32]

Deborah: E assim mesmo ele teve dificuldade. Ele não se abriu, e aí ele entrou na faculdade, só que tem uma coisa, quando ele resolveu, ele fez Cinema e Áudio Visual. E aí quando ele chegou para mim e disse: “acho que vou fazer cinema”. Eu falei meu bem, ele estava com 19 anos, ele tem 19 anos se daqui três anos ele descobrir que não

é isso ele vai estar com 23 anos ele tem todo o direito de fazer outra coisa, mas ele se interessou deixa ele ir. É muito interessante que as pessoas falavam assim: “Cinema? No Brasil? Tem que morrer de fome.” Gente é uma escolha dele, é isso que eu te falo da liberdade. Eu conversei com ele eu falei: Meu filho você sabe que está entrando numa área cultural, cultura no Brasil é uma coisa complicada não tem incentivo. “Não, mãe, mas eu quero”. Então vai. Então assim ele forma em cinema e é uma gama. Ele fez na época, ele fez na UNI ele fez Cinema e Áudio Visual, aí ele fez pós-graduação na UNI, Mídias de Digitais e Redes Sociais. A gente nem imagina que tem uma pós-graduação sobre isso. E hoje ele trabalha com vídeo produção numa empresa de publicidade, cuidado de rede social. A gente nem imagina que as impressas estão focadas na em redes sociais. Em fazer a propaganda em rede social. Você nem imagina, você imagina em cinema naquela telinha. É muito difícil, e ele tem ciência. Cinema no Brasil é “QI”. O cinema mesmo. Se bem que ele falava sempre quando ele fez cinema que ele gostava da área de produção. Ele gosta daquela coisa de que eu estou por trás, eu que organizo, ele nunca gostou do aparecer. Ele tem pavor de dirigir, ator é o bicho mais chato da face da terra. Ele fala assim. “Eu vou aguentar piti de ator? Não tenho paciência pra piti de ator... ator vai dar piti eu vou mandar ele pra...”. Ele gostava da área de produção de organizar, tanto que na faculdade todos os projetos a questão de organizar o set, local, como vai funcionar isso, carrega equipamento, organizar, documental, de documento como fica legalmente, isso era tudo com ele. Agora na hora de fazer o filme é pra quem gosta. Mas é por isso que meu filho fala que eu não sou parâmetro. Só que, apesar disso tudo, sempre tem problema das questões de diversidade seja de gênero, cor, raça isso para mim é muito tranquilo, pra mim o mundo não devia nem ter fronteiras. As pessoas tinham que circular livremente, pelo mundo, nós somos cidadãos do mundo e pra mim não tinha que ter essas fronteiras. Espero que algum dia a gente alcance essa liberdade de ir e vir realmente sem problemas. Mas eu não tinha um conhecimento muito nítido do universo LGBT, eu tinha um conhecimento do que eu ouvia, do que eu via, do que as pessoas falavam e eu sabia das violências, das questões discriminatórias. Como meu filho disse. Ele faz parte de um público, ele fala. “Dentro do LGBT eu sou privilegiado, porque eu sou uma pessoa que fez curso superior, eu sou uma pessoa que trabalha, eu sou um branco dos olhos azuis e sou gay”. “A violência me atinge, a discriminação me atinge, mas jamais vai me atingir como negro gay ou como simplesmente um negro, possivelmente é capaz de um negro sofrer uma

discriminação maior do que como gay mesmo”. Ele fala que foi trabalhar nessa empresa por uma amiga dele que é negra, gay e bi. Ele fala. “Que se amanhã a empresa tiver que cortar a gente, ela me colocou na empresa e ela tem dois anos a mais de empresa do que eu, se tiver que escolher entre eu e ela, eles iram cortar ela, porque ela é negra, mulher e bi. Ele fala que ate como LGBT tem que ter muito essa clareza desses privilégios. [18:52]

Daniel: Mas o direito pode entrar aí por dentro. A questão do direito, como você falou no seu trabalho, é aquele escrito, são as leis, é uma linguagem que a gente entende. Mas tem aquele direito que é mais uma convenção, as pessoas vão vivendo contra a maré, contra o que está escrito e as pessoas vão tomando corpo de um comportamento que não está escrito. Se a gente pegar o histórico dos direitos humanos são as pessoas que por si só que vão enfrentando os seus governos, os seus países e aquela coisa vai se tornando mundial. Porque é um comportamento mundial a questão dos direitos humanos. Até os Estados Unidos e tem países fechados nessa área do direito, foi lá que foi criado essa carta magna mundial. Então aqui em belo Horizonte lá na Câmara Municipal um Vereador chegou a colocar uma questão para impedir os Vereadores discutir, falar qualquer coisa a respeito da própria a Câmara, amordaçar a própria Câmara dos Vereadores que é um ambiente democrático eleito pelo povo. E esse apelo era para fazer esse cerceamento, e nós fomos lá gritar, fomos lá falar que a gente estava pela democracia que era contra isso. Mas eu achei uma fala de uma menina que ela fala uma coisa muito interessante que ai entra naquilo que você falou do direito que nós aplicamos no nossa dia-a-dia, uma é quando você é legalista e outra é quando você faz uma desobediência civil. Ela falou. A Vanessa. “Eu queria dizer para os senhores Vereadores podem votar o que os senhores quiserem, porque nós professores trabalhadores da educação vamos continuar ensinando para os meninos aquilo que achamos que devemos ensinar”. Quer dizer mesmo que eles votam uma lei que os meninos não podem digerir algo. Eu achei maravilhoso isso. [21:31]

Deborah: Quando eu dava aula às vezes vinham umas ordens da prefeitura que eu falo. Mas gente não tem cabimento, não tem lógica. E eu costume dizer que o problema da educação começou quando os governos começaram a encher a gente de papel, sabe? A gente tinha que passar mais tempo preenchendo relatório do que ensinando, era terrível. Mas eu virava muitas vezes para minha coordenadora. Depois

que fecho a porta da minha sala, quem mando sou eu. Eu quero que meus alunos aprendam a ler, a escrever, interpretar, a somar. Que metodologia? Não ninguém vai me dizer isso não, sou eu que estou lá dentro. Sou eu que vou fazer esse processo. É mais ou menos o que a Vanessa fala. Lógico que seria um embate se existisse uma lei dessa aprovada, a gente vai ter sempre aquele embate jurídico encima do outro que vai ser complicador. Mas acho que passa muito coisa no que ele falou, o direito moral vai se sobrepor. [22:50]

Daniel: Sabe o que eu achei interessante que aconteceu no congresso, o presidente do Senado o Renan Calheiro quando o oficial de justiça mandou ele assinar um documento. Ele virou e falou assim. “Não, eu não quero”. Você está entendendo. E foi um bafafá. Eu tenho o direito de dizer que não quero ser preso, não quero largar isso. [23:24]

Igor: Só pra gente entrar nesse debate sobre educação, sobre direito. O que vocês entendem então por direito à educação, na visão de vocês dois? [23:43]

Deborah: Eu acho que o direito a educação é o seu direito natural de aprender, de evoluir, de construir é de ser inserido na sociedade, de se inserir na sociedade, eu acho que o direito a educação pra mim é isso é viver na própria sociedade. Porque quando a gente fala em educação muitas vezes a se remete a um espaço escolar, e eu acho que o direito a educação ultrapassa os muros da escola. Ele está nas praças, eles está nos eventos culturais, à escola ela pega esse direito a educação e sistematiza. Por isso que o ataque a esse direito vem via escola, porque é ela que sistematiza a forma de como vai aprender, mas o que está fora dela não tem como. Você não vai sistematizar essa situação. Porque isso o direito a educação de intercâmbio com o que está fora e o que esta dentro da escola em todos os campos. É impossível, se eu fecho o muro da escola com o que está do lado de fora, eu estou negando o direito da pessoa ser educada, porque a educação não se faz só com o que está dito nas normas escolares. O direito a educação pra mim ele é muito mais amplo. Ele envolve todo esse aprendizado social, ele é fundamental, posso restringir o direito à educação ao ambiente escolar. [25:42]

Daniel: Eu penso assim, vou falar da escola que eu penso. A escola é um espaço físico que tem que estar construído dentro das comunidades, especialmente as comunidades pobres, porque o mínimo que se consegue construir nesses lugares, porque em relação

à saudade às vezes falta muito, mas a escola sempre tem. Então a escola, o direito dessas comunidades ao acesso a escola, aquela escola será o ponto gerador de informações, a escola vai organizar aquela sociedade política. Pra mostrar pra ela. Você vai pegar o ônibus aqui, eu vou te dar o passe, o dinheiro, você vai ao posto de saudade tal e vai procurar “fulano” de tal. A escola tem que fazer, porque essas pessoas não sabem que elas têm direito. Elas vão ela pedir uma cesta básica, pedir um remédio. A escola nessas comunidades é um núcleo gerador de informações na sociedade. Eu acho que acesso da escola passa por ai. A gente estava brincando outro dia e falando que a gente estudou uma matéria que chamava Organização Social e Política Brasileira, OSPB, você já ouviu falar disso? [27:20]

Igor: Não, nunca ouvi falar disso. Ouvi falar daquela Educação Moral e Cívica. [27:25]

Deborah: Pois é, a gente tinha Moral e Cívica que era uma matéria voltada para o civil e você tinha a OSPB que era a Organização Social e Política Brasileira. O que acontece essa OSPB foi implantado pelo os Militares, mas o que acontecia no OSPB você estudava exatamente o que era o poder legislativo, poder executivo, hoje as pessoas não veem mais, o que era o poder judiciário, e o que era função de cada membro de cada poder, o que cabia a cada poder, o que era feito. Então assim, era uma forma técnica porque ela foi implantada pela ditadura. Mas você tinha um conhecimento que hoje você não, as crianças hoje não tem. E foi pela a OSPB que muitos professores conseguiram continuar passando suas ideias “revolucionárias”, entre aspas, através do OSPB. Quando veio a primeira reforma, eles pegaram o OSPB e diluíram dentro da escola e ainda morreu. Eu acostumo a dizer que no Brasil temos um problema sério com a educação. O Brasil não é um país que analisa em termos, acontece isso em todos os setores, mas dentro da educação, eu tenho um processo alguém veio e fez um processo dentro da educação, a gente não consegue analisar o que foi bom e o que foi ruim. Porque se for ruim a gente tira, se for bom, dá pra melhorar? Dá. Então vamos fazer. O Brasil tem uma teoria o seguinte não deu certo, a gente está vendo isso no governo do PT, então foi ruim. Não foi tudo ruim, a gente teve coisas boas e coisas ruins. Então o que que eu acho mesmo na educação, vamos pegar o que foi ruim e vamos tirar, e vamos pegar o que deu fruto, que deu resultado e vamos continuar. Assim com outros governos. No Brasil a gente tem muito disso, isso

a gente vive na história da educação do Brasil. Mudou a linha de pensamento, você pega aquilo e joga fora. E começa a sua linha de pensamento. Então você perde. A história de educação no Brasil é terrível, você perde uma trajetória de construção e aí você tem obrigação de começar tudo outra vez. Isso não acontece em outros países que você tem uma visão de melhoria. Atualmente eu vejo uma situação que os Estados Unidos pode se dar mal. Porque até hoje se você pegar os governos do Bush, do Obama, até mais atrás você vai ver que eles nunca chegaram e quiseram destruir o que “tava”... eles iam pegando ali e aqui vendo onde dava pra fazer uma melhora. Agora o que louco que chegou quer? Ele quer destruir tudo o que o Obama fez. Então eu falo, é negar a própria história e isso na educação do Brasil é fato. Se você pegar a história da educação você vai ver isso. [30:33]

Daniel: Eu só queria lembrar aqui, que as vezes a gente fala aqui. “Ah, na época da ditadura tinha uma matéria que chamava Organização Social e Política Brasileira onde se trabalhava muito bem essa questão da organização”. Que eu falo pra você que eu acho que o direito à educação passa por essa organização, que a história é capaz de fazer. Mas os Militares, quando eles colocaram toda essa matéria à disposição pra escola. As pessoas pensaram: “Os caras são loucos, como que eles podem colocar para estudar isso? Isso pode virar contra eles”. E virou. Só que o professor de Organização Social e Política Brasileira, OSPB, ele ensinava o seguinte, ele contava história do formigueiro. Como que o formigueiro era organizado, com soldados, com operários, com a rainha que botava os ovos, a proteção do formigueiro. Bem burocrático, bem aos moldes dos militares, então você tinha aqueles soldados do formigueiro como uma proteção contra a sociedade que estava ali dentro do núcleo. Então você tinha um exército, é uma parábola a história do cupim, a história da formiga. Então a parábola que vai servir para circundar inclusive a mente das pessoas, da própria sociedade. Então eu tenho que confiar nas forças armadas porque são eles que protegem contra os terroristas, contra invasores, essa era a intenção deles e foi assim, durante o período. Só que muitos professores começaram: “Opa, pera aí”. Organizar o grêmios, escola, a Deborah participou. Na época ela era estudante, ela participou, ela lembra. [32:14]

Deborah: Mesmo os colégios de freiras, que tinham todo um vínculo. Porque o que acontece, você naquela época tinha nítido. Então o meu colégio em São João Del Rei

que era um colégio renomado. O que que acontece, qual era o objetivo deles? Formar os padrões, esse era o objetivo. Então o que eu falo pra ele, eu tinha acesso às coisas que o pessoas que estudava no colégio estadual da cidade não tinha. Porque eu “elite”, entre aspas, fazia parte daquele grupo que ia continuar reproduzindo o mesmo sistema. Então eu precisava ter um conhecimento até social, até de abertura de mundo, que eu não podia dar para o outro. Pra mim era a arma para oprimir. E eu fui entender isso muito tempo depois, quando eu estava fazendo faculdade e fui estudar sociologia e filosofia. Mas só que comigo os caras deram um tiro no pé. E assim como eu tenho conversar com pessoas da minha época, porque a gente tem um grupo, e acho que da minha turma que formou de professor, nós éramos trinta e cinco, pelo o que eu converso nas redes sociais umas quinze. Umas quinze foram tiro do pé. [33:44]

Igor: Acho que é um pouco do que o Daniel estava falando. Subverter essa lógica como é na disciplina. E qual que seria o lugar da família nesse processo da educação, pensando mais propriamente a escola. Porque, na verdade, a gente convive em sociedades plurais e famílias plurais e que tem valores plurais e muitas vezes valores que encontram na escola um ambiente de enfretoamento, de choque e como pensar essa realidade hoje? [34:10]

Deborah: Eu acho que para pensar nessa realidade hoje o que está dificultando é que a gente ainda tem uma insistência de padronização familiar. Há muito tempo no Brasil que a família não é mais papai, mamãe e filho. Há muito tempo. Há muito tempo no Brasil, a gente já vê nas pesquisas do IBGE que levantam isso, mais da metade das famílias no Brasil é comandada unicamente por mulheres. Então isso é uma realidade, não é mais aquela conformação familiar e eu acho que essa é a principal coisa que a gente tem que quebrar dentro das escolas. Essa conformação familiar patriarcal, bonitinha que ainda está presente nos livros: papai, mamãe e dois filhinhos. Então hoje você tem ‘n’ famílias. Eu trabalhei em escola pública, então assim, a coisa mais comum era você ter avós, tios que estavam no lugar dos pais. Porque a mãe morreu, o pai foi cair no mundo. Então você tem essa conformação. Para mim o primeiro passo é uma discussão para chegar à escola, só que a gente vai precisar fazer a discussão fora dela. Muito firme, muito clara, para quebrar essa figura da família patriarcal, que a gente ainda não conseguiu quebrar. Então o que acontece, a escola ela ainda

enfrenta muito essa dificuldade. Porque você chega dentro da escola e você tem um aluno e aquela família já não faz mais parte daquela família patriarcal. Às vezes uma mãe que cria sozinho os filhos, as vezes é a avó que cria mas os conceito “morais”, morais entre aspas, ainda são da família patriarcal. A única forma é as famílias ocuparem seus espaços nas escolas e abrirem essa discussão dentro das escolas. Pra mim, existe esse dois caminhos. Ou você abre a discussão fora com a sociedade como um todo, tem que ser uma discussão ampla e sem medo. Nós precisaríamos de candidatos que teriam peito para por essa discussão na mesa. E como vamos trazer essas discussões? Mas com as famílias, nós temos os Evangélicos, nós temos...? Eu acho que existe um ponto que é onde a gente vai bater, parece demagogia, mas não é que é o conceito de família. A gente tem que começar a trazer para a sociedade que a família, os livros tem tentado isso, mas a gente tem que começar a fazer isso como cidadão na padaria, quando eu falo discussão social é ai, no salão de beleza. Eu vou lá fazer minha unha e começar a levantar essa discussão é o conceito de relacionamento e sentimento. Esse é o conceito de família. Porque eu posso ter uma casa com papai, mamãe e filhinho e não ter uma família. Então, ou seja, a gente tem que começar pra mim esse é o primeiro foco. Uma discussão formiguinha. Sabe aquele bate papo sem sentido no ponto de ônibus? Sem agressividade, porque de agressividade a gente está cheio. A gente vai encontrar, a gente vai mandar, vai. “Cala a boca”, “esquerdista”. Vai falar de tudo, mas é assim que eu acredito que a gente vai. Dentro da escola as famílias tem que dominar o seu espaço e esse enfrentamento ele é inevitável, se eu vou para a escola, eu tenho a minha forma de encarar a minha família, de vivenciar minha família, eu vou ocupar o meu espaço e eu quero que meus filhos ocupem esse espaço. Eu vou encontrar famílias com pensamentos antagônicos. A escola tem que proporcionar esse debate sem medo, a escola tem que sair do medo. Os professores têm que sair do medo. Porque é possível. Eu falo que é possível porque eu estive dentro da escola 32 anos, e eu discuti todos os assuntos com todos os pais, com todos os alunos, de todas as religiões o tempo todo, sempre discuti isso. Eu trabalhei numa escola, a escola que eu aposentei que é a Luiz Gonzaga Junior no Barreiro, a Gonzaguinha. Onde eu tive a felicidade de ter um pouco de direção extremamente voltada para a comunidade e nós fizemos discussões maravilhosas com os pais. Nós sempre trouxemos os pais para dentro da escola, a escola, os professores tem muito medo. aí você não coloca as discussões lógico que você vai ter pais que irão defender a Ideologia de Gênero que vão quebrar o pau com todo mundo, mas você precisa

porque se você não trazer esse pai para dentro da escola para fazer essa discussão dentro da escola com ele, você não vai levar ele a pensar. Porque ele vai para a igreja e o pastor fala, ele vai para a televisão e não sei quem fala. E você dentro da escola, você não fala. Gente 32 anos e eu nunca apanhei de pai, já tive pais colocando o dedo na minha cara, mas você não pode ter medo. Eu acho que quem tem medo errou de profissão na educação. Educação não é profissão de quem tem medo. Eu tive um professor na faculdade, chamava Antônio Leal, ele era de filosofia, sociologia, outro dia eu estava até procurando ele na internet porque ele escreveu uns quatro ou cinco livros. E ele era o professor de História da Educação e eu já estava lá na frente, voltei para fazer com ele, porque eu fiquei devendo, parei, tive filho e voltei e tinha deixado Educação no segundo período e eu já estava no sétimo e eu lembro que é muito engraçado, você chega ao segundo período e todo mundo de caderninho na mão. E o Leal era muito bom, eu conhecia o Leal de coordenação de curso, seminário, de outras faculdades e eu cheguei e dei de cara com ele. Ele sentou na cadeira e ele não abriu a boca, todo mundo calado, e ele trocou de carteira, ele trocou de carteira umas seis vezes e ninguém falava nada. E por fim ele deu um murro na mesa e deu um palavrão e todo mundo assustou. “Gente como vocês não perceberam que eu mudei de lugar oito vezes”. Na segunda aula ele atrelou isso a história da educação e era uma coisa muito interessante, ele falava. “Eu não vou ensinar aqui para você quem foi Aristóteles, Sócrates isso aí biblioteca está cheia, é só ir lá e abrir os livros e ler sobre os grandes filósofos e educadores da humanidade, esta lá, história da educação para mim é vivo... a gente constrói motivos, vocês estão fazendo história, professor na sala de aula está fazendo historia, ela é dinâmica, ela não pode ser estática”. E na outra aula ele mandou a gente tirar o sapato, foi assim que um aluno levantou dizendo que ia à coordenadoria do curso reclamar que era um absurdo, o professor mandar tirar o sapato. Quando todo mundo acalmou ele falou. “Gente, vocês estão fazendo que curso? Pedagogia. E pra que serve pedagogia, o que vocês irão ser? Especialista em educação. Ele movimenta a educação, ele é vivo se vocês não são capazes de tirar um sapato em público porque é uma regra milenar. Não são capazes de quebrar uma regra boba, como que vocês pensam que vão quebrar a escola? O pensamento padronizado”. Isso pra mim, sempre ficou para mim na minha vida profissional, o Leal. Então pra mim, a educação é um processo que não se pode ter medo de enfrentamentos. Achar que a gente vai levar essa discussão familiar para dentro da escola com tudo azul, nuvenzinha e ovelhinhas... me desculpam, mas é no mínimo

ingênuo pra não dizer fora da realidade. E toda mudança ela tem enfrentamento. O que está faltando pra mim então, são os professores se prepararem mais para esse enfrentamento. aí eu acho que entra as universidades. Eu acho que as universidades estão se esquivando um pouquinho de disso, acho que as universidades poderiam estar mais dentro das escolas. Seria um caminho, não falo só faculdade de educação, faculdade de direito, faculdade de letras, faculdade de sociologia, faculdade de história dando esse embasamento para dentro das escolas mesmo. Proporcionando essas discussões, para os professores terem subsídios de enfrentamento, como fazer esse enfrentamento uma coisa de psicologia. É pra gente poder fazer isso, nós estamos precisando. Eu falo que eu venho de uma geração que teve muito claro um lado e o outro, então agente aprendeu a quem eu tinha que enfrentar e como enfrentar. Eu tomei água suja do *Rio Cardoso*... aqui na praça da liberdade quando a gente foi brigar pelo décimo terceiro salário então a gente sabia. Com a abertura, com o PT, essas coisas se misturaram... é onde eu falo que a gente deixou a brecha. As pessoas não sabem mais, não estou falando de inimigo, estou falando de enfrentamento, como que eu vou enfrentar? O enfrentamento argumentativo mesmo, e isso está faltando e eu não vejo processo de educação sem esse enfrentamento. E o enfrentamento passa, em todo esse processo social que eu te falei e passa pelo o preparo dos professores e a educação deixa claro. Educação é desafio gente, não existe processo educativo, você, por exemplo, um estudante de curso de direito se você não tiver um professor que não te desafie você vai sair do lugar? Não sai. É desafiador, tem que ser. [46:09]

Daniel: Eu queria lembrar também, que esse movimento por fora, esse grupo do movimento que vai para a rua que o caso do Mães pela a Diversidade tem sido chamado para poder falar nas escolas para alunos é o mais importante talvez. É muito bonito de você ver o rostinho dos meninos que se acendem com essa questão de gênero, as meninas falam: “não, eu não quero ser nada, não quero casar, não quero nem fazer sexo” é muito legal. Mas o mais importante que eu acho é pra poder entrar, pra poder entrar, pra poder chegar à escola, o trabalho com os professores, não digo só as universidades. Porque as universidades os Estados Unidos, por exemplo, eles têm um costume muito interessante, a faculdade de Direito eles vão à escola conversando com aqueles meninos do segundo ano, do segundo grau, explicam a função do advogado, seria muito interessante se eles quisessem fazer direito também, aluno e pessoas para irem para a área de Direito, os engenheiro fazem mesma coisa, o

exército faz a mesma coisa que um exercito profissional hoje, é você que tem que escolher. Então eu acho isso, acho que as universidades no Brasil deveriam fazer mais isso, mas é muito importante também que esse movimento que está por fora, que esta do lado de fora da sociedade hoje, especificamente por causa dessa questão de Gênero que está uma briga que vá até os professos, explique para eles. olha: “é inconstitucional o que eles estão querendo adotar, o que eles estão querendo colocar nas escolas, você tem direito, não tenha medo de levantar e falar”. [48:15]

Deborah: É difícil? É, eu estou falando da escola que eu trabalhei e minha amiga a Vice Diretoria, ela levou muito a sério esse trabalho da questão da cultura afro, que passou a ser obrigatório, e ela passou há levar isso muito a serio. Quando eu estava na escola nós fizemos dois projetos. Ela também gostava de fazer projetos sobre literatura. E nós levamos para dentro da escola várias apresentações afros e os alunos fizeram e a gente não sofreu, mas por que? Porque todo o trabalho anterior foi discutido, os enfrentamentos com a comunidade ela tinha, como educadora, ela tinha um embasamento pra colocar pros pais. Então, as famílias compreendiam, porque a gente também fala: “ah, o povo é ignorante”. Não, se você souber como chegar até eles, fazer esse discurso, você faz, sem enfrentamento? Acho impossível. Não vejo, como eu estou te falando, não em cima de rosas. [49:28]

Igor: E pensando nesses enfrentamentos o tema da Ideologia de Gênero está tomando o debate publico, não só aqui em Belo Horizonte, mas nacionalmente e também na área de educação, entrando inclusive a partir da área da educação. Como pensar hoje esse termo? Quero saber também quando que vocês tiveram contato com esse termo. Como que começou toda a historia da Ideologia de Gênero na vida de vocês? [49:55]

Deborah: É, na realidade, eu vou partir da minha vivência nas mães pela diversidade para a gente poder chegar até esse conceito. Na realidade como a maioria da sociedade eu fui ter um contato maior quando as coisas quando surgiu o projeto Escola Sem Partido, quando surgiu a discursão do Escola Sem Partido aí começou surgir, para mim, o termo Ideologia de Gênero. Dentro das mães que já tem um tempo a gente já vinha debatendo isso. Só que desde quando bateu para mim Ideologia de Gênero conjuntos de ideias que não tem ou não tinham a lógica, não batia. E ouvindo as pessoas que defendiam Ideologia e Escola Sem Partido aí você fala: “Não tem

condições”. Eu acredito que quando você tem uma ideia que ela é muito boa, você não precisa agredir os outros, eu tiro isso da minha vida. Quando você está numa discursão com uma pessoa e aponta a pessoa e tem que ouvir: “Ah, vai toma no...” Acabou a discursão, eu tenho certeza absoluta de que ali pra frente ele não tem mais argumento nenhum e o que eu vejo nas pessoas que defendem o Escola sem Partido e Ideologia, eles param o tempo todo para justificar eles agridem. Como? Quando eles dizem que é pedófilo, que ensinar a todo mundo a virar gay, então eles usam de uma agressão para justificar aquela ideia. Então isso é muito claro pra mim, Deborah. No mães a gente vê o rebote a esse discurso, volta aquilo que falei para você no início que pra mim é a família, até por questões de direito. Se a gente pegar a nossa constituição, a gente tem o mesmo direito que o Bolsonaro. Então a minha família tem o mesmo direito que a família do Bolsonaro e o Estado tem que atender as duas. O Estado tem que encontrar o caminho que atenda os anseios das duas, desde que esses anseios comunguem para o bem comum. Porque se uma dessas famílias tiver como anseio destruir a outra, o Estado vai ter que tomar o lugar de proteger as outras. Eu acho que esse discurso da ideologia de gênero passa por aí. ‘Ah, mas eu não quero que meu filho ouça falar’. Aí você vai fechar a escola, vai ter que colocar todos os LGBTs pro lado de fora. Aí você fala: ‘Ah, mas na minha casa’. Mas o filho vai pra boate, ele vai pro barzinho, ele vai pra casa do coleguinha. Então pra mim esse projeto a Ideologia de Gênero que quer destituir o conceito moral de família, ele é tão sem sentido porque é como se você pegasse seu filho e quisesse colocar ele dentro de uma bolha. Dentro de uma bolha, porque é humanamente impossível a escola não refletir a sociedade e sociedade não refletir a escola. É humanamente impossível, não tem como, isso é loucura. Isso pra mim passa por uma insanidade de conceitos, de conceitos de educação. Porque um reflete o outro não tem jeito. Como que a gente esta vivendo o Brasil hoje? Uma tentativa de fundamentalização do Estado que a gente está vivendo, essas ideias fascistas dentro do Estado. Por que fascista? Porque são ideias que estão querendo eliminar o outro, então ela passa a ser fascista. Eu quero eliminar o outro, é ignorar o outro. E se a gente permitir que faça isso com o Gênero, e quando a gente fala de Gênero as pessoas pensam só no LGBT, mas se eu coloco a imposição de não discutir Gênero, não vou discutir também o papel da mulher na sociedade. Na realidade discutir Gênero, eu vou estar alertando as minhas crianças sobre o abuso infantil e não incentivando a pedofilia como eles querem dizer. Porque se eu discuto o gênero com as minhas crianças, digo pra elas que existe a diversidade,

que existe o gênero e que as pessoas tem que se respeitar quanto homens, quanto mulher porque o gênero passa por isso. Eu vou dizer para a minha criança pequeninha que ela tem que respeitar a coleguinha porque ela é menina, tem que respeitar o coleguinha, porque ele é menino. aí as pessoas, quando eu te falo que não tem argumento, é que elas pegam e reduzem a discussão a uso do banheiro. É o menor dos problemas, fácil de resolver. Chega numa reunião de pais, os pais falam que não acham legal e os pais discutem. Mas quando eu pego esse discurso e trago pra isso. É igual você pegar discussão da corrupção na prisão do Lula. Eu reduzo o problema da corrupção no Brasil com a prisão do Lula é raso, é um pensamento muito raso isso. Pra mim é a questão disso, porque a gente vê isso. Sabe por que eu sei disso? Porque a diretora, essa menina que eu trabalhei com ela, ela falou: “Deborah, você acredita que negócio da Ideologia está tão forte que a mãe foi lá pra saber como era o banheiro na escola, porque o pastor falou que meninos e meninas usam o mesmo banheiro”. Então eles trouxeram pra essa discussão rasa, porque como ele tem dificuldade de lidar com o corpo dele, e eu tenho, muitos pais e muitas mães tem problema com o próprio corpo, com a própria sexualidade. Então elas não querem pros filhos, então vão criar uma briga por causa de banheiro. Entendeu? Então eu acho que a gente tem ter isso, é raso de mais. A gente não tem que entrar. A gente tem que tirar essa discussão do banheiro e trazer a discussão pra família, tirar do banheiro. O banheiro a gente resolve. Eu acho que também o que acontece. Você recebe alunos trans como é que você vai fazer com essa situação? Gente, quando é escola, ela tem um projeto político-pedagógico que foi elaborado junto com o colegiado e que a pessoa que se candidatou a direção da escola está apoiada a esse projeto. Esse projeto político-pedagógico pra ser mudado, porque se a escola não tem, ela está indo errado, porque toda escola é obrigatório, a escola tem que ser regida por alguma coisa que é o projeto, pra ser mudado eu tenho que chamar o colegiado, eu tenho que chamar a assembleia de alunos, eu tenho que chamar a assembleia de pais, fazer um colegiado com todos os seguimentos, propor uma discussão, levar isso para assembleia e tem que ser votado. Então quer dizer é todo um processo. E quando fala: “Professor não pode trabalhar Ideologia de Gênero na escola”. Se estiver no projeto político-pedagógico da escola? Pode. Se no projeto político-pedagógico que a gente vai trabalhar a diversidade? Pode, porque a diversidade envolve tudo isso. E a maioria dos nossos professores nunca leram o projeto político-pedagógico da escola e os diretores fazem questão de esconderem o projeto. Chega numa escola e fala que você

quer ler o projeto, o diretor vai te enrolar de tudo quanto é jeito. Porque o projeto político-pedagógico da escola, vai inclusive colocar em xeque a direção dela. Se ela tiver uma direção mais conservadora. Então a gente tem que trazer essa discussão de novo. A gente tem caminhos. O problema é que a gente fica, é o que a Vanessa falou, legalizando. E voltando quando eu estava falando de banheiro pra trans, nós vamos ter alunos trans, conseqüentemente a gente vai ter, e vão se manifestar desde cedo e como a gente vai lidar? A gente pode ter isso no regimento interno, que os nossos alunos que se auto determinam transexuais terão direito de usar os banheiros. E aí você vai fazer esse respeito, esse trabalho, com os alunos. Não é que eu sou contra banheiro, só que acho que essa discussão de gênero está tão séria que se a gente deixar isso ficar no banheiro, a gente não vai levar a discussão ao tamanho que ela tem que ser. Está entendendo? Eles estão levando pro banheiro, a gente pega e tira do banheiro. “Ah, o banheiro é problema? Então vamos fazer um regimento escolar”. Porque a sociedade vai caminhar num ponto. Eu por exemplo, sou uma pessoa que chega num lugar a fila do banheiro feminino está muito grande e do masculino não, eu entro no masculino sem problema nenhum. Então eu acho isso que a sociedade ela vai caminhar e a gente vai quebrando. Só que esse vai ter que ser quebrado na sociedade pra chegar à escola... não contrario. Então às vezes eu acho que o publico LGBT, pode estar criando uma dificuldade desnecessária para o momento. Eu posso estar errada. Para o momento que é o banheiro. Eu acho que a discussão ela tem que sair daí, porque eles estão levando para essa discussão infelizmente. É nessa tecla que eles estão colocando. “Querem transformar todos os nossos meninos em aberrações”. É essa a tecla. “Vai virar uma orgia dentro das escolas”. E isso é fácil de resolver, vamos ampliar essa discussão para o que ela realmente tem que ser, em cima do que eles estão colocando como Ideologia de Gênero. Porque a gente tem argumentos. Por exemplo, eu tenho cinco filhos, e outro dia eu estava no aniversário que começou essa discussão. “Porque às vezes eu acho que a pessoa vira gay”. Não a pessoa não vira gay, vou te falar porque ela não fira gay, aí a pessoa fala. “Ah, mas depende da educação”. Falei: Bom, eu tive cinco filhos, um é gay e eu eduquei todos do mesmo jeito, todos foram educados da mesma forma, todos receberam as mesmas orientações, eu sou hétero, meu marido é hétero. Então, o discurso de que você ensina alguém ser gay não existe. aí, eles usam isso como uma fé. E se pegam a pequenos detalhes, como o banheiro. [01:03:05]

Daniel: a gente estava indo até muito bem, resolvido com a nossa comunidade. aí eu ouço na campanha de um prefeito (Crivella) de uma das maiores cidades do Brasil dizer que os gays, os LGBTs seriam frutos de abortos mal sucedidos. aí me subiu um irracional aqui. [01:03:43]

Deborah: Eu fui na lua e voltei. Na época eu falei com o Daniel assim, se eu tivesse dinheiro, eu ia contratar um advogado pra mim infernizar esse cara. Porque ele está me acusando de ter cometido um crime, porque no Brasil o aborto é crime. Então ele está me acusando de ter tentando cometer um crime. Eu falei que não é possível, que ninguém vai entrar, nenhuma mãe. Foi na campanha dele, está em vídeo. Mas ele falou isso. [01:04:24]

Deborah: Agora tem outra coisa que eu queria lembrar do seu trabalho também a respeito das religiões, o pastor José. O Marcos Leão ele é espírita e eles são dirigente espírita de três casas. Não sei se ele poderia, porque ele viaja muito, talvez você teria que ir lá. [01:05:02] Mas só fechando um pouquinho assim. O meu primeiro impacto com a Ideologia de Gênero foi nesse discurso do Crivella na candidatura dele, ainda está entalado na minha garganta. Quando eu lembro disso eu me vejo na quantidade de agressões que os LGBTs sofrem, mas foi aí que eu falei: Não dá mais pra eu ficar dentro da minha casa. Foi depois desse discurso do Crivella que eu ano passado na época da eleição que eu comecei a procurar as mães e meu filho achou e eu falei: Não dá mais. Porque eu tenho uma família bem resolvida, meu filho é bem resolvido, não temos problema nenhum. Porque quando meu filho assumiu que era gay, eu entrei nas redes da família, em todos os grupos e falei: Olha, o João é gay se alguém tiver algum problema quanto a isso, fale agora ou cale-se para sempre, porque o seguinte onde não cabe o meu filho, não me cabe, simples assim. Teve gente que ficou assim, nossa você foi radical. Simples assim, gente. Eu vou ficar discutindo? Eu estava bem resolvida com isso, mas quando veio esse discurso, acho que foi no início do ano passado com a morte da Dandara aí eu falei: não dá. Não dá pra ficar dentro de casa, e como eu sou espírita eu frequentava uma Casa Espírita eu tentei levar essa discussão, como a gente tem discussão de família o pessoal deu uma e aí eu: “Epa”, o negócio esta pior do que eu imaginava. [01:06:54]

Daniel: aí, nós fomos entender porque o nosso filho saiu da Casa Espírita... ele era linha de frente lá, ele fazia um monte de coisa, ele organizava, fazia comida pros caras, pros jovens. E aí a gente ficou porque o João afastou e foi aí que a gente entendeu. [01:07:15]

Deborah: E aí as mães me trouxe mais pra perto dessa discussão, da Ideologia de Gênero e da participação das violências. Porque eu tinha um contato esporádico do que saia na rede social. Agora eu começo a ter contato com aquilo que não vem para as redes sociais, são as subnotificações que não aparecem, não viram notícias e agente tem um monte. Lá eu começo a ter um contato com o público que chora. Um público que se sente só. Com meninos, adolescentes e jovens que nos procuram pedindo colo. E esse discurso de ideologia de gênero nos ataca muito como mães, porque a gente tem esse convívio com esses meninos que pedem colo. Deixar esse discurso, deixar essa coisa caminhar, é permitir que todo esse público que nos procura fique calado.. E a gente como mãe e também como organização a gente não fala por vocês, mas a gente fala junto. A gente jamais ocupa o lugar dos nossos filhos, mas nós estamos juntos, onde eles estiverem nós estaremos e traçando essas luta. E aí veio o Escola Sem Partido mais pesado em Belo Horizonte como projeto da Câmara que a gente esta conseguindo “*brekar*” e aí eu faço parte da frente da Educação Democrática. [01:09:04]

Igor: E você acha que essa articulação ela é mais por representantes do Escola Sem Partido ou mais por articuladores religiosos de algumas Igrejas Neopentecostais? [01:09:15]

Acho que a Igreja, o que a gente percebe em Belo Horizonte é por articuladores Neopentecostais e pessoas que afinam com essa Igreja. E o, igual eu te falei no inicio, igual o pastor José costuma dizer: “Que são de má fé”. Eles sabem, pra mim é isso, como que a sociedade ela tem pouco conhecimento a respeito do assunto de Ideologia de Gênero, porque é assunto que se a gente for pensar em termo de discussão, ele vem de discursão há muitos anos, mas ele começou a florescer tem uns dois anos, que ele começou a criar um vulto maior principalmente no Brasil. E aí as pessoas tem pouco conhecimento e infelizmente nós Brasileiros lemos pouco, nós informamos pouco, através da literatura, o povo Brasileiro é povo que lê muito pouco. Então a gente vai

pelo o que os outros falam. E os pastores que tem esse poder, e aí é o que o Jose fala porque é má fé, porque eu tenho um público que está ali para me ouvir, ele foi, ela saiu da casa dela pra ouvir aquele pastor, então ele está usando de uma capacidade de dominação de fala que ele tem. Então ele dissemina essa ideia. E pra mim o Escola sem Partido é um dos pontos, pra mim o foco principal é o poder, eles querem criar um estado fundamentalista. Eu acho que o Escola Sem Partido é um braço disso, por isso a resistência é muito importante. Por isso o pessoal diz que o pessoal da educação tem uma resistência muito política, não é tanto educacional. Porque a resistência é política, não da pra mim resistir só enquanto a educação. A resistência é política. Mas como eles conseguiram dicotomizar entre esquerda e direita, eles conseguiram fazer isso, então se você não está, se você não comunga com a direita, você de esquerda. E como a esquerda está demonizada tudo que você diz que leva a algum princípio que algum tempo foi defendido pela a esquerda você está do lado do demônio. E é isso que eles estão utilizando. Eu acho que é uma luta árdua que nós temos pela frente. Porque se a gente for ver os fatos insolados pelo o Brasil a fora, é um complicador muito grande até no próprio direito a educação. Eles querem calar o povo. Na realidade não é o problema do LGBT o assunto, o problema é o seguinte, hoje eu calo o LGBT, ai eu vou ter força pra calar o negro, ai eu vou ter força pra calar a mulher, daqui a pouco eu vou calar a população inteira. As pessoas só vão ouvir e falar o que eu quero. Eu não acredito que eles consigam, exatamente porque nós não iremos desistir e atrás de mim já vem gente. Por exemplo, a minha neta de 16 anos, está no ensino fundamental se não entrou no ensino médio agora, junto com o namorado, foi pra Câmara comigo e essa mulher que estava com um cartaz aberto na hora que acabou, ela falou assim: “Vó, da dando uma vontade de levantar daqui e lá e rasgar aquele cartaz”. Quase que eu virei e falei assim: Vai lá, porque ela não vai poder por a mão em você, porque você só tem 16 anos, se ela te bater ainda vai ser agressão a menor. Mas assim ela estava falando comigo que ela percebe que está difícil ela está no ensino médio da FUNEC que tem alunos que estão contra o professor, porque o professor tem pensamentos progressista professor de Historia. Professor de história com pensamentos conservador é difícil, não combina. Mas ela falou é muito complicado, eles falam muito em Deus. Ela já tinha vivenciado isso, que ela estudava no SESI e eles puseram um professor que começou um discussão de gênero e tal, e teve aluno que levou a bíblia pra sala. E na hora que eles estavam apresentando trabalho, eles levantavam a bíblia e falaram: “Em nome de Deus”. Ela falou que ela

tinha um colega dentro do SESI que era nazista, que ele defendida Hitler. Mas eu falo assim, a gente tem que aprender a lidar com isso a gente assusta, mas a democracia é isso. [01:15:00]

Daniel: Você tem alguma religião? [01:15:02]

Igor: Eu fui criado numa tradição Católica desde pequeno, eu era de movimentos coordenava equipe de jovens lá na Igreja Santa Luzia no Cidade Nova, a gente crismava 300 jovens todo ano. Mas eu fui me afastando, hoje cada vez mais afastado. E vendo também como que as religiões contribuem para muitas violências que a gente sofre e é difícil você querer estar junto ali. Por mais que você está ali fazendo uma diferença, querendo transformar a própria instituição, mas é difícil você ver o que que a instituição também contribui. [01:15:39]

Daniel: O Marcos Leão, antes de você passar pra ele seu trabalho o que você está procurando. Você conseguir uma conversa com ele, porque foi lá eles aceitaram a gente, abriram os braços pra gente. [01:15:51]

Deborah: Não sei se você já ouviu falar de Robson Pinheiro é um médium muito famoso aqui em Belo Horizonte. Ele é gay, a casa tirou a santificação, a gente canta, a gente pula carnaval ele costuma dizer que a música é energia. Esses negócios, é carnaval, é energia o povo está rindo, quando você esta rindo se divertido você esta soltando energia boa. Não tem como você rir e se divertir e soltar energia ruim. É impossível. [01:16:28]

Daniel: Nós saímos no carnaval agora. No bloco do alô abacaxi. [01:16:32]

Igor: Eu estava no abacaxi lá, com o tamborim, era da bateria. [01:16:35]

Daniel: Eu nunca fui tão feliz. E aquele casamento lá? [01:16:39]

Igor: Foi maravilhoso, “ne” gente? Foi incrível. [01:16:41]

Daniel: Eu chorei, eu não aguentei. [01:16:44]

Nós íamos só no abacaxi. Porque nós fizemos um vídeo de carnaval. [01:16:48]

Igor: Eu vi, maravilhosos. Quem gravou ainda foi a Dri a minha amiga do peito, Adriana. [01:16:53]

Deborah: Adriana é uma graça. aí nós íamos no abacaxi, porque mãe é velinha. aí quando terminou o abacaxi Miriam manda mensagem: “Gente o Garotas Solteiras convidou a gente”. Falei: Não da pra agora não ir. aí fomos pro Garotas Solteiras. Morta. [01:17:11]

Daniel: Você precisava ver o Fecha Santa a menina do jornal Hoje em Dia veio nós entrevistar. Ela ficou maravilhada: “Nossa como um grupo de mãe tem pai tão homem assim”. E eu ainda falei que era militar e, aí, ela quis me entrevistar. Ela perguntou: “Que maravilha, que coisa bacana o senhor é gay, “né”?” aí, eu falei: “Não minha filha eu tenho cinco filhos” e falei do João. E ela: “E o senhor não é gay?” [01:17:42]

Igor: Ela não estava acreditando. [01:17:45]

Deborah: Mas é o conceito que a gente estava falando aqui. Porque o posicionalmente dele e até da família. Foge ao comportamento que é normativo. Eu estava conversando com um professor da frente da educação democrática e ele também tem essa relação à mulher dele é relações publicas numa multinacional, eles tem uma filha. Então eles fizeram uma opção, como ele é professor e o horário dele é flexível. Ela pra abandonar o emprego seria abandonar uma carreira inteira. Eles fizeram essa troca, ele fica uma parte do dia com a filha, no outro período a filha vai pra escola e ele vai dar aula e quem acompanha a vida escolar da filha é ele. aí, a escola tem um grupo de “WhatsApp” das mães. E ele falou assim: “Gente é assim o grupo das mães elas discutem a merendas e não sei o que, o grupo dos pais discute o churrasco do final de semana, então assim, eu não podia entrar nos grupos. E aí entrei no grupo das mães, aí quando eu coloquei no grupo das mães sobre o que eu fazia de merenda porque eu e me esposa optamos por merenda natural pra nossa filha e o que que eu fazia. E as mães me questionaram como assim você que faz a merenda?” As pessoas

ainda tem essa coisa. Eu graças a Deus consegui passar isso pra frente, meu filho hoje está casado, meu filho mais velho e ele vai ser pai em junho. [01:19:29]

Daniel: A gente também está doido pro João arrumar um namorado, pra casar. Porque ele ganha mais do que eu e ainda fica me pedindo dinheiro toda hora. Terrível. [01:19:40]

Igor: Quantos anos o João tem? [01:19:42]

O João está com 25 anos. [01:19:43]

Igor: “Uai”, será que eu não conheço o João? Depois a gente vai procurar. [01:19:47]

Deborah: Pode ser que você conheça. Mas o Paulo ele vai ser pai em junho e desde que ele casou eu falei pra minha nora. Eu não criei com frescura, não tem essas coisas. A única coisa que o Paulo não sabe fazer porque ele não gosta e nunca gostou é cozinhar. A única coisa que ele faz muito bem é o miojo com requeijão que ele adorava e que ele faz muito bem é café. Mas ela, minha nora trabalha o dia inteiro, agora está com um barrigão enorme, e faz faculdade a noite. Cheguei lá na casa deles outro dia, ele tinha acabado de lavar o banheiro, faxinando a casa. É ele que põe a roupa pra lavar. aí, outro dia ela estava passando mal, ia ela: “Paulo eu queria uma sopa”. aí, o Paulo: “Mas eu não sei fazer”. aí, ela falou: “Ah, eu vou te ajudando” Ele abriu a internet e fez. Então eu falei: Bem, eu já fico feliz. Porque o que eu passei, o que meu filho viu, está indo pra frente. Então possivelmente o filho dele também vai crescer vendo. Então o casamento é parceria, estão os dois ali, a casa é dos dois, o filho é dos dois. Tanto que agora eles com a família deles, eu falei assim: “E ai Camila vai ter neném em junho?” E a Claudia que a mãe dela falou que ia pro hospital com ela. O Paulo falou: “Quem vai pro hospital sou eu, quem vai ficar com a Camila no hospital sou eu”. Eu achei isso interessante, uma postura bem. “Sou eu que vou assistir o parto, sou eu que vou ficar”. Então a gente fica feliz quando a gente vê não só o filho que tem condição de se assumir como homossexual, mas como seu filho hétero também assumindo uma postura diferente. Eu fico feliz de ver. E ver minha neta também que esta tomando uma postura com 16 anos. E eu chamo e ela vai. Eu falo assim com o Daniel: Eu quero ser lembrado pelos os meus netos não só pela vovó

que faz bolo de chocolate que eles adora, que faz as vontades. Mas quando eles foram lutar por alguma coisa, eles pensaram: Poxa, minha vó tinha 60 anos e estava na *rua*. Sabe, tem uma história pra contar, essa família, essa trajetória. Eu acho que é muito importante. Não é só você falar. [01:22:14]

Daniel: É engraçado também que a gente sempre foi carnaval, levamos no jogo, a gente saía nos carnavais e eu nunca coloquei uma gota de álcool na boca. Brinco, divirto, eu adoro, pra mim é a melhor coisa do mundo. [01:22:30]

Deborah: Gente, mas pra finalizar mesmo a nossa conversa. Eu costumo perguntar pra todo mundo no final da entrevista. Como a gente pode pensar a existência de homens não masculinos, mulheres não femininas, gays, lésbicas, bissexuais e travestis na escola? Hoje as escolas de Belo Horizonte apresentam um espaço acolhedor para a sua existência? Como transformar essa realidade? [01:23:02]

Eu acredito que não, Belo Horizonte reflete a realidade do Brasil. Não difere das outras cidades Brasileiras. Transformar esse espaço de escola acolhedor vai passar no que eu te falei lá trás, aquela discursão de trazer as famílias, de fazer o enfrentamento, de fazer as discussões e de trazer isso de forma mais tranquila o enfrentamento. Tirar a discussão do banheiro. Eu acho que o momento das escolas agora é de tentar achar as pessoas que pensam na escola de uma forma diferente. Porque eu costumo dizer, e isso o Leal também falava, às vezes pra você fazer um enfrentamento, você dá uma recuada, o que parece ser uma recuada é um ajustamento pra você adubar o terreno e eu acho que está faltando isso também. Eu acho que a gente tem enfrentar, sim, está aí mostrando a cara, mas em determinados momentos a gente tem que adubar esse terreno. E às vezes, ser um pouco maleável, e eu não acho que isso vai diminuir nem um pouco a luta, pode ser que ela crie alicerces, porque se você for pensar bem, numa sociedade extremamente conservadora como Belo Horizonte você tem que galgar isso de forma, pra você não voltar depois. Eu acho que esse, pra mim, nem estou falando como um pensamento das Mães, de que é preciso esses caminhos que eu coloquei da educação. De buscar como fazer esse enfrentamento, de subsidiar os professores e aí eu coloquei as universidades, os sindicatos são muito importantes, eu acho que, nós mães também poderiam, só que a gente como mães, a gente vai onde nós chamam. Porque se não a gente também pode criar uma coisa que a gente não quer, que a gente

acredite que não valha a pena. Eu acho que os movimentos LGBTs que a gente tem também, tem que criar esses espaços, eu acho que a gente tem que informar mais. A população eu sei disso, porque às vezes eu sento em festas comuns, casamentos e as pessoas não sabem e descobrem que eu sou mãe e vem em perguntar: “Eu não consigo entender o que é transexualidade”. Às vezes a pessoa age porque ela ouviu o outro falar e ela não tem o entendimento. Do que é transexual, do que é intersexualidade, do que é ser gay. Ela não tem esse entendimento, qual é a diferença de opção e de orientação. Ela não tem. E eu acho que esse enfrentamento passa por essa educação. Se a gente for direto pras crianças a gente pode criar um conflito com família e aí que eu falo no alicerçar. De repente se você vai pelas as famílias, você começa a jogar ideias, você vai ter aquelas radicais, mas às vezes você tem aquela mãe que fala: “Será que eles têm razão?” [01:26:50]

Daniel: Eu tenho que te fazer pergunta. Porque você falou faz parte da Frente Democrática de Educação e eu até participei junto contigo de uma reunião do Sindicato e essa questão do Gênero que o Igor está perguntando, ela é uma realidade tímida, medrosa, mas ela existe dentro das escolas existem alunos que são trans. aí, a pergunta é a seguinte isso está sendo discutido na Frente Democrática de Educação, essa questão do Gênero, junto com a questão do Escola Sem Partido, o conjunto? [01:27:37]

Deborah: Não, aí a gente discute. Igual eu estou te falando, às vezes a discussão fica muito político, e pouco prática. Porque quando você coloca pessoas numa frente de discussão contra progressista, você tem pessoas de partidos de esquerda, nos ditos partidos de esquerda progressista, na sua maioria você não vai encontrar nesse grupo possivelmente uma pessoa do PSDB, PMDB, DEM. Só que eu acho que às vezes a discussão, ela fica muito política de enfrentamento e pouco prática, eu acho que a gente faria um pouquinho aí. Acho que precisaria da gente estar traçando mais ações práticas, sem esse envolvimento direto de partido A, B, C, D e F, entendeu? Acho que seria um ponto, pra até trabalhar esse acolhimento, não abandonando as posições política dos diversos movimentos e vendo que falta esse acolhimento, eu acho que a gente tem que sentar em grupos, é até uma boa ideia que eu posso colocar isso lá na frente, fazer essa discussão de ações, sabe? De ir às escolas, e tem escolas que a gente já consegue abertura, tem escolas que estão atreladas associações de bairros têm umas

visões. Então a gente pode ramificar, eu acho que não tem outra forma. Você não transforma um lugar não acolhedor em acolhedor baixando uma lei, você não transforma. Se amanhã vem uma lei da Câmara, agora toda escola tem que acolher travestir e trans. Não adianta. Se os profissionais estão lá dentro, não forem trabalhados, não houverem essas coisas pra que eles realmente acolham, eles vão acolher como nós acolhemos os deficientes. A escola inclusiva, ela existe, a criança com deficiência física, mental ela está rala, são raras as escolas que fazem um trabalho efetivo de inclusão, porque os professores não estão preparados e os ambientes não foram feitos de uma forma a acolher. Então eu recebo a criança, ela fica lá e assim vai levando a vida. Isso é fato, e só basta você olhar Belo Horizonte, quantas escolas, não existe um projeto acolhedor. Então eu acho que a gente corre o risco de conseguir isso legalmente, por exemplo, nós conseguimos legalmente a questão nome social, correto? Estamos encontrando barras nos cartórios, por quê? Eu acho que a gente tem que fazer um enfrentamento jurídico, que existe uma norma e ela tem que ser seguida, mas junto eu tenho que fazer esse trabalho de conhecimento. E aí eu acho que a gente acaba ficando muito com a questão legal e aí cai no direito que você acabou falando. Você está entendendo? É obrigatório que as pessoas tenham um nome social, como é que esta sendo os acolhimentos nos cartórios desses trans que vão aos cartórios? Porque dentro destes cartórios existem pessoas que como eu estou te falando, ou desconhecem porque nunca se preocuparam em saber, não tem interessa em saber, ou porque fazem parte desse grupo fundamentalista ou que ouvem o pastor na igreja, ninguém foi pra lá pra eles falarem diferentes e está à lei, baixou a lei. Ela vai ser cumprida? Vai, porque muitos dos cartórios vão respeita a lei. Mas será que é só isso que nós queremos? Que o travesti, que o trans chegue lá e seja tratado com, por exemplo: “Tem que fazer, “né”? É lei.” isso é agressão gente. Você está entendendo o que eu estou querendo dizer? Por isso que disse no começo que a educação pra mim ela ultrapassa todos os limites dos muros da escola e eu acho que a gente perdeu o trem da história deixamos esse vácuo por onde esse pessoal cheio de ideias mirabolantes entrou e se a gente não retomar isso a gente vai continuar dando muito murro em ponta de faca. Se a gente for pegar os processos revolucionários de vários setores da comunidade você vai ver que os que mais deram certo foram aqueles que foram minando, olha na história, foram aqueles que foram minando a base lentamente e quando assustaram a questão estava aí. Se você pegar a revolução você vai ver que a revolução teve muito enfrentamento, mas ela minou muito, ela minou de mais, ela

minou durante muito tempo. Porque essas pessoas que tem essas ideias elas normalmente elas são egocêntricas, elas se acham, chega um momento que elas se consideram Deuses, era o que eu estava comentando que o pessoal estava falando do Juiz Sérgio Moro. Eu falei: “O único problema do Juiz Sérgio Moro era ele achar que era Deus”, ele estava caminhando bem, no momento que ele achou, que ele se viu, que ele era mais que todo mundo, que ele se viu como Deus, o egocentrismo dele se aflorou e ele começou a meter os pés pelas mãos, e aí como eu achei, ele começou a fazer algumas besteiras. Eu vejo isso. Acho que a gente tem que fazer esse trabalho e a Ideologia de Gênero, pra mim, na sociedade, minas ela, passa pelas as duas linhas. [01:34:48]

Daniel: Eu queria lembrar de uma coisa interessante, isso num verso do Igor a pessoa aparece dez também. A realidade desse publico que já existe, acanhadamente dentro das escolas eles estão num momento sem pra onde correr, sem a quem pedir socorro, porque eles existem. Mas então o motivo pelo o qual foi criando o Mães Pela Diversidade é exatamente para acolher essas pessoas que estão vivendo essa realidade. Quer dizer, pelo menos isso, esse publico pode já começar a procurar grupo de Mães pela Diversidade, e existem outros grupos. [01:35:32]

Deborah: O que as vezes nós *breka* muito é o que acontece. Eu tenho um caso de um trans um menino trans, um rapaz trans que ele, a gente conseguiu segurar porque eu acho que ele ia acabar se matando com 16 anos. Ele entrou no grupo das Mães e como ele é de Contagem ele foi repassado pra mim e eu entrei pra conversar com ele. Ele estava num desespero, o pai e a mãe, primeiro que tem trans e ele adolescente, só que eu tive que ter muita cautela porque ele tem 16 anos. Porque eu esbarro nas questões legais, dependendo do que eu falar com ele e mãe o pai pegar o celular dele eu estou no sal. E o nosso publica que às vezes está dentro da escola são de menor. Então por exemplo, se o menino entra na escola de 16 anos e me procurar como mãe, porque ele está sendo assim, assado, eu vou ter que passar o caso dele para o setor de direito humanos daquela cidade, setor de direito humanos junto com o jurídico enquanto entidade e imagina. Então você perde um pouco desse amparo emocional, mas eu sei que eu Deborah como mãe se eu for lá à escola, eu posso sofrer até um processo, porque ele é de menor. Então é difícil, como que você faz isso? Então eu tive que ir trabalhando, e todas as vezes que eu conversava com ele, eu falava, fala com o seu

pai, fala com sua mãe, chama seu pai e sua mãe pra conversar com a gente. Porque eu sei da questão legal, por ele ser de menor. Porque se for de maior, não. É outra a minha lida, entendeu? Se eu por exemplo, um estudante universitário me procura, porque esta sendo, eu posso pegar ele pelo braço dentro da universidade e junto com ele criar “auê”, como mãe, querer fazer uma discursão, mas ele é de maior. Eu não posso fazer isso, com um aluno de ensino médio. Então eu não sei, não existe um acolhimento nas escolas, o acolhimento passa por isso, e eu não sei se você me perguntar: Como vamos fazer isso? Eu acho que a gente tinha que sentar e ver essas possibilidades e ver as pernas que nós temos. De estar fazendo esse grupo. Porque tem mais uma, e aí eu passo pro direitos humanos, eu posso até acompanhar, mas eu não vou poder intervir momento nem um, até porque as Mães ainda não somos uma organização com esse poder. Eu acho que daqui algum tempo a gente vai ter que ter, fazer um seminário internacional, criar essas bases jurídicas pra gente possa ter respaldo legal, institucional pra gente poder fazer isso. A gente não quer muito, porque eu acho que foge um pouco, mas eu acho que vai chegar num ponto que não vai ter muito. Logico, não vai ser um problema, vou sofrer um processo, vai ser desgastante, vai depender muito do juiz que você pega, pra poder julgar aquilo. Então é muito relativo. Vou te falar porque depende do juiz, coloca entre parêntese que vou contar um caso nada a ver. Eu trabalhava numa escola a escola Plural e o que aconteceu e quando minhas amigas assumiram a escola, elas pegaram uma turma inteirinha que não sabia ler e escrever ela falou não vamos deixar essa turma ir pra frente, vamos reter. Só que a prefeitura não tinha retenção e elas retiveram a pessoa que cuidava da parte, tipo uma inspetora. Ela ia lá, ela era extremamente legalista, sabe aquelas pessoas que a lei pra elas não tem uma chance de interpretação é o que está ali. Na lei estava proibido reter e acabou. Ela fez um relatório e encaminhou para a prefeitura e a prefeitura encaminhou para corregedoria. Lá foi a diretora e a vice-diretora responder processo da corregedoria e isso correndo o risco de perder o emprego. Só que, quando essa minha amiga fez isso, ela é uma pedagoga, uma psicóloga de primeira linha e ela não faz nada na vida dela profissional sem ter *resposta* então tinha feito uma avaliação de mais de um mês com todos os alunos, ela analisou o histórico escolar de aluno por aluno, ela fez relatório de aluno por aluno, as provinhas dos alunos, e isso é praxe dela, ela vai fazer um trabalho ela faz isso. E aí tudo registrado e montou uma pasta de aluno por aluno daquela turma, com as provinhas, histórico, entrevista familiar, tudo, montou tudo didaticamente e anexou

justificando, montou o projeto porque aqueles alunos não seriam retidos simplesmente, teriam todo um projeto para aquela turma, projeto montado com baseamento pedagógico, tudo montado. Ela simplesmente pegou essa pasta, a outra amiga que escreve muito bem e fez defesa, chegou com tudo na pasta e chegou corregedoria e falou: “Olha, nós fizemos isso, por isso, isso e isso. Porque nós acreditamos que nisso, nisso e nisso. Nossa formação pedagógica é essa, essa e essa.” Entregou a pasta pra corregedoria. Ok. Uma hora saiu à sentença e elas tiveram que. Não poderão reter os alunos, porque era uma normal da prefeitura, então isso elas não iram fazer. Mas elas foram absorvidas, porque o corregedor entendeu que elas não descumpriram a regras para afrontar a prefeitura, elas descumpriram a regra visando o bem da aprendizagem e a didática pedagógica dos alunos. Quer dizer onde você teve que ser a regra legal, mas teve gente na época falando: “Elas vão ser punidas, elas vão ser demitidas”. [01:42:34]

Igor: Compreenderam. Foi na época do Miguel Arroyo, não era? [01:42:37]

Deborah: A plural era do Miguel Arroyo, foi quando eu entrei na prefeitura em 1995, foi o Arroyo. A escola Plural, o que aconteceu com a Escola Plural foi uma deturpação das ideias. Porque veio Arroyo junto com Piaget que é a questão da construção do conhecimento e as pessoas começaram a entender e eu acho que houve um erro também, porque você não muda a educação por decreto. Se você pegar a história da educação Francesa, você vai ver isso. A França, ela foi mudando o processo educacional dela ao longo dos anos as coisas iam acontecendo, acontecendo até chegava ao ponto que precisava de uma lei para regulamentar o que já estava acontecendo. No Brasil, você regulamenta e pra acontecer, não vai funcionar. Você decreta, só que os seus professores, as pessoas envolvidas, não foram convencidas a trabalhar aquilo de forma adequada. aí, você muda um ano pro outro, não vai funcionar e continua assim no Brasil até hoje. Você muda a educação, parece que não aprenderam, por decreto. [01:44:00]

Igor: Gente, mas muito obrigado. Está ótimo. Depois vou querer o contato de alguém da Educação Democrática. [01:44:10]

Este trabalho foi concluído em 2019. Ano da posse do Presidente Jair Messias Bolsonaro e do conseqüente fortalecimento da cruzada antigênero no Brasil.